

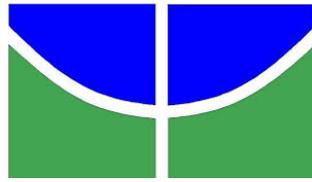
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Dogmatismo Tecnológico:
o discurso dos papas sobre as tecnologias de comunicação

Paulo Vitor Giraldi Pires

Brasília/DF

2019



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Dogmatismo Tecnológico:
o discurso dos papas sobre as tecnologias de comunicação

Paulo Vitor Giraldi Pires

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), linha de pesquisa Teorias e Tecnologias da Comunicação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Russi

Brasília/DF

2019

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

Dogmatismo Tecnológico:
o discurso dos papas sobre as tecnologias de comunicação

Autor: Paulo Vitor Giraldi Pires

Orientador: Prof. Dr. Pedro Russi

Aprovado em 05/07/2019.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Pedro Russi (FAC/UnB)

1ª Examinadora: Profa. Dra. Renata Giraldi Dias (UCB)

2º Examinador: Prof. Dr. Gustavo de Castro da Silva (PPGCOM/UnB)

3ª Examinadora: Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes (FAC/UnB)

1º Suplente: Prof. Dr. Aldenor Benjamim dos Santos (UNIFAP)

Para xs meus professores, inspirações pela qual
cheguei até aqui, #amor;
As professoras Olga e Rosinha (*in memorian*);
Ao eterno mestre, Prof. Dr. José Marques de
Melo, pelos ensinamentos e incentivos;
A minha avó Lídia Giraldi, sabedoria de vida;
A toda minha família, meus amores; #Mãe
Aos amigos, docentes, técnicos, secretaria e
funcionários do PPGCOM/UnB, com #gratidão;
Aos meus alunos e alunas, provocações de
novos pensamentos complexos e humanos;
Aos padres e irmãos Redentoristas, #família;
Para xs perseguidores, motivo que me faz
desejar o conhecimento, #paz;
Ao feminino, às mulheres: força criadora e
renovadora da vida;
A você, que me conhece;
Aos outrxs, que me imaginam. #muitaluz.

Este título é 'doutor' dedicado a todos os meus professores (as), todos aqueles que passaram por minha vida e partilharam comigo um pouco de seus conhecimentos. Hoje sou uma colcha de retalhos de cada saber agregado. Gratidão por vocês, meus professores. Não chegaria até aqui sem a bondade e o amor, de cada um, pelo ensino. Obrigado por não desistirem de mim. O caminho foi longo, ainda há muito o que percorrer, mas com vocês, sempre fui mais forte, mais determinado, tive coragem de prosseguir, não desisti! Dedico esse título tão nobre, aos mestres e amigos professores. Chegamos juntos até aqui. Essa conquista é nossa, essa conquista é da Educação brasileira. Sou Prouni, sou de escola pública da periferia, sou bolsa integral de estudos, com cotas. Sou filho de uma doméstica, mulher italiana guerreira e de um negro lindo, meu pai: sou a mistura de raças, com muito orgulho. *(escrevi com lágrimas, em 07 de novembro de 2018, às 9h37, com muitas saudades dos meus professores).*

*Deus não é o nome de Deus, mas
uma opinião a respeito de Deus.*

**(Papa Sisto I, 7º pontífice da Igreja
Católica, 115-124 d.C.)**

Resumo

Esta pesquisa tem por escopo analisar o discurso dos papas da Igreja Católica Apostólica Romana sobre as tecnologias de comunicação. Trata-se de uma investigação interpretativa e analítica das encíclicas, discursos, exortações apostólicas, mensagens e *motu proprio* de Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. A problematização concentra-se em saber de que maneira as tecnologias (*tecnicis, technicarum, technology*) são conceituadas e interpretadas nos documentos pontifícios, e a partir de qual entendimento teórico, sobre as tecnologias de comunicação, estão embasados esses escritos. Considera-se como marco deste estudo, duas principais Assembleias Ecumênicas da história da Igreja, sendo elas, os Concílios Vaticano I (1870) e Vaticano II (1962), ambas decisórias na abertura do catolicismo para pensar os meios de comunicação. O *corpus* quantitativo é constituído de documentos pontifícios de oito papas conciliares, publicados entre o período de 1937-2017, que citam as técnicas modernas, meios técnicos e tecnologias de comunicação, a partir de um recorte histórico de 80 anos. A análise parte da triangulação dos métodos: Pesquisa Histórica (Rüsen, 2007, Bonin, 2008), Análise documental (Cellard, 2008 e Chaumier, 1982) e Análise de Conteúdo (Bardin, 1988 e Bauer, 2002). Os resultados que essa tese revelou vão além das inferências das análises com fins teóricos e pragmáticos. Há evidências que os discursos dos papas são estruturados por estratégias doutrinárias vigentes no catolicismo romano. Nessa era são perpetuadas cruzadas modernas, as ‘cruzadas tecnológicas’, promovendo no contexto da cultura midiática, a construção de um *dogmatismo tecnológico*¹. Para avançar, se faz necessário romper com as mediações hierárquicas, intervenções dogmáticas e, principalmente, com a instrumentação ritualista da comunicação eclesial. Por outro lado, a Igreja deve avaliar criticamente sua comunicação, buscando novos meios para dialogar com a sociedade, de forma mais transparente, promovendo, assim, a cultura do diálogo e do encontro entre as pessoas, em suas diversidades. Compreender o uso das tecnologias de comunicação como meios em serviço da vida e do bem comum – além de uma visão teológica, torna-se urgente no contexto de um mundo de guerras ideológicas e intolerâncias, ataques aos valores e a dignidade humana.

Palavras-chave: tecnologias de comunicação. discurso dos papas. Igreja Católica. *dogmatismo tecnológico*. documentos pontifícios.

¹ Essa expressão, proposta nesta tese (já no título), é utilizada no decorrer do estudo para referir-se à ideia de que o *dogmatismo tecnológico* é uma construção da narrativa no discurso dos papas.

Abstract

This research aims to analyze the discourse of the popes of the Roman Catholic Church on communication technologies. It is an interpretative and analytical investigation of the encyclicals, apostolic exhortations, messages and motu proprio of Pius XI, Pius XII, John XXIII, Paul VI, John Paul I, John Paul II, Benedict XVI and Francisco. The problematization concentrates on knowing how technologies (technici, technicarum, technology) are conceptualized and interpreted in the documents written by the popes, and from which theoretical understanding, on the technologies of communication, are based these writings. Two main Ecumenical Assemblies in the history of the Church are considered as the framework of this study, being the Councils of Vatican I (1870) and Vatican II (1962), both decisions in the opening of Catholicism to think the means of communication. The quantitative corpus consists of papal documents of eight council potatoes, published between the period 1937-2017, which cite modern techniques, technical means and communication technologies, from a historical cut of 80 years. The analysis starts from the triangulation of the methods: Historical Research (Rüsen, 2007, Bonin, 2008), Documentary Analysis (Cellard, 2008 and Chaumier, 1982) and Content Analysis (Bardin, 1988 and Bauer, 2002). The results that this thesis revealed go beyond the inferences of the analyzes for theoretical and pragmatic purposes. The speeches of the popes are structured by maneuvers and strategies prevailing in Roman Catholicism. In this era, modern crusades are perpetuated, the technological crusades, promoting, in the context of media culture, a technological dogmatism. In order to advance, it is necessary to break with hierarchical mediations, dogmatic interventions and, above all, with the ritualistic instrumentation of ecclesial communication. On the other hand, the Church must more critically evaluate its communication, seeking new means to dialogue with society in a more transparent way, thus promoting a culture of dialogue and meeting people in their diversity. Understanding communication technologies as means at the service of life and the common good - in addition to a theological vision, becomes urgent in the context of a world of ideological wars and intolerances, attacks on human values and dignity.

Keywords: communication technologies. speech of the popes. Catholic church. technological dogmatism. Papal documents.

Resumen

Esta investigación tiene por objeto analizar el discurso de los papas de la Iglesia Católica Apostólica Romana sobre las tecnologías de comunicación. Se trata de una investigación interpretativa y analítica de las encíclicas, exhortaciones apostólicas, mensajes y motu proprio de Pío XI, Pío XII, Juan XXIII, Pablo VI, Juan Pablo I, Juan Pablo II, Benedicto XVI y Francisco. La problemática se concentra en saber de qué manera las tecnologías (tecnici, technicarum, technology) son conceptuadas e interpretadas en los documentos escritos por los papas, ya partir de qué entendimiento teórico, sobre las tecnologías de comunicación, se basan en esos escritos. Se considera como marco de este estudio, dos principales Asambleas Ecuménicas de la historia de la Iglesia, siendo ellas, los concilios Vaticano I (1870) y el Vaticano II (1962), ambas decisiones en la apertura del catolicismo para pensar en los medios de comunicación. El corpus cuantitativo está constituido por documentos pontificios de ocho papas conciliares, publicados entre el período de 1937-2017, que citan las técnicas modernas, medios técnicos y tecnologías de comunicación, a partir de un recorte histórico de 80 años. El análisis parte de la triangulación de los métodos: Investigación Histórica (Rüsen, 2007, Bonin, 2008), Análisis documental (Cellard, 2008 y Chaumier, 1982) y Análisis de Contenido (Bardin, 1988 y Bauer, 2002). Los resultados que esta tesis reveló van más allá de las inferencias de los análisis con fines teóricos y pragmáticos. Los discursos de los papas están estructurados por maniobras y estrategias vigentes en el catolicismo romano. En esa era, se perpetúan cruzadas modernas, las cruzadas tecnológicas, promoviendo, en el contexto de la cultura mediática, un *dogmatismo tecnológico*. Para avanzar, se hace necesario romper con las mediaciones jerárquicas, intervenciones dogmáticas y, principalmente, con la instrumentación ritualista de la comunicación eclesial. Por otro lado, la Iglesia debe evaluar más críticamente su comunicación, buscando nuevos medios para dialogar con la sociedad de forma más transparente, promoviendo así la cultura del diálogo y del encuentro entre las personas, en sus diversidades. Comprender las tecnologías de comunicación como medios al servicio de la vida y del bien común, además de una visión teológica, se vuelve urgente en el contexto de un mundo de guerras ideológicas e intolerancias, ataques a los valores y la dignidad humana.

Palabras clave: tecnologías de la comunicación. Discurso de los papas. Iglesia Católica. El dogmatismo tecnológico. Documentos papales.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Papa Francisco no primeiro <i>hangout</i> com estudantes.....	20
FIGURA 2 – Registro da primeira bênção de um papa pelo rádio.....	21
FIGURA 3 – Paulo VI promulga primeiro Decreto sobre a Comunicação Social.....	23
FIGURA 4 – Resultado da Pré-Análise textual pelo software IRAMUTEQ 0.7.....	34
FIGURA 5 – Assembleia do Vaticano I, no Vaticano.....	44
FIGURA 6 – Assembleia do Vaticano II, na Basílica de São Pedro, em Roma.....	45
FIGURA 7 – Papa João XXIII durante as atividades do Vaticano II.....	47
FIGURA 8 – Organização do Governo da Igreja no Vaticano.....	65
FIGURA 9 – Dicastério para a Comunicação.....	67
FIGURA 10 – Encíclica mais recente de Francisco.....	74
FIGURA 11 – Saudações dos papas nas encíclicas.....	75
FIGURA 12 – Tipologia dos documentos pontifícios.....	76
FIGURA 13 – Software para sistematização dos termos da comunicação.....	77
FIGURA 14 – Análises lexicográficas clássicas dos termos com hapax.....	77
FIGURA 15 – Motor de busca do acervo digital do Vaticano.....	78
FIGURA 16 – <i>Word cloud</i>	78
FIGURA 17 – Papa beija o chão ao chegar na Nova Zelândia, em 1986.....	96
FIGURA 18 – Passagem de Francisco pelas ruas do Rio de Janeiro.....	97
FIGURA 19 – Os fornos onde são queimadas as cédulas dos Cardeais.....	102
FIGURA 20 – Campanário do Santuário Nacional de Aparecida (SP).....	103
FIGURA 21 – Papa Pio XI (1922-1939).....	123
FIGURA 22 – Papa Pio XII (1939-1958)	126
FIGURA 23 – Papa João XXIII (1958-1963)	130
FIGURA 24 – Papa Paulo VI (1963-1978)	134
FIGURA 25 – Papa João Paulo I (1963-1978)	138
FIGURA 26 – Papa João Paulo II (1978-2005)	143
FIGURA 27 – Papa Bento XVI (2005-2013)	151
FIGURA 28 – Bento XVI estreia conta na rede social Twitter.....	153
FIGURA 29 – Francisco (2013-atual)	157
FIGURA 30 – <i>Word cloud</i> – <i>Corpus final</i>	170
FIGURA 31 – Rede Social do papa - Twitter @Pontifex.....	192
FIGURA 32 – Último Twett de Bento XVI - Twitter @Pontifex.....	192

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Documentos Pontifícios que constituem o <i>corpus</i> de análise.....	230
APÊNDICE 2 – Mensagens dos papas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.....	234
APÊNDICE 3 – Sistematização das categorias de palavras-chave, por papa e Documento.....	236
APÊNDICE 4 – Conceitos-chave em destaques nos discursos dos papas.....	239
APÊNDICE 5 – Levantamento Quantitativo dos Documentos Pontifícios por meio das categorias.....	241
APÊNDICE 6 – Teses de Comunicação Eclesial nos PPGCom Brasil	242

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Documentos pontifícios que abordam as tecnologias de comunicação.....	32
TABELA 2 – Número de documentos que citam as tecnologias de comunicação.....	36
TABELA 3 – Mapa Teórico de Referência.....	37
TABELA 4 – Teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil (1986-2016).....	55
TABELA 5 – TCC apresentado na FAC da UnB (1966-2017).....	57
TABELA 6 – Dissertações produzidas no PPGCOM da UnB (1974-2017).....	57
TABELA 7 – Levantamento geral dos Documentos Pontifícios.....	84
TABELA 8 – Frequência dos conceitos-chave nos discursos (1930-1960)	169
TABELA 9 – Frequência dos conceitos-chave nos discursos (1970-2000)	172
TABELA 10 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 1.....	176
TABELA 11 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 2.....	179
TABELA 12 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 3.....	182
TABELA 13 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 4.....	184
TABELA 14 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 5.....	188
TABELA 15 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 6.....	191
TABELA 16 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 7.....	195
TABELA 17 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 8.....	198

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Membros da Secretaria para a Comunicação – 2018.....	67-68
QUADRO 2 – Mapa de Terminologias e Ocorrências.....	85
QUADRO 3 – Encíclicas históricas com abordagens das tecnologias de comunicação	91
QUADRO 4 – As fases tecnológicas em cada pontificado e nos documentos dos papas.....	166

ÍNDICE DE GRÁFICO

GRÁFICO 1 – Idiomas dos Documentos Pontifícios mapeados.....	82
---------------------------------------------------------------------	----

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
I. Apresentação da trajetória do pesquisador e as motivações	13
II. Apresentação do problema de pesquisa e justificativa	17
III. Objetivos, procedimentos metodológicos e estrutura da tese.....	26
IV. Levantamento dos documentos para constituição do <i>corpus</i>	31
V. Preparação do <i>corpus</i> textual para análise.....	33
VI. Documentação do <i>corpus</i> textual de análise	35
I PARTE: IGREJA, CIÊNCIA E OS PROCESSOS COMUNICATIVOS	39
CAPÍTULO 1. RECORTE DA HISTÓRIA: ESTADO DO CONHECIMENTO	40
1.1. Marco do estudo: Concílios Ecumênicos	41
1.1.1. Concílio Vaticano I: a infalibilidade do discurso papal	43
1.1.2. Concílio Vaticano II: abertura para a comunicação	46
1.2. Ecos do Vaticano II nas Ciências da Comunicação na América Latina.....	50
1.3. Institucionalização da pesquisa em comunicação eclesial no Brasil.....	53
1.3.1. Teses de doutorado em Comunicação e religiões (1986 a 2017)	54
1.3.2. Problemas de pesquisa nos estudos de comunicação, mídias e religião.....	58
1.4. A religião como objeto da Comunicação: movimento interdisciplinar.....	60
1.4.1. A religião como fenômeno comunicacional.....	61
CAPÍTULO 2. IGREJA, DOCUMENTOS E A COMUNICAÇÃO ECLESIAL	64
2.1. A estrutura do governo da Igreja Católica Apostólica Romana	64
2.1.1. A Comunicação Organizacional do Vaticano	66
2.1.2. O primeiro decreto conciliar sobre a comunicação: o <i>Inter Mirifica</i>	69
2.1.3. Os documentos pontifícios como meios e processos de comunicação.....	72
CAPÍTULO 3. PANORAMA DOS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS – XIX A XXI...80	
3.1. Análise textual – Mapa de Terminologias e Ocorrências.....	85
3.1.1. Documentos doutrinários: Encíclica, Constituição Apostólica	87

3.1.2. Documentos administrativos: Carta, Mensagem.....	93
3.1.3. Documentos normativos: <i>Motu proprio</i>	94
3.1.4. Documentos convencionais: Ângelus, Audiência, Discurso, Homilia.....	95
3.1.5. Documentos disciplinares: Carta apostólica, Exortação apostólica	98
II PARTE: O CRISTIANISMO, AS TECNOLOGIAS E OS PAPAS	101
CAPÍTULO 4. MAPA TEÓRICO: ESTUDOS DE TECNOLOGIAS E RELIGIÃO..	102
4.1. A ‘techgnosis’ em Erik Davis.....	107
4.1.1. A religião da tecnologia em David Noble	110
4.1.2. ‘Deus não é a tecnologia’ em David Kelly.....	112
4.1.3. A religião das máquinas e a teologia da tecnologia	115
4.1.4. A espiritualidade da tecnologia e o sublime tecnológico	117
CAPÍTULO 5. A FASE TECNOLÓGICA E OS PONTIFICADOS	120
5.1. Papas do Século XX	120
5.1.1. Pio XI e o cinema	123
5.1.2. Pio XII e o rádio	126
5.1.3. João XXIII e a televisão	130
5.1.4. Paulo VI e os meios técnicos.....	134
5.1.5. João Paulo I e a imprensa	138
5.1.6. João Paulo II e a internet	143
5.2. Papas do Século XXI.....	149
5.2.1. Bento XVI e as mídias digitais.....	151
5.2.2. Francisco e as redes sociais	157
III PARTE: DISCURSO, TEOLOGIA E ESPÍRITO DA TÉCNICA	163
CAPÍTULO 6. MOVIMENTO <i>TÉCNIO</i>-COMUNICACIONAL NA IGREJA	164
6.1. O pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação	165
6.2. O lugar conceitual e interpretativo nos documentos	167
6.2.1. Encíclicas: dos meios de divulgação às técnicas de difusão	169

6.2.1.1. Cinema: a Igreja e seu posicionamento de censura e repressão	173
6.2.1.2. Rádio: a vigilância eclesial sobre a moralidade dos programas	179
6.2.1.3. Televisão: meio de participação dos cidadãos na vida da sociedade	181
6.2.2. Discursos: dos instrumentos aos meios de comunicação social	183
6.2.2.1. Imprensa: aproximação rápida da Igreja com o jornalismo internacional	183
6.2.3. Mensagens: das tecnologias de comunicação às estradas digitais.....	185
6.2.3.1. <i>Mass media</i> : encantamento e valorização dos meios técnicos por Paulo VI ...	187
6.2.3.2. Internet: moralismo e protagonismo do papa nas técnicas de comunicação	189
6.2.3.3. Mídias digitais: rede de cooperação com as tecnologias por Bento XVI.....	192
6.2.3.4. Redes sociais: humanização das tecnologias de comunicação em Francisco ..	196
6.3. Além dos discursos: o receptor e as estratégias discursivas dos papas	199
6.3.1. Avanços e rupturas: o pensar as tecnologias na perspectiva teológica	201
7. TECNOLOGIA DO COMUM – UMA POSSIBILIDADE	207
7.1. A criação da ‘tecnó’ e ‘logia’ – o mito.....	210
7.2. Além do dogmatismo tecnológico.....	211
CONCLUSÃO: O DOGMATISMO NÃO SALVA	213
REFERÊNCIAS	220
GLOSSÁRIO.....	227
APÊNDICES	230

INTRODUÇÃO

Apresentação da trajetória do pesquisador e as motivações

Antes de discorrer sobre o objeto deste estudo e o problema de pesquisa, apresento de forma breve a trajetória realizada, por mim, nesses doze anos de pesquisa científica em comunicação, mídias e Igreja Católica. Um percurso cíclico, evolutivo e desafiador, que possibilitou novas aventuras, importantes rupturas e, ainda, atos transgressores. Em, 2007, no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, na Universidade Sagrado Coração (USC/Bauru), conversei com o professor Dr. Luís Henrique Marques do interesse de participar da Iniciação Científica. Apresentamos o projeto “Jornalismo de TV: análise do telejornal religioso da Rede Vida”. Não conseguimos aprovação com bolsa, mas na categoria de PIVIC (Projeto Voluntário de Iniciação Científica).

Esse foi o início da minha trajetória na pesquisa, aos 19 anos. Pedi ajuda aos colegas para entender os caminhos do fazer ciência. Para mim era tudo novo, mas instigante. O professor marcou a primeira orientação e sugeriu algumas leituras. Uma delas era sua dissertação de mestrado, com foco na mesma temática. As conversas e prosas com o orientador eram sempre momentos de crescimento e confrontos sadios. Passou um ano. Era hora de enfrentar uma primeira ‘banca de avaliadores’. Uma mistura de ansiedade, medo e alegria. Minha mãe e amigos estavam ali para dar uma força. A família sempre comigo. Lá, o avaliador questionou um slide invertido. Eu havia colocado ‘os métodos’ antes das ‘hipóteses’. Ali percebi que o caminho científico tinha exigências e padrões, era preciso se acostumar ou desistir. Fomos aprovados na banca, com mérito.

Chegou o momento do TCC, era o sétimo semestre. Nesse momento, conheci os trabalhos da Pastoral da Comunicação (PasCom), organismo da Igreja Católica responsável por fomentar a comunicação (meios e processos) nos espaços eclesiais. Meu orientador da Iniciação Científica era membro da PasCom da Diocese de Bauru. Fiquei por cinco anos nesta pastoral. Por meio dela, fiz meus primeiros estágios em jornalismo, produzindo ‘informativos de paróquias’, ‘jornal mural’, ‘coberturas de eventos religiosos’ e ‘programas de rádio – noticiário da Igreja’. Envolvido com a realidade eclesial, sentia a necessidade de contribuir, por meio da minha formação em jornalismo, com algo para a Igreja local, onde estava engajado. Também já fui coroinha, seminarista, ministro.

Nessa época eu fazia estágio na TV Record e já era assistente de comunicação em uma produtora de TV local. Durante um café, partilhei com um amigo, o desejo de desenvolver o projeto de uma revista para a Diocese de Bauru. O Marcelo Graziani, um

excelente publicitário, todo empolgado, se prontificou em me ajudar a pensar a concepção gráfica do produto. Dias depois, me trouxe algumas propostas de capa e sugestões de *template*. Nascia ali, o primeiro nome da revista informativa: ‘Diocesana’. A logo destacava a palavra ‘Dio’ (Deus), em vermelho. Ficou algo interessante!

Durante um ano, pesquisa, estudei e produzi o TCC em formato de Projeto Experimental: “Diocesana: proposta de uma revista informativa para a Diocese de Bauru”, sob a orientação da professora Dra. Angela Grossi. O projeto ficou audacioso e propunha uma revista sob o viés jornalístico, de cunho inteleclesial e de diálogo inter-religioso. Não era um produto jornalístico para católicos, mas para leitores interessados em uma revista, com temas diversos. Meu maior objetivo era debater, naquele momento, a prática do amadorismo na comunicação eclesial. Eu sempre me deparava com informativos sem qualidade, com textos pobres. A visão da Igreja sempre foi a do ‘voluntariado’, e não investir nos meios de comunicação. Aos poucos isso está mudando.

Chegou o dia da banca, agora defender o TCC. A sala estava lotada: minha mãe, amigos, professores, padre, freira, ex-namorada. Mais um passo dado. Fomos aprovados. A revista, depois ganhou outro nome, ‘Conversa’. Virou uma realidade e começou a circular em Bauru, região e alguns estados do Brasil, por meio de assinatura. Viveu por quatro anos. Foi meu primeiro trabalho como editor-chefe. Na verdade, eu criei meu próprio emprego de jornalista. A ‘Conversa’ abriu muitas portas profissionais, fiz meu nome. Uma motivação para cursar o mestrado em Comunicação Midiática na Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp), me levou para capital, São Paulo.

Em 2013, mudei para Brasília, atuar como jornalista da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e assessor de imprensa da Comissão para a Vida e Família e Comissão Nacional da Pastoral Familiar (CNPf). Foram cinco anos de aprendizados, rompimentos e prospecções. Iniciei o doutorado como aluno especial em 2013, na Universidade de Brasília (UnB), com acolhida do professor Dr. Fernando Paulino, como aluno especial. Gratidão por encontrar nas aventuras da pesquisa científica a Profa. Dra. Elen Geraldine e a Profa. Dra. Renata Giraldi, que são grandes presentes da vida. Ainda vamos viver muitos momentos juntos. A vida aproxima pessoas que comungam das mesmas coisas. Ainda, preciso confessar que nunca mais fui o mesmo depois das aulas do professor Gustavo de Castro. Quantas provocações, imaginações, inquietações – novos aprendizados. Essa tese é repleta de *Ins*, infernos e conversas com Peter Sloterdijk.

Para resumir, minha trajetória acadêmica consiste em um caminho híbrido entre a atuação profissional em jornalismo religioso e a pesquisa em mídias, religiões e Igreja

Católica. Muitos aprendizados, inquietações, dúvidas e perguntas. É algo que movimentou minha existência. A decisão por ser um cientista da comunicação se resume na melhor teoria que aprendi em casa: ‘o conhecimento liberta’. Fazer ciência faz bem.

Hoje, faço da minha história de vida, das minhas lutas, uma didática para atuar em sala de aula, como professor do colegiado de jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Sou filho de Avaré, interior de São Paulo, com decolagens em Bauru (com eterna gratidão), com coração nortista - sou Amazônia Macapaense! Nunca pensei ir tão longe: morar em Macapá (risos). Me faz recordar o mês de abril de 2016, ao enfrentar a primeira banca de concurso público. O amigo de colegiado, professor Dr. Aldenor Benjamim (padre Aldenor), é o grande incentivador e apoiador desse sonho. Sou feliz, apaixonado pela vida, pelas pessoas, por meus alunos e alunas, pelo simples e complexo. Eu acredito e defendo a Educação Pública, eu amo ‘Ser Universidade’. Meu lugar de fala será sempre minha vida, o que sou. Nunca uma teoria, apenas, mas a teoria com a vida. De forma objetiva, abaixo a cronologia dos meus passos na pesquisa:

Iniciação Científica PROVIC (USC/Bauru) - (2007-2008)

Jornalismo de TV: análise do telejornal religioso da Rede Vida

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Marques

Trabalho de Conclusão de Curso (USC/Bauru) - (2009)

Diocesana: uma revista informativa para a Diocese de Bauru

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Grossi

Especialização Latu-Sensu (UNICID) - (2010-2011)

O texto jornalístico como espaço de representação da cultura e do popular

Orientadora: Dra. Leociléa Aparecida Vieira

Mestrado em Comunicação (Unesp/Bauru) - (2011-2013)

Comunicação Midiática nas Dioceses do Brasil: possibilidades para ser Igreja Virtual

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi

Especialização em Docência no Ensino Superior (Unifap) - (2016-2018)

O ensino de Jornalismo na Unifap: pensar a formação e atuação docente

Orientador: Dr. Walter Teixeira Lima Junior

Doutorado em Comunicação (FAC/UnB) - (2017-2019)

Dogmatismo tecnológico nos discursos dos papas sobre as tecnologias de comunicação

Orientador: Dr. Pedro David Russi Duarte

Atuação no jornalismo

- Assessor de Imprensa no Santuário Diocesano, Bauru/SP | 2008-2012
- Editor-chefe da Revista Conversa da Diocese de Bauru/SP | 2010-2012
- Analista de Comunicação na CNBB/Brasília/DF | 2012 a 2016
- Assessor na Comissão Nacional da Família, Brasília/DF | 2014 a 2016

Atuação na docência

- Professor na Faculdade de Teologia da Diocese de Bauru/SP | 2010-2011
- Professor da Escola de Catequese da Diocese de Bauru/SP | 2010-2012
- Professor na Universidade Estácio de Brasília/DF | 2014 a 2016
- Professor na Universidade Federal do Amapá/AP | 2016 – atual

Mas, e o doutorado? Em 2017, ingressei como aluno regular do PPGCOM, após três reprovadas na seleção. Faz bem ser reprovado. Cursei disciplinas em todas as linhas e, também, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB (PPG-FIL), desde 2013. No ano de 2015, encontrei no caminho (surpresas da vida), um mestre, um amigo – no café de um evento da Igreja (risos), e do café para a vida. O professor Dr. Pedro Russi é a inspiração e força pela qual nunca desisti. Nossas conversas e bons cafés nos levaram ao ‘*Dogmatismo tecnológico*’. Aqui você encontrará crises, liberdades e movimentos. Não espere ‘bons’ resultados. Trouxemos outras provocações para pensar. Para seguir a leitura, não tenha pudor. Somos promíscuos.

Apresentação do problema de pesquisa e justificativa

Considerando o período delimitado para este estudo, os séculos XX e XXI, é imprescindível lançar um olhar sobre as impressões dos papas (em italiano, *papai*) com as tecnologias de comunicação (técnicas e meios técnicos). As primeiras reflexões dos pontífices foram marcadas por comportamentos de repressão, censura, aceitação e encantamento. Inocêncio VIII (1487) reconhece o advento da imprensa como uma nova tecnologia e suas boas iniciativas na produção cultural-literária, na constituição *Inter Multiplices* (Entre as Múltiplas); Clemente XIII (1766) reprova a técnica da prensa de Johannes Gutenberg, ao pedir para erradicar a ‘praga mortal’ dos livros, na encíclica *Christianae reipublicae*² (País cristão); e no contexto do Cisma do Ocidente³, Gregório XVI (1831) condena o indiferentismo e o racionalismo, a liberdade de consciência, imprensa e de pensamento, na encíclica *Mirari-vos*⁴ (Atentai-vos), desprezando os avanços da ciência, o progresso material e técnico. No período de 1878 – início do papado de Leão XIII, a 1939 – pontificado de Pio XII, os papas mostraram flexibilidade e desconfiança em relação à imprensa e às novas tecnologias de comunicação, como sendo ameaças a fé, com marcas de um *dogmatismo tecnológico* no discurso dos papas.

Quase 150 anos, após a realização de duas assembleias decisivas da Igreja Católica, o Concílio Ecumênico Vaticano I (1870) e Concílio Ecumênico Vaticano II (1963), esta pesquisa tem por escopo compreender o desenvolvimento do pensamento dos papas sobre o papel das tecnologias de comunicação, como meios e processos comunicacionais, buscando interpretar e problematizar a visão da Igreja em relação aos meios tecnológicos, no decorrer de oito décadas e em diferentes contextos sociopolíticos.

Trata-se de uma investigação de natureza analítica-interpretativa, tendo como objeto de estudo, os documentos pontifícios primários – textos originais, escritos e publicados pelos papas Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Tem por objetivo elaborar uma revisão analítica-contextual e histórica-interpretativa dos documentos pontifícios que fazem referências aos meios técnicos (tecnologias), tensionando os discursos dos diferentes papas. A pergunta central

² Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html>

³ O Grande Cisma do Ocidente, Cisma Papal ou simplesmente Grande Cisma (separações) foi uma crise religiosa que ocorreu na Igreja Católica de 1378 a 1417. Por questões políticas, o papado foi transferido para Avignon, sul da França, de 1309 até 1377.

⁴ Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/gregorius-xvi/it/documents/encyclica-mirari-vos-15-augusti-1832.html> Acesso em: 25 de agost. de 2018.

deste estudo está em saber de que maneira as tecnologias de comunicação são conceituadas e interpretadas nos documentos assinados pelos papas, e a partir de qual entendimento teórico estão embasados esses escritos. A seleção dos documentos segue a classificação do Vaticano: *Cartas Apostólicas, Constituições Apostólicas, Discursos, Encíclicas, Exortações Apostólicas, Mensagens e Motu proprio*, a partir de um recorte histórico de oitenta anos de publicações (1922-2017), também, período dos pontificados dos pontífices e do *corpus* textual de análise. Compreende-se que os discursos dos papas constituem uma forma de pensar e, também, de como esses líderes veem e influenciam o mundo com seus documentos escritos sob a ótica teológica.

A problematização concentra-se, no fato de que, após cinco décadas da renovada euforia comunicacional motivada pela Assembleia Conciliar⁵ do Vaticano II, e partindo do contexto histórico dos documentos oficiais dos papas, haja um possível deslocamento entre o ‘pensar’ as tecnologias (matriz teórica) e o ‘fazer’ uso das tecnologias de comunicação (matriz prática), pelos papas conciliares⁶. Os pressupostos da hipótese da comunicação eclesial, indicam que ao longo de uma trajetória cíclica, a instituição católica vem oscilando entre momentos de euforia e períodos de temor nas reflexões do progresso das técnicas, com comportamento vertical – autoritário, inibidor e dogmático, reproduzido pela Igreja nos meios de comunicação (MARQUES DE MELO, 1981). Para Melo, a instituição católica proclama e pratica, internamente, formas dialógicas horizontais e interativas de comunicação, mas continua ocupando espaços no rádio, na televisão, na imprensa, no cinema e nas mídias digitais, para difundir apenas mensagens evangélicas, em forma de monólogo, confundindo comunicação com persuasão.

Considera-se, portanto, o fato de que a Igreja Católica vem trilhando um caminho marcado pela libertação – “matriz reflexiva” (MARQUES DE MELO, 1981) e silêncio – “matriz funcional” (BORDENAVE, 1976), no que tange aos avanços e rupturas no pensar as tecnologias de comunicação, assinalados nos documentos pontifícios. Desta forma, esse estudo soma aos esforços da linha de pesquisa “Teorias e Tecnologias de Comunicação”, por meio da crítica teórica e epistemológica. É uma tentativa de contribuir para a análise das tecnologias dos meios de comunicação como conceitos e processos sociais, políticos, culturais e religiosos, por meio de uma narrativa histórica e contextual.

⁵ Assembleia Conciliar é termo utilizado pela Igreja Católica para referir-se ao Concílio Geral.

⁶ Papas conciliares é expressão usada para referir-se aos papas que foram eleitos entre os períodos do Vaticano I e Vaticano II.

Sendo assim, com esta tese busca-se, também, entender, qual o lugar interpretativo sobre as tecnologias de comunicação nos documentos dos papas. Nos discursos, os pontífices têm proposto uma nova perspectiva para a “Comunicação como mecanismo” de formação *científica*, transformadora para os indivíduos e para a sociedade? (GLEISER, 2010, p. 42), ou a Igreja insiste em investir na *massificação tecnológica* do Evangelho? O discurso e o gesto comunicacional dos papas sobre as tecnologias de comunicação vêm se modificando ao longo dos anos, com avanços e rupturas – com contradições e tensões, por meio de posturas dogmáticas, que serão observadas nos documentos oficiais, como as *encíclicas, mensagens e discursos*.

A escolha em revisitar os discursos e pensamentos dos papas sobre as tecnologias, se justifica, não apenas, pelo poder de influência que o chefe da Igreja Católica possui. Mas, principalmente, pela singularidade em analisar e reler os documentos de pontífices que tiveram papel importante, como sujeitos, politicamente e historicamente, engajados na vida social e política do mundo. Como por exemplo, Pio XI, que assume o pontificado após a 1ª Guerra Mundial, tendo como desafio promover a paz entre as nações, até o atual papado de Francisco, que tem buscado estabelecer o diálogo entre as religiões e os governos mundiais, e insistindo pela cultura de paz e no combate ao terrorismo. Em 1939, Pio XII assumiu medidas duvidosas e fracassadas contra o comunismo, para proteger judeus das mãos dos nazistas e do governo alemão. No mesmo ano, houve uma série de ataques ao Vaticano e estoura o conflito militar – a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), que coloca a Igreja diante de outro desafio: se livrar do poder da Alemanha nazista.

Nesse cenário, Kirk (2014) ao historicizar os últimos dois séculos, descreveu dez acontecimentos de causa conservadora dos papas – em medidas de retaguarda contra os antagonistas da ordem, visando conservar o ‘mundo de razão, ordem, paz e virtude’. Entre os nomes de líderes mundiais conservadores, o autor cita o papa João Paulo II:

O nono acontecimento de grande importância para a conservação do mundo da ordem é a eleição para o papado do sacerdote polonês Karol Wojtyła (1920-2005), que assumiu a cátedra de São Pedro com o nome de João Paulo II. Uma Igreja que rapidamente se deixara levar por modernices triviais ou, pior, fora impedida de transmitir sua herança, mais uma vez, começa a falar contra os inimigos da ordem, ordem tanto do espírito quanto da sociedade. O caráter heroico desse Sumo Pontífice, que reconheceu o sofrimento de homens ignorados sob horríveis dominações e potestades, confere autoridade às próprias palavras, em regiões nunca dantes católicas. [...] João Paulo II, com poucos auxiliares, confrontou e venceu a vanguarda do mundo antagonista (KIRK, 2014, p. 126).

Mas, além desses aspectos das relações conservadoras, ou não, crises políticas e socioeconômicas, os papas aqui estudados foram protagonistas, no que tange a abertura do catolicismo para reflexões sobre a comunicação e o uso das tecnologias na e da Igreja. O contexto de transformações foi oportuno para novas reflexões dos pontífices, ainda, da Revolução Industrial (1820 e 1840), e 3ª Revolução Tecnológica (metade do século XX), com a integração da ciência à tecnologia e produção e, avanços da Biotecnologia, Genética, Bioquímica, Eletrônica, Aeroespaço, Microeletrônica e Telecomunicações.

Esse cenário de ascensões tecnológicas, obrigava a Santa Sé a dialogar mais com a sociedade, para entender as problemáticas atuais do mundo, utilizando-se dos benefícios das técnicas modernas como cinema, TV, rádio e imprensa, conforme fora exortado pelo Concílio Vaticano II, para ser uma ‘Igreja em saída’. Voltando na história, é possível encontrar registros pertinentes que mostram essa relação entre Igreja e as novas tecnologias. Leão XIII foi o primeiro papa ao ter sua imagem registrada em um filme, em 1896; João Paulo II, em 1995, enviou pela primeira vez um e-mail, do Vaticano, em mensagem eletrônica dirigida aos bispos da Oceania; Bento XVI foi o papa que estreou nas redes sociais, com um perfil público no Twitter, enviando primeiro tweet em 2011; e Francisco, também, protagonizou ao usar a plataforma do Google *Hangout*, em 2015, para conversar com jovens de cinco continentes sobre a ‘cultura do encontro’, iniciativa organizada pelas *Scholas Ocurrentes* e o Vaticano.

FIGURA 1 – Papa Francisco no primeiro *hangout* com estudantes



Fonte: Arquivo Público do Vaticano, 2015.

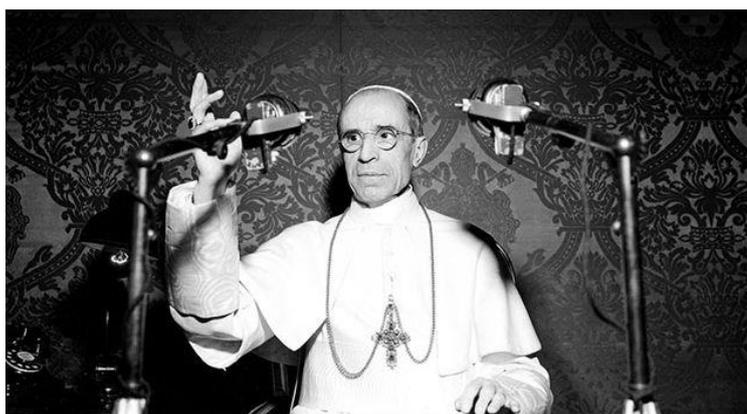
Com a ajuda da mesma tecnologia, Francisco participou de outro bate-papo virtual, com crianças portadoras de necessidades especiais do Brasil, dos Estados Unidos,

da Espanha e da Índia. No mês de agosto do ano passado (2018), o Vaticano desmentiu que o papa Francisco use o aplicativo WhatsApp para enviar mensagens aos fiéis.

Já o primeiro o pronunciamento oficial de um papa sobre as novas técnicas de difusão audiovisual e a indústria cinematográfica, no século XX, foi publicado na encíclica *Vigilanti cura* (1936) de Pio XI, que se tornou um interessado na então recente invenção. A mensagem era dirigida inicialmente à hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos, destacando o poder e o potencial do cinema como tecnologia de comunicação, enquanto um dos modernos meios eletrônicos, mais influentes da época. Com o surgimento do cinema, a Igreja criou a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC), em 1928, que visava promover as produções, mas também censurar obras.

Pio XI, também, protagonizou a primeira bênção apostólica e radiomensagem de um pontífice, na inauguração da Rádio Vaticano⁷, em 12 de fevereiro de 1931.

FIGURA 2 – Registro da primeira bênção de um papa pelo rádio



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Essa aproximação do papa com o rádio acontecia, exatamente, dois anos após o reconhecimento do Vaticano como Estado independente, em 1929, pelo governo da Itália, no *Tratado de Latrão*⁸, firmado com o líder fascista italiano, Benito Mussolini. Após essa mudança política, o papa assume também a condição de chefe de Estado, além de representante oficial da Igreja Católica. Os meios de comunicação eram uma forma de ampliar o discurso do papa ao mundo. “O papa Pio XI já produzia textos sobre conteúdos

⁷ O projeto da emissora e sua montagem foram realizados por físico Guilherme Marconi, considerado o inventor da radiotransmissão.

⁸ O Tratado de Latrão é um dos tratados lateranenses, de 1929, realizado entre o Reino de Itália e a Santa Sé, para reconhecimento total da soberania da Santa Sé no estado do Vaticano, regulando a posição da religião católica no Estado, e de convenção financeira para liquidação definitiva das reivindicações da Santa Sé por suas perdas territoriais e de propriedade.

veiculados pelo cinema e pelo rádio e a influência destas mensagens no esfacelamento do matrimônio, da família, no desrespeito à castidade” (SOLON, 2010, p. 2)⁹.

Hoje, as antenas da Rádio Vaticana são vistas de longe. Pelos jardins do Vaticano podem ser observadas as duas torres de aço da estação de rádio HJV. As instalações de uma das maiores emissoras de rádio do mundo, ficou sob a responsabilidade do físico italiano Guglielmo Marconi (1874-1936), inventor do primeiro sistema prático de telegrafia sem fios, em 1896. A Igreja e o mundo batizaram Marconi como o inventor do rádio, descreditando e omitindo da história as contribuições primárias do padre brasileiro, Roberto Landell de Moura (1861-1928).

Talvez esse seja um grande ‘pecado’ da Santa Sé, em não reconhecer o empenho científico de Landell de Moura, e sua valiosa contribuição para as comunicações sociais. Pesquisas científicas na América Latina, como o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), com mais de quarenta anos, vem balizando um caminho demarcado por um novo olhar sobre a história do rádio, com reconhecimento merecido as contribuições do padre.

Padre Landell Moura já é citado em estudos de Comunicação como o primeiro a fazer uso de ondas de rádio (ondas eletromagnéticas) - transmitindo informação sonora de um local para outro, sem a utilização de fios ou cabos. A primeira transmissão de voz ocorreu, em 1904, na cidade de São Paulo, com um alcance de oito quilômetros. Mas, lamentavelmente, a patente da invenção do rádio está em nome de Marconi, apoiado pela Igreja Católica. Padre Landell não é citado nos escritos dos papas sobre o rádio.

Ao estudar o rádio, Sharkey (1945) recorda o momento histórico da transmissão do primeiro pronunciamento de um papa no rádio, neste caso, na estação do Vaticano:

Seiscentos milhões de ouvintes, um terço da população do globo, escutaram as palavras de Pio XI em 1931, quando pela primeira vez na história do mundo um Papa falou pelo rádio. Durante a locução, o Sando Padre proferiu estas palavras do profeta Isaiás: “Escutai, ó longes terras... Ouvi, ó distantes povos!” (SHARKEY, 1945, p.7)

O mesmo autor traz ainda, outro fato curioso, ao revelar detalhes da vinheta de abertura da radiomensagem do papa. A transcrição exata seria: “Para que a voz do Pastor, através das ondas do éter, para a glória de Cristo e salvação das almas, possa ser escutada nos confins do mundo”. Hoje, a Rádio Vaticano é transmitida em latim, italiano e mais

⁹ SOLON, Daniel Vasconcelos. Igreja e comunicação: a imprensa católica, o rádio e o cinema em meados dos anos 50. Disponível em: encurtador.com.br/jmuC3 Acesso em: 25 de out. de 2018.

45 idiomas (com traduções ‘resumidas’ do Italiano), inclusive no Português-Brasil e de Portugal. A estação está no ar há nove décadas, com estreia em 12 de fevereiro de 1931.

Vale lembrar que antes do surgimento do rádio, o antecessor, Pio IX, também, deixou suas contribuições na comunicação da Igreja. Em 1º de julho de 1861, a Cidade do Vaticano imprimia a edição nº1 do jornal oficial, o *L’Osservatore Romano*. O jornal impresso foi criado a pedido do pontífice, com proposta de fazer a cobertura de todas as atividades públicas do papa. Atualmente, é publicado em nove línguas, como no italiano, inglês, espanhol, português, alemão, polaco e, apresenta, ainda, editoriais escritos por membros conceituados do clero romano. A publicação é diária, exceto aos domingos.

Mesmo após todas essas iniciativas anteriores dos papas, o panorama de reflexões teóricas e práticas em torno dos processos comunicativos na Igreja Católica Apostólica Romana abre-se, efetivamente, no Concílio Vaticano II (1962-1965), com a promulgação do Decreto *Inter Mirifica*¹⁰. “Com o Vaticano II, a Igreja tornou-se mais comunitária e dialogante. Ela fez rejuvenescer e reavivar sua esperança, assumir compromissos e abrir-se a uma nova forma de ser e de estar no mundo” (ZANON, 2012, p. 81).

FIGURA 3 – Paulo VI promulga primeiro Decreto sobre a Comunicação Social



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

¹⁰ Site dedicado a celebração dos 50 anos do Inter Mirifica: <http://www.intermirifica50.va/content/pccs/inz/pt/articulos/imagens-da-promulgacao-do-decreto-conciliar-inter-mirifica.html>

Após a Assembleia Conciliar, e promulgação do Decreto *Inter Mirifica*, a instituição católica inicia uma trajetória nos estudos de comunicação como um processo social, estabelecendo aproximações com a pesquisa científica. Essa preocupação já era assinalada na Encíclica *Miranda prorsus* (1957), de Pio XII, ao dizer que toda nova tecnologia deve contribuir para o desenvolvimento de valores humanos e culturais.

Mas, é preciso considerar também a importância do Concílio Vaticano I, ocorrido no período de 8 de dezembro de 1868 a 18 de dezembro de 1870, convocado pelo papa Pio IX, que permaneceu no pontificado de 1846 a 1878. Nesta assembleia foram aprovados apenas dois documentos dogmáticos. Porém, um deles mudaria todo o percurso do catolicismo no que diz respeito a figura papal e sua representatividade, e incidiria no poder do governo-geral da Igreja Católica e nas suas relações com o mundo: trata-se do dogma da infalibilidade papal que será debatido nos próximos capítulos.

A Igreja já convocou 21 Concílios Gerais, considerando, ainda, o chamado ‘Concílio de Jerusalém’, reunião descrita na passagem bíblica de Atos dos Apóstolos (At 15,1-40). Ao proclamar o Concílio Ecumênico Vaticano I, na carta *Aeterni Patris*, datada de 29 de junho de 1868, Pio IX lembrou que os pontífices convocam os concílios “quando julgarem oportuno, particularmente nas épocas de graves perturbações e nas calamidades” da religião e da sociedade, e que podem “ajudar definir dogmas; condenar os erros difundidos; defender, ilustrar e desenvolver a doutrina católica; manter e restaurar a disciplina eclesiástica; corrigir os corruptos costumes dos povos” (*Aeterni Patris*, item 3). A convocação do concílio é decisão do papa, com o apoio do Colégio dos Cardeais¹¹.

O Concílio Vaticano II pode ser considerado um divisor de águas, no que se refere ao ‘pensar’ e ‘fazer’ comunicação pelo catolicismo. Este percurso é marcado com a publicação de decretos, instruções pastorais, mensagens dos papas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, exortações apostólicas e cartas encíclicas com abordagens sobre comunicação e os meios técnicos. Além dos textos conclusivos das Conferências do Conselho Episcopal da América Latina (CELAM), que trataram da Comunicação, como oriundos das reuniões de Medellín (Colômbia), Puebla (México), Santo Domingo (República Dominicana) e Aparecida (Brasil).

Esses debates não se limitaram apenas ao contexto eclesial, sendo expandido a outras áreas do conhecimento; servindo, ainda, como motivação para reflexões

¹¹ O Colégio dos Cardeais, Colégio Cardinalício ou Sacro Colégio Pontifício é o nome dado ao grupo colegial constituído por todos os cardeais da Igreja Católica, que são responsáveis por assistir e aconselhar o Papa nas suas tarefas administrativas e religiosas. Hoje são 120 cardeais, entre eles, 7 brasileiros.

acadêmicas. Porém, a hipótese inicial é a constatação de rupturas no pensar a comunicação eclesial na Igreja Católica, nos últimos anos. As reflexões sobre os meios técnicos, do progresso e invenções das técnicas, iniciadas pelo papa precursor Pio XI, na Encíclica *Vigilanti Cura: sobre o cinema* (1936) - inserida anos depois no texto do primeiro decreto sobre a Comunicação Social, o Decreto *Inter Mirifica*, no pontificado de Paulo VI que abriu caminhos para pensar os processos comunicacionais na Igreja.

Na América Latina, principalmente, no Brasil, passado o período ditatorial, teve início, na década de 1990, o processo de legitimação dos estudos comunicacionais em todo o país. Houve ampliação das perspectivas e das publicações sobre os estudos da comunicação, “inclusive com a forte influência da Igreja Católica Apostólica Romana, que passou a desenvolver uma intervenção mais decisiva sobre as questões políticas e sociais do continente, através da Teologia da Libertação” (HOHLFELDT, 2010, p. 30). Mas, hoje, como superar as contingências tecnológicas dos meios de comunicação, e de forma coletiva, dar retorno da palavra dos ouvintes, leitores, telespectadores, internautas?

Mas um passo a Igreja latino-americana já deu no sentido de compensar o silêncio imposto pelo *mass media* à sua audiência massiva. Ela tem aberto espaço em seus próprios meios para que a grande massa dos que não têm voz em nossas sociedades possam emitir seus pontos de vista, anunciar, denunciar, cobrar, promover (MARQUES DE MELO, 2005, p. 31).

Gomes (1991) constata, também, no contexto latino-americano, os contínuos debates da Igreja sobre a comunicação eclesial como um processo social, fomentados pela Conferência de Medellín (1960 a 1969), além da abordagem sobre as Comunidades Eclesiais de Base (1970 a 1974) e o contexto de miséria, injustiça e violação dos direitos humanos na maioria dos países, alertados pela Conferência de Puebla (1975 a 1979). O Documento de Puebla já sublinhava mais a ‘comunicação’ do que os ‘meios’. Todos esses recortes históricos revelam uma Igreja que já esteve mais disposta em “compreender o fenômeno da comunicação no nível das bases sociais” (FESTA, 1986, p. 10).

Além dos autores já citados, diversos pesquisadores já empreenderam esforços na tentativa de compreender o uso das tecnologias de comunicação pela Igreja Católica, dedicando-se a investigar o pensamento comunicacional católico (ver **Apêndice 6** - Teses sobre a Comunicação Eclesial defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil - 1998 a 2017, p. 242).

São estudos, a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas e distintos problemas de pesquisa, como midiaticização da religião, *ciberfiéis*, *tele-fiéis*, comunidades midiáticas, igreja virtual, evangelização e experiência religiosa na internet, igreja e cultura digital, política de comunicação eclesial, jornalismo católico, entre outros. Para Marques de Melo (2005, p. 30), com o uso dos instrumentos de comunicação eletrônica, “[...] o processo de evangelização precisa ser inteiramente repensado, reestruturado, para evitar que se continue, como outrora, confundindo comunicação com persuasão”.

Nesta primeira parte do estudo, as abordagens desses estudos citados serão evocadas para ajudar a compreender o problema de pesquisa da presente tese, por meio do Estado da Arte da Pesquisa em Comunicação, tecnologias de comunicação e Igreja Católica. Esse estudo propõe um novo olhar em relação as pesquisas observadas até o momento – preocupadas em entender, a comunicação e as tecnologias para fins da evangelização, quando apresenta o seguinte problema de natureza teórica: o ‘pensar’ as tecnologias de comunicação pelo catolicismo, verificando se os papas, em seus documentos oficiais (textos pontifícios), apropriam-se das Teorias e Tecnologias da Comunicação, a partir de uma matriz teórica interpretativa/conceitual. A presente tese analisa os conteúdos dos discursos dos papas sobre as tecnologias da comunicação, buscando tencioná-los, para compreender como as tecnologias são conceituadas e interpretadas nos documentos pontifícios, e a partir de qual entendimento teórico estão embasados esses escritos.

Objetivos, procedimentos metodológicos e estrutura da tese

O caminho percorrido nesta pesquisa foi motivado, principalmente, pela curiosidade. Inicialmente, pensava-se em revisar textos apenas dos papas pós-Concílio Vaticano II (1962), que compreende o século XXI. Mas, ao longo dos levantamentos, leituras/fichamentos, pesquisas em acervos da Igreja e pesquisas on-line, foram sendo encontrados outros documentos que tratam das tecnologias/técnicas de comunicação escritos pelos papas do século XX e, também, pós-Concílio Vaticano I (1846), como também outros registros na história que confirmam essas aproximações dos pontífices com as novas tecnologias de comunicação. Desta forma, optou-se por ampliar o *corpus* da investigação, buscando analisar textos de oito papas: Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Esses documentos da Igreja – textos pontifícios oficiais (fonte primária), são registros históricos que assinalam momentos de pensamentos sobre as tecnologias de comunicação, não sendo apenas uma seleção de datas isoladas, porém, movimentos para se pensar, na atualidade, os processos comunicacionais, não simplesmente como “um critério cronológico” de análise (WOLF, 2003, p. 3). Busca-se entender qual o lugar interpretativo das tecnologias da comunicação nos documentos pontifícios. O objetivo geral concentra-se em revisar e analisar o entendimento dos papas sobre as tecnologias de comunicação e como são empregadas nos documentos pontifícios, publicados entre os Concílios Ecumênicos Vaticano I e Vaticano II.

As etapas deste estudo consistem em: 1) mapear os textos dos papas para um levantamento quantitativo do termo ‘tecnologia’ e suas etimologias/derivações (técnica, técnico, meios técnicos etc.); 2) avaliar como esses conceitos estão empregados nos textos dos papas, e a partir de qual entendimento teórico sustenta-se essas reflexões; 3) compreender as possíveis matrizes comunicacionais presentes nesses textos pontifícios (documentos oficiais), em vista da verificação dos avanços e rupturas no ‘pensar’ as tecnologias de comunicação ao longo dos pontificados, para um entendimento do movimento comunicacional, como fenômeno, presente no catolicismo romano.

As opções metodológicas para essa pesquisa estão trianguladas na Pesquisa Histórica (Rüsen, 2007, Bonin, 2008), Análise documental (Cellard, 2008 e Chaumier, 1982) e Análise de Conteúdo e discurso (Bardin, 1988 e Bauer, 2002), com suas técnicas:

1) A Pesquisa Histórica (Rüsen, 2007, Bonin 2008) parte do recorte histórico dos Concílios Vaticano I e II, o papa e as tecnologias de comunicação, a comunicação na Igreja Católica, e posteriormente, a organização cronológica e contextual dos discursos dos papas, identificando o lugar interpretativo das tecnologias de comunicação nos documentos selecionados dos pontífices, sob a ótica das Teorias da Comunicação, e os deslocamentos – avanços e rupturas entre o ‘pensar’ as tecnologias (matriz teórica) e o ‘fazer’ uso das tecnologias de comunicação (matriz prática).

2) A Análise documental (Cellard, 2008 e Chaumier, 1982) é utilizada no fichamento sistemático dos documentos dos papas (material de fonte primária – documentos oficiais da Igreja Católica - nas versões digital¹² e impressa – publicados por editoras católicas), de acordo com classificação do Vaticano, *Bulas, Cartas Apostólicas, Constituições Apostólicas, Discursos, Encíclicas, Exortações Apostólicas, Mensagens e*

¹² Documentos Pontifícios, na versão digital, disponíveis em:
http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html#P

Motu proprio, com abordagens ou citações/capítulos sobre as tecnologias de comunicação. Essa etapa metodológica consiste em 1-) Numerar e mapear os documentos por papas, 2-) Sistematizar as principais palavras-chaves dos discursos relacionadas às tecnologias, 3-) Separar as palavras-chaves por categorias de análise: técnica, meios técnicos, técnicas de comunicação, tecnologias, tecnologias da comunicação (e palavras derivadas), 4-) Quantificar a incidência dos termos relacionados as tecnologias da comunicação nos textos, encaminhar as análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras, 5-) Separar os termos quantificados por cada papa. Para esses procedimentos, utiliza-se como recurso de coleta textual, o software IRAMUTEQ¹³ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*).

3) Análise de conteúdo e análise de discurso, na abordagem de Bardin (1988) e Bauer (2002), consiste na revisão refinada das mensagens e documentos oficiais dos pontífices, mapeando o pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação, como meios e processos comunicacionais, buscando interpretar e problematizar a visão da Igreja, em relação aos meios tecnológicos, e suas possíveis contribuições para pensar o papel das tecnologias de comunicação. A organização da análise se dá em três fases cronológicas: a) pré-análise, procurando sistematizar de forma quantitativa os documentos dos papas, b) exploração do material, envolvendo operações de decodificação dos textos pontifícios, separando os documentos em categorias-chave; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação, por meio de tabelas/quadros estatísticos, finalizando com inferências do pesquisador, com base na análise de discurso e da abordagem das tecnologias nos documentos pontifícios, relacionando os dados obtidos com aspectos de seu contexto e com o pensamento e matriz discursiva dos papas.

Já o percurso metodológico desta tese é balizado por diferentes etapas, que no decorrer do estudo serão evidenciadas. Esse caminho é constituído de pesquisas documental online, leituras dos documentos, diário de bordo, mapas de textos pontifícios, sistematização dos documentos, tabelamento de dados, *word cloud*, organogramas, importação e processamento eletrônico do *corpus* pelo IRAMUTEQ, com definição de análise: Estatística, Classificação Hierárquica Descendente - CHD (dendograma), análise de similitude, análises lexicográficas clássicas, Frequências Múltiplas (*Multiple*

¹³ Software desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição da Universidade Federal de São Catarina (UFSC), licenciado por GNU GPL (v2) e ancora-se no software R (www.r-project.org) e na linguagem python (www.python.org).

Frequências), Análise de Matrizes e Análise prototípica. Essas etapas da metodologia definidas para esse estudo, são detalhadas nos capítulos correspondentes.

Trilhando esse caminho metodológico, para responder ao objetivo geral desta tese, que consiste na revisão e análise do entendimento dos papas sobre as tecnologias de comunicação, o trabalho está dividido em duas partes. A primeira - (*etapa da Pesquisa Quantitativa*), *Igreja, ciência e os processos comunicativos*, está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, **Recorte da história: estado do conhecimento**, por meio do método da Pesquisa Histórica, é apresentado um panorama em números da pesquisa em comunicação eclesial no Brasil – as teses de doutorado em Comunicação e religiões, a partir do marco de estudo que são os Concílios Vaticano I e II. Problematiza, também, a religião como objeto da Comunicação, sob o viés de um movimento interdisciplinar, e ainda apresenta reflexão sobre a religião como objeto comunicacional.

O segundo capítulo, **Igreja, documentos e comunicação eclesial**, descreve a estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana, a Comunicação Organizacional do Vaticano, recorda o primeiro decreto conciliar sobre a comunicação, o *Inter Mirifica* e situa os documentos pontifícios como processos de comunicação. No terceiro capítulo, **Panorama dos documentos pontifícios – séculos XIX a XXI**, com base na Pesquisa Documental e Análise textual, traz um mapeamento cronológico e sistemático – **Mapa de Terminologias e Ocorrências**, dos documentos que fazem referência as tecnologias, são eles: Constituição apostólica, Encíclica, Carta, Mensagem, *Motu proprio*, Ângelus, Audiência, Discurso, Homilia, Carta apostólica, Exortação apostólica; organizados e classificados para esse estudo, em cinco categorias: doutrinários, administrativos, normativos, convencionais e disciplinares.

A segunda parte da tese - (*etapa da Pesquisa Qualitativa*), *O Cristianismo, as tecnologias e os papas*, está dividida em dois capítulos, direcionados para a fundamentação teórica, descrevendo estudos de teóricos que trabalham a relação das tecnologias com a religião (o cristianismo). Posteriormente, é feita aproximação de fases tecnológicas com o período do pontificado de cada papa, identificando de que forma as técnicas, criadas naquele momento e contexto, eram interpretadas e conceituadas nos textos da Igreja. Apresenta no primeiro capítulo, o **Mapa teórico sobre os estudos de tecnologias e religião**; com abordagens da ‘techgnosis’ em Erik Davis, a religião da tecnologia em David Noble, ‘Deus não é a tecnologia’ em David Kelly, reflexões sobre a religião das máquinas e a teologia da tecnologia e, ainda, as possibilidades de pensar a espiritualidade da tecnologia e o sublime tecnológico.

No segundo capítulo, **A fase tecnológica e os pontificados**, busca aproximar o pensamento dos papas com o período tecnológico daquela época. Esse cruzamento também está vinculado aos documentos dos papas e dos discursos sobre essas tecnologias de comunicação. Para esse mapeamento, foram divididos os pontificados do século XX e século XXI, a partir da relação papa-tecnologia: Pio XI e o cinema, Pio XII e o rádio, João XXIII e a televisão, Paulo VI e os meios técnicos, João Paulo I e a imprensa, João Paulo II e os *mass media*, Bento XVI e as mídias digitais e Francisco e as redes sociais.

A terceira parte da tese - (*etapa Analítica-Interpretativa*), *Discurso, teologia e espírito da técnica*, está dividida também em dois capítulos, com a organização da análise do *corpus*, decodificação dos textos, categorização delimitada dos documentos, inferência dos termos mapeados, tratamento informático e analítico/interpretativo, com síntese, seleção e interpretação dos resultados. O primeiro capítulo desta terceira parte, trata do **Movimento técnico-comunicacional na Igreja**, e analisa o pensamento dos papas sobre os meios técnicos, buscando responder ao problema desta tese, ao identificar o lugar interpretativo e conceitual das tecnologias nos documentos pontifícios, a partir da revisão analítica-contextual e histórica-interpretativa de oito principais documentos dos papas. Nesta etapa, a análise estrutura-se em três grandes categorias de documentos: 1) Encíclicas: dos meios de divulgação às técnicas de difusão; 2) Discursos: dos instrumentos aos meios de comunicação social e 3) Mensagens: das tecnologias de comunicação às estradas digitais. Contudo, provoca-se outros movimentos refletivos para além dos discursos analisados, problematizando o lugar do receptor e as estratégias discursivas dos papas. Identifica, também, os avanços e rupturas na comunicação eclesial, a partir do pensar as tecnologias na perspectiva teológica e comunicacional, por meio da construção de um *dogmatismo tecnológico* no discurso dos papas.

Por fim, o último capítulo, **Tecnologia do Comum – uma possibilidade**, ousadamente, encaminha debates para a teorização, que parte desta tese, sobre uma possível ‘tecnologia do comum’, em conversas imaginárias com Edgar Morin (O método), Hans Blumenberg (*Espírito de la técnica*), Ambrose Bierce (*El Diccionario del Diablo*) Dietmar Kamper (Mudança de Horizonte), Peter Sloterdijk (O Estranhamento do Mundo), Muniz Sodré (Antropológica do Espelho) e Ítalo Calvino (Seis propostas para o próximo milênio), que suscitaram, ainda, em sonho, o mito da criação da ‘tecnologia’ e ‘logia’, durante uma viagem solitária/ou não, num quarto de hotel, em Porto Velho (RO).

O presente estudo abre movimentos para outras reflexões, que resultaram das análises dos documentos pontifícios, como o entendimento da ‘tecnologia do encontro’

inspirada nos discursos de João XXIII, João Paulo I, Bento XVI e Francisco. Contudo, chega-se à conclusão de que é preciso ir além do *dogmatismo tecnológico*. Esse longo e curioso percurso reflexivo, na companhia dos documentos e vozes, será descrito no próximo tópico. Consiste no levantamento dos documentos para o *corpus* de análise, que ocorreu durante o período de dois anos e meio (2017-2019).

Levantamento dos documentos para constituição do *corpus*

O *corpus* delimitado justifica-se pela representatividade histórica, cultural, comunicacional e religiosa, sob o recorte de oito pontificados dos papas: Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Com base nas classificações de Dariva (2003, p. 617), na primeira etapa, os documentos nas versões digital e impressa, foram identificados no mapeamento quantitativo, e organizados em sete categorias de análise (Tabela 1, no Apêndice): 1^a) *Cartas Apostólicas, Constituições Apostólicas, Discursos, Encíclicas, Exortações Apostólicas, Mensagens e Motu proprio*, que abordam as tecnologias; 2^a) Mensagens dos papas por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais; 3^a) As tecnologias de comunicação em documentos do Concílio Vaticano II; 4^a) As tecnologias de comunicação em outros documentos da Igreja.

A Tabela, no Apêndice 2, traz a seleção de 51 mensagens, específicas, para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) – que propõe reflexões pastorais sobre o papel das tecnologias de comunicação, dos processos de comunicação e a comunicação para a evangelização. Esses discursos foram incluídos na análise, além de outras mensagens gerais, sobre temas diversos (economia, meio ambiente, educação, etc.), mas que abordam os meios de comunicação. Os textos do DMCS assinados pelos papas, e publicados, todos os anos, no dia 24 de janeiro, em memória de São Francisco de Sales, patrono dos jornalistas¹⁴ e escritores católicos.

Por meio de um levantamento on-line, no site e na biblioteca virtual do Vaticano, chegou-se ao resultado bruto de 2.755 documentos pontifícios publicados nos últimos oitenta anos (1937-2017), em sete idiomas: Inglês dos EUA, Latim, Italiano, Português (Brasil), Francês, Alemão e Espanhol. Para essa pesquisa, foram distribuídos em cinco categorias (cf. BARDIN, 1988) e nas classificações de tipos de documentos pontifícios,

¹⁴ O Papa Pio XI declarou o santo francês protetor dos profissionais desta área, em 1923, devido Sales nunca ter abandonado a arte da escrita. Disponível em: <https://www.gaudiumpress.org/content/33254-Diocese-de-Bage--RS--prepara-a-festa-em-honra-a-Sao-Francisco-de-Sales--padroeiro-dos-jornalistas> Acesso em: 5 de out. de 2018.

definidas pelo Vaticano: 1) Documentos doutrinários: ¹⁵ *Constituições apostólicas, Encíclicas*; 2) Documentos administrativos: ¹⁶ *Carta, Mensagem*; 3) Documentos normativos: ¹⁷ *Motu proprio*; 4) Documentos convencionais: ¹⁸ *Ângelus, Audiência, Discurso, Homilia*; 5) Documentos disciplinares: ¹⁹ *Carta apostólica, Exortação apostólica*. No capítulo 3 – **Panorama dos documentos pontifícios**, são conceituados esses escritos papais.

Para recorte mais delimitado do objeto de estudo, deste total geral de 2.755, foram selecionados os textos pontifícios de três categorias citadas acima, por critérios de abordagem e de autoridade, com citação das terminologias (técnica). Ou seja, esses documentos são de temas contextuais (abordagem) ou de cumprimentos normativos (autoridade), são eles: *Discursos, Encíclicas e Mensagem* (cf. Tabela 1), resultando num total de 886 textos e 5.952 páginas escritas, e que são documentos *ad intra* (quando o papa quer falar com os fiéis da Igreja).

A Tabela 1 traz o número dessas categorias de documentos publicados entre os Concílios Vaticano I e II (1868-1963), e no decorrer dos pontificados de Pio XI a Francisco (1922-2013), com indicação das técnicas (e suas derivações).

TABELA 1 – Documentos pontifícios que abordam as tecnologias

Período	Pontífice	Discurso	Encíclica	Mensagens
1º	Pio XI	-	2	-
2º	Pio XII	-	3	-
3º	João XXIII	2	2	1
4º	Paulo VI	8	1	19
5º	João Paulo I	2	-	-
6º	João Paulo II	339	22	142
7º	Bento XVI	106	3	30
8º	Francisco	132	4	68
Total		589	37	260

Fonte: Tabela elaborada com dados coletados pelo autor, 2018.

¹⁵ Documentos comuns e mais importante, em que o papa promulga leis sobre os fiéis, e trata de assuntos doutrinários, disciplinares.

¹⁶ Documentos para dar instruções a alguma devoção ou necessidade especial da Santa Sé, aos bispos ou por data festiva.

¹⁷ Documento de iniciativa do próprio papa, cujo conteúdo aborda temas importantes e introduz disposições legislativas na Igreja.

¹⁸ Documento casuais que acompanham as atividades do papa no Vaticano e em suas viagens apostólicas.

¹⁹ Documentos que podem tratar de assuntos ligados ao governo da Igreja: nomeação de bispos, criação de nova diocese, canonização de algum(a) Santo(a), ou de temas doutrinários ou morais.

Conforme a tabela acima, o total de textos selecionados representa um universo de três tipos de documentos selecionados. A soma dos *Discursos, Encíclicas e Mensagem* é de 886 textos oficiais. A tabela completa com o título de cada documento e todas as demais categorias, separados por papa, ano da publicação e classificação, estão no Apêndice 1 - **Documentos Pontifícios que constituem o *corpus* bruto.**

Preparação do *corpus* textual para análise

Os documentos primários extraídos do site do Vaticano apresentaram problemas de tradução para o Português. Os textos de Pio XI, Pio XII, Paulo VI e João Paulo II, contém palavras traduzidas do Português de Portugal ou, ainda, com grafias de regras ortográficas antigas, como por exemplo ‘activo’ (ativo), ‘afectividade’ (afetividade), ‘acção’ (ação). Assim, a primeira etapa de preparação do *corpus* textual para análise foi corrigir e revisar, manualmente, todo o arquivo, para que os erros de digitação ou tradução não fossem tratados, pelo software, como palavras diferentes – interferindo na decodificação e no tratamento documental.

Outros cuidados foram necessários no tratamento dos textos, que exigiu uma leitura minuciosa. A linguagem dos papas é bastante formal, com muitas flexões verbo-pronominais: ‘tornei-me’, ‘reveste-se’, ‘constata-se’. Por isso, precisamos deixar os pronomes na forma de próclise: ‘me tornei’, ‘se reveste’, ‘se constata’. Além disso, para evitar traduções equivocadas, de palavras e conceitos traduzidos do Italiano para o Português, buscou-se publicações impressas dos documentos e mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais, editadas no Brasil, pelas Edições CNBB (2017), Paulus e Paulinas. As seguintes etapas foram aplicadas na preparação dos documentos pontifícios, antes de serem enviados ao software IRAMUTEQ 0.7:

- Foram retirados os parágrafos, deixando o texto corrido;
- O texto não justificado, sem negrito, nem itálico ou outro recurso semelhante;
- Uniformidade em relação às siglas, colocando tudo por extenso, unido por traço underline. Por exemplo: ou TMA ou tertio_millennio_adveniente;
- As palavras compostas hifenizadas quando digitadas com hífen, foram separadas, pois são entendidas como duas palavras (o hífen vira espaço em branco);
- Retiramos os diminutivos, pelas características do dicionário do software; e os números foram mantidos em sua forma algarísmica;
- Foram subtraídos do texto os seguintes caracteres: aspas ("), apóstrofo ('), hífen (-), cifrão (\$), porcentagem (%), reticências (...), e nem asterisco (*). Este último é usado somente nas linhas que antecedem cada texto (linhas de comando).

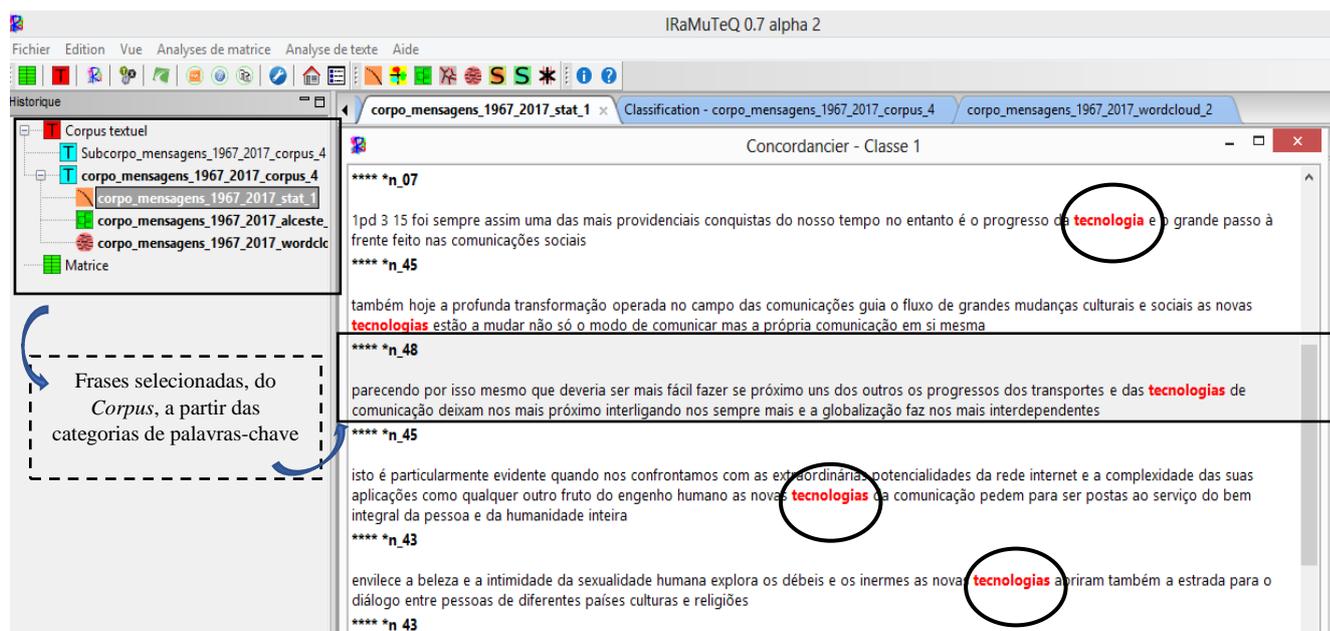
Feitos os ajustes, o *corpus* é submetido ao software IRAMUTEQ 0.7. Cada texto é separado por com linhas de comando (com asteriscos), assim:

**** *n_001 *pp_1 *pd_2 *cd_2

Esta linha indica que o material textual que a segue (documentos pontifícios) refere-se ao Documento *n_001 (utiliza-se três dígitos, pois a amostra tem mais de 100 textos), *pp_1 (refere-se ao nome do Papa, onde 1 = Pio XI, 2 = Pio XII, 3 = João XXIII, 4 = Paulo VI, 5 = João Paulo I, 6 = João Paulo II, 7 = Bento XVI, 8 = Francisco); *ad_2 (para Ano do Documento, por períodos, onde 1 = 1930 a 1939, 2 = 1940 a 1949, 3 = 1950 a 1959, 4 = 1960 a 1969, 5 = 1970 a 1979, 6 = 1980 a 1989, 7 = 1990 a 1999, 8 = 2000 a 2009, 9 = 2010 a 2017; *cd_2 (Classificação do Documento, onde 1 = Constituição Apostólica, 2 = Carta Apostólica, 3 = Discurso, 4 = Encíclica, 5 = Exortação Apostólica, 6 = Mensagem, 7 = *Motu proprio*). Preparado os textos, o *corpus* é importado e processado a análise no software IRAMUTEQ.

Como resultado da decodificação sistemática, é apresentado o ‘corpo de texto’ ou ‘corpo de mensagem’, com os documentos pré-analisados, destacando, em vermelho os trechos ou/e citações que contém as palavras-chave definidas, para posteriormente, realizar interpretação, inferência sobre as informações e cruzamento dos dados.

FIGURA 4 – Resultado da Pré-Análise textual pelo software IRAMUTEQ 0.7



Fonte: Tela captura do sistema, 2018.

A imagem, acima, é um exemplo de como são apresentados os resultados da decodificação. Agora, não mais em números, mas com trechos dos documentos, contendo as categorias dos termos pré-definidos, no levantamento quantitativo. Com base nessa *organização textual sistemática*, a próxima etapa será a avaliação do *corpus textual* dos documentos dos papas, por meio do método da Análise de Conteúdo, buscando a valorização da inferência, o contexto dos documentos e dos discursos dos papas, além do conhecimento e experiência deste pesquisador. Essa fase *Qualitativa*, não terá, portanto, um olhar positivista, com análises rígidas, linear e metódica. Mas, propõe um movimento de diálogo, na tentativa de estabelecer análises de intenções e de outros fatores não-quantificáveis (não-evidentes), como as interações simbólicas e de controle nos discursos.

Documentação do *corpus* textual de análise

Entre os papas, João Paulo II, canonizado santo em 27 de abril de 2014, foi o papa que mais escreveu documentos com referência as tecnologias de comunicação. Ao todo foram 53 textos, o que justifica por esse ter sido o maior pontificado da história da Igreja romana. Mas, o que levou o papa polonês se interessar tanto pela temática das tecnologias? No ano da eleição do então cardeal Karol Józef Wojtyła, 1978, o mundo vivia momentos de novas descobertas tecnológicas, e o novo papa não poderia ficar indiferente. Em 3 de maio daquele ano é enviado o primeiro e-mail ‘spam’ do mundo, e estreou, no Brasil, o Telejogo da Philco, primeiro videogame com apenas três joguinhos.

Nos primeiros dias do pontificado - 25 de Outubro de 1978, João Paulo II reuniu-se com representantes da Associação Católica Internacional para a Rádio e para a Televisão (UNDA) e falou da capacidade dos meios de comunicação para unir os povos, reconhecendo as tecnologias como extraordinários dons, que, na interpretação do papa, são disponibilizadas por Deus – reafirmando um tipo de *dogmatismo tecnológico*.

Mensagem do papa João Paulo II à Associação Católica Internacional para a Rádio e para a Televisão (UNDA)²⁰

Reconhecemos a bondade do Senhor, que decidiu pôr à nossa disposição estes dons extraordinários. Além disso - e apraz-nos aproveitar a ocasião para o dizer - estamos muito reconhecido às

²⁰Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1978/documents/hf_jp-ii_mes_19781025_unda.html Acesso em: 19 de out. de 2018

diversas redes da rádio e da televisão que nestes dias permitiram, aos filhos e às filhas da Igreja, conhecer o rosto e ouvir a voz do seu novo Pai, Servo e Pastor, e tomar assim, como de facto aconteceu, conhecimento imediato da sua pessoa. Dirigimos um sincero agradecimento a cada um dos produtores e dos técnicos que dum modo ou doutro contribuíram para nos tornar possível falar directamente à Igreja e ao mundo, e dar assim, pessoalmente, a certeza do nosso amor e do nosso vivo empenho no serviço pastoral.

A relação deste pontificado com a televisão foi inédita, pois pela primeira vez, o mundo acompanhou a eleição de um papa, por TV a cores de 20 ou 26 polegadas, podendo ‘conhecer o rosto e ouvir a voz do seu novo pastor’. A engenhosidade televisiva permitiu, também, aos apaixonados pelo futebol acompanharem a 11ª Copa do Mundo FIFA disputada por dezesseis países. O campeonato aconteceu na Argentina, que conquistou seu primeiro título mundial. Outras novidades foram o lançamento do carro Passat Surf com toca-fitas, a máquina fotográfica ‘Kodak Instamatic’, o relógio digital da Casio, o aparelho de telefone com discagem giratório nos números.

Apoiados nesses contextos históricos, citados acima, que os papas produzem seus discursos. Portanto esse estudo, optou-se por um *corpus* delimitado, selecionando um documento de cada papa, com abordagem de oito tecnologias de comunicação: cinema, rádio, televisão, *mass media*, imprensa, internet, mídias digitais, redes sociais.

TABELA 2 – Número de documentos que citam as tecnologias de comunicação

Papa	Nº de Documentos	Período da publicação
Pio XI	3	1931-1937
Pio XII	7	1939-1957
João XXIII	4	1959-1962
Paulo VI	25	1963-1978
João Paulo I	3	1978
João Paulo II	53	1979-2005
Bento XVI	13	2009-2012
Francisco	42	2013-2017

Fonte: Tabela elaborada com dados coletados pelo autor, 2018.

Ou seja, do total acima na tabela, 8 textos são analisados, indicados no **QUADRO 3 – As fases tecnológicas em cada pontificado e nos documentos dos papas**. Aqui é oportuno explicar que durante o Concílio Vaticano II, os bispos aprovaram iniciativas para pensar a Comunicação Eclesial na Igreja Católica. Entre essas novidades está o Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado anualmente, no domingo, após a Festa Litúrgica de Pentecostes (geralmente no mês de maio). A criação desta celebração foi

indicada no Decreto *Inter Mirifica*, de 1966. Esse evento é acompanhado por uma mensagem do papa, com reflexão sob a ótica teológica-comunicacional. Ou seja, a Igreja tenta vincular o debate ao viés religioso, mas também é uma forma do papa pensar e ver o mundo das comunicações, ainda que de forma limitada.

A primeira mensagem ao Dia Mundial das Comunicações Sociais foi enviada pelo papa Paulo VI, em janeiro de 1967, com o título *Os meios de comunicação social*. Em 2017, completaram-se 50 anos desta iniciativa, acumulando um acervo de mensagens de quatro papas: Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Atualmente, as mensagens dos papas, disponíveis no site do Vaticano²¹, são publicadas em onze idiomas: Alemão, Árabe, Chinês (China), Chinês (Taiwan), Croata, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Polonês e Português. As primeiras mensagens – de 1967 a 1995, eram publicadas apenas em Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Português. Hoje, a Igreja tem buscado difundir seu discurso em diferentes idiomas, na tentativa de propagar a comunicação eclesial.

E, para ajudar na compreensão do pensamento dos papas sobre o papel das tecnologias de comunicação, por meio da revisão analítica-contextual e histórica-interpretativa dos documentos pontifícios, busca-se apoio em um mapa de leitura inicial, para Fundamentação Conceitual e recorte teórico, a partir dos seguintes autores das Ciências da Comunicação e de áreas afins:

TABELA 3 – Mapa Teórico de Referência

Autor	Abordagem Teórica
• Antonio Hohlfeldh	• Teorias da Comunicação
• David Noble	• Religião da tecnologia
• Edgar Morin	• Pensamento Complexo
• Erik Davis	• Tecnognosi
• Erick Felinto	• Religião das Máquinas
• José Luiz Braga	• Objeto de Estudo da Comunicação
• José Marques de Melo	• Teoria e Metodologia da Comunicação
• Juan Dias Bordenave	• Matriz Funcional
• Kevin Kelly	• Tecnologias, técnico e Deus
• Luiz Beltrão	• As teorias sobre os efeitos
• Luiz C. Martino	• Objeto e Campo da Comunicação

²¹Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/index_po.htm Acesso em: 19 de junh. de 2018

• Mauro Wolf	• Teorias da Comunicação de Massa
• Muniz Sodré	• Campo da Comunicação
• Peter Sloterdijk	• Evangelismo Liberal-Tecnocrático
• Reinhold Esterbauer	• Tecnosagrado e sublime tecnológico
• Vera Veiga França	• Paradigmas da Comunicação
• Wolfgang Donsbach	• Identidade da Comunicação

Fonte: Tabela elaborada com dados coletados pelo autor, 2018

O referencial teórico deste estudo, que corrobora no encaminhamento e debate do problema de pesquisa, está voltado, também, ao Pensamento Comunicacional Latino-americano, com base nos estudos de pesquisadores que se debruçam sobre a investigação científica, a partir do binômio tecnologias de comunicação e Igreja Católica, como serão evocados ao longo deste estudo.

I PARTE

IGREJA, CIÊNCIA E OS PROCESSOS COMUNICATIVOS

1. RECORTE DA HISTÓRIA: ESTADO DO CONHECIMENTO

No fundo, a ciência é um método para descobrir o Deus judaico-cristão “por trás dos fenômenos”, e a técnica é um método para produzir o reino desse Deus sobre a Terra. Se transplantássemos a ciência e a técnica para um design do Extremo Oriente, ambas deveriam alterar sua essência (FLUSSER, 2013, p. 210, grifos nossos)

No cenário internacional, paralelo à realização do Vaticano II, ocorre a adesão de Cuba ao bloco comunista, sob o comando de Fidel Castro, além da transição pacífica do Chile ao socialismo, liderada por Salvador Allende. De olho na América Latina, mais especificamente no Brasil, o mundo assiste a renúncia do presidente Jânio Quadros, e a recuperação do poder de gestão republicana do vice-presidente João Goulart, em 1963.

O Concílio Vaticano II suscitou muitas reformas, principalmente, na liturgia da Igreja, alterando a narrativa dos ritos. Mas, somente no início da década de 70, que começam a surgir as mudanças efetivas pós-Concílio. Essa demarcação temporal representa, também, o surgimento dos primeiros estudos de comunicação eclesial.

No Brasil, o cenário nacional, em 1974, é marcado por diferentes mudanças na conjuntura político-social. No dia 15 de janeiro, general Ernesto Geisel é eleito 29º presidente do Brasil, por meio de eleição indireta, com 400 votos contra 76, do candidato da oposição, Ulysses Guimarães. O país prossegue na saga da Ditadura Militar, iniciada com o Golpe, em 1964, e só terminaria em 1985, com a eleição de Tancredo Neves. Na cidade de São Paulo, no dia 1º de fevereiro, um incêndio no Edifício Joelma, causa 191 mortes e deixa 300 feridos. Em 1º de julho, o presidente Geisel sanciona lei que determina a união dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro.

É neste mesmo contexto nacional conturbado da vida do país, que é defendida a primeira dissertação de mestrado em Comunicação no Brasil, em 1974. A análise sobre *O canto e a música litúrgica*, foi realizado por Danilo Vieiro, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, com a orientação do professor Dr. Julio Garcia Morejon, o primeiro diretor da ECA. A pesquisa é classificada dentro das Ciências Sociais Aplicadas, na área da Comunicação e subárea, Teoria da Comunicação. Trata-se de um protagonismo e ousadia em inserir a Igreja na pesquisa científica, assinalando o início do movimento da interdisciplinaridade na Comunicação e a religião como objeto de estudo (KUNSCH, 2001).²²

²²Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/35613793930776334935022768397290269622.pdf> Acesso em: 11 de abr. de 2018

O estudo de Vieiro (1974) surge em um momento de transformações na Igreja Católica Apostólica Romana, como a Reforma Litúrgica assinalada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962. O período pós-conciliar é um momento que leva à identificação da Igreja Católica como uma das instituições sociais que mais se abriram aos meios de comunicação.

Esse cenário internacional, e os novos ares vindos de Roma, foram propícios para o descortinar do campo *científico* da comunicação, com a repercussão da Assembleia dos Bispos. Um marco histórico, no Brasil, foi a fundação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) na Universidade Católica de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1963, sendo o primeiro espaço acadêmico brasileiro dedicado à pesquisa científica em comunicação (MARQUES DE MELO, 2005). Também, recém-chegado à São Paulo, em 1966, o professor José Marques de Melo começa a trabalhar na Faculdade Cásper Líbero. Ali, ele criou o Centro de Pesquisa de Comunicação Social. Estando no auge o debate sobre a questão da Igreja e os meios de comunicação, Marques organiza um Seminário em torno do tema. Meses depois, o assessor do Departamento de Opinião Pública da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), frei Romeu Dale, faz contato com o professor, tendo interesse de aproximar a entidade episcopal dos trabalhos do Centro de Pesquisa da Cásper Líbero (GOMES, 1991). Nascia uma importante relação de diálogo entre a Igreja e a academia, motivada pelas reflexões do Concílio Vaticano II.

1.1. Marco do estudo: Concílios Ecumênicos

A palavra ‘ecumênico’ tem origem no grego ‘οἰκουμένη’, que significa ‘o mundo habitado’, usada para se referir ao Império Romano. A dimensão ecumênica desses concílios foi provocada após os Cismas na Igreja, na tentativa de unir os cristãos anglicanos, luteranos e algumas outras denominações protestantes.

Inicialmente, a Igreja convocou os primeiros concílios ecumênicos por volta dos anos 325 a 451, a partir de uma ordem cronológica dos papas e cidades onde foram realizados: 1º) São Silvestre I, (Niceia, 325 d.C) condena o Arianismo como heresia e exila Ário, reconhece como dogma a igualdade de natureza entre o Pai e o Filho e compõe o credo niceno; 2º) São Dâmaso I (Constantinopla I, 328 d.C), reconhece como dogma a natureza divina do Espírito Santo no Credo niceno-constantinopolitano, que se recita na missa; e 3º) São Celestino I (Éfeso, 431 d. C) condena o Nestorianismo como heresia e proclama a maternidade divina da Virgem Maria.

As decisões principais dessas Assembleias Ecumênicas foram voltadas para as questões da regulamentação da fé católica, definição de dogmas, e para condenar doutrinas contrárias que ameaçavam o cristianismo como o monofisismo, monotelismo, iconoclasta, albigenses, maniqueístas e valdenses. Como também condenou filósofos e teólogos da contrarreforma: Orígenes, Fócio, John Wycliffe e de Jan Hus, após pronunciamentos e publicações de livros que ‘questionavam’ os dogmas de fé. Na Igreja no Brasil, fato parecido aconteceu em 3 de setembro de 1984, no pontificado de João Paulo II, quando o Vaticano condenou trechos do livro *Igreja, Carisma e Poder*, do escritor brasileiro naturalizado, frei Leonardo Boff (pseudônimo de Genézio Darci Boff), um dos teóricos sobre a Teologia da Libertação.

Já o 12º Concílio Ecumênico (1215) – papa Inocêncio III, em Latrão IV, determinou que todo o cristão (com uso da razão) seria obrigado a receber a confissão e a eucaristia na páscoa, e define o dogma da *transsubstanciação* – *trans* (além) e *substantia* (substância), ou seja a mudança da substância do pão e do vinho na substância do Corpo e sangue de Jesus Cristo no ato da consagração na missa. O 14º Concílio Ecumênico (1274) – papa Gregório X, em Lião II, também marcou história, ao instituir o conceito de *purgatório* – lugar onde as almas se purificam para entrar no Reino dos céus.

O 20º Concílio Ecumênico Vaticano I (1870), proclamado pelo papa Pio IX, sucessor do impopular papa Gregório XVI, aconteceu em um momento conturbado e de ameaças a fé católica, conforme as palavras do próprio papa, na carta *Aeterni Patris*:

No presente, todos conhecem a terrível instabilidade vivida pela Igreja e quantos males afligem a sociedade civil. Pelos hostis inimigos de Deus e dos homens, a Igreja católica e a salutar doutrina, o venerando poder e autoridade suprema desta apostólica sede é combatida e conculcada, todas as coisas santas são desprezadas, os bens eclesiásticos são delapidados, os bispos e os homens conceituadíssimos por sentimentos católicos são atormentados de mil maneiras, as famílias religiosas são dispersadas, os livros repletos de maldades, os prestíferos jornais e as perniciosas seitas difundem-se por todo lugar (*Aeterni Patris*, item 4, grifos nossos).

O papa, na carta de convocação do Vaticano I, reconhece que a Igreja passava por uma situação de risco as doutrinas do catolicismo. Ele faz referência aos livros e os jornais, meios de divulgação, e os consideravam como perigos para a fé. Pio IX preocupado com a vida da Igreja, exorta que o conteúdo da carta de convocação chegasse a todos os seus destinatários: “queremos e ordenamos que esta seja lida, alto e bom som,

por nossos representantes e por tabeliões públicos nas patriarcais Basílicas Lateranense, Vaticana e Liberiana, e [...] fixada nas portas das igrejas” (*Aeterni Patris*, item 9).

1.1.1. Concílio Vaticano I: a infalibilidade do discurso papal

Entre os concílios da Idade Moderna, o Vaticano I é convocado por Pio IX em contexto de alteridades e transformações, como as ideias iluministas, revolução industrial e mudanças políticas mundiais. O papa condenou abertamente movimentos como o Racionalismo, o Naturalismo e o Modernismo, movimentos que sustentavam a ideia de uma reinterpretação da religião à luz do pensamento científico do século XIX.

Essas correntes de pensadores pareciam deixar a Igreja presa na sacristia, alheia à realidade, com medo do mundo da razão. O catolicismo romano sentia-se pressionado por dois grupos, um mais reacionário e outro mais aberto ao novo, quando decide abrir o Concílio Vaticano I. Ao todo, foram mais de 750 delegados neste concílio, reunidos na Basílica de São Pedro, em Roma.

Para esse estudo, o Vaticano I tem um fator imprescindível, mesmo não sendo um marco do pensamento da Igreja sobre as tecnologias de comunicação. Fato curioso foi o uso massivo dos meios de comunicação, sobretudo o telégrafo, que possibilitaram a divulgação e maior alcance das notícias e decisões dos padres conciliares pelo mundo.

Entre os documentos originados e aprovados por essa assembleia do século XIX, está a primeira constituição dogmática sobre a igreja de Cristo, a *Pastor aeternus*, aprovada na IV sessão do Concílio Ecumênico Vaticano I, em 18 de julho de 1870. Esse documento trata do magistério infalível do romano pontífice, definindo como dogma, a infalibilidade papal. Ou seja, a partir daquele momento, o primado do papa passa a ser inquestionável e perpétuo.

[...] definimos tratar-se de dogma divinamente revelado que o romano pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando desempenhado seu múnus de pastor e de doutor de todos os cristãos, define, em virtude da sua suprema autoridade apostólica, que a doutrina em matéria de fé ou de costumes deve ser admitida por toda Igreja, goza, pela assistência divina que lhe foi prometida na pessoa do bem-aventurado Pedro, daquela infalibilidade que o divino Redentor quis para sua Igreja, quando define a doutrina concernente à fé ou aos costumes. Consequentemente essas definições do romano pontífice são irreformáveis por si mesmas, e não em virtude do consenso da Igreja (*Pastor aeternus*, item 16, grifos nossos).

A constituição dogmática define a tríplice função do papa: pastor, doutor e apóstolo infalível e inquestionável, conforme o Cânone: “Se, então, alguém – Deus não o queira” – ousasse contradizer esta nossa definição: seja anátema²³” (PA, item 17). A partir daquele momento, os documentos (as palavras) dos pontífices estavam amparados por um dogma de fé e infalibilidade do discurso papal – prerrogativa de não errar em questões pertinentes à fé e à moral. As palavras do papa ganharam revestimento de autoridade e infalibilidade. Pio IX, nos Cânones desta constituição, estabeleceu mais de 17 excomunhões para quem discordar-se desse dogma papal aprovado pelo Vaticano I.

FIGURA 5 – Assembleia do Vaticano I, no Vaticano (1869-1870)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Essas decisões conciliares, como a infalibilidade papal, garantiriam a Pio IX um longo pontificado, que durou exatamente, 31 anos, 7 meses e 23 dias (1846 – 1878), sendo o segundo maior papado da história da Igreja Católica. O primeiro foi do apóstolo Pedro, com 37 anos no trono, e o terceiro mais recente, foi ocupado por João Paulo II (1978-2005), com 26 anos de pontificado, também canonizado, em 2014, pelo papa Francisco.

Todo esse resgate histórico ajuda no direcionamento desta pesquisa, tendo como desafio o entendimento de um possível *dogmatismo tecnológico* nos discursos dos papas. Sendo assim, este estudo, ao revisitar aos documentos pontifícios, faz uma revisão crítica do pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação. Porém, não se trata,

²³ Sentença de maldição que expulsa da Igreja; excomunhão, proferida contra o/a herege.

apenas, de questionar o posicionamento da Igreja, mas também compreender o movimento comunicacional presente no catolicismo romano durante oito séculos.

Como já foi dito, o Vaticano II é considerado marco das reflexões da Igreja sobre os meios de comunicação. Os primeiros documentos que tratam especificamente da comunicação, o Decreto Conciliar *Inter mirifica* e da Instrução Pastoral *Communio et progressio*, são frutos deste Concílio. Mas, apenas, o Decreto é assinado por Paulo VI, por se tratar de um documento pontifício.

FIGURA 6 – Assembleia do Vaticano II, na Basílica de São Pedro, em Roma (1962)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Contudo, o Vaticano I é decisivo ao estabelecer os fundamentos da fé católica e a relação com a ciência, ao aprovar as constituições dogmáticas *Dei Filius* e *Pastor aeternus*, e principalmente, definir o primado do papa, diante de um contexto de mundo marcado por mudanças políticas e democratização das instituições. Sendo assim, proteger o trono petrino e assegurar o poder do papa como chefe de Estado e da Igreja, garantiria a Santa Sé, um caminho mais autônomo e de garantias políticas mundiais.

Ao final de quatro sessões públicas e solenes, com aprovação de constituições sobre a fé católica, o papa Pio IX envia ao mundo, a *Postquam Dei munere – declaração* de suspensão do Concílio Ecumênico Vaticano I, em 8 de outubro de 1870. A cidade do Vaticano havia sido invadida, após o rei italiano Napoleão III ser deposto, e a Itália transforma-se em República. A igreja tem parte de suas terras confiscadas pelo Império Liberal; para a indignação do papa Pio IX, que suspende o Vaticano I, dizendo ser ameaçado pelo regime.

Somente, após 92 anos, a Igreja convocaria outro Concílio Ecumênico, o Vaticano II, após decisão do papa João XXIII que queria ‘arejar’ a fé católica. Era desejo do pontífice ‘abrir as portas Vaticano’, após um tempo conturbado vivido por seu antecessor, Pio XII. O papa ‘carismático’ tentou estabelecer nova relação de diálogo entre a Igreja e o mundo secular, mas, sempre, tendo como fim principal: a defesa e difusão da doutrina católica, como falou o pontífice na abertura da Assembleia:

No presente momento histórico, a Providência está-nos levando para uma nova ordem de relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes para além do que eles esperam, se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja (IGREJA CATÓLICA, 1962, p. 1, grifos nossos)

Mas não seria João XXIII que contemplaria as mudanças na estrutura da Igreja, como por exemplo a renovação da liturgia, e as missas na língua vernácula, não mais em latim. Oito meses após convocar o Vaticano II, o papa morre, conforme relatos da história, trazidos no próximo item.

1.1.2. Concílio Vaticano II: abertura para a comunicação

Simultâneo ao descortinar científico no Brasil, a Igreja Católica é surpreendida com a morte inesperada de João XXIII, em 3 de junho de 1963, quando são suspensas as atividades da Assembleia Conciliar. Conhecido como o ‘Papa Bom’, ele costumava gravar vídeos sobre sua vida e missão no Vaticano. Em gravação²⁴ rara, explica a função do papa na Igreja. João XXIII abriu o Vaticano II, com esperança de renovação da Santa Sé, com o desejo de promover a doutrina da Igreja, como disse no discurso inicial:

Ao iniciar-se o Concílio Ecumênico Vaticano II, tornou-se mais evidente do que nunca que a verdade do Senhor permanece eternamente. De fato, ao suceder uma época a outra, vemos que as opiniões dos homens se sucedem excluindo-se umas às outras e que muitas vezes os erros se dissipam logo ao nascer, como a névoa ao despontar o sol. [...] Quer dizer, a Igreja não oferece aos homens de hoje riquezas caducas, não promete uma felicidade só terrena; mas comunica-lhes os bens da graça divina, que, elevando os homens à dignidade de filhos de Deus, são defesa poderosíssima e ajuda para uma vida mais humana; abre a fonte da sua doutrina vivificante, que permite aos homens, iluminados pela luz de Cristo, compreender bem aquilo que eles são na realidade; a sua excelsa dignidade e o seu fim [...]

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV8x8iLK5Xo> Acesso em: 25 de out. de 2018.

FIGURA 7 – Papa João XXIII durante as atividades do Vaticano II



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

O papa carismático, morre. Para sucessor de João XXIII é eleito *Giovanni Battista Montini*, papa Paulo VI, tendo como marco de seu pontificado a reabertura²⁵ do Vaticano II, em 29 de setembro de 1963. A primeira grande decisão do pontífice é assinar a promulgação da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, em 4 de dezembro de 1963. O Documento modifica radicalmente o rito romano, inclui a participação direta dos fiéis, substitui o latim pela língua local e fomenta a música e cantos nas celebrações eucarísticas.

No item 20, dessa mesma Constituição, a Igreja autoriza a transmissão da missa pelos meios de comunicação: “Façam-se com discrição e dignidade, e sob a direção de pessoa competente, para tal designada pelos Bispos, as transmissões radiofônicas ou televisivas das ações sagradas, especialmente da missa²⁶”.

Após onze anos da publicação da *Sacrosanctum Concilium*, em sua dissertação, Vieiro (1974) analisa, justamente, os ecos dessas mudanças ocorridas na liturgia, por meio de uma compreensão comunicacional. Marques de Melo (2005) observa que as decisões do Concílio Vaticano II, com postura ousada do papa João XXIII, repercutiram sensivelmente no âmbito acadêmico, abrindo as portas para o diálogo. A edição de dois documentos paradigmáticos, como a Encíclica *Pacem in Terris* trouxe debate sobre o

²⁵Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19631204_chiusura-concilio.html Acesso em: 04 de out. de 2017.

²⁶ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso em: 5 de out. de 2017.

terreno ideológico, da mesma maneira, o Decreto Conciliar *Inter Mirifica* postulou nova atitude para os agentes eclesiais, “encerrando o período de desconfiança em relação aos meios de comunicação que estigmatizou a postura da Igreja Católica desde os tempos inquisitoriais” (MARQUES DE MELO, 2015, p. 30, apud DALE 1974).

Neste período, ainda, a Igreja publica dezenas de documentos oficiais do papa Paulo VI (*Encíclicas, Motu proprio, Constituições Apostólicas, Exortações Apostólicas, Mensagem e Discursos*), sinalizando tempos de mudanças na estrutura política e organizacional do catolicismo, na tentativa de diálogo e proximidade com o mundo. Um desses documentos, frutos do Vaticano II, foi o Decreto *Inter Mirifica* (Entre Maravilhas), promulgado em 4 de dezembro de 1965.

No texto, o episcopado de todo o mundo reconhece que os ‘Instrumentos da Comunicação Social’ estão ‘entre as maravilhas’ (*Inter Mirifica*) modernas da tecnologia, representada pela televisão, pelo rádio, pela imprensa escrita e o cinema. No discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, em 4 de dezembro de 1963, Paulo VI acentua a importância do Decreto: “Outro fruto, e não de pouco valor, do nosso Concílio, é o Decreto sobre os meios de comunicação social, índice da capacidade da Igreja de unir à vida interior a exterior, à contemplação a ação, à oração o apostolado”²⁷.

Tudo indica que os avanços e abertura da Igreja para a comunicação teve influência de um célebre cientista da área: Marshall McLuhan, com seus últimos escritos sobre ‘O Cérebro e a Mídia’. Reprovado por sua visão utópica das tecnologias midiáticas como ‘extensões do homem’, o teórico era apreciado pelo papa Paulo VI, por suas inclinações hermenêuticas e pelas ‘explorações’ do novo cenário da mídia, principalmente pela abordagem sobre a dimensão social dos meios técnicos.

Douglas Coupland (2011) ao escrever a biografia²⁸ de Marshall McLuhan, relatou que o cientista era católico de missas diárias, um convertido com seus extremismos e suas fobias, pós Concílio Vaticano II. Mas preferia não levantar bandeira de sua fé, optando por manter a religião na esfera privada, sob o viés cultural e humano que era sua inspiração nas elaborações, como na obra “Os meios de comunicação como extensão do homem” (1969). Em 1973, McLuhan ascendeu à posição de ‘Conselheiro de

²⁷ Discurso do Papa Paulo VI, na clausura da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19631204_chiusura-concilio.html

²⁸ Disponível em E-book: https://books.google.com.br/books?id=Z2d4_94TiAMC&hl=pt-BR&source=gbs_book_other_versions
Acesso em: 18 de out. de 2018.

Comunicações Sociais' do Vaticano (GASTAL, 2003, p. 46), a convite do papa. Pode-se dizer que Paulo VI é responsável por permitir a aproximação da Igreja aos estudos *científicos*, principalmente ao incentivar a formação acadêmica de seminaristas, padres e religiosos, na graduação em Comunicação Social.

O pontificado de Paulo VI durou exatamente 15 anos. Nesse período de 1963 a 1978, o papa paulino, enfrentou grandes debates internacionais e respondeu através de suas encíclicas como *Humanae Vitae* (1968) – sobre a defesa da vida e contra o aborto; mesmo ano que ocorre a Conferência de Medellín (Colômbia), com a *Teologia da Libertação*, no contexto de transformações sociais e das lutas políticas; a *Sacerdotalis Caelibatus* (1967) – tratou do valor do celibato dos padres; *Mysterium Fidei* (1965) – abordou o culto da Sagrada Eucaristia; *Ecclesiam Suam* (1964) – sobre o diálogo pela paz entre as religiões cristãs e não-cristãs, principalmente as monoteístas.

Mas, diante dos progressos dos meios técnicos (imprensa, radiodifusão, informática), Paulo VI não deixava de trazer em seus escritos, a reflexões sobre o papel das técnicas na vida da sociedade. Na Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), alertou que não bastava promover a técnica para que a terra pudesse ser habitada de maneira mais humana.

Nos erros dos predecessores reconheçam, os povos que se encontram em fase de desenvolvimento, um aviso dos perigos que hão de evitar neste domínio. A tecnocracia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem. Economia e técnica não têm sentido, senão em função do homem, ao qual devem servir (*Populorum Progressio*, 1967, item 34)

Na visão de Paulo VI, a promoção da técnica devia vir acompanhada por estudos e reflexões sobre o uso desses meios à serviço do homem. O pontífice em suas mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais buscava destacar a necessidade dos conhecimentos das técnicas, incentivando o estudo e a pesquisa.

Diante daquele cenário de progressos das técnicas, a Universidade de Roma La Sapienza é pioneira em criar o primeiro curso de Ciências da Comunicação, na década de 60. Essa universidade foi fundada pelo papa Bonifácio VII, em 1303, sendo considerada uma das mais antigas do mundo, com reconhecimento pontifício. Hoje, a instituição possui 21 faculdades, 130 departamentos e institutos, e 127 escolas de especialização. La Sapienza está organizada em cinco ateneus federados (departamentos), entre eles o Ateneu Federado de Ciência e Tecnologia.

Até o século XIV não havia em Roma qualquer instituição de ensino superior que fosse reconhecida oficialmente pela Igreja. Somente em 20 de abril de 1303, por meio da bula²⁹ *In Supraemae Praeinentia Dignitatis* do papa Bonifácio VIII, que nasce a primeira universidade romana, a *Studium Urbis*. O investimento econômico para a estruturação desta instituição veio por uma nova taxa sobre o vinho estrangeiro. O dinheiro foi usado para comprar o palácio, hoje sede da Igreja de Santo Ivo, dentro do campus da universidade. Por decisões arbitrárias, com postura contra os movimentos religiosos e política de assuntos seculares, fomentado pelas instituições de ensino, a Universidade de Roma La Sapienza permaneceu fechada durante o pontificado do papa Clemente VII (1523 a 1534). Os papas seguintes, Paulo III (1534 a 1549) e Júlio III (1550 a 1555), foram responsáveis pelo retorno das atividades de ensino e pesquisa, promovendo o surgimento de novas cátedras, como também de novas universidades e instituições de ensino superior, em Roma.

Assim como o pioneirismo da Universidade de Roma La Sapienza nos estudos das Ciências da Comunicação, no Brasil, iniciam as primeiras conferências sobre a Comunicação Social. O marco no país é a criação das primeiras faculdades de comunicação, com destaque a pioneira Faculdade de Comunicação de Massa (FAC-UnB), na Universidade de Brasília (1964). Os apelos do papa Paulo VI também chegam na América Latina, que inicia um movimento importante da institucionalização da pesquisa científica em Comunicação, como será abordado no próximo tópico.

1.2. Ecos do Vaticano nas Ciências da Comunicação na América Latina

Enquanto no Vaticano, o papa Paulo VI assinava uma das mais importantes Encíclicas de seu pontificado, *Populorum Progressio* (1967), no Brasil, acontecia o primeiro ciclo de debates sobre o ‘Panorama Atual da Pesquisa em Comunicação’, organizado pela FACASPER (Faculdade Cásper Líbero). No ano seguinte, 1968, ECC-USP (Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo) toma a iniciativa de alinhar o Brasil com as tendências internacionais do campo, promovendo com o apoio

²⁹ A bula pontifícia é um alvará passado pelo Papa ou Pontífice católico, com força de lei eclesiástica, pelo qual se concedem graças e indulgências aos que praticam algum ato meritório. O termo bula refere-se não ao conteúdo e à solenidade de um documento pontifício, como tal, mas à apresentação, à forma externa do documento, a saber, lacrado com pequena bola (em latim, "bulla") de cera ou metal, em geral, chumbo.

da UNESCO uma Mesa Redonda sobre as Novas Tendências da Pesquisa sobre Cinema e Televisão na América Latina.

Esse caminho entrelaçado entre Igreja e Comunicação, no que tangem os estudos *científicos*, estão hibridizados por outras *evidências remotas* (MARQUES DE MELO, 2015). Na Encíclica *Populorum Progressio*, o Papa reconhece a importância da ciência para o desenvolvimento dos povos e incentiva a formação de “educadores, engenheiros, técnicos e sábios, que ponham a ciência e a competência ao seu serviço” (Item, 48), como pontuou o Concílio, na Constituição pastoral sobre a *Igreja no mundo contemporâneo*.

O Brasil parece ter entendido o recado do Papa, e, no mesmo ano, é instalada a Fundação do Centro de Pesquisas da Comunicação Social na Facasper, então vinculada à PUC de São Paulo. O departamento foi pioneiro nas pesquisas sobre quadrinhos, telenovelas, imprensa de imigrantes, jornalismo comparado, erotismo na propaganda, comunicação eclesial, pedagogia do jornalismo, estudos que suscitaram impacto nas instituições congêneres de todo o país.

Ainda, neste cenário, a conquista e reconhecimento nacional dos estudos são antecedidas, por outras evidências remotas como descritas a seguir: 1) Criação da Faculdade de Comunicação de Massa (FAC-UnB), na Universidade de Brasília (1964), cujo projeto foi elaborado pelo jornalista Pompeu de Souza; 2) Fundação, na cidade de São Paulo, da ECC-USP – Escola de Comunicações Culturais (1966) – depois tornando-se ECA – Escola de Comunicação e Arte; 3) Realização do I Congresso Nacional de Comunicação, promovido pela ABI – Associação Brasileira de Imprensa (Rio de Janeiro, 1971); 4) Realização do I Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação (Belo Horizonte, 1973); 5) Fundação da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (São Paulo, 1977), através de parcerias com o estado (Capes, CNPq, Fapesp) e a sociedade civil (SBPC), buscando inserir o país na comunidade científica mundial (ALAIC, IAMCR, ICA), etc.

Os ecos do Concílio Vaticano II continuaram pelo Brasil, refletindo diretamente na fundação da primeira entidade *científica* eclesial, a União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), em 18 de julho de 1969, durante o IV Congresso Latino-Americano de Imprensa Católica, contando com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Na ocasião, a entidade representou a concretização de uma inspiração dos jornalistas e comunicadores cristãos do Brasil. A CNBB financiou a realização de uma consulta nacional na cidade do Recife (1970) para definir temas e

metodologias de pesquisa destinadas a subsidiar as políticas eclesiais de comunicação motivadas pelo Decreto *Inter Mirifica*.

No âmbito da América Latina, a Igreja Católica no Brasil, representada pela CNBB, teve uma significativa trajetória no que se refere aos processos e mecanismos de debate sobre a Comunicação. Durante 43 anos, a UCBC³⁰ foi responsável por promover grandes Congressos, no início dos anos 70 e começo da década de 80, quando se discutia a participação popular na vida política e a democratização da Comunicação. Em 2012, a União Cristã Brasileira de Comunicação Social encerrou suas atividades, mas muitos de seus projetos foram assumidos por outras entidades, como a CNBB. Os congressos passaram, a partir de 1998, a serem chamados de Mutirões Brasileiros de Comunicação³¹ (Muticom), sob responsabilidade da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação³².

A criação da UCBC contou com a participação do professor José Marques de Melo – membro do Conselho Consultivo da entidade, que na época iniciava estudos voltados a temática ‘Igreja Católica e comunicação eclesial’. Sua aproximação efetiva com a Igreja se deu, a partir da formulação e aplicação de Curso de Comunicação para bispos brasileiros, a pedido de frei Romeu Dale. Anos antes, em 1969, por exemplo, ao organizar a I Semana de Estudos de Jornalismo da Universidade de São Paulo, dedicada ao *Jornalismo Sensacionalista*, o professor Marques de Melo buscou a “interlocação de figuras paradigmáticas da crônica policial paulista. Dentre elas, o bispo Dom Paulo Evaristo Arns, então responsável pela Pastoral Carcerária na cidade de São Paulo” (FELICIANO, 2003, pp. 140-141). “Daí começou a frutífera amizade entre ambos e o comprometimento de José Marques de Melo com o pensamento cristão sobre a comunicação” (GOMES, 2005, p. 15). A década de 60 pode ser considerada um registro significativo do início das reflexões sobre os processos e movimentos da comunicação eclesial no Brasil e da institucionalização desta vertente de pesquisa, como será abordado, a seguir, no próximo tópico. O texto a seguir, relata, principalmente, o protagonismo do professor José Marques de Melo de fomentar a pesquisa em comunicação eclesial nas universidades brasileiras. Trata-se de um breve histórico pontual, com recorte de datas.

³⁰ Disponível em: <http://signisalc.org/redes/encuentro/tag/ucbc/>. Acesso em: 21 de set. de 2017.

³¹ Em 1998, foi realizado o 1º Muticom em Belo Horizonte (MG) - “Solidariedade, Ética e Cidadania. No ano em que não aconteceu o Mutirão Nacional, os regionais e dioceses promovem mutirões locais incentivando o debate sobre a comunicação. O Encontro Nacional da Pascom é realizado a cada dois anos.

³² Criada em 2005, a CNBB possui uma Comissão específica para Comunicação, coordenada por um grupo de bispos.

1.3. Institucionalização da pesquisa eclesial no Brasil

Na década de 70, após deixar as atividades na Cásper Líbero, Marques de Melo protagonizou uma importante conquista para o ensino universitário no Brasil. Foi docente-fundador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) até 1993, onde ganhou reputação como pesquisador nacional e internacional (GOBBI, 2010). Concomitante a esse fato, na Igreja no Brasil iniciava as atividades da Pastoral Popular, como retratou Iraneidson Santos Costa, em “Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985), na tese de doutorado em História na Universidade Federal da Bahia (2007). Outro reflexo do período pós-Vaticano II.

Na ECA-USP, Marques orientou a primeira monografia de iniciação científica, *Análise de conteúdo da literatura de cordel: presença dos valores religiosos*, da acadêmica Alice Koshiyama. Já a primeira dissertação de mestrado com enfoque na comunicação eclesial, foi defendida, em 1980, na ECA-USP, por Ismar de Oliveira Soares – *A morfologia e conteúdo dos boletins diocesanos católicos*, sob a orientação do professor Marques. Seis anos depois, em 1986, o mesmo autor e na mesma Universidade, defende tese de doutorado, seguindo a temática eclesial: *Do Santo Ofício à libertação: discurso (e a prática) do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação Social* (ver Tabela 4). A partir daí, o professor Marques abre um novo caminho na pesquisa científica em Comunicação, tendo a Igreja como objeto de estudo. Dezenas de outros trabalhos, entre dissertações e teses são orientadas por ele, na ECA-USP.

Após decidir por aposentar-se voluntariamente da instituição pública, Marques inicia trajetória na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde já havia implantado o Centro de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom) e o mestrado em 1978. Agora, em uma instituição confessional cristã, ele amplia os esforços nos estudos da comunicação eclesial até final de 2005. Foram mais de 15 trabalhos orientados sobre Igreja e comunicação eclesial, entre dissertações e teses. Na última geração de orientandos, está o jovem doutorando, Ricardo Alvarenga, que estuda a comunicação eclesial na Igreja no Brasil. O professor Marques faleceu em junho de 2018, aos 76 anos.

Torna-se oportuno assinalar que é a partir da formação desses mestres e doutores, com o protagonismo de Marques de Melo que inicia um ciclo de pesquisadores no âmbito da comunicação eclesial. Esses ex-orientandos, entre eles, padres e religiosos, na década de 90, começam a lecionar em diferentes universidades públicas e privadas do Brasil, nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, fomentando os estudos sobre Igreja e

Comunicação. Entre eles: Atílio Hartmann (Unisinos), Ismar Soares (USP), Joana Puntel (UMESP), Pedro Gilberto Gomes (Unisinos), Waldemar Kunsch (Umesp, FIAM) e Gilson Novaes (Mackenzie), entre outros.

1.3.1. Teses de doutorado em Comunicação e religiões (1986 a 2017)

Das pesquisas que abordaram a temática Igreja Católica e Comunicação, grande parte delas assumem a opção analítica sobre a comunicação eclesial como processo/meio, na ótica da evangelização. Por meio de levantamento online, realizado nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil e com auxílio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram identificadas 22 teses de doutorado, em diferentes Programas de Pós-Graduação, nas seguintes áreas: Ciências da Comunicação História, Geografia, Linguística Aplicada, Semiótica, Sociologia e Ciências da Religião.

Optou-se por restringir a pesquisa aos assuntos: Comunicação e Religião; Comunicação e Igreja Católica; Comunicação e Catolicismo; Mídia e Religião; Tecnologia e Igreja; Religião e Teorias da Comunicação; Igreja e Teoria da Comunicação – que não correspondeu a nenhum registro na busca. Em quase todos os estudos, estão presentes três categorias de conceitos chave: *Igreja*, *religião* e *comunicação*. No Apêndice 5 – *Teses sobre a Comunicação Eclesial defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil (1998 a 2017)* traz mapeamento de todas as teses catalogadas no BDTD, a partir das categorias pesquisadas: Tipo de Documento: Tese, Instituição, Repositório, Programa de Pós-Graduação, Autor, Orientador (a), Assunto (Palavras-chave), Área do Conhecimento (CNPQ), Ano da Defesa.

Já as primeiras teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, de 1986 a 2004, foram identificadas por meio de pesquisa manual – Quadro 1, pois não estão cadastradas no IBICT. A Biblioteca Digital começou a operar, efetivamente, após 2003. Entre as teses, 6 foram defendidas na ECA-USP, uma na Umesp e outra na UFRJ. A opção por mapear, apenas, as teses de doutorado, justifica-se pela equivalência com este atual estudo.

TABELA 4 – Teses defendidas nos PPG. em Comunicação no Brasil (1986 a 2004)

<i>Título</i>	Autor/Orientador	Nível	Instituição	Ano
Do Santo Ofício à Libertação: o discurso (e a prática) do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social.	Ismar de Oliveira Soares /José Marques de Melo	D	USP	1986
Os meios de comunicação de massa: um desafio para a Igreja. (O São Paulo –1979-1985)	Anamaria Fadul / José Marques de Melo	*PhD	USP	1986
Para uma história da UCBC: memória de uma instituição cristã dedicada à comunicação dialógica e comprometida com a resistência ao autoritarismo brasileiro (1970-1983).	Pedro Gilberto Gomes/José Marques de Melo	D	USP	1991
Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa Cecapas/Serta.	Maria Salett Tauk Santos / Ismar de O. Soares	D	USP	1994
Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil.	Nivaldo Pessinatti /José Marques de Melo	D	UMESP	1997
The Catholic Church and the democratization of Communication in Latin America	Joana Puntel	**D	Simon University (Canadá)	1991
Religiosidade e mídia eletrônica: a mediação sócio-cultural-religiosa e a produção de sentido na recepção de TV.	Attilio Ignacio Hartmann / Immacolata Vassalos de Lopes	D	ECA/USP	2000
Estratégias de Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo do marketing religioso	Eduardo Refkalefsky/José Amaral Argolo	D	UFRJ	2004

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com base no levantamento de Kunsch (2001).

Como identificado na Tabela 4, Anamaria Fadul*, docente da UMESp, é a primeira livre-docente, no Brasil, com pesquisa em Comunicação e Igreja Católica (1986). O estudo de caso *Os Meios de Comunicação de Massa: Um desafio à Igreja (O São Paulo- 1979-1985)*, trouxe à tona os desafios que os meios de comunicação de massa colocavam para a Igreja no campo cultural, com abordagem da pesquisa teórica. A investigação teve como objeto o Jornal da Arquidiocese de São Paulo, avaliando a conjuntura religiosa-política e a cultura em suas relações com a libertação, a comunicação massiva e a comunicação participativa. Já a religiosa paulina, Irmã Joana Puntel**, defendeu sua tese *A Igreja e a democratização da comunicação*, na Universidade de Simon Fraser (Canadá), em 1991, tendo diploma revalidado no Brasil, pela ECA-USP.

A tese de Ismar de Oliveira Soares, *Do Santo Ofício à Libertação: o discurso (e a prática) do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social (1986)*,

problematizou o discurso do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil com relação à comunicação social, com Análise de Conteúdo dos documentos e Pesquisa Participante.

Para uma história da UCBC: memória de uma instituição cristã dedicada à comunicação dialógica e comprometida com a resistência ao autoritarismo brasileiro (1970-1983), foi o Estudo de Caso realizado por Pedro Gilberto Gomes (1991). Utilizando os métodos da Pesquisa Participante e História de Vida, pesquisou a comunicação social na história da UCBC e relação da entidade com as subculturas, recepção crítica e a comunicação libertadora.

Em 1994, Ismar Soares orienta a primeira tese de sua trajetória como professor do doutorado da ECA/USP, denominada *Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa Cecapas/Serta*, de Maria Salett Tauk Santos. Tratando-se de um estudo teórico, a tese abordou a relação entre Igreja, comunicação participativa e comunicação rural.

Também orientado por José Marques de Melo, o padre Nivaldo Pessinatti, defendeu a tese *Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil* (1997). Na ocasião, propôs análise do contexto comunicacional de políticas e estratégias da Igreja Católica; textos e estruturas da CNBB. Já o padre jesuíta Attilio Ignacio Hartmann, em *Religiosidade e mídia eletrônica: a mediação sócio-cultural-religiosa e a produção de sentido na recepção de TV* (2000), debruçou sobre a pesquisa teórica e qualitativa, buscando entender as mediações na recepção de mensagens televisivas, com a ascensão de padre Marcelo Rossi na mídia brasileira.

Entre as teses sobre Igreja e comunicação eclesial, Eduardo Refkalefsky abre um novo caminho, ao pesquisar sobre as *Estratégias de Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo do marketing religioso* (2004). A partir desse estudo realizado na UFRJ, outros pesquisadores começam a se interessar pela temática da comunicação eclesial no âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Especificamente, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), não foram encontrados registros de teses defendidas sobre a temática Igreja e comunicação eclesial. O repositório contém 6 dissertações de mestrado, sendo uma com abordagem neopentecostal, e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A dissertação de Paulliny Michelly Gualberto Fernandes Tort, *Dois Franciscos: o amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado, de São Francisco de Assis a Jorge Mario Bergoglio* (2014), orientada pelo Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto, se debruça sobre a comunicação de São Francisco de Assis,

religioso italiano que atuou durante as primeiras décadas do século XIII e que é referência para o atual papa Francisco, a fim de identificar elementos para repensar o intrincado universo das comunicações contemporâneas (TORT, 2014). Abaixo, a relação dos estudos no PPGCOM da UnB, que trataram da comunicação eclesial, tecnologias de comunicação e Igreja Católica.

TABELA 5 – TCC apresentado na Faculdade de Comunicação da UnB (1966-2017)

<i>Título</i>	Autor/Orientador	Nível	Instituição	Ano
O papel da comunicação organizacional na Igreja Católica: Uma análise da Pastoral da comunicação no Brasil.	Henrique Cavalheiro Rodrigues/Janara Sousa	G	UnB	2013

TABELA 6 – Dissertações produzidas na Pós-Graduação em Comunicação da UnB (1974-2017)

<i>Título</i>	Autor/Orientador	Nível	Instituição	Ano
Eclesiogênese política: discurso político da Igreja	Gil Barreto Ribeiro / Carlos Chagas	M	UnB	1985
CEBs: a comunicação em busca do sentido e da transformação	Carly Batista de Aguiar / Maria Angélica Madeira	M	UnB	1985
Os neopentecostais e a rede de televisão: um estudo sobre os interesses e as estratégias utilizadas pelos dirigentes da Igreja Universal do Reino de Deus no comando da Rede Record de Televisão	José Paulo Nunes Cordeiro Tupynambá/ Zélia Leal Adghirni	M	UnB	1999
A construção da identidade feminina e o discurso religioso católico	Simone Ravazzolli/ Sérgio Dayrell Porto	M	UnB	2000
O jornalismo nos limites da liberdade: um estudo da cobertura da imprensa sobre os casos dos religiosos acusados de praticar atividades subversivas durante o regime militar	Eliane Muniz Lacerda/ Nélia Rodrigues Del Bianco	M	UnB	2007
Dois Franciscos: o amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado, de São Francisco de Assis a Jorge Mario Bergoglio	Paulliny Michelly Gualberto Fernandes Tort/ Tiago Quiroga Fausto Neto	M	UnB	2014

Fonte: Tabelas elaboradas com dados coletados pelo autor, 2017.

As pesquisas descritas nas tabelas, acima, concentram na abordagem de estudo de caso, a partir de problemas de pesquisa voltados a compreender o uso da comunicação pela Igreja como meio de evangelização – processos de comunicação e mediação, participação e discurso religioso, além da midiaticização da religião. São investigações que

respondem efetivamente os problemas de seus objetos de estudo, contudo, são delimitadas dentre do universo das pesquisas analíticas e qualitativas, sem aprofundamento teórico ou no que diz respeito a compreensão da “tecnologia como religião” (MIKLOS, 2012, p. 7).

1.3.2. Problemas de pesquisa em estudos de comunicação eclesial, mídias e religião

Os estudos mais atuais sobre Igreja e comunicação eclesial estão direcionados em categorias chave, que seguem as tendências das linhas de pesquisas e objetos dos PPGCOM, agregando o fator religião, ficando assim: *Publicidade religiosa, comunidade de pertencimento; mídias e religiões, tecnologias e religiões, televisão na religião, ciber-religião, midiatização e mediação da religião, fé na mídia, tecnologias como religião, hibridismo evangélico, sociologia da religião, etc.*

Das 22 teses de doutorado, com foco nas temáticas acima – comunicação e religiões, cadastradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), 14 foram desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação, com classificação do CNPQ: Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação e Informação. Essa coleta foi realizada até outubro de 2018.

Desse levantamento, quatro estudos identificados mais se aproximam desta tese em curso. Em 2017, a pesquisadora Flávia Gabriela da Costa Rosa, em *Ressonância do imaginário cultural nas devoções marianas: apropriações do sagrado feminino*, observou como a dimensão sagrada dos templos/igrejas são modificados pelo uso das novas tecnologias. A tese foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. A tese abordou as interfaces entre o uso das modernas estratégias de comunicação na devoção mariana nas cidades de Guadalupe (Guadalupe, México), Aparecida (Brasil) e Fátima (Leiria, Portugal).

Já em 2016, o sacerdote paulino – da Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos, Valdir José de Castro, estudou *A identidade do sacerdote midiático no ciberespaço*, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS-PUC/SP), sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Santaella.

Jorge Milklos (UNIP/SP), em *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião (2010)*, aborda conceitos como Teoria da mídia, Mídia e

religião, Cibercultura e Ciber-religião. Na tese, Miklos (2010) analisa as representações de ciência que se constroem nos dizeres do programa de televisão Fantástico, a partir de suas possíveis aproximações com representações religiosas, problematizando o pressuposto da cultura logocêntrica ocidental que dicotomiza esses dois campos.

A tese de Brenda Maribel Carranza Davila, *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição* (2005), foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. No estudo, Davila (2005) identificou as mutações culturais que alavancam a consolidação dessa ‘recatolização’, suas semelhanças com o neopentecostalismo protestante e, ainda, os conflitos intra-eclesiais gerados por essa ofensiva de reinstitucionalização, inspirada e legitimada no pontificado de João Paulo II.

Sob outra ótica, Miklos (2010) teve a preocupação de estabelecer aproximação entre religião e Teorias da Comunicação, na tentativa de mostrar o papel da ciência e da religião na produção de saberes. É um tipo de pesquisa que inspira esse atual trabalho, que também tem como desafio estabelecer aproximações teóricas entre os discursos dos papas e Teorias e tecnologias de comunicação. Para tanto, torna-se oportuno o debate sobre a religião como objeto de estudo da Comunicação, apresentado no item 1.4.

Nesse viés, Miklos publicou o livro *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, fruto de sua tese, com ênfase a compreensão da tecnologia como religião. Segundo o autor, na “medida em que as religiões assimilam estratégias midiáticas em busca da manutenção de seu *status quo*, meios de comunicação eletrônicos interativos, também abarcam valores religiosos apresentando a tecnologia como religião” (MIKLOS, 2012, p. 87). O pesquisador avança no debate sobre o entrelaçamento da mídia religiosa como a religião midiática, aproximando o objeto tecnológico dos fenômenos religiosos, e que “as tecnologias comunicacionais devoram e são devoradas por atributos divinos. Acontece a apropriação do sagrado pela mídia e a apropriação da mídia pelo sagrado. No *cyberspace*, o sagrado é a própria mídia” (Ibid., p. 89).

Vale ressaltar que os estudos, descritos acima, têm como foco a comunicação eclesial, as medições, os meios e os processos comunicacionais nas religiões. Trata-se de um significativo movimento interdisciplinar que tem ocorrido dentro das Ciências da Comunicação. Torna-se oportuno trazer para reflexão os paradigmas que circundam o objeto a comunicação, se é que ele existe, e sua possível interdisciplinaridade.

1.4. A religião como objeto da Comunicação: movimento interdisciplinar

Pensar o fenômeno religioso como objeto de estudo da Comunicação, implica em analisar o movimento da interdisciplinaridade nos estudos comunicacionais. Para Martino (2001, p. 31), o objeto desta disciplina científica “não é todo e qualquer fenômeno comunicativo, mas apenas aqueles restritos à dimensão humana e mediatizados por dispositivos técnicos”. Braga (2011, p. 77) pontua que “o objeto da Comunicação é toda e qualquer conversação do espaço social. Ou melhor: o que há de propriamente conversacional e de troca (simbólica e de práticas interativas) nas diversas instâncias e situações da vida social”. Os autores não desmerecem o aspecto interdisciplinar que caracteriza a comunicação, mas reforçam que essa ciência não pode ser uma “interseção passiva ou um simples efeito de diferentes orientações do saber” (MARTINO, 2001, p.29). Contudo, Regiani e Borelli (2016, p. 73) recordam que “a comunicação é um campo do saber tão ligado aos seus precursores nas ciências humanas que, por vezes, dificulta seu reconhecimento como um campo independente”.

A constituição epistemológica do campo da comunicação implica no rompimento com o pensamento paradigmático dominante, o que possibilita, ao pesquisador, autonomia e nova relação com seu objeto de estudo. Ou seja, TCC’s, dissertações e teses devem ser resultados dos esforços criativos, do exercício cognitivo autônomo e do pensamento complexo, defendido por Morin (2010, p. 564), visando a religação dos saberes. A complexidade é um problema, não uma resposta. “A palavra *complexus* significa o que está ligado, o que está tecido. E é esse tecido que é preciso conceber”.

A segunda revolução científica ocorreu na segunda metade do século XX, com ciências que operam em dimensões polidisciplinares. “Trata-se do movimento pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que, embora com propostas diferenciadas, buscam como objeto de suas práticas o tratamento dos fenômenos complexos que desafiam a ciência contemporânea” (ALVARENGA, ALVAREZ; SOMMERMAN; PHILIPPI JR., 2015, p. 40).

Esse novo entendimento da prática científica pode ser um postulado que fomenta novos modos de fazer ciência e de produzir conhecimento na contemporaneidade. Na Comunicação, o fantasma da indefinição do campo, pode ser reflexo desta nova forma de tentar compreender o mundo e seus fenômenos, a partir do que Felinto (2007) entende como sendo a ‘medialidade’

No caso da pesquisa sobre as materialidades da comunicação, a noção fechada de objeto foi substituída por um enfoque e uma metodologia de pesquisa particulares. Não existe campo definido a priori, mas sim o estudo de um fenômeno que se manifesta em vários campos e objetos: a medialidade” (FELINTO, 2007, p. 11).

No entanto, como observa Morin (2005), o que predomina, ainda, é o fortalecimento do modelo de fragmentação, da especialização e da disciplinarização, supondo que, apenas as competências tecnocientíficas, são suficientes para resolver as contradições de um mundo cada vez mais globalizado e transnacionalizado. Porém, o autor lembra que o conhecimento do todo precisa do conhecimento das partes, que precisam do conhecimento do todo. Em outro texto, Morin (1997, p. 19) indica que “qualquer fenômeno estudado é preciso primeiramente que o observador se estude, pois o observador ou perturba o fenômeno observado, ou nele se projeta de algum modo”.

1.4.1. A religião como fenômeno comunicacional

O século XXI aponta novos caminhos e possibilidades para pensar a aproximação das ciências sociais, abrindo caminhos interdisciplinares. Mas, definir o objeto da comunicação como abrangente, pode colocar em risco a constituição do próprio campo? “Compreende-se que a diversidade faz parte do modo de ser do conhecimento, em qualquer área da ciência ou da filosofia; [...] Contudo, uma ciência que se pretenda legitimar deve manter alguma unidade na abordagem do objeto que a define” (SIGNATES, 2013, p.20).

Raynaut (2015, p.3) observa a existência de muitas formas para a prática da interdisciplinaridade, o que exige grande diversidade de acepções teóricas e metodológicas. “[...] A colaboração entre as especialidades científicas e técnicas diferenciadas, constitui, hoje, uma grande exigência imprescindível para resolver a maioria dos problemas com os quais se defronta a ciência”.

A constatação de Raynaut aproxima das ideias de Morin (2005) sobre o ‘Pensamento Complexo’ – orientada pela perspectiva de uma aproximação e combinações entre as disciplinas, não um fechamento em saberes isolados. Para o teórico, o pensamento complexo – fundado na interdisciplinaridade, aspira um saber não fragmentado, não redutor; eliminando patologias que podem ser perigosas para o desenvolvimento de um saber autônomo e inovador.

Desta forma, ao considerarmos as discussões teóricas e metodológicas acerca da interdisciplinaridade, torna-se necessário relacioná-las aos conceitos de disciplina, multi, pluri e transdisciplinaridade, que se apresentam na literatura especializada tradicionalmente referidas, de forma conjunta, em suas especificidades – que apontam para um grau de complexidade que abarcam – e suas relações (ALVARENGA, ALVAREZ; SOMMERMAN; PHILIPPI JR., 2015, p. 40).

Em se tratando das Pesquisas em comunicação eclesial, os próprios objetos de investigação, como no caso o processo comunicativo da Igreja Católica, oriundo dos fenômenos das relações sociais, implica essa diversidade metodológica e teórica para a condução do estudo. O objeto comunicacional é por natureza interdisciplinar. Por isso, para Donsbach (2006, p. 439) pode-se usar as teorias e métodos de qualquer disciplina que tenha algo com o objeto da Comunicação “como uma ciência sinóptica, usamos o conhecimento de qualquer disciplina”.

É interessante, pois essa visão de Donsbach (2006) aproxima das ideias de Raynaut (2015, p.2), quando diz que “a colaboração entre especialidades distintas representa uma prática cada vez mais frequente, tanto no domínio de produção do conhecimento quanto na sua aplicação no campo das realizações técnicas”. Para o autor, tem sido acirrado o debate da necessidade de se promover, urgentemente, a interdisciplinaridade e concretizá-la nos campos da formação e da pesquisa.

Em outra perspectiva teórica e conceitual, a crítica volta-se ao fato da indefinição do campo e do objeto de estudo da Comunicação. Para muitos pesquisadores como Martino (2016), a interdisciplinaridade impede a constituição de um campo próprio e autônomo.

Acredito que pontos como estes – entender a Comunicação como uma disciplina das ciências sociais, pensar sua epistemologia a partir dessa tradição, destacando a historicidade do objeto de estudo, e em particular, os processos de comunicação tecnológicos como centrais. (MARTINO, 2016, p. 175)

Ainda para Martino (2016, p. 177), “o objeto de estudo não é somente a “coisa estudada”, ele é o modo pelo qual chegamos a ela (recorte, construção do objeto teórico) e como, a partir dela, entendemos os fenômenos (teoria)”.

Nesse aspecto, encontramos aí um objeto de escolha para observar interações sociais. Mais exatamente do que ‘as mídias’, são os processos interacionais mediatizados que alimentam uma forte variedade de alternativas de pesquisa e de produção de conhecimentos (BRAGA, 2016, p. 129)

No que tange a prática da pesquisa científica e a reflexão sobre os seus objetos de estudos, com foco na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, Raynaut (2015) cita Thomas Kuhn (1970), ao propor renovação do pensamento científico. Para Kuhn³³, os fenômenos estudados – como na Comunicação, estão inseridos em épocas e dentro de um contexto cultural mais amplo. Sendo assim, torna-se preciso reorganizar o novo modo de pensar e fazer ciência, a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Essas reflexões dos autores, aqui citados, apontam que a interdisciplinaridade própria da Comunicação deve existir e ser articulada para compreensão de seu próprio objeto, em diálogo com outras áreas do conhecimento. “O alvo comunicacional é compreender os processos pelos quais, ao buscar legitimidade e visibilidade em um contexto social no qual não mais ocupa posição central, a religião se mediatiza” (REGIANI; BORELLI, 2016, p. 73). Sendo assim, a Comunicação não corre nenhum risco em propor o movimento interdisciplinar e metodológico em suas pesquisas voltadas a diferentes objetos do campo, como é o caso de estudos comunicacionais de fenômenos do campo religioso, com foco nas questões tecnológicas – mediatização e na interação social. Como recorda Rubem Alves, é possível o diálogo entre ciência e religião:

A ciência e a tecnologia avançaram triunfalmente, construindo um mundo em que Deus não era necessário como hipótese de trabalho. Na verdade, uma das marcas do saber científico é o seu rigoroso ateísmo metodológico [...] (ALVES, 1981, p. 3)

Portanto, com essa tese espera-se contribuir para uma compreensão do pensamento dos papas (como sujeitos de um discurso eclesial e instituição papal) sobre as tecnologias de comunicação, que poderão vir a somar aos estudos da área, na perspectiva de colaborar para os debates teóricos no campo da Comunicação, por meio da interdisciplinaridade e em diálogo com outras áreas do conhecimento. No próximo capítulo, serão apresentados elementos históricos dos documentos pontifícios.

³³ *The structure of scientific revolutions*. Chicago, University of Chicago Press, 1970. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000188&pid=S0103-4014199300030000400004&lng=en Acesso em: 21 de set. de 2017.

2. IGREJA, DOCUMENTOS E A COMUNICAÇÃO ECLESIAL

2.1. A estrutura do governo da Igreja Católica Apostólica Romana

Com o reconhecimento do Vaticano como Estado independente (1929), no *Tratado de Latrão*³⁴, o governo da Igreja Católica é reestruturado para atender as novas demandas como instituição juridicamente organizada. Viana (2010), com base no Código de Direito Canônico, apresenta a organização do governo da Igreja universal em seis grandes frentes:

- 1) *o romano pontífice* (papa),
- 2) *o colégio episcopal* (bispos, padres e religiosos responsáveis pela supervisão da ação missionária e pastoral da Igreja,
- 3) *o sínodo dos bispos* (reunião convocada pelo papa),
- 4) *o colégio cardinalício* (todos os cardeais),
- 5) *a cúria romana* (jurisdição eclesiástica da Igreja Católica),
- 6) *os dicastérios*, que são os departamentos do governo da Igreja Católica da Cúria Romana, entre eles, a Secretaria de Estado, as congregações, os tribunais eclesiásticos, conselhos, ofícios, comissões e comitês (VIANA, 2010, pp. 149-181)

Subordinados a essa estrutura administrativa, pastoral e formativa – tendo o papa como líder geral, estão os cardeais, arcebispos, bispos, padres e diáconos que ocupam os diferentes níveis da hierarquia da Igreja Católica. Desta forma, o Vaticano para administrar o governo da Igreja pelo mundo, divide cada país em regiões autônomas – as dioceses, que são governadas por um bispo. A Itália, hoje, está subdividida em 16 regiões e 42 províncias eclesiásticas.

O conjunto de dioceses, formam uma arquidiocese (unidade de maior extensão territorial), administrada por um arcebispo – em ambos os casos são nomeados pelo papa. Na prática, a Igreja está organizada por estados (arquidioceses) e cidades (dioceses), com seus ‘governadores’ – arcebispos, e seus ‘prefeitos’ – bispos. A Igreja no Brasil, por exemplo, é composta por 214 dioceses e 44 arquidioceses, sendo a maior circunscrição eclesiástica do mundo – com 18 regionais (bispados) nas principais capitais e cidades brasileiras. O Brasil também possui a maior conferência episcopal, ou seja, a que congrega mais bispos, por meio da CNBB.

³⁴ O Tratado de Latrão é um dos tratados lateranenses, de 1929, realizado entre o Reino de Itália e a Santa Sé, para reconhecimento total da soberania da Santa Sé no estado do Vaticano, regulando a posição da religião católica no Estado, e de convenção financeira para liquidação definitiva das reivindicações da Santa Sé por suas perdas territoriais e de propriedade.

Já as dioceses são compostas por paróquias, onde os vigários paroquiais e padres exercem seus ministérios, sob a orientação dos bispos. O arcebispo nomeado pelo papa possui maiores atribuições na estrutura administrativa da Igreja. Na hierarquia do catolicismo romano, o cardeal é o único membro que está abaixo do papa. Os cardeais compõem o Colégio Cardinalício, responsável por eleger um novo papa, após a morte ou renúncia do antecessor. Em 11 de fevereiro de 2013, o papa Bento XVI reuniu os cardeais em Assembleia para comunicar sua renúncia, que significaria a vitória da ala mais modernista da Igreja, que deseja um papa mais pastoralista e menos doutrinário.

Na estrutura geral do governo da Santa Sé, a Secretaria de Estado é o dicastério da Cúria Romana que acompanha mais de perto o pontífice, no exercício das atividades diárias no Vaticano. Atualmente, o cargo de cardeal secretário de Estado é ocupado pelo italiano, Pietro Parolin. O secretário é o primeiro colaborador do papa no governo da Igreja, assumindo atividades diplomáticas e políticas da Santa Sé, representando, em circunstâncias particulares, o pontífice. Por meio da Constituição Apostólica *Non debet reprehensibile*, de 31 de dezembro de 1487, o papa Inocêncio VIII decretou a criação da Secretaria de Estado (século XV). Abaixo, a organização administrativa da Santa Sé:

FIGURA 8 – Organização do Governo da Igreja no Vaticano

Estrutura de elaboração dos documentos pontifícios



Fonte: Ilustração elaborada pelo autor, 2018, com base nas informações do Vaticano.

A partir desse organograma, é possível entender a estrutura de onde saem os documentos dos papas. Três organismos da Santa Sé centralizam as atividades de comunicação do Vaticano. Em primeiro, está a Secretaria de Estado, que assume função central no encaminhamento dos documentos pontifícios. Depois, vem o *Dicastério para a Comunicação* (nas Secretarias, Figura 1), responsável por acompanhar (prestar consultoria no que tange aos assuntos de comunicação) e supervisionar publicações (documentos) oficiais do papa e, também por definir as estratégias comunicativas da Igreja Católica. Já o *Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais* assume o acompanhamento pastoral dos processos comunicativos da Igreja, produz as mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais e organiza textos de orientações pastorais sobre a comunicação. Esse Conselho foi antecedido pela *Comissão Pontifícia para o Estudo e Avaliação Eclesiástica de Filmes sobre Assuntos Religiosos ou Morais*, criado pelo papa Pio XII, em 30 de janeiro de 1948, por meio da Secretaria de Estado.

Em se tratando de Documentos Pontifícios – primários, a redação é proposta pelo papa e encaminhada com a ajuda de um grupo de cardeais, bispos e leigos consultores-especialistas. Mas, vale lembrar que isso difere muito de cada papa. Paulo VI, por exemplo, tinha o costume de rascunhar todos os seus textos e depois enviar para ajustes. Os textos de João Paulo II eram direcionados pelo cardeal Josef Ratzinger (Bento XVI). Hoje, Francisco, tem optado por também escrever todos os seus documentos, em diálogo com outras comissões do Vaticano. Porém, o texto final tem características próprias da linguagem do papa latino, que prefere falar de forma simples e dialógica.

2.1.1 A Comunicação Organizacional do Vaticano

Na trajetória da Comunicação Organizacional e Pastoral da Igreja, o Vaticano já criou diferentes comissões, como a Instituição da Pontifícia Comissão para a Cinematografia Didática e Religiosa, em 17 de setembro de 1948; que em 1952 foi transformada em Pontifícia Comissão para a Cinematografia. Por decisão do papa Pio XII, foram aprovados os novos estatutos e transformação para Pontifícia Comissão para o Cinema, a Rádio e a Televisão, em 16 de dezembro de 1954.

Além do dicastério, existem o setor de Instituições Ligadas à Santa Sé, onde estão subordinadas as atividades do Arquivo Secreto do Vaticano e Biblioteca Apostólica Vaticana. Em 2015, em forma de *Motu próprio*, ‘O atual contexto comunicativo’, o papa Francisco instituiu a Secretaria para a Comunicação, para unificar os trabalhos da área. O

Dicastério da Cúria Romana tem reorganizado todo o processo de comunicação do Vaticano, com a inserção de novos departamentos como Serviço de Internet do Vaticano (mídias digitais, redes sociais, sites e outras plataformas de áudio e vídeo – via *streaming*), site web institucional da Santa Sé: www.vatican.va e o Twitter do Papa: @pontifex.

FIGURA 9 – Dicastério para a Comunicação



Fonte: Ilustração elaborada pelo autor, 2018, com base nas informações do Vaticano.

Todas essas frentes de trabalho, ligadas à Cúria Romana, sempre foram coordenadas e administradas por cardeais, bispos, padres e religiosos, conforme abaixo:

QUADRO 1 - Membros da Secretaria para a Comunicação – 2018

Cardeais
• Béchara Boutros Raï, Patriarca de Antioquia dos Maronitas (Líbano)
• John Njue, Arcebispo de Nairóbi (Quênia)
• Chibly Langlois, Bispo de Les Cayes (Haiti)
• Charles Maung Bo, Arcebispo de Rangum (Myanmar)
• Leonardo Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais
• Beniamino Stella, Prefeito da Congregação para o Clero
• Thomas Aquino Manyo Maeda, Arcebispo de Osaka (Japão)
• Béchara Boutros Raï, Patriarca de Antioquia dos Maronitas (Líbano)
• John Njue, Arcebispo de Nairóbi (Quênia)
• Chibly Langlois, Bispo de Les Cayes (Haiti)

Arcebispos e bispos
• Diarmuid Martin, Arcebispo de Dublin (Irlanda);
• Gintaras Grušas, Arcebispo de Vilnius (Lituânia);
• Marcello Semeraro, Bispo de Albano (Itália);
• Stanislas Lalanne, Bispo de Pontoise (França);
• Pierre Nguyễn Văn Kham, Bispo de My Tho (Vietnã);
• Ginés Ramón García Beltrán, Bispo de Guadix (Espanha);
• Nuno Brás da Silva Martins, Bispo tit. de Elvas, Auxiliar de Lisboa (Portugal);
• Diarmuid Martin, Arcebispo de Dublin (Irlanda);
• Gintaras Grušas, Arcebispo de Vilnius (Lituânia);
Profissionais e docentes
• Sra. Kim Daniels, Consultora da Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América para a Comissão ad hoc sobre a liberdade religiosa.
• Sr. Markus Schächter, Professor de ética nos mass media e na sociedade, na Faculdade de Filosofia S.I. de Munique (Alemanha).
• Sra. Leticia Soberón Mainero, psicóloga e perita em comunicação, ex-Consultora do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (México e Espanha).
• Sra. Kim Daniels, Consultora da Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América para a Comissão ad hoc sobre a liberdade religiosa.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, com informações do Vaticano, 2018.

Mas, pela primeira vez o papa Francisco nomeou um leigo como prefeito do estratégico Dicastério para a Comunicação do Vaticano, em julho de 2018. O indicado foi jornalista Paolo Ruffini, 61 anos, casado, formado em Direito, pela Universidade La Sapienza de Roma. Ele ocupava o cargo de diretor da TV2000, rede de televisão da Conferência Episcopal Italiana.

A atitude do papa Francisco rompeu com a normalidade das nomeações para os dicastérios, até então assumidos por cardeais e bispos. No entanto, essa decisão do papa pode ter sido uma jogada política, após o arcebispo Carlo Maria Viganò, ex-núncio apostólico nos Estados Unidos, se demitir do cargo de prefeito do Dicastério, em março deste ano. O então ‘ministro de comunicação’ do Vaticano foi acusado pela imprensa de manipular uma carta de Bento XVI sobre o papa Francisco, omitindo trechos da mensagem do papa emérito, que se nega a escrever um prólogo por razões de ‘saúde e de tempo’. O fato aconteceu meses após o papa Francisco divulgar mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, propondo reflexão sobre os perigos das *fake* (fatos).

O chamado Dicastério para a Comunicação já existiu durante as atividades do Concílio Vaticano II, denominado de Secretariado Preparatório para a Imprensa e Espectáculos. Foi esse o Secretariado responsável por elaborar o texto base sobre a Comunicação Social, que foi submetido para avaliação dos padres conciliares, sob o título *de instrumentis diffusionis*, seu *communicationis socialis*. Após aprovação, foi publicado com o título de *Inter Mirifica*, como será explicado a seguir.

2.1.2. O primeiro decreto conciliar sobre a comunicação: o *Inter Mirifica*

[...] o decreto *Inter Mirifica* foi preparado antes da primeira sessão do Vaticano II pelo Secretariado Preparatório para a Imprensa e Espectáculos (novembro de 1960 a maio de 1962). O esboço do documento foi aprovado pela Comissão Preparatória Central do Concílio. Posteriormente, em novembro de 1962, o documento foi debatido na primeira sessão do concílio e o esquema, aprovado, mas o texto foi considerado muito vasto. A drástica redução do texto é penetrada de profundas conotações e deixa margem para as mais variadas conclusões. Durante o primeiro período conciliar, o texto de 114 artigos foi reduzido para 24 artigos e submetido novamente à assembleia em novembro de 1963. A apuração dos votos registrou 1598 “sim” contra “503 “não”. Entretanto, ao contrário de demonstrar que isto seria um “ganho folgado”, é preciso relevar que o *Inter Mirifica* foi o documento do Vaticano II aprovado com o maior número de votos contrários (PUNTEL, 2003)³⁵

As observações de Puntel são pertinentes nesse cenário de compreensão da narrativa histórica da Igreja no âmbito da comunicação eclesial. Por ser, este, o primeiro documento oficial do Vaticano sobre os meios de comunicação social, os bispos arriscaram nas terminologias para se referirem aos novos meios tecnológicos da época. A palavra ‘social’ agregada à ‘comunicação’ foi proposta na redação do *Inter Mirifica*, em 1961, pois o episcopado compreendia que os meios de comunicação tinham um importante papel social’, além disso, a terminologia estava associada à doutrina social da Igreja, formada por numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas.

De acordo com Baragli (1974), foram muitas as incertezas do Secretariado Preparatório para a Imprensa e Espectáculos na preparação do texto base. O esquema final foi chamado *De Instrumentis Communicationis Socialis* (Instrumentos de Comunicação

³⁵ Texto publicado originalmente na Revista ESPAÇO, do Instituto de Estudos Superiores (ITESP) – S. Paulo, dezembro 2003. Disponível em: <https://paulinascursos.com/inter-mirifica-a-comunicacao-pela-primeira-vez-num-concilio/> Acesso em: 16 de nov. de 2018.

Social), terminologia que permaneceu fixa e exclusiva, e nos 24 números é repetida 35 vezes – na primeira versão do texto do *Inter Mirifica*. Já o texto final, publicado em 1966, a terminologia ‘instrumentos’ não aparece mais, sendo substituída por ‘meios’. A ‘técnica’ é usada como referência ‘as invenções técnicas’ – as novas tecnologias da época, como cinema, rádio e TV. Abaixo, a incidência dos termos no *Inter Mirifica*:

- difusão (1)
- técnica (5)
- meios (45)
- meios de comunicação (16)
- meios de comunicação social (16)

Padre Enrico Baragli, sacerdote jesuíta, escreveu centenas de livros sobre a comunicação na Igreja Católica, e participou das discussões no Concílio Vaticano II. Especificamente, sobre o *Inter Mirifica*, ele explica que na escolha das terminologias presentes do Decreto, assinado pelo papa Paulo VI, também foram observadas a incidência sobre questões específicas de doutrina e de competências da Igreja, examinando bem a fluência de cada termo. Os comentários de Baragli foram traduzidos da versão italiana do livro *Comunicazione e Pastorale*, Studio Romano, Roma (1974):

INSTRUMENTOS quer colocar em relevo o componente notavelmente técnico que o distingue dos meios de comunicação tradicionais, que eram pouco (a imprensa, os manuscritos) ou nada (a palavra falada), técnicos (Cfr. Specchietto a pag. 29). Mas, também – a diferença de *Techniques* – o termo indica que estes meios se encontram na mesma linha de causa eficiente (secundária) – a Escolástica causa *instrumentalis* – na mão do homem, além do plano psico-sociológico, também sobre aquele moral e pastoral;

COMUNICAÇÃO: se intende a intencionalidade, aquela descrita acima, aquela para a qual estes instrumentos, em sua natureza, são ordenados. Se exclui assim tanto as invenções tecnológicas que não servem “para comunicar” (por exemplo, aquelas que usam novas fontes energéticas, as técnicas cirúrgicas...), quanto os meios de transporte de coisas e de pessoas (ferrovias, aviões, os Correios), mesmo se, de fato, digam e são, mas em outro sentido, vias e meios “de comunicação”.

SOCIAL: este termo – que acumula, melhorando, o quanto em parte significava o termo “difusão”, “coletivas” e “massa” – requer um esclarecimento maior. Cada comunicação intencional deve ser considerada como um fato social; e, em particular, é um fato social a linguagem enquanto o indivíduo a recebe (a língua) elaborada pela vida do grupo ao qual pertence, ou ao qual ele quer pertencer; e sobretudo porque mediante a língua, o indivíduo se assimila ao grupo aceitando a comum *forma mentis* (parte da aculturação). Todavia, na terminologia do Decreto, social tem valor antonomástico (um pouco como *religiosos*

no Direito Canônico). E isso em dois sentidos. Em primeiro lugar quer significar que aqueles instrumentos, por sua natureza, fazem comunicar, não tanto os indivíduos singulares ou pequenos grupos, “primários” (tal como era na comunicação interpessoal dos meios tradicionais), mas vastíssimos grupos humanos; mais ainda, tendencialmente, toda a humanidade, fazendo-a viver experiências coletivas – o “diálogo do mundo”- a indivíduos e grupos também muito distantes entre eles no espaço. Em segundo lugar, e sobretudo, significa que estes instrumentos são fatores muito eficazes de socialização e juntamente com isso, são a comunicação típica de complexos humanos já fortemente socializados; entendendo por socialização (*socialium rationum incrementa*), segundo a definição dada em *Mater et Magistra* (n.58) e tirada de vários documentos do Vaticano II (BARAGLI, 1974, pp. 44-46, grifos nossos)

Se o termo ‘instrumentos’ considera os componentes notavelmente técnico, já a ‘comunicação’, exclui tanto as invenções tecnológicas que não servem “para comunicar”, mesmo que sejam vias e meios ‘de comunicação’, quanto aos meios de transportes. Já a terminologia ‘social’ no Decreto, tem valor religioso, a partir das orientações do Direito Canônico, e fazendo referência a definição dada na encíclica *Mater et Magister*³⁶ (Mãe e Mestre) do papa João XXIII (1961). Foram 121 citações do ‘social’.

Porém, os ensinamentos sobre a matéria social foram abordados nos documentos dos papas sucessores de Leão XIII (1878-1903). Por meio de suas doutrinas sociais e econômicas, Leão XIII argumentava a falha do capitalismo e do comunismo, ficando conhecido como o ‘papa das encíclicas sociais’. Ao todo, escreveu 87 encíclicas, com citação da Doutrina Social da Igreja Católica. Em 1888, o papa leonino enviou a princesa Isabel, uma rosa de ouro, após a alteza imperial ter publicado a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil.

Muitas terminologias usadas nas encíclicas sociais de Leão XIII, aparecem no Decreto *Inter Mirifica*. Na encíclica *Rerum Novarum*³⁷ (Das Coisas Novas), de 1891, o papa já falava do progresso da indústria, do comércio e da agricultura (item 18) e progresso de toda a sociedade humana (item 5). Como, também, na encíclica *Libertas Praestantissimum*³⁸ (A liberdade humana), em 1888, ao defender a liberdade de progresso do trabalho. Mas, Leão XIII, proibiu qualquer autorização sobre outras liberdades: ‘*Itaque*

³⁶ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html Acesso em: 16 de nov. de 2018.

³⁷ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html Acesso em: 17 de nov. de 2018.

³⁸ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/la/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_20061888_libertas.html Acesso em: 17 de nov. de 2018. Tradução em português: <https://www.capela.org.br/Magisterio/LeaoXIII/libertas.htm>

ex dictis consequitur, nequaquam licere petere, defendere, largiri, cogitandi, scribendi, docendi, itemque promiscuam religionum libertatem’ (*Libertas*, Leão XIII, 1888) – ‘não a liberdade de pensamento, de imprensa, do ensino e da liberdade de religião’.

Destas considerações segue-se, portanto, que de nenhum modo é permitido pedir, defender ou conceder sem discernimento a liberdade de pensamento, de imprensa, de ensino, de religião, como se fossem outros tantos direitos que a natureza conferisse ao homem (*Libertas Praeantissimum*, Leão XIII, 1888)

Se por um lado, este papa avançou no pensamento sobre o papel social da Igreja e do Estado, retrocedeu muito, rompendo com o princípio e condição da natureza humana: a liberdade de ser. Hoje, Leão XIII seria morto em praça pública, se continuasse a pregar ‘a não liberdade’, em um mundo sufocado por proibições. Os documentos escritos pelos papas possuem caráter de ‘leis eclesiais universais’, além de influenciarem na vida da sociedade, como serão explanados no próximo item.

2.1.3. Os documentos pontifícios como processos de comunicação

A bula papal é considerada um dos documentos mais antigos, com força de lei eclesial. Esse instrumento de comunicação do papa pode ser utilizado para conceder graças e indulgências, além de atos administrativos da Santa Sé, como a criação de dioceses. A bula *Dum Diversas*, enviada pelo papa Nicolau, em 18 de junho de 1452, ao rei Afonso V de Portugal, o pontífice afirma:

[...] outorgamos por estes documentos presentes, com a nossa Autoridade Apostólica, permissão plena e livre para invadir, buscar, capturar e subjugar sarracenos e pagãos e outros infieis e inimigos de Cristo onde quer que se encontrem, assim como os seus reinos, ducados, condados, principados, e outros bens [...] e para reduzir as suas pessoas à escravidão perpétua (*DUM DIVERSAS*, 1452, bula)

A bula do papa foi muito criticada, pois dava indícios de apoiar a escravatura ou tráfico negreiro, conforme os trechos destacados acima. Em maio de 2011, o programa ‘Domingo Espetacular’, da Rede Record, falou sobre a escravidão no Brasil, e citou a bula *Dum Diversas*, reforçando a ideia de o papa ter apoiado a escravatura.

Em ‘Uma breve história do livro’, Israel Foguel (2016), relata que em 1955, Gutenberg tentou imprimir às pressas as *Cartas de indulgência* do papa Nicolau V, de

venda rápida, mas não escapou à falência. Pode-se dizer, que esse seria o primeiro documento impresso de um papa da Igreja Católica, com a nova técnica da prensa.

Muitas vezes com linguagem rebuscada (doutrinal) e com diferentes ângulos de interpretação, os documentos pontifícios – como as encíclicas, em sua grande maioria, tratam de assuntos doutrinários, disciplinares e governamentais – muitas vezes utilizados pelos papas da idade média para aplicar sensações e excomunhões. Por adquirirem caráter de respeito e acatamento (cf. *Aeterni Patris*) – sob a autoridade da infalibilidade papal, os documentos, quando publicados e divulgados ao mundo, ganham visibilidade imediata, gerando aceitação, divergências e questionamentos.

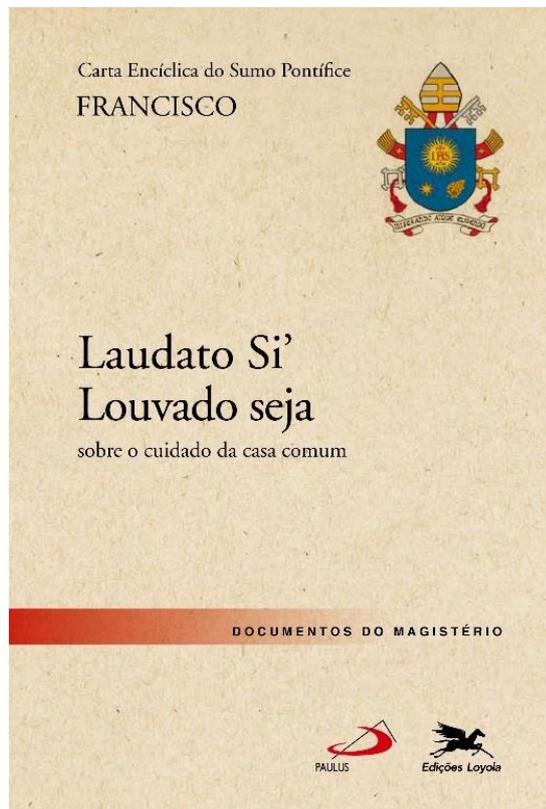
Os últimos papas, sendo João Paulo II, Bento XVI e o atual, Francisco; possuem características bem diferentes nos textos oficiais. João Paulo II, em 25 anos de pontificado (1978-2005), produziu muitos documentos, nos quais tratou dos meios de comunicação com um olhar mais uma visão mais política e utilitária. O papa desejava que a Igreja usasse das tecnologias da comunicação para um único fim: a evangelização dos católicos. Foram 339 discursos, 22 encíclicas, 30 exortações apostólicas, 142 mensagens e 2 *motu proprio*. Mas, os textos de João Paulo II eram, na verdade, encaminhados pelo então cardeal Joseph Ratzinger e prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, responsável pelo arcabouço doutrinal/institucional desenhado por João Paulo II e seu braço direito, e que seria o sucessor no trono petrino. Esta Congregação é conhecida como inquisidora, por ter excomungado muitos padres, freiras e leigos pelo mundo.

Ao ser eleito pelo conclave, em 2005 (com fortes indicações de João Paulo II, no seu memorial escrito antes de sua morte), o agora papa Bento XVI iniciou uma jornada profícua de produções de documentos oficiais, na mesma direção dos pensamentos de seu antecessor. Com oito anos de pontificado, interrompido com a renúncia, em 2013, Bento XVI escreveu 106 discursos, 3 encíclicas, 5 exortações apostólicas, 30 mensagens e 1 *motu proprio*, nos quais tratou da comunicação eclesial, mídias digitais e das tecnologias de comunicação com um entendimento mais doutrinal, próprio da postura de um teólogo conservador como Ratzinger. Os documentos de Bento XVI sobre as tecnologias estão fundamentados na dimensão ‘teológica das mídias de comunicação’. Desta forma, em seus escritos sempre destacou a importância dos *mass media* estarem pautados no exercício da verdade, da comunhão e da autenticidade – como sendo novos espaços para a evangelização – seguindo os pensamentos de João Paulo II.

Ao chegar ao papado, Francisco inicia uma nova trajetória comunicacional, utilizando os documentos pontifícios como meios de comunicação para aproximação com

os fiéis. Optou, em seus documentos, usar linguagem mais simples e de fácil entendimento, características próprias de um papa latino-americano que viveu grande parte do seu episcopado com o povo humilde de Buenos Aires. *Lumen fidei* (A luz da Fé) foi a primeira encíclica do papa Francisco, publicada em 2013. Posteriormente, em 2015, escreveu a encíclica *Laudato Si'* (Louvado Seja) – sobre o cuidado com a casa comum. Ao todo, o papa já produziu 132 discursos, 2 encíclicas, 4 exortações apostólicas, 68 mensagens e 6 *motu proprio*, com referências as tecnologias de comunicação.

FIGURA 10 – Encíclica mais recente de Francisco



Fonte: Ilustração da internet, 2018.

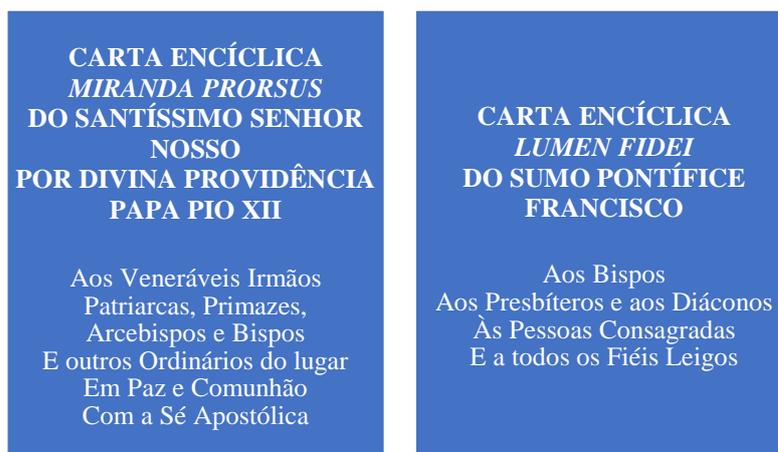
Os textos dos papas, como as encíclicas, por exemplo, não têm uma quantidade de folhas determinada. Depende muito do assunto abordado e do tipo de mensagem que o papa deseja encaminhar ao mundo. A *Laudato Si'* tem 192 páginas, na versão digital,³⁹ disponibilizada no site do Vaticano. As primeiras encíclicas dos papas eram textos corridos, com mais laudas, e muitas vezes sem uma divisão e organização dos assuntos.

³⁹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf Acesso em: 03 de nov. de 2018.

Com os avanços da tipografia e técnicas de redação, as narrativas dos documentos foram sendo aperfeiçoadas, principalmente no que diz respeito a estruturação dos escritos papais. Hoje, a percepção é de textos mais concisos, objetivos e com linguagem mais acessível e, mais bem organizados, por tópicos e assuntos.

Uma diferença está na saudação do papa, no texto introdutório da encíclica, e como ele se apresenta ao mundo. Veja dois exemplos abaixo:

FIGURA 11 – Saudações dos papas nas encíclicas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Quem são os destinatários/receptor dos documentos dos papas? Para quem eles falam? Na primeira saudação da encíclica *Miranda Prorsus*, ‘sobre a cinematografia, a rádio e a televisão’ (cf. documento), o papa Pio XII não inclui os leigos, ao destinar a sua mensagem. Já Francisco, em *Lumen Fidei* – sua primeira encíclica, envia a carta, também, a ‘todos os fiéis leigos’, além da hierarquia da Igreja, bispos, presbíteros e religiosos. Pode parecer algo irrelevante, mas a forma de comunicar de Francisco tem mudado as relações de comunicação com a Igreja e com o mundo.

Em coletiva de imprensa, no dia 27 de setembro de 2015, durante voo de retorno de viagem apostólica aos Estados Unidos, o papa Francisco recordou como eram assinados os primeiros documentos da Igreja pelos papas:

Sabes qual era o título que usavam os papas, e que se deve usar? “Servo dos servos de Deus”. É um pouco diferente de estrela. As estrelas são bonitas quando as olhamos; eu gosto de olhar para elas, quando o céu está sereno no verão...Mas o papa deve ser – deve ser! – o servo dos servos de Deus. Sim, nas mídias, usa-se isso; mas há outra verdade:

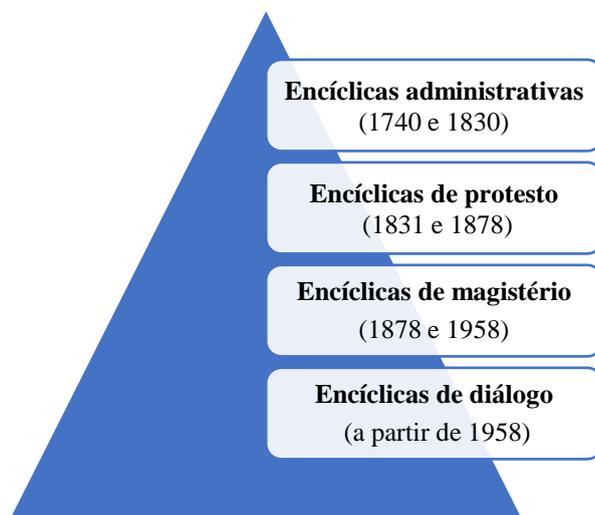
quantas *star* (estrelas) vimos nós, que depois se apagam e caem. É uma coisa passageira. Pelo contrário, ser servo dos servos de Deus, isto é belo! Não passa (PAPA FRANCISCO, 2015)

A forma como o papa se apresenta ao mundo como ‘servo’, e essa relação entre emissor-receptor (destinatários) tem mudado no atual pontificado. Ao proferir discursos e escrever os documentos pontifícios, o papa fala com linguagem simples. São textos de diálogo, como recorda Viganò (2017, p.32): [...] “o discurso falado é a primeira categoria da comunicação do papa Francisco: porque é discurso dialógico que implica e torna possível a mudança”.

Ainda, de acordo com Viganò, o papa confia à escrita textos e documentos específicos como no caso das encíclicas ou das exortações apostólicas. Mas, no dia a dia, não gosta de ler textos que preparou e prefere falar de modo improvisado, no diálogo.

Sugerindo uma classificação das encíclicas dos papas, o pesquisador Carlo Falconi (1965), ao estudar a *Storia delle encicliche* (História da Encíclica), definiu uma tipologia cronológica e sistemática, que pode ser aplicada neste estudo para compreensão das fases dos documentos pontifícios, como a atual fase de ‘diálogo’ de Francisco:

FIGURA 12 - Tipologia dos documentos pontifícios, por períodos dos pontificados



Fonte: Ilustração elaborada pelo autor, 2018, conforme Falconi (1965).

Atualmente, a classificação do Vaticano define oito tipos de documentos pontifícios, são eles: Carta, Carta apostólica, Constituição apostólica, Discurso, Encíclica, Exortação apostólica, Mensagem e *Motu proprio*. Para esse estudo, foram identificados na Biblioteca Virtual do Vaticano, <http://gsearch.vatican.va>, todos esses tipos de

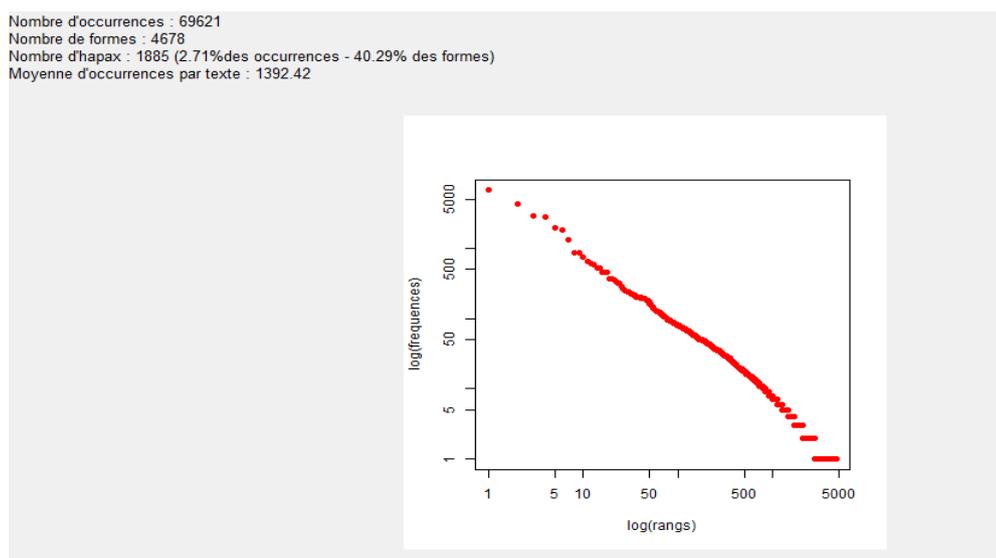
documentos publicados entre os Concílios Vaticano I e II (1868-1963), e no decorrer dos pontificados de Pio XI a Francisco (1922-2013).

O *corpus* bruto, com todos esses documentos coletados, passaram pelo software IRAMUTEQ, para leitura sistemática de todos os textos coletados no site do Vaticano e decodificados pelo sistema, por **Análises lexicográficas clássicas** – (unidades de texto), Figura 14, que identifica a quantidade de palavras, frequência média e hapax (palavras com frequência um). A sistematização resultou em 69.621 ocorrências e 1885 palavras.

FIGURA 13 – Software IRAMUTEQ 0.7 para sistematização dos termos da comunicação

num	eff. st.	eff. total	pourcentage	chi2	Type	forme	p
74	10	29	34.48	11.18	adv	tão	0.00082
217	7	27	25.93	3.66	ver	transmitir	NS (0.05581)
65	30	127	23.62	12.12	ver	tornar	0.00049
172	6	20	30.0	4.75	ver	tomar	0.02928
286	20	95	21.05	4.96	nom_s...	tempo	0.02586
126	5	13	38.46	7.03	adj	tecnológico	0.00802
2	21	39	53.85	55.82	nom	tecnologia	< 0,0001
131	5	13	38.46	7.03	adv	talvez	0.00802
287	12	55	21.82	3.4	pro_ind	tal	NS (0.06506)
79	6	14	42.86	10.47	ver	sustentar	0.00121
146	4	10	40.0	6.08	ver	surgir	0.01366
269	2	6	33.33	2.04	ver	supor	NS (0.15307)
71	4	7	57.14	11.51	adj	suficiente	0.00069
279	52	280	18.57	7.44	pro_pos	sua	0.00637
145	4	10	40.0	6.08	nom	som	0.01366
223	3	9	33.33	3.07	nom	solução	NS (0.07988)

FIGURA 14 – Análises lexicográficas clássicas dos termos com hapax



Fonte: Ilustrações capturas da tela do sistema, 2018.

Vale ressaltar que o software não é de fácil utilização, pois exige, antes, ‘tratamento’ dos textos, para ser lido e decodificado pelo sistema (como explicado no capítulo *Preparação do corpus textual para análise*). Primeiro foi necessário extrair os 886 documentos selecionados dos papas do site do Vaticano e, posteriormente, retirar a formatação HTML de todos os textos e códigos fonte, indexações e notas de rodapé. O IRAMUTEQ 0.7, por ser um software livre, trabalha vinculado ao OpenOffice ou LibreOffice, e não opera com o Pacote Office (Doc.Word, Excel, WordPad ou Bloco de notas), pois esses programas produzem *bugs* com o Unicode (UTF-8).

Na próxima etapa, será explicado e apresentado um panorama dos documentos pontifícios, organizados, agora, por categorias propostas para esse estudo, são elas: 1) documentos doutrinários, 2) documentos administrativos, 3) documentos normativos, 4) documentos convencionais e 5) documentos disciplinares.

3. PANORAMA DOS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS – SÉCULOS XIX A XXI

Em 1973, frei Romeu Dale⁴⁰ realizou a primeira pesquisa sobre os documentos pontifícios, denominada ‘Igreja e comunicação social’, publicada pelas Edições Paulinas, com apresentação do professor José Marques de Melo. O religioso fez levantamento dos principais documentos dos papas publicados a partir de 1450, com a invenção da tipografia por Gutemberg, até 1972.

O estudo reuniu textos pontifícios dos séculos XV a XIX, organizados em seis fases, conforme Dale (1973): 1ª) Censura e proibição de livros impressos – *Inter Multiples*, Constituição Apostólica de Inocêncio VIII – 1487; 2ª) Exame prévio dos livros a imprimir – *Inter Sollicitudines* – Constituição Apostólica de Leão X – 1515; 3ª) Catálogo de livros proibidos – *Dominici Gregis* – Constituição de Pio IV – 1564, Observações sobre a quarta e a nona regra – Papa Clemente VIII – 1592, Observação à Regra X – Papa Alexandre VII – 1655; 4ª) Censura prévia e proibição de livros – *Sollicita Ac Provida* – Constituição de Bento XIV – 1753; 5ª) Catálogo de proposições condenadas – *Syllabus* – Proposição condenada pela Encíclica Quanta Cura – Pio IX – 1864; e 6ª) Primeira audiência de um papa a jornalistas – proibição e censura de livros, *Officiorum Ac Munerum* – Constituição Apostólica de Leão XIII – 1877.

Já em 2003, por comemoração dos 40 anos do Decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social, a religiosa Ir. Noemi Dariva, da Congregação das Irmãs Paulinas, organizou também uma publicação com documentos da Igreja Católica sobre a comunicação, entre eles, os textos pontifícios: duas encíclicas, *Vigianti Cura* sobre o cinema e *Miranda Propus* sobre o cinema, rádio e televisão. O livro contém 616 páginas, dividido em seis partes: 1ª) Cartas encíclicas, decretos e instruções sobre as comunicações sociais, 2ª) Mensagens dos papas por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais (1967-2003), 3ª) A comunicação social em outros documentos do Concílio Vaticano II, 4ª) A comunicação social em alguns documentos da Igreja, 5ª) A comunicação social nos documentos da Igreja na América Latina, e 6ª) A comunicação social nos documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

⁴⁰ Frei Romeu Dale foi subsecretário nacional teologia e subsecretário de opinião pública da CNBB, secretário-executivo da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social e assessor do DECOS (Departamento de Comunicação Social do CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano).

Ambas as pesquisas, de Dale (1972) e Dariva (2003), concentraram-se no mapeamento e sistematização dos documentos, sem análise de conteúdo. São levantamentos com materiais importantes para pesquisa e consulta.

De propósito, não quisemos analisar especificamente nenhum deles, nem tampouco formular uma apreciação nossa: os documentos são publicados na íntegra, num período de cinco séculos para os textos pontifícios. Eles falam por si próprios (DALE, 1972, p. 15, grifos nossos).

Diferente do pensamento de Dale, muitos dos documentos pontifícios ‘não falam por si’, sendo preciso interpretação e análise do que está sendo proposto pelos papas. Assim, esse presente estudo, além do mapeamento, também analisa os documentos papais, na tentativa de um entendimento na esfera de sentido dos textos. Moreira (2012, p. 275), sobre a Pesquisa documental, recorda que o “percurso do pesquisador costuma ser solitário na busca e consulta de documentos. Ou pode representar uma forma de dialogar com o material pesquisado”. Para esse estudo, foram mais de nove meses de coleta de dados, pesquisas virtuais e físicas, além de arquivos públicos informatizados, como site www.dominiopublico.gov.br.

O site do Vaticano, contém acervo rico dos documentos dos papas (www.vatican.va/offices/papal_docs_list), mas nem todos os textos, em versão original no italiano, estão traduzidos para língua portuguesa. Sendo assim, alguns textos mais antigos, dos papas Pio XI, Pio XII, João XXIII e Paulo VI, foram consultados em livros, nas publicações impressas de editoras católicas como Vozes, Paulus e Edições CNBB.

Portanto, essa pesquisa documental só é possível graças ao trabalho das editoras, em imprimir esses textos oficiais e, com os avanços das tecnologias, possibilitou o processo de digitalização, como recorda Lévy (1993, p. 59)

A impressão permitiu que as diferentes variantes de um texto fossem facilmente comparadas. Colocou à disposição do erudito traduções e dicionários. As cronologias começaram a unificar-se. A crítica histórica e filológica começou, portanto, a ser exercida, inclusive sobre os textos sagrados.

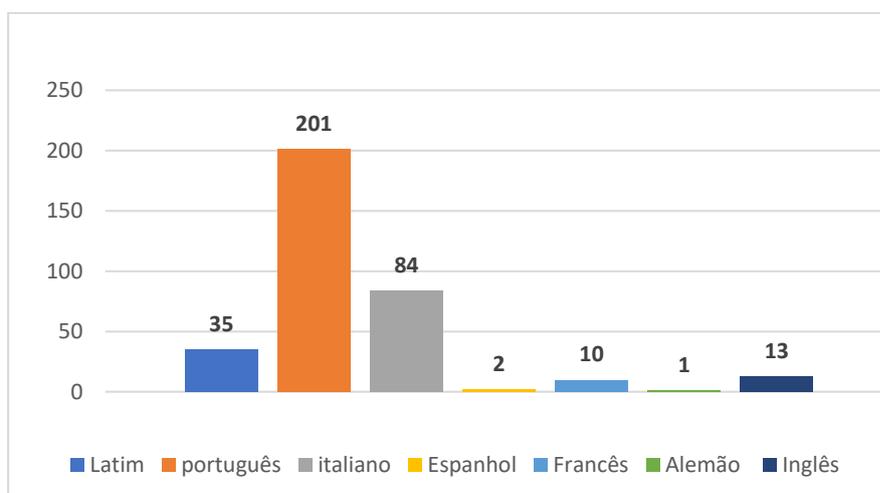
A Biblioteca do Vaticano (<http://digi.vatlib.it/>), criada em 1451, pelo papa Nicolau V, bibliófilo (coleccionador de livros), vem disponibilizados diversos documentos antigos da Igreja, que foram digitalizados e agora podem ser utilizados para pesquisa, sendo um total de mais de um milhão de livros, da era pré-cristã à contemporânea.

Para esse estudo, o motor de busca do Vaticano (<http://gsearch.vatican.va>) selecionou os documentos digitais que apresentaram os conceitos chaves pré-definidos para esse estudo (Apêndice 3): (*tecnologia, tecnologias de comunicação, meios técnicos, técnicas modernas e meios de divulgação*). Esses textos estavam em um/ou mais dos sete idiomas: Inglês dos EUA, Latim, Italiano, Português (Brasil), Francês, Alemão e Espanhol. Por isso, além da busca em português, também foi utilizado o termo ‘tecnologia’, em quatro idiomas, para filtrar os documentos: TECNICI (italiano), TECHNICARUM (latim), TECHNIQUES (francês) e TECHNOLOGY (inglês). Nesses idiomas, a tradução de ‘técnica’ está diretamente associada as ‘tecnologias’, ‘técnicas modernas’ ou ‘meios técnicos’.

Os documentos escritos por Pio XI, em sua grande maioria, está apenas em Latim, como por exemplo os *Motu proprio*, Constituições Apostólicas e Cartas Apostólicas. Já os discursos de Pio XI estão todos, em italiano. A partir do pontificado de João Paulo II, os documentos oficiais são traduzidos nos principais idiomas. Dos documentos mapeados: em latim – 38, italiano – 84, espanhol – 2, francês – 10, alemão 2 -, inglês 13, e 201 – português. Esse total de 346, está dentro do *corpus* de 886. Contudo, a duplicação de um mesmo documento, em dois/três idiomas, acaba por triplicar esse total de 346.

Nos pontificados de Pio XI e Pio XII, anterior ao Concílio Vaticano II, o idioma oficial da Igreja era o latim. Para ter acesso aos discursos dos papas pré-conciliares, era precisa entender latim ou contar com a ajuda de tradutores, que geralmente eram padres e religiosos das paróquias. No gráfico, a representatividade dos idiomas nos discursos:

GRÁFICO 1 – Idiomas dos Documentos Pontifícios mapeados



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Na busca virtual, os textos não localizados em português, foram descartados nessa primeira etapa da coleta de dados, por dificuldades de tradução. Também, não foi utilizado o motor de tradução do site, por não apresentar traduções exatas, mas genéricas, e que poderiam interferir no resultado da análise do *corpus*. No tratamento documental, os textos foram organizados por fases (1) e tipos (2), sendo que cada papa representa uma fase que compreende o período do seu pontificado. Posteriormente, os documentos separados de acordo com suas finalidades (3), ficando assim, por exemplo:

- *Papa Pio XII – (1939-1958) – Encíclica – Documento doutrinário.*

No percurso da pesquisa documental online, houve resultados equivocados, como foi o caso da encíclica *Vigilanti Cura* (1936) sobre o cinema, de Pio XI. Na versão em português desta carta, o papa cita um trecho de sua outra encíclica, a *Divini Illius Magistri* (1929), acerca da educação cristã da juventude. O texto original, em italiano, traz o termo ‘*potentissimi mezzi di divulgazione*’ (poderosos meios de divulgação), referindo-se as então tecnologias da época. A tradução automática do site, o mesmo termo aparece como ‘*Esses poderosos meios de disseminação*’. Já a tradução do Vaticano (PT) deturpa ainda mais o sentido da expressão, ao definir como ‘*potentísimos meios de vulgarização*’.

Trecho em italiano – original (1929)

Questi potentissimi mezzi di divulgazione (come il cinema), che possono riuscire, se ben governati dai sani principi, di grande utilità all'istruzione ed educazione, vengono purtroppo spesso subordinati all'incentivo delle male passioni ed all'avidità del guadagno.

Trecho em português, com tradução do Vaticano (1929)

Estes potentísimos meios de vulgarização que podem ser, se bem dirigidos pelos sãos princípios, duma grande utilidade para a instrução e educação, aparecem infelizmente, na maior parte das vezes, como incentivos das más paixões e da avidez do lucro.

Trecho em português, com tradução do site (automático)

Esses poderosos meios de disseminação, que podem ter sucesso, se bem governados por princípios sólidos, de grande utilidade para a educação e a educação, estão, infelizmente, frequentemente subordinados ao incentivo de más paixões e à ganância por lucro.

Na encíclica de 1929, o papa referiu-se aos meios, como ‘*potentísimos meios de vulgarização*’. Já em 1936, citando o mesmo trecho, em nova encíclica, a expressão é modificada para ‘*poderosos meios de disseminação*’. Contudo, a versão em italiano está

mais próxima da tradução exata: *'potentissimi mezzi di divulgazione'*. A análise da tradução do trecho completo, renderia outra tese, pois apresenta muitas divergências. Assim, optou-se pelas traduções em português e espanhol, pela proximidade do idioma.

Por isso, com base nos parâmetros da Pesquisa Documental e para evitar riscos metodológicos, optou-se por definir as cinco categorias de palavras-chaves (*tecnologia, tecnologias de comunicação, meios técnicos, técnicas modernas, técnicas de comunicação e meios de divulgação*), verificando após a coleta dos dados, se as traduções em português, estão no mesmo núcleo de sentido das traduções em outros idiomas. O contrário disso, poderia mudar todo o caminho da Análise de Conteúdo, que levaria para um outro universo de compreensão e entendimento acerca do 'que pensam os papas sobre as tecnologias de comunicação'. A primeira coleta virtual dos documentos no motor de busca do Vaticano, resultou em textos diversos, com citações sobre as tecnologias. Esse *corpus* bruto quantitativo (na Tabela 8), foi delimitado para esse estudo, para três tipos de documentos *Encíclica, Discurso e Mensagens*.

TABELA 8 – Levantamento geral dos Documentos Pontifícios
Sistematização dos termos e derivações das tecnologias de comunicação

<i>DOCUMENTOS</i>					
<i>Classificação</i>	tecnologias	meios técnicos	meios de comunicação	técnicas modernas	meios divulgação
Ângelus	54	-	-	4	-
Audiência	45	-	-	-	-
Carta	110	2	-	-	-
Carta apostólica	18	2	-	-	-
Concílio Vaticano II	2	1	7	1	-
Constituição apostólica	12	-	-	-	-
Discurso	1665	46	-	32	-
Encíclica	67	11	-	6	2
Exortação apostólica	78	-	-	-	-
Homilia	121	-	-	2	-
Mensagem	395	-	-	13	-
<i>Motu proprio</i>	14	-	-	-	-
Sínodo dos Bispos	-	-	45	-	-
Total de citações	2581	62	52	58	2

*O termo 'tecnologias' inclui as tecnologias 'da' comunicação e tecnologias 'de' comunicação.
Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

Os tipos de documentos selecionados para a análise e constituição do *corpus*, estão destacadas no Apêndice 1. Cada documento representa uma tecnologia/fase tecnológica e o pontificado de um papa, ficando assim: **Cinema** (Pio XI), **Rádio** (Pio XII), **Televisão** (João XXII), **Mass media** (Paulo VI), **Imprensa** (João Paulo I), **Internet** (João Paulo II), **Mídias Digitais** (Bento XVI) e **Redes Sociais** (Francisco). Desta forma, a compreensão do pensamento dos papas sobre as tecnologias perpassa por oito gerações de pontífices e oito décadas de pontificados (1922-2013). A análise documental como método e técnica de pesquisa, possibilita esse resgate do ‘pensar’ as tecnologias pela Igreja Católica, por meio da organização cronológica e contextual da narrativa dos papas.

3.1. Análise textual - Mapa de Terminologias e Ocorrências

Para a análise de *corpus* textual, por meio das técnicas da Análise de Conteúdo, sugere-se um ‘Mapa de Terminologias e Ocorrências’, como forma de organizar as observações e inferências de cada documento pontifício. Segue modelo adaptado, conforme Mendes (2011)⁴¹:

QUADRO 2 – Mapa de Terminologias e Ocorrências

Nº	Terminologia/ Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/ <i>Considerações das tecnologias</i>

Fonte: Modelo adaptado pelo autor, 2018.

Exemplo:

Nº	Terminologia/ Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/ <i>Considerações das tecnologias</i>
<i>Vigilanti Cura</i> , Pio XI (1936), Encíclica			
2	Meios técnicos	*****	*****

O título de cada documento analisado está inserido, em negrito e itálico, no Quadro do Mapa de Ocorrências, seguido de informações complementares, na mesma ordem aplicada ao software Iramuteq: número do documento, papa, período documento

⁴¹ Cf. inspiração no modelo da tese ‘*Trindade e moral sexual: a nomeação de Deus nas encíclicas que tratam do tema da sexualidade, entre o pontificado de Pio XI e Bento XVI*’ – Mendes (2011). Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado &nrSeq=17902@1 Acesso em: 19 de out. de 2018.

(ano) e classificação do documento. Cada dado é separado por vírgulas, e o ano do documento está entre parênteses. **** *n_001 *pp_1 *pd_2 *cd_2

A primeira coluna, Nº, indica qual documento está sendo analisado, de acordo com a ordem dos textos indicados no Apêndice 1. O número também significa uma ordem cronológica e histórica do documento, ou seja, o nº 1 diz respeito ao primeiro documento publicado por um papa, com abordagem das tecnologias, naquele período analisado.

A segunda coluna, Terminologia/Conceito-chave, contém o termo e/ou conceito localizado no discurso do papa e que faz referência ou tem correlação com as tecnologias de comunicação (cf. TABELA 8). Os termos demarcam um escopo teórico, suas aplicações representam um determinado contexto de discussão teórica sobre as tecnologias. O objetivo é responder à pergunta da pesquisa: de que maneira as tecnologias (*tecnici, technicarum, technology*) são conceituadas e interpretadas nos documentos dos papas, e a partir de qual entendimento teórico, sobre as tecnologias de comunicação, estão embasados esses escritos?

Isso mostra que o papa ao usar um determinado termo em seus documentos, pode estar seguindo o pensamento teórico próprio daquele momento, muitas vezes influenciados por estudos científicos ou por autores. Vale lembrar que os documentos da Igreja recebem parecer de consultores da área contratados pelo Vaticano. Por exemplo, somente em 1973, aparece pela primeira vez o termo ‘tecnologia’, em um documento pontifício – no caso a Mensagem para o 7º Dia Mundial das Comunicações Sociais, cujo tema foi ‘*As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais*’. Tudo indica que o papa Paulo VI buscou como referência os estudos de McLuhan, que no mesmo ano assumiu o cargo de consultor da então Comissão para a Comunicação do Vaticano. Em 1969, McLuhan escreveu o livro ‘*Os meios de comunicação como extensão do homem*’, citando 245 vezes a palavra tecnologia.

A terceira coluna, Tipo de Ocorrência, traz recorte da frase/ ou parágrafo do texto original (com a grafia usada naquela época) onde está a interpretação/referência do papa sobre o termo, para localização do Núcleo de Sentido. Aqui nessa análise, os termos categorizados na sistematização quantitativa, representam, inicialmente, os ‘temas’, definidos por categorias de palavras-chave: *tecnologias, tecnologias de comunicação, tecnologias da comunicação, meios técnicos, meios de comunicação, técnicas modernas, técnicas de comunicação e meios de divulgação* (Cf. p. 59) ou por conceitos-chave sugeridos no próprio discurso do papa. O ‘tema’ enquanto unidade de registro e de significação, que se destaca de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria que

guia a leitura, corresponde a uma parte do texto, a um recorte do texto analisado (BARDIN, 1988, p. 135). Bardin explica que “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Ibid.). Desta forma, será possível observar como os papas situam a tecnologia em seus textos oficiais, e, também, tensionar os discursos dos diferentes papas: Quais os avanços e rupturas no pensar as tecnologias de comunicação pelos papas? A interpretação é teológica ou comunicacional?

A quarta coluna, Contexto/Considerações das tecnologias, explica em qual determinado momento/ocasião, o papa usa o termo sobre as tecnologias de comunicação, no documento em análise. O limite desse ‘Contexto’ está justamente no Núcleo de Sentido, ou seja, a frase ou trecho do discurso no documento pontifício que responde objetivamente à pergunta feita, referente as tecnologias: Que vozes são faladas nesses documentos? Quais sujeitos apareceram? Qual a interpretação dos papas sobre as tecnologias? Com a localização do contexto, avalia-se o uso dos termos pelos papas e se estão embasados em alguma teoria ou estudo, ou ainda, como ocorre a aplicação do termo, a partir de um posicionamento teológico e entendimento das tecnologias de comunicação. Por fim, após esses levantamentos, e seguindo o desenvolvimento da análise, por Bardin (1988), são realizadas as inferências e análise das ocorrências, para interpretação do pensamento dos papas, sob o viés teórico e pragmático.

3.1.1. Documentos doutrinários: Encíclicas e Constituições Apostólicas

Com a morte de Clemente XII (*Lorenzo Corsini*), em 6 de fevereiro de 1740, é eleito o papa Bento XIV (*Prospero Lorenzo Lambertini*). O pontífice chega ao papado no dia 17 de agosto de 1740, com 50 votos dos cardeais do conclave, reunidos em Roma. Ao se dirigir aos bispos de todo o mundo, Bento XIV escreve a epístola *Encyclica et commonitoria ad omnes episcopos*⁴² (“*Urbi primum*”) - que na tradução é “Carta circular de instruções a todos os bispos”, considera da primeira encíclica papal.

A partir daí, adota-se o termo *Encíclica* (circular) para as comunicações oficiais do papa com seus subordinados. A palavra latina *encyclica* é derivada do grego *en kyklio*,

⁴² Com informações da Revista IHU. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579837-bento-xiv-o-inventor-das-enciclicas> Acesso em: 10 de abr. de 2019.

‘em círculo’, e em latim pode ser traduzida como *circularis*. Portanto, a *littērae encyclīcae* (Carta Encíclica) tornou-se a comunicação escrita do papa - um documento oficial do pontífice, dirigido aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis católicos.

Exatamente em 2 de agosto é publicada a primeira circular do papa Bento XIV, intitulada Encíclica *Quam Grave*. No texto dirigido aos patriarcas, arcebispos e bispos ordinários locais, o papa Bento XIV alerta o ‘quão grave’ (*Quam Grave*) é a prática de celebrar missa por pessoas que não possuem a ordem sacerdotal – considerada pela Igreja como um crime e sacrilégio, passível de punição nas instâncias criminais. O trecho abaixo está na introdução da primeira Encíclica *Quam Grave*⁴³:

1. Riteniamo superfluo dimostrare con molte parole quanto grave ed orrendo delitto commette chiunque, non investito dell’Ordine sacerdotale, presume di celebrare il sacrificio della Messa, dal momento che a tutti sono evidenti le motivazioni per le quali un simile sacrilego crimine giustamente si ritiene che sia da detestare e da punire con una rigorosa applicazione di sanzioni. [...] in base alle quali si stabilisce che chiunque è stato scoperto a celebrare la Messa senza avere il carattere sacerdotale debba essere consegnato al Foro secolare per una giusta punizione.

1. Consideramos supérfluo demonstrar com muitas palavras quão grave e horrível é o crime cometido por qualquer pessoa, não investido da ordem sacerdotal, que presume celebrar o sacrifício da Missa, pois todos estão claramente cientes das razões pelas quais tal crime sacrilégio é justamente considerado que é para ser detestado e punido com uma aplicação rigorosa de sanções. [...] com base no qual é estabelecido que qualquer um que tenha sido descoberto para celebrar a Missa sem ter o caráter sacerdotal deve ser entregue ao Fórum Secular para uma punição justa.

O tom da comunicação do papa segue uma narrativa direta aos seus subordinados, em uma tentativa de alertar sobre os perigosos, ‘*riteniamo superfluo dimostrare con molte parole quanto grave ed orrendo delitto commette chiunque, non investito dell’Ordine sacerdotale*’. Portanto, a Encíclica é um dos documentos oficiais mais comuns e importantes, em que o papa promulga leis sobre a vida da Igreja, e trata de assuntos doutrinários, canônicos, disciplinares e pastorais.

Entre as encíclicas históricas, que marcaram momentos decisivos na vida da sociedade, destaca-se a *Pascendi Dominici Gregis*, uma encíclica de Pio X, publicada em 8 de setembro de 1907. No discurso, o papa condena o modernismo e, possivelmente, as

⁴³ Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedictus-xiv/it/documents/enciclica--i-quam-grave--i---2-agosto-1757--il-pontefice-segnala.html> Acesso em: 11 de abr. de 2019.

normas e orientações a serem seguidas diante das mudanças econômicas e sociais. Pio X alerta sobre, o que ele considera de ‘o modernista filósofo’ – dirigindo-se aqueles que praticavam o estudo da filosofia:

Começando pelo filósofo, cumpre saber que todo o fundamento da filosofia religiosa dos modernistas assenta sobre a doutrina, que chamamos agnosticismo. Por força desta doutrina, a razão humana fica inteiramente reduzida à consideração dos fenômenos, isto é, só das coisas perceptíveis e pelo modo como são perceptíveis; nem tem ela direito nem aptidão para transpor estes limites. E daí segue que não é dado à razão elevar-se a Deus, nem lhe conceder a existência, nem mesmo por intermédio dos seres visíveis. Segue-se, portanto, que Deus não pode ser de maneira algum objeto direto da ciência; e também com relação à história, não pode servir de assunto histórico. Postas estas premissas, todos percebem com clareza qual não deve ser a sorte da teologia natural, dos motivos de credibilidade, da revelação externa. Tudo isto os modernistas rejeitam e atribuem ao intelectualismo, que chamam ridículo sistema, morto já há muito tempo. Nem os abala ter a Igreja condenado formalmente erros tão monstruosos. (Grifos nossos)

Os trechos destacados, acima, na Encíclica do papa Pio X reafirmam um pensamento da Igreja Católica no século II d.C, quando Irineu de Lião (*Ireneu de Lyon*), também condena a prática do *agnosticismo* ou *gnosticismo* e o uso da ciência para compreender os fenômenos. Isso mostra que os discursos da instituição católica acabam reforçando teses e pensamentos remotos, com estratégias discursivas e de narrativas, sem muitas novidades ou contextualidade.

Em outro trecho, Pio X diz que “Deus não pode ser de maneira algum objeto direto da ciência; e também com relação à história, não pode servir de assunto histórico”, o que condenaria totalmente esse presente estudo de doutorado. Em toda essa proposta de reflexão sobre o “Dogmatismo Tecnológica”, busca-se entender a comunicação do fenômeno divino, ou seja, a voz de Deus – por meio dos discursos dos papas. A inquietação é a seguinte: qual o medo da Igreja em permitir o estudo sobre o fenômeno sagrado? Por qual motivo a instituição condena o modernismo e intelectualismo? A busca por esse conhecimento sobre o divino permitiria descobrir outras faces de Deus, não apenas aquela que a Igreja insiste em ‘vender’. Os discursos seriam outros.

Para além das problemáticas teológicas que o texto apresenta, ao longo da análise dos discursos dos papas, percebe-se um processo comunicativo, por meio desses documentos pontifícios, um tanto quanto ‘maquiado’. São discursos de outros discursos. Aqui não se questiona a credibilidade ou não desses textos, mas as estratégias discursivas

presentes neles, passíveis de análise textual. Existem sim avanços nas reflexões e nos pensamentos, inquestionável. Mas ainda muitas rupturas no movimento comunicacional: o teocentrismo prevalece sobre o humanismo – ou cristão, o sujeito/pessoa, continua sendo submissa a uma força divina, e parece que nunca ocupará o papel de protagonista, mas sempre de coadjuvante. A capacidade de transcender e filosofar (pensar) é condenada. Contudo, outros papas pensam diferente, como constataremos nos discursos.

No entanto, a sensação ao ler os discursos – em períodos e séculos diferentes, é ouvir a mesma coisa, com palavras diferentes. Ainda que haja esforço dos papas em olhar para a atual conjuntura, seus discursos são ‘recortes’ de falas de seus antecessores, isso principalmente se percebe nas Encíclicas. Na visão da cúpula do catolicismo, essa forma discursiva representa a simbiose, sintonia e colegialidade entre os pontífices, que caminham unicamente sob a ação divina. Contudo, trazendo para um olhar analítico, percebe-se a repetição de pensamentos velhos para contextos diferentes – o que para Jesus seria inaceitável (Mateus 9, 16-17): ‘colocar vinho novo em odres velhos’ – a consequência é trágica, o ‘arrebentam’, pois os odres velhos não suportam o vinho novo, que são os pensamentos novos, as novas formas de olhar o mundo e a vida em constante evolução. Ou seja, odres – espaços novos, para pensar com liberdade os diversos fenômenos e os diferentes bonitos movimentos da vida.

Os discursos dos próprios pontífices acabam não somente por reforçar a doutrina cristã, mas também colocam em xeque as próprias sucessões papais. Ao ser eleito papa, Francisco recebeu, e ainda, recebe fortes críticas por sua postura ‘modernista’. Talvez ele não siga os pensamentos de Pio X. Em 2013, o superior da Fraternidade São Pio X, bispo Bernard Fellay, disse que Francisco era ‘um verdadeiro modernista’. “Se o atual Papa continuar como começou, dividirá a Igreja. Está explodindo tudo. Assim, as pessoas dirão: ‘é impossível que ele seja o Papa, nós o rejeitamos’”⁴⁴. Aqui é importante lembrar que a Fraternidade Sacerdotal São Pio X é uma sociedade de vida apostólica internacional católica tradicionalista, fundada em 1970, pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre. Dom Marcel Lefebvre (1905-1991), arcebispo católico francês, ganhou notabilidade por sua resistência às reformas da Igreja Católica instauradas pelo Concílio Vaticano II.

Os discursos dos papas que circulam há séculos, se aplicados no contexto atual, seriam potenciais de *historicídios* – um ataque contra a própria vida humana e sua capacidade de evoluir e não de retroceder e retrair. Os *conflitos discursos* entre os papas

⁴⁴ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524734-sobre-o-papa-temos-diante-de-nos-um-verdadeiro-modernista-afirma-fellay> Acesso em: 18 de abr. de 2019.

dariam outra tese, e talvez revelariam que, de fato, a Igreja caminha mais na tentativa de acertar, do que com a certeza de que nunca. A iluminação divina sob a qual os papas acreditam que são conduzidos, atua mais na ‘liberdade’ do que no ‘comando’.

O papa Bento XVI, em seu pontificado, agregou às Encíclicas uma dimensão teológica-humanística, ao tratar de temas como o amor de Deus, em *Deus caritas est*⁴⁵ (25 de dezembro de 2005) – a 294ª encíclica da história da Igreja Católica, e *Caritas in veritate*⁴⁶ (29 de junho de 2009). Bento XVI trouxe em suas cartas circulares questões religiosas, políticas e morais.

A versão oficial da encíclica é publicada em latim e traduzida para outros idiomas. Os títulos compostos, por duas ou três palavras em latim, são marcas dos textos. Entre os pontífices dos concílios Vaticano I e II, escreveram várias encíclicas. O papa Leão XIII (1878-1903) ocupa a primeira posição, com 86 encíclicas, seguido por Pio XII (1939-1958), com 41, Pio IX (1846-1878), com 38, e Pio XI (1922-1939), com 32. Já o papa conciliar, João XXIII (1958-1963) escreveu 8 encíclicas e o papa Paulo VI (1963-1978) publicou 7. Por sua morte precoce, João Paulo I (1978) não publicou nenhuma encíclica, pois seu pontificado durou pouco mais de um mês. Já seu sucessor, João Paulo II (1978-2005) escreveu 14 encíclicas, seguido por Bento XVI, com 3. O atual papa Francisco desde sua eleição em 2013, escreveu 2 cartas encíclicas: *Laudato si'* (24 de maio de 2015) – sobre os cuidados com o meio ambiente, a casa comum, e *Carta Encíclica Lumen fidei* (29 de junho de 2013) – orientações pastorais sobre a prática da fé no mundo contemporâneo.

No contexto desses documentos, destacam-se algumas encíclicas históricas, com referência as tecnologias de comunicação, que marcaram os pontificados dos papas:

QUADRO 3 – Encíclicas históricas com abordagens das tecnologias de comunicação

Papa	Encíclica	Contexto
Pio XI	<i>Vigilanti Cura: sobre o cinema</i> (Vigilante solitudine) - 1936	Com o avanço do audiovisual, o papa fala sobre cinema e a moral cristã, com a intenção de orientar para o uso correto da nova tecnologia de comunicação.
Pio XII	<i>Miranda Prorsus</i> (Maravilhosos progressos) - 1957	Com o advento da cinematografia, a rádio e a televisão, a Igreja traz

⁴⁵ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

Acesso em: 11 de abr. de 2019.

⁴⁶ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html Acesso em: 11 de abr. de 2019.

		orientações pastorais para o uso das mídias.
João XXIII	<i>Pacem en terris</i> (Paz na Terra) – 1963	Em plena Guerra Fria, o papa pediu paz entre todas as nações e condenou a corrida armamentista – a técnica.
Paulo VI	<i>Populorum progressio</i> (Progresso dos povos) - 1967	A Igreja reconhece que apenas com o desenvolvimento social e tecnológico é possível alcançar a paz entre os povos.
João Paulo II	<i>Laborem exercens</i> (É pelo trabalho) - 1981	O papa reflete sobre o homem no amplo contexto do trabalho. Ele destaca a dignidade e os direitos dos trabalhadores, em uma sociedade cada vez mais industrializada pelas novas técnicas.
Bento XVI	<i>Caritas in veritate</i> (Caridade na verdade) - 2009	Com preocupação com as mudanças no mundo tecnológico, o papa proclama a verdade do amor de Cristo na sociedade; é serviço da caridade, mas na verdade.
Francisco	<i>Laudato si'</i> (Louvado seja) – 2015	Diante dos avanços do mundo industrializado, do consumismo e o desenvolvimento irresponsável, o papa faz um apelo para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2019.

Já a Constituição apostólica (do latim: *Constitutio apostolica*) é um documento pontifício que trata de assuntos com definições de dogmas. Em 1º de novembro de 1950, foi a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* (Deus munificentíssimo) promulgada pelo papa Pio XII, trata do o dogma da Assunção de Nossa Senhora. Em 1988, mesmo ano da promulgação da Constituição Federal do Brasil (CF), o papa João Paulo II escreve Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, que estabelece o regimento da Santa Sé: Noção de Cúria Romana (art.1), Estrutura dos Dicasterios (arts.2-10), Modo de proceder (arts.11-21), Reuniões de Cardeais (arts.22-23), Conselho de Cardeais para o estudo dos problemas organizativos e económicos da Santa Sé (arts.24-25), Relações com as Igrejas particulares (arts. 26-27), Visitas "ad Limina" (arts. 28-32), Carácter pastoral da atividade na Cúria Romana (arts. 33-35), Serviços Centrais do Trabalho (art.36) e Regulamentos a observar (arts.37-38).

O artigo n. 169, § 1, estabelece o Conselho Pontifício das Comunicações Sociais: “O Conselho ocupa-se das questões concernentes aos instrumentos de comunicação social, a fim de que, também por meio deles, a mensagem de salvação e o progresso humano possam servir para o incremento da civilização e dos costumes”⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html Acesso em: 18 de abr. de 2019.

3.1.2. Documentos administrativos: Carta e Mensagem

As *cartas* são documentos mais comuns utilizados pelos papas, sem uma finalidade específica, porém com características administrativas – de rotina, ocasional ou calendário fixo. Em agosto de 2018, o papa Francisco escreveu e publicou uma carta em que assume a dor e a vergonha face aos escândalos sexuais recentes que envolveram membros da Igreja. A carta é uma iniciativa do próprio papa e pode ser destinada a uma pessoa, grupo ou autoridade a quem o pontífice deseja falar, se expressar. Geralmente, são textos curtos – sem título, apenas com o nome do destinatário, expressando os sentimentos do próprio papa. João Paulo II escreveu aos profissionais das artes:

Carta do Papa João Paulo II aos artistas⁴⁸ (1999):

Com esta Carta dirijo-me a vós, artistas do mundo inteiro, para vos confirmar a minha estima e contribuir para o restabelecimento duma cooperação mais profícua entre a arte e a Igreja. Convido-vos a descobrir a profundidade da dimensão espiritual e religiosa que sempre caracterizou a arte nas suas formas expressivas mais nobres. Nesta perspectiva, faço-vos um apelo a vós, artistas da palavra escrita e oral, do teatro e da música, das artes plásticas e das mais modernas tecnologias de comunicação. Este apelo dirijo-o de modo especial a vós, artistas cristãos: a cada um queria recordar que a aliança que sempre vigorou entre Evangelho e arte, independentemente das exigências funcionais, implica o convite a penetrar, pela intuição criativa, no mistério de Deus encarnado e contemporaneamente no mistério do homem (CARTA AOS ARTISTAS, item 14, grifos nossos)

A *mensagem* do pontífice segue um calendário celebrativo da Igreja, como uma *Agenda Setting*. Por meio de mensagens, o papa manifesta seus cumprimentos aos participantes de uma determinada celebração, como por exemplo, ‘Mensagem aos participantes do Encontro Mundial das Famílias’ ou ainda, ‘Mensagem ao Dia Mundial das Comunicações Sociais’. Essas datas são fixas no calendário da Igreja e, anualmente, por ocasião destas celebrações, o papa envia uma mensagem específica, dirigida a um público: jovens, famílias, educadores, enfermos etc.

Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais⁴⁹ (2014):

⁴⁸ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

⁴⁹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. A nível global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas estradas duma cidade para ver o contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas económicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas (item 1, grifos nossos).

A publicação anual de mensagens sobre a comunicação foi iniciativa do papa Paulo VI, ao instituir o Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado pela primeira vez, no domingo, 7 de maio de 1967. A iniciativa foi proposta pelo Concílio Vaticano II, sendo celebrada, anualmente, nas dioceses do mundo com missa, eventos, palestras, com objetivo de refletir os processos comunicativos na Igreja e na sociedade.

3.1.3. Documentos normativos: *Motu proprio*

A singularidade do *Motu proprio* torna esse documento raro, por suas características. É um documento normativo da Igreja Católica, escrito exclusivamente pelo papa, sem intermediações. A expressão *motu proprio* ‘de iniciativa própria’ é uma resposta do pontífice a uma determinada situação, pois trata-se de matéria decidida pessoalmente por ele, e não por um cardeal, bispo, ou algum assessor. É um texto não solene, mas com caráter normativo. O primeiro *motu proprio* foi emitido por Inocêncio VIII, em 1484, o *Summis desiderantes affectibus*, sobre feitiçaria, colocado em anexo no Manual de *Heinrich Institoris* (um religioso alemão e inquisidor) e *Jacob Sprenger*. Ambos foram convocados por Inocêncio VIII para uma caça às bruxas pelo norte da Europa, buscando evidências de práticas e pactos satânicos pelos cidadãos. A missão resultou no livro ‘O Martelo das bruxas’ (*Malleus Maleficarum*).

Foram impressas milhares de cópias do primeiro *Motu proprio*, a partir daí houve forte perseguição às bruxas no século XVI, na Itália, França e Alemanha, com milhares de vítimas. O *Motu proprio* continua a ser um ato normativo bastante comum na administração da Igreja, como por exemplo, a *Oni Pastoris*, de João XXIII sobre admiráveis técnicas de difusão - cinematografia, rádio e televisão:

*Motu proprio Oni Pastoris*⁵⁰ de João XXIII que institui a Pontifícia Comissão da cinematografia, rádio e televisão (1959):

[...] Nossa atenção para todas as necessidades da Igreja, move-Nos também a considerar com particular interesse todos os inventos da civilização moderna que não pouco influem na vida espiritual do homem, entre os quais se devem contar a rádio, a televisão e o cinema. Já o Nosso Predecessor Pio XII, de imortal memória, em importante Carta Encíclica e Discursos, recordou repetidamente aos fiéis e a todos os homens de bem o grave dever, que os obriga a utilizar estas admiráveis técnicas de difusão dum modo conforme ao plano providencial de Deus e à dignidade do homem, a cujo aperfeiçoamento devem servir (*ONI PASTORIS*, 1959, grifos nossos)

Neste *Motu proprio*, o papa João XXIII instituiu a primeira Comissão da cinematografia, rádio e televisão, no Vaticano, que neste ano tornou-se o Dicastério para a Comunicação, e agrega as atividades de televisão, rádio, imprensa, livraria e serviços de internet da Santa Sé.

3.1.4. Documentos convencionais: Ângelus, Audiência, Discurso e Homilia

O Ângelus, com o papa, acontece aos domingos na Praça São Pedro, em Roma, às 10h (no Brasil, meio dia). Da janela do quarto episcopal, o pontífice reza a oração do *Angelus Domini* (significa anjo do senhor) e depois abençoa e saúda os fiéis reunidos. Neste dia não há homilia ou discursos, apenas o momento rápido de prece. Já a Audiência pública papal (ou catequese) é realizada às quartas-feiras, às 10h, na Praça de São Pedro ou na Sala Paulo VI. Também não é missa, mas um espaço onde o papa faz reflexão de um texto preparado por ele (discurso). Em seguida concede bênção apostólica, na língua dos peregrinos. Alguns convidados ou grupos selecionados pelo Vaticano têm a oportunidade de saudar o papa após a cerimônia.

Os discursos são meios de comunicação dos papas utilizados especialmente para viagens apostólicas e audiências no Vaticano. Em vinte e cinco anos de pontificado, o papa João Paulo II, realizou 212 viagens para outros países, que também incluem as visitas pastorais em regiões e cidades próximas ao Vaticano (Itália). No segundo ano do pontificado, realizou 23 viagens. Já após ser acometido pela doença de Mal de Parkinson,

⁵⁰ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_22021959_boni-pastoris.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

em 2013, fez entre uma a três viagens. Antes do papado, ele havia sofrido dois acidentes e teria fraturado o crânio. Ao se tornar papa em 1978, João Paulo II mantinha a rotina de atividades esportivas, como a prática de *jogging* nos Jardins do Vaticano, além de natação e caminhadas nas montanhas, e partidas de futebol. Um gesto único do papa era beijar o chão da cidade onde chegava. Era a primeira ‘atitude comunicativa’ que o pontífice realizava, antes mesmo de receber os cumprimentos das autoridades locais.

FIGURA 17 – O papa beija o chão ao chegar na Nova Zelândia, em novembro de 1986



Foto: Arquivo da Internet, 2018 (Site: Mega Curioso)

No Brasil, o papa esteve em três ocasiões: 1980, para beatificação do jesuíta espanhol José de Anchieta, fundador da cidade de São Paulo; 1991, para visitar a irmã Dulce, em Salvador; e 1997, quando rezou missa campal para 2 milhões de pessoas, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. No levantamento, foram identificados 453 discursos de João Paulo II, com citação das palavras tecnologias, tecnologias de comunicação, meios técnicos, meios de comunicação e técnicas modernas.

Já o papa Francisco já acumula um histórico de 132 discursos. Em 2013, ao visitar o Brasil, pela primeira vez, por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude, o papa Francisco discursou aos jovens e peregrinos reunidos na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, na quinta-feira, 25 de julho de 2013:

Saudação e homilia⁵¹:

Saúdo a todos com muito carinho. A vocês, aqui congregados dos cinco Continentes e, por meio de vocês, a todos os jovens do mundo, particularmente aqueles que não puderam vir ao Rio de Janeiro, mas estão em ligação conosco através do rádio, televisão e internet, digo: bem-vindos a esta grande festa da fé! Em várias partes do mundo, neste mesmo instante, muitos jovens estão reunidos para viver juntos este momento: sintamo-nos unidos uns com os outros, na alegria, na amizade, na fé. E tenham a certeza: o meu coração de Pastor abraça a todos com afeto universal. Porque o mais importante hoje é esta reunião de todos os jovens que nos estão seguindo através dos meios de comunicação. O Cristo Redentor, do alto da montanha do Corcovado, lhes acolhe na Cidade Maravilhosa.

FIGURA 18 – Passagem de Francisco pelas ruas do Rio de Janeiro, no papamóvel



Foto: Arquivo da Internet, 2018 (Site: Uol)

O papa acolheu, em seu discurso, todos os jovens que estavam seguindo a JMJ pelos meios de comunicação (rádio, TV e internet). Eram milhares de radiouvintes, telespectadores, internautas que acompanhavam a transmissão, ao vivo, do evento.

A homilia, por sua vez, é um texto exclusivamente preparado para pregação na missa, com intuito de explicar um tema ou texto do evangelho (momento da missa, após as leituras e proclamação do Evangelho). Tem caráter catequético e teológico-pastoral. Na pesquisa no site do Vaticano, foram mapeadas 39 homilias contendo trechos ou citações das categorias das palavras-chaves definidas. Desse total, 30 homilias são de João Paulo II, 6 de Francisco e 3 de Bento XVI.

⁵¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800601_parigi-francia.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

Homilia⁵² do papa João Paulo II, em Visita Pastoral à Paris e Lisieux – 1º de junho de 1980, na missa de abertura no Aeroporto de Le Bourget.

O desenvolvimento e progresso contemporâneos, dos quais participamos, são o fruto da aliança com a sabedoria divina? Eles não são apenas uma ciência cada vez mais exata dos objetos e coisas sobre os quais o progresso vertiginoso da técnica é construído? O homem, o arquiteto desse progresso, não se torna mais objeto desse processo? E aqui está cada vez mais destruído nele e em seu redor essa aliança com a sabedoria, a eterna aliança com a sabedoria que é a fonte da cultura, ou seja, o verdadeiro crescimento do homem (JOÃO PAULO II, 1980, grifos nossos)

Nesta homilia, o papa refletiu sobre o Evangelho de Marcos 16, 15 – ‘Ide ao mundo inteiro’, em que falou das mudanças culturais e da necessidade do ‘verdadeiro progresso do homem’, frente ao avanço e progresso vertiginoso da técnica. Aqui é possível perceber o pensamento de João Paulo II diante do contexto de evolução das novas técnicas de comunicação e informação. Era costume de o papa trazer para as homilias das missas sempre algo relacionado aos avanços tecnológicos, com a mesma preocupação e abertura para a comunicação de seu antecessor, o papa Paulo VI.

3.1.5. Documentos disciplinares: Carta apostólica e Exortação apostólica

O Documento Pontifício Carta apostólica pode estar em dois formatos: Epístola Apostólica e *Litterae Apostolicae*. A primeira é composta de matéria doutrinária, porém de carácter menos solene que a encíclica, tendo função mais disciplinar do que normativa. O documento é dirigido aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis. O segundo formato (*Litterae Apostolicae*) é usado para vários outros assuntos como: constituição de santos padroeiros, promoção de novos beatos, normas disciplinares etc. O complemento ‘apostólica’, tanto para carta ou exortação, tem sentido único de referência ao texto de um ‘apóstolo de Cristo’, assim como passagens bíblicas, à exemplo da Carta de São Paulo Apóstolo aos Romanos, já que o papa, por dogma, é sucessor dos primeiros apóstolos.

Em 29 de outubro de 1967, na solenidade de Cristo Rei, Paulo VI, enviou a Carta Apostólica *Africae terrarum*⁵³, aos povos da África. Na ocasião, disse que o continente

⁵² Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800601_parigi-francia.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

⁵³ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19671029_africae-terrarum.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

estava vivendo um progresso e novas formas de vida proporcionadas pela ciência e tecnologia; mas era preciso cuidar do progresso humano:

Estados africanos, em sua maior parte, um apelo, porque o desenvolvimento humano integral é sentida por todos como um problema global urgente em condições difíceis do desenvolvimento. Recentemente, dirigiu-se ao mundo. No vasto planejamento que isso implica, a África terá que ocupar um lugar importante. Os meios são necessários para a implementação dos planos de desenvolvimento; homens tecnicamente preparados são necessários (Item 20, AFRICAE TERRARUM, 1967, item 20, grifos nossos).

No documento, o papa recorda, ainda, que, em um mundo dominado pelas tecnologias é preciso “nas atividades profissionais, então, e em todas as relações sociais” trabalhar com “dedicação, delicadeza e delicadeza, tipicamente femininas”, citando como exemplo as mulheres africanas (Ibid., item 36).

Ainda, na categoria de Documentos disciplinares está a Exortação Apostólica (em latim: *Adhortatio Apostolica*. Trata-se de um documento pontifício menos solene que as encíclicas, mas contendo recomendações pastorais e até doutrinárias, sempre abordando conjunturas e discussões atuais do mundo, também sob a perspectiva teológica. Esses textos são originados de grandes reuniões e Assembleias como, por exemplo, o Sínodo dos Bispos. A promulgação deste documento é resultado das discussões desses momentos amplos de reflexões do papa com os cardeais, bispos, leigos e assessores especializados.

O primeiro documento público de Francisco foi a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Para a produção de outra Exortação apostólica, *Amoris laetitia* (A alegria do amor) - sobre o amor na família, pós-sinodal (Sínodo dos Bispos sobre a Família), em 2016, o papa Francisco pediu a colaboração de textos de bispos, padres, leigos e especialistas das dioceses e paróquias do mundo todo. As contribuições foram avaliadas e organizadas pelas Conferências Episcopais, e enviadas ao Vaticano, que incluiu parte delas no documento final assinado pelo papa.

A mais recente Exortação Apostólica de Francisco, *Gaudete et Exsultate*⁵⁴ – sobre o chamado à santidade no mundo, foi promulgada em 19 de março deste ano. No documento, o papa fala dos avanços das formas de comunicação rápida e virtual.

⁵⁴ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html Acesso em: 01 de nov. de 2018.

108. O consumismo hedonista pode-nos enganar, porque, na obsessão de divertir-nos, acabamos por estar excessivamente concentrados em nós mesmos, nos nossos direitos e na exacerbação de ter tempo livre para gozar a vida. Será difícil que nos comprometamos e dediquemos energias a dar uma mão a quem está mal, se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas, acabando por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar. O próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos. No meio deste turbilhão atual, volta a ressoar o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz (*GAUDETE ET EXSULTATE*, 2018, Item 18, grifos nossos)

As expressões do papa sobre “consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual” parecem estar conectadas aos pensamentos de Jean Baudrillard, quando escreveu o livro *A sociedade do consumo* (2009). Não é possível afirmar se Francisco leu essa obra, no entanto, na Exortação diz ser preciso lutar “contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas” (Ibid.).

Após a explicação e contextualização dos tipos de documentos e suas finalidades, a tese segue para a segunda parte - etapa qualitativa, *O Cristianismo, as tecnologias e os papas*, apresentando um mapa conceitual de leituras dos teóricos que tratam do binômio tecnologia e religião, a partir das seguintes abordagens: ‘*A religião da tecnologia*’ (David Noble), ‘*O fenômeno da tecnoreligião*’ (Erick Felinto), ‘*O sublime tecnológico*’ (Mário Costa), ‘*A techgnosis*’ (Erik Davis), ‘*O Imperativo Ético*’ (Heinz von Foerster), ‘*A conversão da teologia em tecnologia*’ (Pierre Lévy), ‘*Deus no Ciberespaço*’ (Reinhold Esterbauer), ‘*Deus não é a tecnologia*’ (David Kelly), ‘*Jogos finitos e infinitos*’ (James Carse), ‘*Tecnologia Espiritual*’ (Antonio Spadaro), ‘*Espírito da Técnica*’ (Hans Blumenberg) e ‘*Técnica e Escatologia*’ (Gilbert Simondon).

Com base no memorial quantitativo, no arcabouço teórico e percurso histórico até aqui desenvolvidos, a próxima etapa consiste nas operações de análise – processo de decodificação, avaliação dos núcleos de sentido, operações estatísticas (com dados da etapa Quantitativa), síntese e seleção dos dados, interpretação e inferência sobre as informações coletadas nos Documentos Pontifícios, por meio da Análise de Conteúdo e do discurso (BARDIN, 1988) e à luz do referencial teórico. Portanto, nessa fase procede o tratamento documental – dos resultados e interpretações.

II PARTE

O CRISTIANISMO, AS TECNOLOGIAS E OS PAPAS

4. MAPA TEÓRICO: ESTUDOS DE TECNOLOGIAS E RELIGIÃO

Podemos imaginar todas as permutações que quisermos nos papéis de sitiados e sitiante: a técnica ou a religião determinando a economia, esta última determinando a metafísica, e assim por diante (LÉVY, 2003 p. 7)

A relação do cristianismo com as técnicas e tecnologias (*tecchnicarum*) consiste em um caminho híbrido. Muitos atos litúrgicos da Igreja são tecnológicos. O anúncio da eleição de um novo papa, *Habemus Papam!* (Temos papa!), tem carácter técnico muito antigo – a fumaça pela chaminé. Com a queima das cédulas dos votos dos cardeais em Conclave, que votaram ‘sim’, sai uma ‘fumaça branca’ (eleito) da chaminé da Capela Sistina, com ajuda de produtos químicos –, não sendo mágica e nem ação divina. Assim, também, acontece quando o papa ainda não foi eleito, saindo ‘fumaça preta’. Esse ato foi instituído pelo papa Nicolas II, em 1509, e o voto secreto, em 1621, por Gregório XV.

FIGURA 19 – Os fornos onde são queimadas as cédulas dos votos dos Cardeais



Fonte: Foto: AFP, disponível na Internet: encurtador.com.br/boCDW.

É por meio desses sistemas eletrônicos programados que tudo acontece. Com a confirmação do novo pontífice e, ‘fumaça branca’ gerada com a ajuda da tecnologia, os sinos da Basílica de São Pedro, no Vaticano, tocam simultaneamente, como também parte

deste rito. O sino mais antigo do mundo é reconhecido, em 1287, na vila de Coruche, Portugal. Mas, essa técnica sonora foi introduzida nos rituais litúrgicos da Igreja Católica pelo papa João XIII (965 d.C a 972 d.C). O texto de Êxodo fazia referência a ‘cainhas de ouro’, dando indício da origem dos sinos. “Os sinos são vasos sagrados, destinados ao culto divino. Como tais recebem uma bênção especial, [...] vulgarmente chamado ‘Batismo dos sinos’. Esta designação encontra-se já no século VIII”⁵⁵. Reconhecido como um acessório litúrgico, nos sinos dos templos católicos são talhados símbolos sagrados do catolicismo, além disso, cada um desses instrumentos de som emite uma nota musical: (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si). Por isso, um campanário – composto de um conjunto de sinos, ao serem programados para tocarem simultaneamente, com ajuda da tecnologia, reproduzem canções e melodias.

FIGURA 20 – Campanário do Santuário Nacional de Aparecida (SP)



Fonte: Foto: G1 - Globo.com, disponível na Internet: <https://goo.gl/CF5YQH>

Com fumaça ou sem fumaça, com sinos ou não, vale recordar que a eleição de um papa, nem sempre foi uma escolha divina – como prega o catolicismo ou por meio de

⁵⁵ Disponível em: <https://sacrificiovivoesanto.wordpress.com/2012/07/20/sobre-a-origem-e-o-uso-dos-sinos/> Acesso em: 01 de nov. de 2018.

Conclave⁵⁶. A chegada ao cargo – o maior na hierarquia da Igreja romana, já esteve condicionada a uma decisão de imperadores, reis. Como revela a tradição bíblica, Pedro – também bispo de Roma e o primeiro papa da Igreja, recebeu o primado das mãos de Cristo, que o fez a primeira pedra (termo figurativo a Pedro = pedra, rocha). O episódio é narrado pelo evangelista Mateus 16, 18-20: *Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam et tibi dabo claves regni caelorum* (Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e te darei as chaves do Reino dos Céus).

Pela ótica bíblica, a sucessão de bispos continuou com a morte do primeiro papa – o apóstolo Pedro, com uma lista antiga de pontífices: Lino, Anacleto, Clemente, Evaristo, Alexandre, Sisto e o contemporâneo, Eleutério, bispo de Roma de 174 a 189 d.C. Ao tentar resgatar a história dos papas, Duffy (1998) refuta a hipótese da sucessão apostólica, após o primado de Pedro, por outros bispos. A constatação é que quase um século depois da morte de Pedro e Paulo, a Igreja romana ficara sem bispo.

Tampouco, o relato bíblico sobre o primeiro papado não parece suficiente como meio comprobatório – ainda que inquestionável por ser dogma de fé, sobre a fundação da Igreja. Um dos escritores cristãos mais antigos, Santo Irineu de Lião⁵⁷, *Ireneu de Lyon* (130 d.C. - 202 d.C.), relata em seus textos que a genealogia apostólica dos primeiros bispos de Roma está fundada por dois apóstolos, Pedro e Paulo, e não em um. Ele acreditava que a Igreja Católica tinha sido fundada e organizada por esses dois personagens bíblicos, discípulos de Jesus.

O Novo Testamento não afirma tais revelações, mas centraliza o primado da Igreja de Roma em Pedro. Essa narrativa sobre o primeiro papa e não sobre os ‘papas’ é difundida como história autêntica por doutores e bispos/santos da Igreja como Orígenes (184 d.C.-253 d.C.) e Santo Ambrósio (337 d.C.-397 d.C.) que tornou-se bispo por aclamação popular em 374 e arcebispo de Mediolano - atual Milão, na Itália, e por fim, Santo Agostinho (354 d.C.-430 d.C.).

Os fatos descritos acima são todos contestados por Duffy (1998), que alega ser uma lenda a narrativa histórica sobre a conquista de Roma pelos apóstolos de Cristo, a fundação da Igreja e o ministério dos primeiros papas.

⁵⁶ Wikipédia: Um Conclave acontece após uma renúncia, ou a morte de um Papa, na Igreja Católica Apostólica Romana. Todos os cardeais se reúnem no Vaticano para uma "votação secreta", sob a luz do Espírito Santo. Para saber mais: **Como se elege um papa:** a história do conclave (Alberto Melloni, 2002).

⁵⁷ Wikipédia: Irineu ou Irineu de Lyon, em latim Irenaeus, foi um bispo grego, teólogo e escritor cristão que nasceu na província romana da Ásia Menor Proconsular - a parte mais ocidental da atual Turquia - provavelmente Esmirna. Morreu, aos 72 anos, em Lugduno na Gália (atual Lyon), na França.

[...] trata-se de ficção religiosa, não de história, e a verdade é que carecemos de relatos confiáveis tanto no fim da vida de Pedro quanto da forma ou do lugar de sua morte. Nem Pedro nem Paulo fundaram a Igreja de Roma, visto que já havia cristãos da cidade antes de qualquer apóstolo pusesse lá os pés (DUFFY, 1998, p. 1)

De fato, os escritos mais antigos retratam uma visão/crença generalizada sobre esses acontecimentos primários da fundação da Igreja de Roma e dos primeiros papas do catolicismo. A precedência apostólica repassada pelos documentos oficiais do Vaticano – detentor dos escritos raros, acaba não sendo questionadas, mas aceita sem contestação por ser um dogma de fé. A própria Patrística⁵⁸ atesta a sucessão apostólica. Já o pensamento contrário de grupos gnósticos referente a tradição da cátedra de Pedro, foi considerado uma heresia por Irineu de Lião (*Ireneu de Lyon*) no ‘Tratado contra as heresias’. No texto ‘Contra as Heresias III’⁵⁹ - “Proclamai a Boa Nova a toda a criação”, Santo Irineu (130-200) defende que “Pedro e Paulo evangelizavam Roma e aí fundavam a Igreja”, a partir do mistério da salvação por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

No texto, com 5 volumes, datado do século II d.C, Irineu descreve as práticas das diversas escolas do gnoticismo que agiam contrários os dogmas de fé e a doutrina católica, o que ele chama de ‘cristianismo ortodoxo’. Ao publicar a ‘Contra Heresias’ buscou refutar os ensinamentos propagados pelo *gnosticismo* - conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas estudado por filósofos e historiadores da religião, que veio do Oriente, provavelmente da Pérsia. Por meio da *gnose*, não se questiona a existência de Deus, mas busca-se um caminho para atingir um conhecimento mais profundo, transcendendo a realidade de mundo.

Os gnósticos acreditavam que a essência do homem estaria aprisionada em um *corpo físico*, sendo necessário para essa libertação, a superação da matéria – *soma* (corpo) e saída da *sema* (prisão). “Para o Ocidente, ‘salvação’ significa a superação da morte; para o Oriente, a superação das reencarnações. Cristo promete a vida eterna; Buda, a libertação da vida” (FLUSSER, 2013, p. 206, grifos nossos).

⁵⁸ Wikipédia: Consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra todos que eram contra, denominadas heresias. Patrística é o nome dado à filosofia cristã dos três primeiros séculos, elaborada pelos Pais da Igreja, os primeiros teóricos.

⁵⁹ Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_ireneu_antologia.html
Acessado em: 12 de set. de 2018.

Fraile (1960), ao descrever a prática do gnosticismo, recorda que esses grupos se reuniam para discutir o "conhecimento secreto" ou seja, a busca da 'gnosis', o conhecimento reservado para os escolhidos. Essa visão dos gnósticos é sustentada na tese que os homens em materiais (*choicum*), são divididos em psíquicos ou animais e pneumáticos ou espirituais (intelectuais cristãos). Desta foram, apenas os escolhidos pela divindade, poderiam ter acesso ao conhecimento mais elevado que o da fé - a *pistis sophia* (Sabedoria da Fé), ou ainda, a *sizígia* divina do Cristo – o saber supremo revelado. Contudo, a *gnosis* não estava acessível a todos os homens, mas a uma minoria privilegiada e escolhida por Deus (FRAILE, 1960).

Com base na leitura do Pentateuco, composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), os sistemas gnósticos acreditavam que todas as dimensões do mundo material foram criadas por uma emanção (energia, *virtus* – força, poder) do Deus supremo, assim como a vida que carrega uma faísca divina no corpo humano. Então, para que haja a transcendência dessa matéria corpórea, e a faísca divina seja libertada, é preciso um conhecimento – *gnose* dessa faísca. Hoje, essa ideia de transcendência está associada ao mundo cibernético (técnico), da tecnociência ou da cibercultura, por meio da virtualização das coisas e da vida, já que “sujeitos religiosos virtuais não têm corpo”. (ESTERBAUER, 1998, p. 136) . Como já dizia o filósofo Plotino (204-217 d.C), a matéria é o não ser, é o mal, considerando que o Uno transcende o ser, é infinito e imaterial. “Então, por conta dessa *descorporalização* que se torna possível ao sujeito virtual viver sem corpo” (GIRALDI PIRES, 2014, p. 76)

O técnico também expande os traços fundamentais da mente, o que expande a bondade fundamental da mente. A tecnologia amplia a tendência mental de procurar a unidade de todos os pensamentos, acelera as conexões entre todas as pessoas e povoa o mundo com todas as maneiras concebíveis de se compreender o infinito (KELLY, 2012, p. 340, grifos nossos)

Diferente da ideia de Kelly que as tecnologias são formas de compreensão do infinito, o acadêmico e jornalista, Erik Davis, pesquisador das explorações criativas do misticismo, acredita que essa aproximação entre religião, *gnose* e tecnociência, pode ser entendida como *tecnognose*, ou seja, “história secreta dos impulsos místicos que continuam a impulsionar e sustentar a obsessão do mundo ocidental com a tecnologia, e especialmente com suas tecnologias de comunicação” (DAVIS, 1998, p 2, grifos nossos). Sendo ou não uma obsessão, a *gnose* – o conhecimento não pode ser privilégio de alguns.

No próximo item, será abordada a concepção de *Techgnosis* definida por Davis. Essa fundamentação teórica, também à luz das ideias de outros teóricos⁶⁰ associados aos campos da religião, do sagrado e do místico, antecipa o caminho de análise do *corpus* textual, mapeando o pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação, como meios e processos na comunicação eclesial.

4.1. A ‘techgnosis’ em Erik Davis

A tecnologia tem ajudado a desmistificar o mundo, forçando as redes simbólicas ancestrais a abrirem caminho para os confusos e seculares planos de desenvolvimento econômico e progresso material. Mas os velhos fantasmas e questionamentos metafísicos não desapareceram, muitas vezes eles estão mascarados no underground infiltrando-se na cultura, psicologia e motivações mitológicas que formam o mundo moderno. Os impulsos místicos, algumas vezes estão incorporados nas muitas tecnologias que supostamente ajudariam a livrar-se deles (DAVIS, 1998, p.3).

O trecho acima é do livro do pensador norte-americano, Erik Davis, *Techgnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information*, publicado em 1998. Ao estudar as técnicas modernas, recorre a prática do gnosticismo, para explicar que as novas tecnologias possuem heranças ancestrais, fundadas em elementos míticos, místicos, mágicos e religiosos. Para explicar o hibridismo entre tecnologia e sua dimensão espiritual, nomeia esse fenômeno como ‘tecnognose’ (*Techgnosis*). Talvez, todo aquele desejo da busca pelo conhecimento secreto – *gnose* (derivado do termo ‘*gnosis*’, do grego) pelos gnósticos, pode ajudar a entender a aproximação entre religião e tecnologias, ou seja, a *gnose tecnológica*. Uma relação entre transcendente, religioso e tecnológico.

Davis (1998) recorda que a herança mística do Ocidente, sonhos ocultos, transformações espirituais e visões apocalípticas, estão sendo confirmados por meio das práticas e desenvolvimentos científicos da era moderna. Essa mesma mística repleta de idealizações do plano astral e espiritual, está resignificando e reconfigurando arquétipos atuais, onde os astros e cósmos dialogam com as coisas terrenas. A dicotomia epistêmica entre virtual e real, transcendência e efemeridade, religiosidade e fantasia, parece cada vez mais hibridizada pela gnose, sem tantas disputas ou distanciamentos.

⁶⁰ Cf. Costa, Carse, Esterbauer (2001), von Foerster, McLuhan (1994), Noble (1998), Kelly (2012), Felinto (2004)

A gnose (do grego conhecimento, ligado ao conhecimento de Deus) é, mais do que uma transcendência mística, uma busca afinada de informações que, colocadas juntas, trazem à tona conhecimentos revelados a poucos. A gnose é uma técnica mágica, uma *tekhne*, forma de manipulação prática de informações (nomes secretos, códigos, etc.). A gnose é atualizada hoje pela nova forma de esoterismo que emerge com a cibercultura na forma de tecno-paganismo típico dos ravers e zippies (LEMOS, 2002, p.140).

O humano, a partir de uma nova consciência da *gnose tecnológica*, vem superando, por meio de novas formas de pensar, as representações arquetípicas, para viver outras experiências. É possível observar um desejo parecido como dos gnósticos, pelo conhecimento transcendente, por necessidade de sair das prisões da mente, do corpo e da razão, para novas aventuras espirituais - uma verdadeira viagem cósmica e de desapego. O crescente número das doenças físicas e psíquicas podem ser um sinal da urgente necessidade de superação da matéria e do *soma* (corpo), para uma descorporalização, permitindo uma nova 'consciência', que segundo Plotino, é a capacidade de encontrar a verdade dentro de si mesmo, um caminho de volta para dentro, sendo independentes da exterioridade corporal por meio da gnose.

Essa experiência individual direta da gnose que remonta séculos, carregada de rituais, filosofia e experiências místicas, parece tão presente, hoje. O desejo do autoconhecimento e liberdade do ser, fora da prisão corporal que sufoca, estão totalmente atrelados a influência dos gnósticos. Porém Felinto (2003) faz alguns alertas:

A gnose era uma religião elitista e excludente, e a nova tecnoreligião corre o risco de repetir esses seus traços fundamentais. Muito comum nos discursos ciberutópicos é o louvor das mutações extraordinárias que as novas tecnologias de informação e comunicação irão trazer à humanidade, mas também o quase total esquecimento de que essas transformações estão hoje ao alcance de uma parcela mínima da população mundial. O perigo da fetichização tecnológica, como avisa também Lucien Sfez, é que a técnica se converta em rei e senhor de todas as instâncias da vida social, em finalidade última de todos os esforços humanos (FELINTO, 2003, p. 8, grifos nossos)

Assim como Felinto observa o *perigo da fetichização tecnológica*⁶¹, a teoria agnóstica não agrada os líderes da Igreja Católica desde muito tempo. O gnosticismo foi

⁶¹ Em *Opocalípticos e Integrados*, Umberto Eco (1994) já fazia referência a esse tipo de fetichização.

condenado pelo papa Higino (138-142) e por outros papas, e visto, atualmente por Francisco, como formas desvirtuadas do cristianismo.

Diferente do que prega o catolicismo, para o gnosticismo, a salvação é obtida por meio do conhecimento esotérico revelado ou ‘gnose’, desconsiderando a salvação obtida por intermédio da pessoa de Jesus Cristo. O mundanismo espiritual é definido pelo papa Francisco como ‘imanentismo antropocêntrico’, na Encíclica *Evangelii Gaudium* (2013):

Este mundanismo pode alimentar-se sobretudo de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos (EVANGELII GAUDIUM, 2013, item 94, grifos nossos).

Agora, qual seria o problema da busca pela realidade transcendente de Deus, por meio da gnose – do conhecimento interior? O próprio texto do papa parece se tratar de uma ‘fé fechada’, como ele mesmo usa do termo para criticar o gnosticismo. O físico Marcelo Gleiser “é importante lembrar que o que importa não é chegar a verdades absolutas, mas ao conhecimento. Como Tom Stoppard escreveu em sua peça *Arcádia*, o que importa não é saber tudo, mas o querer saber” (GLEISER, 2010, p. 11).

Em todas essas reflexões até aqui percorridas, parece que a religião – o catolicismo por exemplo, necessita que o ser humano dependa dela para viver, e esteja sempre subordinado a uma divindade. A imagem arquetípica é aquela dos pais que não conseguem ver o filho crescer sozinho, independente e autônomo – fora de casa. Deveria ser o contrário: a felicidade dos pais que se sentem orgulhosos de verem o filho (criados por eles), conquistando sua própria vida. Não seria, portanto, egocentrismo dos filhos, ao saírem de casa, mas algo natural, de quem foi criado para transcender e viver as suas próprias possibilidades.

Mas, será que Deus, ao criar o mundo, teve a intenção de estar no controle de tudo e de todos? E se Deus não criou nada e tudo não passou de misticismo religioso? Para Gleiser (2014), “não importa se fomos criados por deuses, como afirmam muitas religiões, ou por um universo cujo objetivo é gerar a vida. De um modo ou de outro, nossa presença aqui tem que ter uma razão de ser” (GLEISER, 2010, p. 4)

Mesmo que não tenhamos sido criados por deuses ou por um cosmo com o propósito de gerar criaturas inteligentes, a verdade é que estamos

aqui, refletindo sobre a razão de estarmos aqui. E isso nos torna muito especiais (Idibem, p.6)

A visão de Gleiser é interessante por defender a tese do ‘humanocentrismo’, reconhecendo a capacidade do humano de pensar, de amar e de sofrer, de criar belas obras, de usar a razão sem uma dependência divina. Ao recordar a passagem de Gêneses, onde Adão e Eva comeram a maçã da Árvore da Sabedoria, o autor diz que a expulsão do Paraíso (Jardim do Éden) foi consequência do desejo e curiosidade. O que para ele, faz todo o sentido da vida existir. “Enquanto continuarmos a nos questionar sobre quem somos e sobre o mundo em que vivemos, nossa existência terá significado” (Ibidem, p. 5). Sobre isso, o tópico 7.1. traz uma aventura imaginária da criação da ‘tecnologia’ e ‘logia’.

No próximo tópico, a abordagem de David Noble sobre ‘A religião da tecnologia’, trará aspectos para ajudar a pensar sobre o papel das tecnologias, como criações humanas, fora dos atributos divinos ou das concepções míticas e místicas das tecnologias, que foram apresentadas pelos teóricos David Kelly e Erik Davis.

4.1.1. A religião da tecnologia, em David Noble

If the religion of technology once fostered visions of social renovation, it also fueled fantasies of escaping society altogether. Today these bolder imaginings have gained sway, according to which, as one philosopher of technology recently observed, "everything which exists at present ... is deemed disposable (NOBLE, 1999, p. 208).

David Franklin Noble é autor do livro *The Religion of Technology: the Divinity of Man and the Spirit of Invention*, publicado em 1999. Nascido em Nova York, em 22 de julho de 1945, faleceu em 27 de dezembro de 2010, após contrair pneumonia. Formado em história e química pela Universidade da Flórida, com doutorado na Universidade de Rochester, foi historiador crítico de tecnologia, ciência e educação. Atuou como docente no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (até 1984), na *Smithsonian Institution* e na *Drexel University*, além de professor visitante em diversas universidades.

De 1986 a 1994, Noble lecionou no Departamento de História e Política da Universidade de Drexel. Em 1997, foi professor visitante de ciência, tecnologia e sociedade no *Harvey Mudd College*. Fato curioso da carreira no magistério de Noble é que ele se recusava a dar notas aos alunos, pois seguia a pedagogia crítica, em não classificar os estudantes. Até sua morte, lecionou na *York University*.

No estudo, *A religião da tecnologia: a divindade do homem e o espírito da invenção*, Noble (1999) observa como a tecnologia tornou-se um instrumento de dominação e privilégios de grupos considerados escolhidos pela divindade, como uma espécie de ‘dons tecnológicos espiritualizados’, para restaurar o mundo ao seu estado original. “Assim, os monges de clausura, os soldados espirituais de salvação epitomizados pela vanguarda milenar (tecnologia), [...] perseguiram sua própria perfeição privilegiada com muita antecedência do resto da humanidade” (NOBLE, 1999, p. 201). Ou seja, as descobertas das novas tecnologias, como os avanços técnicos na agricultura e na indústria, eram interpretadas pelos mais espiritualizados como sendo dádivas de Deus, aos homens escolhidos, para uma missão terrena.

Os exploradores também acreditavam que só eles tinham sido escolhidos e enviados para redescubra o paraíso, e os filósofos herméticos e magos eruditos, eles tão inspirados foram igualmente assegurados de seu próprio monopólio especial na sabedoria divina (Idem).

Essa visão fascinada dos exploradores está enraizada nos ideais da religião cristã, prestando culto a ciência e a tecnologia como deuses do mundo moderno. As tecnologias seriam, para eles, o continuar da criação divina, uma forma que Deus escolheu para estar na humanidade e ser representado. Ao tratar da ‘religião da tecnologia’, Noble deseja mostrar que as técnicas modernas, ao serem atribuídas como dons divinos, geram, também uma ideia elitista. Como narra a Bíblia, apenas alguns foram os escolhidos. Sendo assim, os que tinham acesso as tecnologias, eram como guardiões das novas criações divinas.

Mas a elite, pretensões de outros mundos de todos aqueles que promoveram e perseguido a religião perfeccionista da tecnologia foram desmentidos por sua dependência e subordinação mundanas. Pois foi em última análise, do poder mundano, que serviram para ampliar e estender, que sua própria posição privilegiada e luxo para sonhar, derivado (Idem).

São comportamentos próprios de um contexto em ascensão do Renascimento, com transformações na cultura, ciência, economia, política e na religião. Para Noble (1999), os avanços tecnológicos ganharam um status de religião, pelas singularidades, e, também, reforçados pelo imaginário ocidental de dominação da natureza.

Historicamente, David Noble demonstrou a coerência dessa tese, já que religião e tecnologia possuem, de fato, vínculos profundos no desenvolvimento de nossa cultura. Mas a religião da tecnologia encerra

perigos não desprezíveis. É certo que os mitos nos “guiam e inspiram”, mas eles também podem nos ferir, “ao cegar-nos para nossas necessidades reais e urgentes” (NOBLE, 1999, p. 6, apud, FELINTO, p. 8, grifos nossos)

Na visão de Noble (1999), com as possibilidades das tecnologias muitas coisas estavam em jogo, como a própria religião e suas crenças. O ser humano estava buscando alternativas tecnológicas para resolver os problemas até então sem soluções, como por exemplo, garantir longevidade a vida, ou mesmo reverter seu fim terreno, por meio de um transcendia. O mitologema do ‘progresso tecnológico’ substituiu o Paraíso eterno pela vontade de estabelecer aquele jardim edênico no mundo terreno, ao invés de esperar pela morada celestial. Nisso, a religião da tecnologia conquista os adeptos – *homo technicus*, que se comportam como Deus,

[...] criando e resolvendo os problemas e assegurando o futuro. Isso porque os recursos tecnológicos são vistos como solução para todas as dificuldades humanas. A tendência é refutar a ideia de um Deus que intervém em nosso favor. Quem precisa dele se a tecnologia resolve os problemas e assegura o futuro? (NICODEMUS, 2015, cap. 30).

Mas, como dito, essas ideias são antigas, nem tanto culpa das tecnologias. João Escoto Erígena (810-877) foi um importante filósofo do renascimento carolíngio (monarca Carlos Magno) a tratar da religião da tecnologia, em um contexto da tradição romana e das técnicas bizantinas. Em suas concepções científicas, Erígena quis explicar a existência por meio de um sistema racional, onde Deus e o mundo são duas realidades totalmente diferentes, e a vontade divina não interfere na realidade humana. Também, acredita ser impossível tentar compreender a Deus, por meio da crença, uma vez que o entendimento humano é limitado, e Deus não se esgota no escopo da razão.

4.1.2. ‘Deus não é a tecnologia’, por David Kelly

Em todas as culturas até mais ou menos o século 17, o avanço incremental do progresso era atribuído aos deuses ou a um Deus. Somente depois que o progresso foi liberado da intervenção divina e colocado em nossas próprias mãos foi que ele começou a alimentar a si mesmo (KELLY, 2012, p. 90, grifos nossos)

O pensamento de Kevin Kelly, pesquisador das tecnologias e cultura digital, não é diferente das primeiras concepções dos papas sobre as técnicas modernas. Kelly é

fundador e ex-diretor executivo da revista *Wired*, e autor do livro *What Technology Wants*, com tradução '*Para onde nos leva a tecnologia*' (2012). Na obra o autor é enfático ao afirmar que “em uma nova era axial, é possível que as maiores obras tecnológicas venham a ser consideradas um retrato de Deus, não de nós” (KELLY, 2012, p. 339).

No Decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, os bispos conciliares reconheceram as tecnologias de comunicação como “maravilhosas invenções da técnica”, desenvolvidas pelo “engenho humano” e “com a ajuda de Deus” (item 1, INTER MIRIFICA). Em diversos trechos do documento, a Igreja que as novas técnicas são progressos permitidos por Deus e que “utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína” (ibidem.). Esse mesmo pensamento de que as *técnicas modernas* são inspirações divinas, foi reproduzido pelos papas eleitos pós-Concílio do século XX, como João XXII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. Para Kelly (2012), qualquer nova invenção é fruto, também, da evolução da vida.

A mutualidade constante e auto-organizada da vida, da evolução, da mente e do técnico é um reflexo da transformação divina. Deus, enquanto Verbo, liberta uma série de regras que formam um jogo infinito, um jogo que está sempre retornando para si mesmo (KELLY, (2012, p. 336, grifos nossos).

Assim como Kelly, na Encíclica *Redemptor Hominis* (O redentor do homem, 1979), João Paulo II reconhece o progresso da técnica e o desenvolvimento da civilização marcado pelo predomínio da técnica, reafirmando a relação desses avanços como algo divino. “O sentido essencial desta ‘realeza’ e deste ‘domínio’ do homem sobre o mundo visível, que lhe foi confiado como tarefa pelo próprio Criador [...]”. Esse mesmo pensamento era o de Pio XI, como escreveu na Constituição Apostólica *Deus Scientiarum Dominus* (Deus da sabedoria, 1931), que toda ciência tinha sua origem no Criador.

Existe até uma teologia moderna que postula que Deus também muda. Sem entrar em sutilezas teológicas, essa teoria chamada de Teologia do Processo, descreve Deus como um processo, um processo perfeito, por assim dizer. Nessa teologia, Deus é menos um *hacker* genial, barbudo, remoto e monumental e mais um fluxo sempre presente, um movimento, um processo, uma transformação primária autônoma. (Ibid., p. 336, grifos nossos)

Ou seja, qualquer nova descoberta, invento ou criação técnica, até mesmo a produção científica, só eram possíveis com permissão de Deus. Não se admitia que o homem fosse capaz de desenvolver, criar e projetar nossas ideias. Pela centralidade

divina, a condição humana estava dependente do “Deus do conhecimento, [...] o melhor de todo o conhecimento humano”. (REDEMPTOR HOMINIS, item 1).

Contudo, esse pensamento da Igreja sempre foi um tanto contraditório com a própria explicação bíblica sobre a origem humana, como retrata do Antigo Testamento: “façamos o homem a nossa imagem e semelhança” (Gn. 1, 26). Ainda que a pessoa humana não seja a imagem do seu Criador, tem origem Nele. Então, por sua *autopoiese*, e condição de sujeito co-criador, também é responsável pelas novas descobertas, pois está sempre criando. Assim, com a permissão dos deuses, não se pode negar que uma vida gera outra vida, logo uma pessoa também pode gerar outras coisas.

A vida era um reflexo do divino. Considerava-se que os seres humanos em particular foram criados à imagem de Deus. Mas se você acredita que os seres humanos foram feitos à imagem de Deus, o autocriador, então nos saímos bem, pois acabamos de dar à luz à nossa própria criação: o técnico (KELLY, 2012, p. 337, grifos nossos)

Entre o teológico e tecnológico existe algo híbrido. E aqui não se pretende discutir teologia, muito menos a existência de Deus. Mas, sim colocar em debate a dimensão teológica do humano, ou seja, sua capacidade de transcender e autocriar, uma vez que os cosmos e toda matéria que existem estão em constantes mutações. A *autopoiese* não é falácia, mas condição natural da vida, que se recria, se refaz, se transforma para continuar a existir, por diversas e infinitas possibilidades. O técnico – como diz Kelly (2009) está voltado para Deus, pois “[...] uma única linha de autogeração une o cosmos, o bios e *technos* em uma única criação” (KELLY, 2012, p. 336). Seja na técnica, na *techné* ou na tecnologia, a evolução continua, o progresso técnico é constante. Agora resta saber se toda essa engenhosidade também carrega consigo algo sagrado, divino. Pio XII arriscou nesta resposta, na encíclica *Miranda Prorus* (1979), atribuindo o progresso das técnicas modernas daquela época, como o cinema, rádio e televisão, sendo dons de Deus.

Os maravilhosos progressos técnicos, de que se gloriam os nossos tempos, sem dúvida são fruto do engenho e do trabalho humano, mas não primeiro que tudo dons de Deus, Criador do homem e inspirador de todas as obras; “não só produziu as criaturas, mas uma vez produzidas defende-as e protege-as” (MIRANDA PRORUS, item 1, grifos nossos)

O papa Pio XII reconhece os avanços das tecnologias, mas centraliza ‘os maravilhosos’ progressos técnicos, na origem divina, assim como João Paulo II ao dizer que os novos instrumentos que “Deus, por meio da inteligência e da engenhosidade

humana, pôs à nossa disposição. Como todos os dons divinos, estes foram nos dados para serem usados para o bem [...]” (IGREJA CATÓLICA, 1993, internet). Nessa mensagem ao 27º Dia Mundial das Comunicações Sociais, João Paulo II falava das potencialidades dos audiocassetes e videocassetes, que eram as grandes novidades da tecnologia naquele momento, técnicas modernas que poderiam ajudar as pessoas a progredir culturalmente, socialmente e, também, na dimensão religiosa – da fé.

Então, qual o sentido em estabelecer essa relação entre a tecnologia e o sagrado? Seria uma espécie de doutrinação dos meios ou, ainda, um possível *dogmatismo tecnológico*, como estratégia da Igreja perpetuar a visão ‘teocêntrica’? Mas aqui cabe uma pergunta: como explicar os novos inventos e tecnologias dos cientistas que não creem em Deus? Com certeza, eles não atribuem suas criações como sendo dons divinos. “Na visão cristã, a tecnologia é um instrumento pelo qual o ser humano cumpre sua missão, dada por Deus, de conquistar o mundo, dominá-lo e usá-lo para seu proveito e do próximo” (NICODEMUS, 2015, cap. 30).

As técnicas podem ser meios, porém não é a própria divindade, como afirma Kelly (2012, p. 340), que opta por falar em ‘técno’, ao invés de ‘técnica’:

O técno não é Deus; ele não é grande o suficiente. Ele não é uma utopia. Ele não é sequer uma entidade. Ele é uma transformação que está apenas começando. Mas ele contém mais bondade do que tudo mais que conhecemos. O técno expande os traços fundamentais da vida e, no processo, expande a bondade fundamental da vida

Diante dessas constatações, o próximo capítulo traz o percurso teórico do pesquisador brasileiro Erick Felinto que busca entender, a partir do que define como ‘religião das máquinas’, essa relação entre a tecnologia e misticismo, com crítica do imaginário tecnológico.

4.1.3. A religião das máquinas e a teologia da tecnologia

Denunciar e desfazer o processo de fetichização tecnológica não implicaria o risco de fazer-nos retornar a uma certa perspectiva moderna da técnica e a uma visão instrumental da mesma? Nesse sentido, devolver a tecnologia à dimensão de uma suposta objetividade e de um papel de meio não resultaria numa visão antropocêntrica do objeto técnico como mero instrumento passivo e sujeito à vontade suprema do ator humano? (FELINTO, 2003, pp. 9-10, grifos nossos)

Erick Felinto de Oliveira é pesquisador brasileiro e autor dos livros *A Religião das Máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura* (Sulina, 2005), *Passeando no Labirinto: Textos sobre as Tecnologias e Materialidades da Comunicação* (EDIPUCRS, 2006) e *Silêncio de Deus, Silêncio dos Homens: Babel e a Sobrevivência do Sagrado na Literatura Moderna* (Sulina, 2008). É doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com estágio de Pós-Doutoramento Sênior na Universität der Künste Berlin sobre Teorias da Mídia alemães (2010-2011). Atua como pesquisador do CNPq e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Também é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF.

Mas é exatamente porque a tecnologia deve ser pensada em sua materialidade, despida de todo processo de espiritualização, que a crítica do imaginário tecnológico se faz necessária. Quanto mais resistirmos a essa doação de sentido humano à técnica – especialmente de sentido religioso, o mais totalitário e sedutor de todos – mais poderemos nos colocar no horizonte de uma nova concepção da tecnologia, que passa a levar em conta precisamente a sua materialidade, sua poderosa ação sobre o campo das percepções e da subjetividade humana, bem como seu papel no próprio processo de construção do sentido (FELINTO, 2003, p. 10).

Para Felinto “a religião se imiscui no horizonte da tecnologia, aproximando assim o espiritual e o material, a divindade e a máquina” (Idem, p. 1). Mas não fica claro o posicionamento do autor, pois deixa os caminhos abertos sobre a relação entre tecnologia e religião. Ao mesmo tempo que critica a espiritualização do processo, também diz ser necessário não perder as percepções e o imaginário. O autor observa que as novas tecnologias de informação e comunicação estão carregadas de concepções místicas e religiosas sugestivas da transcendência e pelo imaginário tecnológico. Aqui vale recordar o pensamento de Lévy (2003, p. 57), quando diz: “Aquilo que foi teológico se torna tecnológico”, ao fazer a relação entre religião e tecnologias.

Se trata todavía de acercar lo humano de la divinidad (¿y qué otro objetivo asignar a un arte que valga la pena?), pero esta vez permitiendo a colectivos humanos reales y tangibles construir juntos un cielo, cielos, que solo toman su luz de los pensamientos y creaciones de acá abajo. Lo que fue teológico se convierte en tecnológico.

Essa citação, corrobora com as preocupações de Felinto (2003) ao levantar as possíveis problemáticas da interpretação do papel das tecnologias sob o viés místico e mítico. O autor é enfático quando diz ser preciso resistir ao sentido religioso atribuído as

técnicas, para dar um novo horizonte de uma nova concepção da tecnologia. Em contrapartida, Lévy (2000) mostra um possível caminho mais interessante, ao fazer uma aproximação entre o teológico e o tecnológico.

É impossível separar o ser humano do seu ambiente material, dos sinais e das imagens através dos quais confere sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não se pode separar o mundo material – ao menos ainda sua parte artificial – das ideias através das quais os objetivos técnicos são concebidos e utilizados pelos homens que os inventaram, produzem e usam (LÉVY, 2000, p. 26)

Para Lévy, ambas as realidades não são excludentes, mas se complementam com dimensões e características próprias. Tanto o teológico pode ganhar uma dimensão tecnológica, como por exemplo, a chamada ‘Igreja Virtual’ (GIRALDI PIRES, 2014). Seria um ‘técnioprofano’, pois o sagrado só existe pela presença do profano.

4.1.4. A espiritualidade da tecnologia e o sublime tecnológico

Na visão de teólogos do cristianismo, o tecnológico possui potencialidades teológicas e místicas, a chamada ‘*Espiritualidade da Tecnologia*’ (SPADARO, 2012). Para o sacerdote e consultor do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais do Vaticano, Antonio Spadaro, “um momento crucial para a compreensão espiritual das novas tecnologias foi a promulgação do Decreto do Concílio Vaticano II, *Inter mirifica*” (Idem, p. 27). Ainda segundo o autor, o crente poderá ver na tecnologia a resposta do homem ao chamado de Deus para dar forma e transformação a criação, e, transformar a si mesmo – evoluir. Porém, a visão de evolução pode ser entendida além do teológico.

Em outra vertente, Costa (1995), fala de um possível ‘Sublime tecnológico’, que se manifesta em três formas: 1) pela fraqueza do sujeito e nas conexões que ele cria por meio dos sistemas tecnológicos que o transcende, pela domesticação tecnológica ao manter o sujeito conectado em um universo virtual grande – com dispositivos de comunicação e plataformas; e pelo domínio da terribilidade da tecnologia (as coisas más), ou seja, as ameaças ao mundo real dos humanos, exigindo de cada *cibercidadão*, uma nova espiritualidade para viver conectado: o *sublime tecnológico*. A dimensão de sublime na tecnologia está justamente em compreender que as técnicas e seus fluxos são

invisíveis, informes e ilimitados. O que neste estudo, também, é pensado como ‘sem credo’ ou ‘religião’ - profana, pois trata-se de uma ‘tecnologia do comum’.

Essa dimensão ‘ilimitada’ e ‘transcendente’ das tecnologias de comunicação podem ser explicada por sua capacidade de ‘aumentar a diversidade de artefatos, métodos e técnicas para criação e escolhas. O objetivo da evolução é perpetuar o jogo de possibilidades’ (CARSE, 1986, apud KELLY, 2012, p. 334).

O teólogo James Carse defende a tese dos *Jogos Finitos e Infinitos* compreende que evolução, vida, mente e técnico são jogos infinitos e “a ideia jogo é perpetuar o próprio jogo e manter todos os participantes jogando tanto quanto for possível” (Idem, p. 335)

A paz é desejada em todo o mundo porque dá à luz mais oportunidades e, ao contrário de um jogo finito, ela contém um potencial infinito. As coisas que mais amamos na vida, incluindo a própria vida, são jogos infinitos. Quando jogamos o jogo da vida, ou o jogo do técnico, as metas não são fixas, as regras são desconhecidas e estão sempre mudando. Como proceder? Uma boa opção é aumentar o número de opções. Enquanto indivíduos e sociedade, podemos inventar métodos que gerem tantas boas possibilidades novas quanto possível (KELLY, 2012, p. 335, grifos nossos)

O pensamento de Kelly está em sintonia com o ciberneticista Heinz von Foerster, ao fazer abordagem do Imperativo Ético. Para ele, uso das tecnologias deve estar voltado sempre para aumentar o número de escolhas, sendo possível por meio do encorajamento da ciência, da inovação, da educação, da alfabetização, do pluralismo. “Na minha experiência, o princípio nunca falha: em qualquer jogo, sempre aumente as opções” (KELLY, 2012, p. 334). A tecnologia é mais do que se pode imaginar ou definir, é um jogo infinito de possibilidades, seria *Deus no ciberespaço* (ESTERBAUER, 1998).

Seria a tecnologia uma dimensão evolutiva do espírito? Na encíclica *Caritas in veritate*, o papa emérito Bento XVI, recorda que “na técnica se exprime e se confirma o poder do espírito sobre a matéria”, e assim também afirmou João Paulo II, em 1989, que as tecnologias, como instrumentos e processos, são ‘divinização’ da engenhosidade humana. Francisco tem compreendido as tecnologias como meios que potencializam as relações entre as pessoas. O pontífice, diferentes de outras papas, não atribui as técnicas a função de serem meios de evangelização, apenas, mas de relações afetivas e efetivas. Francisco vê a tecnologia sob a ótica das possibilidades para a vida e de encontro.

Na mensagem ao 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2019, “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade

humana”. O papa atual reconhece as ‘profundas transformações impressas pela tecnologia às lógicas da produção, circulação e fruição dos conteúdos’, mas vislumbra a ‘comunidade de redes sociais’, ou seja, a internet potencializando as redes de pessoas. Mas, o papa alerta: “A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento”⁶².

⁶² Disponível em: Acessado em: 12 de set. de 2018.

CAPÍTULO 5. A FASE TECNOLÓGICA E OS PONTIFICADOS

5.1. Papas do Século XX

A história dos papas na Igreja já teve episódios sangrentos. Principalmente no século X, conhecido como Século do Chumbo e do Ferro. Era a época das invasões na Europa pelos sarracenos, mouros, vikings, búlgaros e cavaleiros magiares. Os papas rivais, em Roma, aprisionaram, mataram por falta de alimentação em encarcerados e, ainda, mutilaram e assassinaram uns aos outros. Na obra ‘As piores decisões da história’, Stephen Weir (2014), recorda dois papas do catolicismo que tomaram decisões perigosas. O papa Silvestre II – primeiro papa francês (950-1003), também conhecido como Gerbert d’Aurillac, era um papa matemático (profundo conhecedor de Geometria e Álgebra) e amante da filosofia, considerado um homem culto. O papa do ‘Ano mil’ foi responsável pela Reforma Eclesiástica, combatendo a simonia (comércio das coisas sagradas), comum na época, além de impor a ‘Trégua de Deus’ (a não violência entre os cristãos).

No final do ano de 999, espalhou pânico entre os fiéis ao anunciar o fim do mundo. Porém nada aconteceu e o mundo continuou em pé. Já o papa caiu. Após sua morte, em 12 de maio de 1003, seu corpo teria sido arrastado em um pátio pelos fanáticos, mutilado e esquartejado por cardeais. Ele foi acusado de ter conquistado o papado jogando dados como diabo, e que entregaria a cristandade a satã, à meia-noite do ano de 999.

O décimo século não foi brilhante na história do papado. Mil anos depois do reinado de São Pedro, sucessivos papas foram brutalmente assassinados e depostos, e a Igreja enfrentou 50 anos do que ficou conhecido como pornocracia, ou ‘reino das meretrizes’, em que mulheres fortes dominavam o papado (WEIR, 2014, p. 42, grifos nossos)

No século XXI, os papas não são assassinados, mas enfrentam outros tipos de ataques, como perseguição por cardeais e bispos, parece a volta do extremismo e do obscurantismo. Mas, como foram os papados do século XX? São 8 os papas, com estilos e características bastante diferentes. Com exceção do polonês, papa João Paulo II, todos eram italianos. O último papa do século XIX foi Leão XIII (Vincenzo Gioacchino Pecci), de fevereiro 1878 a julho de 1903, somando 25 anos de papado e considerado um defensor da doutrina social da Igreja. Ele escreveu as principais Encíclicas sociais até hoje usadas para fundamentar outros documentos doutrinários do catolicismo.

A Igreja do século XX trazia consigo o peso das decisões dos últimos papas, marcadas por censura e repressão, no que tange nas novas técnicas de comunicação. Em 2 de junho de 1848, Pio IX na Epístola *In secone X Concilii – a censura canônica dos livros*, mantinha a posição de seu predecessor Pio IV, na Constituição *Dominici gregis* (1564), em proibir livros ou escritos que não tinham sido examinados e aprovados por uma autoridade eclesiástica – o ‘censurador canônico’. Pio IX se mostrava preocupado com os avanços da escrita e da leitura. E, com razão, era o início da conquista da liberdade de pensamento e expressão, fora dos cativeiros do catolicismo.

“Todavia, a ânsia de escrever e ler faz que o número de livros, e sobretudo jornais, aumente dia a dia em nossa época. [...] abriu-se um caminho ainda mais largo aos que se lançavam a propagar doutrinas perversas e nocivas à religião e ao Estado com folhetos e especialmente com opúsculos publicados clandestinamente (*IN SESSIONE X CONCILII*, 1848, item 1)

De fato, existia uma ânsia pelo conhecimento, pois os únicos escritos eram produzidos pela Igreja, com base nas interpretações teológicas. Não era permitido pensar diferente, e porque não? Qual é o medo da instituição em estimular outras formas de ver o mundo? A resposta é simples: manter o controle. Quando se abre novos caminhos para o conhecimento, dificilmente quem deseja dominar, terá sucesso. O conhecimento liberta.

A Epístola *In secone X Concilii* se limitava a censura de temas ligados ao âmbito religioso e moral (Sagrada Escritura, Teologia, História Eclesiástica, Direito Canônico, Teologia Natural e Ética), e já remontava decisões do V Concílio Lateranense - 1513 (o maior dos concílios ecumênicos medievais) e do Concílio de Trento – 1545 a 1563 (conhecido com Concílio da Contrarreforma, devido à Reforma Protestante na Europa). Contudo, em se tratando de censura, não há justificativa, pois proíbe o ato de pensar.

É nesse contexto de censura e perseguição que inicia século XX. Após a morte de Leão XIII, é eleito Giuseppe Melchiorre Sarto, papa Pio X, em 4 de agosto de 1903. Ele ficou conhecido como ‘Papa da Eucaristia’, por ter escrito documentos basilares no que tange ao sacramento eucarístico (a comunhão durante a missa). Na ordem, os papas do século XX: Pio X (1903-1914), Bento XV (1914-1922), Pio XI (1922-1939), Pio XII (1939-1958), João XXIII (1958-1963), Paulo VI (1963-1978), João Paulo I (1978) e João Paulo II (1978-2005).

Para esse estudo, integram o *corpus* de análise os papas pré-Vaticano II, com início em Pio XI, com a 1ª fase, sobre reflexões do cinema e os papas pós-Vaticano II,

até Francisco, com a 8ª fase sobre o ambiente digital – redes sociais. O breve percurso e estilo de cada papa desse *corpus* serão conhecidos em seguida. Esse perfil identifica o posicionamento político e a linha de discurso de cada papa com as tecnologias de comunicação, próprias daquele contexto do pontificado e do mundo em transformação.

No século XX, os pontificados são marcados por diferentes fases tecnológicas, principalmente com a Revolução Industrial, e de momentos sombrios como as duas guerras mundiais, e ainda a guerra fria. Nessa linha do tempo, na ciência, destaca-se o anúncio da Teoria da Relatividade de Einstein. Já na tecnologia, o voo com o 14 Bis, de Santos Dumont; o desenvolvimento da linha de produção de carros da Ford (*Fordismo*), Auguste Lumière inventa a fotografia colorida; a primeira transmissão televisiva, na Inglaterra; EUA lançam o primeiro computador comercial, UNIVAC I; a criação da internet e o bug do ano 2000.

O perfil de cada papa aqui apresentado indica caminhos para pensar três eixos nesse estudo sobre o discurso dos pontífices, no que tange as tecnologias de comunicação: 1) a marca discursiva, 2) a centralidade do discurso e 3) o núcleo de sentido. Ou seja, o contexto de mundo e do pontificado de cada papa, os momentos históricos, a conjuntura político-social, e período teórico (os estudos das tecnologias), ajudam a entender a dimensão dos discursos dos papas, para responder ao problema desta pesquisa, buscando entender de que maneira as tecnologias são conceituadas e interpretadas nos documentos escritos pelos papas. O discurso de cada papa é singular e, portanto, revela muitos indícios do pensamento dos pontífices sobre as tecnologias, para além do que essa tese poderia constatar. Aqui as tecnologias são entendidas como ‘servidoras da vida humana’.

5.1.1. Pio XI e o cinema

Não há hoje um meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas, quer devido às figuras projetadas nas telas, quer pelo preço do espetáculo cinematográfico, ao alcance do povo comum, e pelas circunstâncias que o acompanham (*VIGILANTI CURA*, item 18, grifos nossos)

FIGURA 21 – Papa Pio XI (1922-1939)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Pio XI (Ambrósio Damiano Achille Ratti) então arcebispo de Lepanto (Grécia), aos 62 anos, foi eleito o 259º bispo de Roma e papa da Igreja Católica, em 6 de fevereiro de 1922. Escolheu como lema do pontificado ‘*Tudo passa muito rápido*’. Ratti pode ser definido como um pensador-político. Suas decisões eram polêmicas e condicionadas aos interesses da Igreja. Realizou tratados com a Alemanha nazista, em 1933. Porém, mudou de lado, ao denunciar o nazifascismo como racista e anti-cristão, na Encíclica *Mit Brennender Sorge*, em 1937 e, por consequência rompeu aliança com Mussolini. Sua forma de conduzir a Santa Sé permitiu acordos entre a Igreja Católica e o governo nacionalista de Adolf Hitler. Como constatou o historiador Hubert Wolf, o papa deixou-se iludir pela atitude de Hitler em denunciar o bolchevismo. Mas, ao final Pio XI percebeu ter feito um ‘pacto com o diabo’. A Igreja tornou-se a vítima preferida de Hitler, enfrentou a eclosão do comunismo e do fascismo na Europa, com um discurso de denúncia.

Era apaixonado pelo conhecimento e pelos estudos literários, com vasta erudição e com três graduações: filosofia na Academia de São Tomás de Aquino, em Roma, em direito canônico na Universidade Gregoriana e teologia na Universidade La Sapienza. Atuou como professor de matemática em escolas e no seminário menor. Por sua trajetória científica e acadêmica - como defensor das universidades, diversas instituições de ensino foram criadas, com seu nome.

Iniciou o pontificado com resquícios, ainda, da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) vivida pelo mundo. Contudo, por ter uma postura determinada não recuou em enfrentar os desafios de estabelecer as verdades da fé cristã e a paz mundial. Em sua primeira Encíclica *Ubi arcano Dei consilio*⁶³ (23 de dezembro de 1922), exortou sobre a Paz de Cristo no Reino de Cristo. Também, foi o primeiro papa a escrever sobre o cinema, na Encíclica *Vigilanti Cura*, com elogios e alertas sobre a nova tecnologia. Pio XI é considerado o primeiro papa a usar os meios de comunicação de massa, como o rádio, para divulgar ações do catolicismo – ao criar a Rádio Vaticano.

No contexto de seu pontificado, o mundo vivia a fase de uma nova descoberta tecnológica: o cinema. A invenção do cinematógrafo pelos irmãos Auguste e Louis Lumière; era um aparelho portátil com capacidade de uma máquina de filmar, de revelar e projetar. Em 1895, aconteceu a primeira exibição pública paga de filmes, no Salão do Grand Café de Paris. Mas foi em 1903 que Thomas Edison usou pela primeira vez a técnica de edição de imagens, em sua produção do filme mudo, no formato de curta-metragem, *Life of an American Fireman*.

Outras encíclicas marcaram o perfil e papado de Pio XI. Entre outros temas latentes da vida social, foi defensor da educação cristã dos jovens (*Divini illius magistri*, 1929), do matrimônio cristão (*Casti connubii*, 1930) e do sacerdócio católico (*Ad catholici sacerdotii*, 1935), além de um adversário da contracepção (ou métodos abortivos) e crítico ao comunismo ateu e aos regimes totalitários (*Divini redemptoris*, 1937) e a crise econômica (*Nova impendet*, 1931). Em 1939, havia deixado escrito um projeto de texto da Encíclica *Humani generis unitas*, no qual condenava o antissemitismo, o racismo e a perseguição dos judeus. Por conta de sua morte, o texto não foi publicado, e ficou conhecido como ‘A Encíclica Perdida’. Somente onze anos depois, Pio XII, seu sucessor, publica em 12 de agosto de 1950, a Encíclica *Humani Generis* – com algumas ideias do texto de Pio XI, excluindo a palavra ‘*unitas*’, do título original.

⁶³ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19221223_ubi-arcano-dei-consilio.html Acesso em: 18 de abr. de 2019

Outro fato curioso: em fevereiro de 1939, dias antes de sua morte, preparou um discurso no qual denunciava a violação do Tratado de Latrão pelo governo fascista e a perseguição racial na Alemanha. O discurso não foi apresentado ao mundo e, somente com a eleição de João XXIII, alguns trechos tornaram-se públicos. Por ordem do então cardeal secretário de Estado, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli – que vinha a se tornar o seu sucessor, como papa Pio XII, o discurso foi destruído, pois o Vaticano deseja reatar as relações entre a Alemanha e a Itália. O papa morreu em 10 de fevereiro de 1939, na luta contra a inevitável Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

5.1.2. Pio XII e o rádio

Aperfeiçoada dia a dia por novos progressos, a rádio presta inestimáveis serviços nos variados campos da técnica, permitindo até dirigir a distância, para objetivos preestabelecidos, engenhos sem piloto. Nós, contudo, consideramos que o mais nobre serviço a que ela é chamada, é o de ilustrar e educar o homem, dirigindo-lhe a mente e o coração para esferas do espírito cada vez mais altas (MIRANDA PRORSUS, 1957, grifos nossos)

FIGURA 22 – Papa Pio XII (1939-1958)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Pio XII (Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli), aos 63 anos, é eleito o 260º papa da Igreja Católica, em 2 de março de 1939. Escolheu como lema do pontificado ‘*A paz é obra da justiça*’. A principal característica de Pacelli está em seu perfil de servidor-diplomático. Sempre atuou em atividades administrativas na cúpula do Vaticano. Ainda jovem e da família da nobreza italiana, foi ordenado padre aos 23 anos. Em 1901, assume atividade de sacristão na Cúria Romana e, posteriormente, ingressa na Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. A vocação teria sido inspirada pelo avô, Marcantonio Pacelli, que atuou como subsecretário do Ministério das Finanças Papais.

No dia 20 de abril de 1917, o papa Bento XV o nomeou Núncio Apostólico na Baviera (Alemanha), onde seria responsável por reatar as relações entre a Santa Sé e aquele país. É criado cardeal em 16 de dezembro de 1929, pelo papa Pio XI, e assume uma das mais importantes funções no Vaticano, secretário de estado, braço direito do papa. Foi responsável por acompanhar as redações das encíclicas de Pio XI, em uma

época conturbada e de governos totalitários como os fascistas, nazistas e os comunistas soviéticos. Também assumiu a missão de promover a política papal durante a Primeira Guerra Mundial, com interesses entre governos. Já como papa, em 1949, publicou o *Decretum Contra Communismum*, um decreto de excomunhão automática dos católicos que colaborassem com o comunismo ou o socialismo.

Um defensor e atuante na cultura popular, sempre valorizou as produções audiovisuais, como o cinema, sendo o primeiro papa a atuar em um filme, ‘Pastor Angelicus’, produzido pela TV italiana, em 1942. É autor da primeira Encíclica que tratou das atividades da cinematografia, rádio e televisão, a *Miranda Prorsus* (1957). Pio XII reconhece o potencial da tecnologia radiofônica: “é coisa ótima que os fiéis aproveitem deste privilégio do nosso século, e gozem das riquezas da instrução, do divertimento, da arte e da própria palavra de Deus que a rádio pode trazer [...]” (*MIRANDA PRORSUS*). Foi o primeiro papa a fazer pronunciamento pela televisão, em 24 de abril 1949, precisamente no dia de Páscoa - *Discours de Sa Saintete Pie XII*⁶⁴ (disponível no YouTube). No discurso de um minuto e vinte e oito segundos (1’28’’), transmitido por uma televisão francesa (em francês), Pio XII encorajou aos cristãos a usarem todas as tecnologias para anunciar a Boa Nova de Cristo Ressuscitado.

O papado de Pio XII é vivido durante os anos sombrios da Segunda Guerra Mundial, com participação e apoio acirrado da Itália. Utilizou do rádio para propagar mensagens e discursos de paz ao mundo, sendo um compromisso de seu pontificado. Em 1945, divulgou a mensagem *Ecco alfine terminata*⁶⁵, radiomensagem sobre o fim da 2ª Guerra Mundial na Europa.

A guerra acumulou todo um caos de ruínas, ruínas materiais e ruínas morais, como a raça humana nunca conheceu durante toda a sua história. É hora de reconstruir o mundo. Como o primeiro elemento desta restauração, desejamos ver, após uma espera tão longa, o pronto e rápido retorno, na medida em que as circunstâncias o permitam, de prisioneiros, de internos, combatentes e civis, a seus lares domésticos, a seus cônjuges, aos seus filhos, às suas nobres obras de paz (*ECCO ALFINE TERMINATA*, 1945)

Porém, Pio XII é criticado até hoje por católicos e judeus por sua postura ‘neutra’ durante o Holocausto, acusado de ‘silêncio’, e por seu o “Papa de Hitler”. A decisão do

⁶⁴ Primeiro discurso de um papa na televisão – Pio XII. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jh5nNXk5H0w> Acesso em: 19 de abr. de 2019

⁶⁵ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf_p-xii_spe_19450509_radiomessage-war.html Acesso em: 19 de abr. de 2019

papa de agir no silêncio para salvar milhares de judeus, releva o medo de enfrentar o governo alemão. O Holocausto, conhecido como Shoá, foi um genocídio em massa do século XX, com o assassinato de mais de seis milhões de judeus, durante a Segunda Guerra Mundial. O Vaticano, em 2008, suspendeu o processo de canonização de Pio XII até o fim das investigações sobre esses fatos que o envolveram. Grande parte das encíclicas deste papa foi voltada ao apelo e exortação pela paz no mundo.

Diante de muitos questionamentos, o papa Francisco decidiu pela abertura dos arquivos secretos do Vaticano sobre o pontificado de Pio XII. O ato ocorrerá em 2 de março de 2020, data que marcará o 81º aniversário da eleição de Pio XII. Francisco avalia que Pio XII viveu um pontificado com graves dificuldades e decisões atormentadoras.

No papado de Pio XII foram publicados os principais atos da devoção mariana, como o documento, em 1950, *Munificentissimus Deus*, que fixou o dogma da Assunção da Virgem Maria, em corpo e alma ao céu; outro sobre a recitação do Santo Rosário - *Ingruentium Malorum* (1951), *Ad Caeli Reginam* (1954) - Encíclica sobre a Realeza da Virgem Maria, e ainda, *Haurietis aquas* (1956), sobre o culto do Sagrado Coração de Jesus. Contudo, os discursos pela paz no mundo e em defesa da vida marcaram a trajetória de Pio XII, como as encíclicas *Communium Interpretes Dolorum*: apelo à oração pela Paz (1945); *Quemadmodum*: Encíclica sobre a assistência a dar às crianças indigentes (1946); *Auspicia Quaedam*: Oração pública pela paz mundial e o Problema da Palestina (1948); *In Multiplicibus Curis*: Oração pela paz na Palestina (1948); *Datis Nuperrime*: Lamenta os acontecimentos na Hungria, e condena o uso da força (1956); *Meminisse iuvat*: Pela paz no mundo e liberdade da Igreja (1958).

O líder da igreja chega ao trono de Pedro às vésperas da Segunda Guerra Mundial, conflito que não consegue impedir, mesmo com todo seu apelo pela promoção da paz. A postura neutra de Pio XII é questionada, mantendo-se imparcial. Roma fica conhecida como cidade ‘neutra’, por essa presença superficial no período da Guerra. O papa foi criticado por não ter agido decididamente contra Shoá – o Holocausto, ocorrido durante a Guerra. Em seus discursos ele parece desconsiderar a culpa da Alemanha na morte de milhares de Judeus, considerado um crime coletivo. Pio XII estava mais preocupado em assegurar que a palavra do papa não fosse questionada, muito menos e que suas decisões fossem infalíveis, asseguradas pela infalibilidade papal, assim como condenou os ‘erros relativos as ciências positivas’, reforçada na encíclica *Humani generis* (1950):

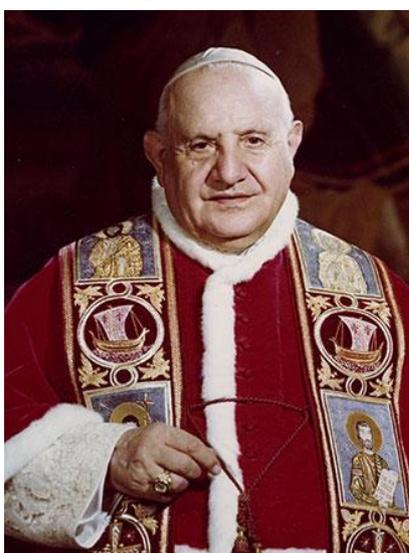
Por isso o magistério da Igreja não proíbe que nas investigações e disputas entre homens doutos de ambos os campos se trate da doutrina do evolucionismo [...] Porém, certas pessoas, ultrapassam com temerária audácia essa liberdade de discussão, agindo como se a própria origem do corpo humano a partir de matéria viva preexistente fosse já certa e absolutamente demonstrada pelos indícios até agora achados e pelos raciocínios neles baseados, e como se nada houvesse nas fontes da revelação que exigisse a máxima moderação e cautela nessa matéria (HUMANI GENERIS, ITEM 36, grifos nossos)

Ao mesmo tempo que a Igreja reconhece a importância das ciências, como as pesquisas e estudos, parece temer as possíveis descobertas que contrariam as ‘verdades da fé’. Diz, ainda, ser preciso ter limites a ‘liberdade de discussão’, sem explicar o que de fato isso significa. Se está em discussão a ‘liberdade do pensamento’, cabe a própria ciência estabelecer os limites e métodos de investigação (estudos), e não a Igreja.

5.1.3. João XXIII e a televisão

[...] socialização assim entendida tem numerosas vantagens: torna possível satisfazer muitos direitos da pessoa humana, especialmente os chamados econômicos e sociais, por exemplo, o direito aos meios indispensáveis ao sustento, ao tratamento médico, a uma educação de base mais elevada, a uma formação profissional mais adequada, à habitação, ao trabalho, a um repouso conveniente e à recreação. Além disso, através da organização cada vez mais perfeita dos meios modernos da comunicação – imprensa, cinema, rádio e televisão – permite-se a todos de participar nos acontecimentos de caráter mundial. (MATER ET MAGISTRA, 1961, grifos nossos)

FIGURA 23 – Papa João XXIII (1958-1963)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

João XXIII (Angelo Giuseppe Roncalli), aos 77 anos, é eleito o 261º papa da Igreja Católica, em 28 de outubro de 1958. Escolheu como lema do pontificado ‘*Obediência e Paz*’. Por seu carisma e perfil pastoral ficou conhecido como o ‘papa bom’. A principal característica de Roncalli na simplicidade e humildade, porém detentor de um espírito reformador. Seu discurso é marcado por palavras simples, porém com visão crítica acerca da missão da Igreja. Ele teve a iniciativa de convocar o Concílio Vaticano II, assembleia que resultou nas principais mudanças na vida da Igreja – o *aggiornamento*. Contudo, o pontificado do papa ‘carismático’ foi rápido, por quatro anos, considerado de transição. Além disso, já com quase oitenta anos, João XXIII não tinha a mesma saúde que seus antecessores, e sofria por obesidade. Viveu o pontificado enfrentando um câncer no estômago, causa de sua morte em 3 de junho de 1963.

Pode ser considerado um dos primeiros papas a utilizar a televisão para propagar as mensagens da Igreja. Em um vídeo raro (<http://youtu.be/MV8x8iLK5Xo>) ele explica de forma bem-humorada a função do papa. Também foi em seu papado, que pela primeira vez, o mundo acompanhou a transmissão televisionada de uma Assembleia Conciliar. Ao ser eleito papa, nenhuma roupa servia ao seu tamanho GG. Conta-se que olhando para o espelho o papa disse: “Se Jesus já sabia que eu seria Papa e numa época em que já inventaram a televisão, bem que poderia ter-me feito mais bonito!”. Assim como o atual papa Francisco, João XXIII costumava andar pelos setores do Vaticano. Em certa visita a cozinha da Santa Sé descobriu que os salários das cozinheiras, das faxineiras e dos jardineiros, eram muito baixos. Então, sem hesitar, deu aumento a essas funcionárias e funcionários, e reduziu os salários dos funcionários que ocupavam altos cargos dentro da cúpula da Igreja. Um papa atento e justo, pode-se assim dizer.

Além de sua facilidade de se comunicar pela televisão, o papa tinha admiração e respeito pelo trabalho da imprensa. Em discurso aos participantes do Congresso Internacional de Diretores de jornais, em 28 de maio de 1962, destacou a missão do jornalista: “[...] temos o prazer de acreditar que os amplos setores da opinião pública, que você tem a missão de informar e orientar, terão a vantagem de sua informação, talvez mais sóbria, porém mais apropriada e útil” (JOÃO XXIII, 1962)⁶⁶

Já na encíclica ‘Mãe e Mestra’ (Mater et Magistra), João XXIII expressou desejo de que a doutrina social cristã e programas de instrução religiosa fossem propagados nos ‘nos meios modernos de difusão: imprensa diária e periódica, obras de vulgarização e de caráter científico, rádio e televisão’ (MATER ET MAGISTRA, item 221).

A trajetória de padre começou na juventude. Aos 16 anos ingressou para a Pertencia à Ordem Franciscana Secular (OFS). Foi ordenado sacerdote, no dia 10 de agosto de 1904, em Roma. Após vinte anos na vida sacerdotal, o papa XI o nomeou visitador apostólico na Bulgária e, posteriormente, foi elevado ao cargo de arcebispo titular de Areopolis (Itália), no dia 19 de março de 1925. Antes disso, já havia ocupado a função de presidente italiano do Conselho das Obras Pontifícias para a Propagação da Fé, em 1921. No dia 12 de janeiro de 1953, Angelo Roncalli é escolhido cardeal-presbítero de Santa Prisca e, em 15 de janeiro de 1953, nomeado Patriarca de Veneza. Com a morte de Pio XII, o cardeal Roncalli é eleito rapidamente pelo conclave, nos primeiros escrutínios – as votações secretas dos cardeais.

⁶⁶ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19620528_stamp.html Acesso em: 30 de abr. de 2019

Já no poder, o papa João XXIII enfrenta a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962. O episódio violento leve o pontífice a instituir aos governantes de todo o mundo o empenho pela paz. Uma de suas encíclicas mais conhecidas, a *Pacem in Terris* (11 de abril de 1963), o papa fala sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Na mesma linha de pensamento de Pio XII, aprovou o Decreto contra o comunismo, seguindo o documento *Dubium* do Santo Ofício, de seu antecessor. No texto deixou evidente a proibição dos católicos em defenderem o comunismo ou de votarem em candidatos, organizações ou partidos comunistas ou aliados de comunistas.

Por outro lado, o papa sempre mostrou uma postura de incentivo a tolerância e ao ecumenismo, buscando dialogar com outras crenças e religiões, como os protestantes, os ortodoxos, os judeus, os anglicanos e até com os xintoístas. Na encíclica *Ad Petri Cathedram* (29 de junho de 1959), incentiva os cristãos ao conhecimento da verdade e restauração da unidade e da paz na caridade, na tentativa de promover o ecumenismo.

Entre os discursos de João XXIII, o mais conhecido é "o discurso da Lua"⁶⁷. Na noite de 11 de outubro de 1962, abertura do Concílio Vaticano II, discursou aos fiéis na Praça de São Pedro, participantes da procissão de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II: "*Niente: Fratres sumus! La luce che splende sopra di noi, che è nei nostri cuori, che è nelle nostre coscienze, è luce di Cristo, il quale veramente vuol dominare, con la Grazia sua, tutte le anime*"⁶⁸. A lua cheia iluminava a praça do Vaticano, então o papa disse: "Poderíamos dizer que até mesmo a Lua está com pressa esta noite... Observem-na, lá no alto, está a olhar para este espetáculo [...]". Assim, ficou conhecido como "o discurso da Lua".

Buscando seguir os passos deixados por Pio XII, o papa reformador, João XXIII, escreveu diferentes encíclicas sobre a paz, como os textos *Ad Petri Cathedram* (29 de Junho de 1959) - sobre o conhecimento da verdade e restauração da unidade e da paz na caridade; *Grata Recordatio* (26 de setembro de 1959) - sobre a recitação do Rosário para as missões e para a paz; *Princeps Pastorum* (28 de novembro de 1959) - sobre as missões católicas; e ainda, *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961), onde trata da evolução da questão social à luz da doutrina cristã.

⁶⁷ Vídeo do 'Discurso da Lua' de João XXIII. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T7ZBhK88HIE> Acesso em: 07 de mai. de 2019

⁶⁸ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_luna.html Acesso em: 30 de abr. de 2019

Fazendo um recorte na história, em 21 de abril de 1960, por ocasião da inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil, o papa João XXIII, envia uma radiomensagem, como era costume fazer. Foi um dos papas que mais utilizou os recursos do rádio para difundir suas mensagens.

Brasília há de constituir assim um marco miliário na história já gloriosa das Terras de Santa Cruz, abrindo novos sulcos de amor, de esperança e de progresso entre as suas gentes [...] Pedimos a Deus que, continuando a derramar a abundância das suas graças, faça do Brasil uma nação cada vez mais forte, grande e livre, à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja, contra tudo aquilo que lhe pode minar a força, comprometer a grandeza e diminuir a liberdade (JOÃO XXIII, 1960)⁶⁹

A mensagem do papa torna-se necessário para o momento em que vive o Brasil. O sentimento de ser um país ‘grande e livre’ é o desejo de muitos brasileiros, na atual conjuntura político-social. João XXIII parecia prever que o Brasil enfrentaria tamanha crise que compromete a grandeza de seu povo e diminui a liberdade do cidadão. O papa nunca esteve no Brasil em visita apostólica, e quase não viajou por conta do câncer que enfrentava. João XXIII morre durante a realização do Concílio Vaticano II, em 1963. Após triste e sete anos de sua morte, no dia 3 de setembro de 2000 foi declarado santo por João Paulo II, passando a ser chamado de São João XXIII.

⁶⁹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/messages/pont_messages/1960/documents/hf_j-xxiii_mes_19600421_brasilia.html Acesso em: 30 de abr. de 2019

5.1.4. Paulo VI e os meios técnicos

[...] a influência positiva dos *mass media* sobre a vida individual ou social, e ao mesmo tempo sua ambivalência e o perigo de manipulações a que estão sujeitos. Os meios de comunicação estão em condições de proteger e de estimular os esforços que contribuem verdadeiramente para libertar o homem e orientá-lo para a realização de suas mais elevadas aspirações; mas, podem, ao mesmo tempo, estar submissos à moda e à curiosidade superficial, e até apoiar finalidades de exploração e de discriminação (PAPA PAULO VI, 1975, grifos nossos)⁷⁰

FIGURA 24 – Papa Paulo VI (1963-1978)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

No contexto do Concílio Vaticano II, Paulo VI (Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini), aos 66 anos, é eleito o 262º papa da Igreja Católica, em 21 de junho de 1963. Escolheu como lema do pontificado *‘Em nome do Senhor’* (*In nomine Domini*), sendo o mesmo usado em seu cardinalato. Aos 19 anos ingressou no seminário (1916), sendo ordenado em (1920). O talento e vocação do padre Montini o levaram para uma carreira na Cúria Romana, nos setores da administração. Ocupou o cargo de substituto para Assuntos Correntes pelo cardeal Pacelli (depois Papa Pio XII), então Secretário do Estado da Santa Sé no papado de Pio XII. Em 1º de novembro de 1954, cargo de arcebispo

⁷⁰ Mensagem ao 9º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19750419_ix-com-day.html
Acesso em: 30 de abr. de 2019

de Milão (Itália). Também no mesmo ano, Pio XII o nomeou Secretário da Conferência de Bispos Italianos.

Com a morte chegada de João XXIII ao papado, o bispo Montini é criado cardeal em 15 de dezembro de 1958. Sempre esteve ao lado do ‘papa bom’, e já era um dos indicados para a substituição de Roncalli. De fato, com a morte de João XXIII, o cardeal Montini chega ao papado sob o título de Paulo VI. Tem a missão reabrir e continuar a Assembleia do Concílio Vaticano II, iniciado por seu antecessor. Também nomeou cardeais seus três sucessores: João Paulo I, João Paulo II e Bento VI.

Considerado um papa aberto aos novos conhecimentos, foi chamado de o ‘papa moderno’. No que tange as reflexões sobre as tecnologias de comunicação, Paulo VI tem iniciativa ousada ao nomear conselheiro de Comunicações Sociais do Vaticano, o cientista Marshall McLuhan. Essa aproximação da Igreja com os estudos científicos, possibilitou importantes avanços para pensar os meios e processos comunicacionais. Muitos dos textos e discursos de Paulo VI contêm embasamentos teóricos e, principalmente, reafirmar as teorias de McLuhan, como a Teoria do *mass media*, meio e mensagem e aldeia global.

Também foi no pontificado de Paulo VI que foram publicados os primeiros documentos da Igreja sobre a comunicação, sendo um durante o Concílio Vaticano II, *Inter Mirifica* (1963), e pós Concílio, a Instrução Pastoral *Communio et Progressio* (1971). Na mensagem ao 9º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Paulo VI já traz o termo ‘mass media’ e ‘campo’ – recordando a noção de Bourdieu, para tratar das novas tecnologias. Isso em 1975:

[...] desejamos confirmar nossa estima e nosso apoio a todos os que trabalham no campo dos mass media, que se esforçam por fazer conhecer a verdade e reservar ao bem o lugar que lhe é devido. Mas não podemos deixar de expressar nossa preocupação sobre algumas situações ou alguns perigos ⁷¹

Para além do seu pensamento modernista, também foi rotulado de ‘papa polêmico’, por trazer à tona assuntos polêmicos como o aborto e a moral sexual cristã, na encíclica *Humanae Vitae* (1968), considerada por seus opositores como um retrocesso ao pensamento da Igreja durante o Vaticano II. Seu discurso era totalmente contrário à

⁷¹ Mensagem ao 9º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19750419_ix-com-day.html
Acesso em: 30 de abr. de 2019

regulação da natalidade por métodos artificiais, não tendo apoio da Europa Ocidental e na América do Norte, mas elogiado por governos das Europas Oriental e Meridional, além da América Latina.

O tema da homossexualidade estava em ataques ganhou destaque na homilia do papa, em janeiro de 1976 – com tom de ataque. Naquele momento, a suposta imposição da moral sexual cristã por Paulo VI foi muito questionada, principalmente após sua morte e durante o processo de beatificação, em 2014. O discurso agressivo do papa colocava em xeque algumas suposições da presença de muitos bispos homossexuais na hierarquia da Igreja, comandos por um “grande papa homossexual” (RODRIGUES, 1995, p. 91).

Um dos camareiros do papa, Franco Bellegrandi, também correspondente do jornal da Santa Sé, L'Osservatore Romano, afirmou que Paulo VI era homossexual. Ele conta detalhes no livro *'Nichitaroncalli – Controvita di un Papa'*, publicado pela Editora Internazionale di Letteratura e Scienze, em 1994. No livro, Bellegrandi conta fatos que teriam ocorrido, conforme trechos do site 'Controvérsia Católica':

Em Roma e em toda a Itália, corre o rumor de que Paulo VI é homossexual [...] Quando ele era arcebispo de Milão, ele foi pego pela polícia numa noite vestindo roupas civis e em companhia não tão louvável. Na verdade, por muitos anos ele disse ter uma amizade especial com um ator ruivo. Este homem não fez nenhum segredo de seu relacionamento com o futuro papa⁷².

Bellegrandi relata, ainda, que o ator continuou a relação abertamente com Montini, após ser eleito como papa Paulo VI. Como chefe da Santa Sé, teria nomeado homossexuais para diversos cargos no Vaticano – ao menos essa pode ser considerada uma decisão sensata, ainda que intencional, do pontífice. Não obstante a todas as questionamentos sobre a sexualidade 'frustrada' de Paulo VI, em 14 de outubro de 2018 foi canonizado – declarado santo, pelo papa Francisco, passando a ser chamado de São Paulo VI. Caberia aqui uma nota: a Igreja deveria ter o declarado patrono do Movimento LGBTTTQI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers e pessoas intersex). Talvez, isso, justificaria a decisão de torná-lo 'santo', sem hipocrisias.

Por outro lado, não obstante a sua postura firme e propenso a decisões polêmicas e retrógradas, avançou no diálogo inter-religioso ao fomentar as relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, celebrando diversos acordos históricos entre a

⁷² Trechos do livro *'Nichitaroncalli – Controvita di un Papa'*. Disponível em: <https://controverciacatolica.com/2018/12/04/paulo-vi-sodomita-rumor-ou-realidade/> Acesso em: 30 de abr. de 2019

Igreja Católica e outras grandes religiões. Paulo VI inicia seu pontificado com o desejo de percorrer o mundo, sendo o primeiro papa a viajar de avião e a visitar países como Jerusalém, Índia, ONU, Portugal, Turquia, Suíça, Uganda, Filipinas, entre outros; percorrendo os cinco continentes. Ele já era chamado de ‘papa peregrino’, título depois repassado a João Paulo II, que também ficou conhecido por percorrer o mundo.

Outro episódio polêmico veio a tona com a Carta Apostólica *Africae terrarum* (Terras da África) publicada em 29 de outubro de 1967, na qual o papa realça os aspectos comuns do cristianismo com as tradições e os valores africanos da família, numa tentativa de ‘doutrinar’ os costumes religiosos próprios daquela cultura, como se a fé daquele povo fosse inválida. “Em particular, o fervor e a vitalidade das novas comunidades cristãs nos deram uma indicação clara de que a África estava se abrindo para o Reino de Deus” (PAULO VI, 1967)⁷³

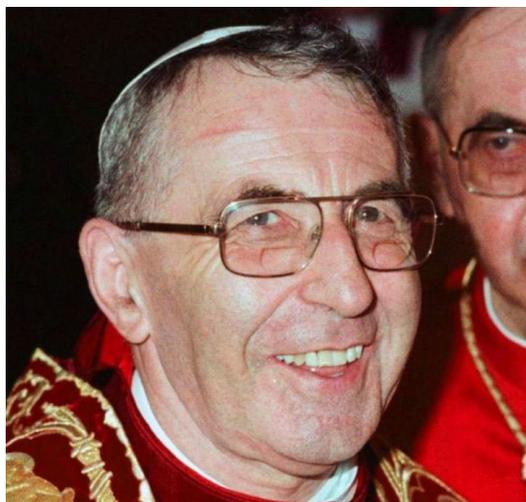
Entre as encíclicas de Paulo VI, então a *Ecclesiam Suam* (6 de agosto de 1964), *Mense Maio* (29 de abril de 1965), *Mysterium Fidei* (3 de setembro de 1965), *Christi Matri Rosarii* (15 de setembro de 1966), *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), *Sacerdotalis Caelibatus* (24 de junho de 1967) e *Humanae Vitae* (25 de julho de 1968).

⁷³ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19671029_africae-terrarum.html Acesso em: 1º de mai. de 2019

5.1.5. João Paulo I e a imprensa

A herança sagrada, que nos deixaram o Concílio Vaticano II e os Nossos Predecessores João XXIII e Paulo VI, de querida e santa memória, exige de Nós a promessa duma atenção especial, duma franca, honesta e eficaz colaboração com os instrumentos da comunicação social, que vós aqui representais dignamente. É promessa que de boa vontade vos fazemos, consciente como estamos da função cada vez mais importante que os meios de comunicação social foram assumindo na vida do homem moderno. Não ignoramos os riscos de massificação e de nivelamento, que tais meios trazem consigo, juntamente com as ameaças que daí resultam para a interioridade do indivíduo (PAPA JOÃO PAULO I, 1978, grifos nossos) ⁷⁴

FIGURA 25 – Papa João Paulo I (1963-1978)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Conhecido como o ‘o papa do sorriso de Deus’, João Paulo I (Albino Luciani) assume uma Igreja ainda em profundas reformas instauradas pelo Concílio Vaticano II, como na liturgia, na comunicação e na relação com o mundo. Aos 65 anos, é eleito o 263º papa da Igreja Católica, em 26 de agosto de 1978, permanecendo 33 dias, até sua misteriosa morte súbita. Um pontificado breve e marcante: inspirou as pessoas a terem esperança e alegria. Escolheu como lema do pontificado ‘*Humildade*’ (*Hymilitas*), sendo uma expressão forte da personalidade de Luciani. Desde Clemente V, o papa João Paulo I recusou a coroação formal, ou ser carregado por liteira (cadeira portátil), sendo também

⁷⁴ Mensagem ao 9º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19750419_ix-com-day.html
Acesso em: 30 de abr. de 2019

o primeiro a escolher nome duplo – em referência aos sucessores. Não usou a tiara papal e substituiu a roupa ornamentada por uma estola de lã branca, colocada sobre os ombros. A marca de seu pontificado é a humildade, também característica principal de seus discursos e mensagem.

Em discurso aos representantes da imprensa internacional, no dia 1º de setembro de 1978, no Vaticano, o papa João Paulo I demonstrou apreço pelo trabalho dos jornalistas e o agradeceu pela cobertura durante o Conclave, que o elegeu papa.

Permite-nos agradecer-vos os sacrifícios e canseiras [...] para servir a opinião pública mundial — também o vosso é serviço e importantíssimo — oferecendo aos vossos leitores, ouvintes e telespectadores, com a rapidez e imediatismo que requerem a vossa responsável e delicada profissão, a possibilidade de participarem nestes acontecimentos históricos (PAPA JOÃO PAULO I, 1978).⁷⁵

Esse é o único do discurso do papa a imprensa, porém com importante significado, ao registrar a fala de um papa a imprensa internacional. Nos 33 dias de pontificado, o papa escreveu 3 Cartas Apostólicas, 9 discursos e 3 mensagens. Não produziu encíclicas. Entre as Carta Apostólica, emitiu Proclamação de Nossa Senhora da Boa Viagem como padroeira de Itabirito (Brasil), em 1º de setembro de 1978), um discurso aos jornalistas e a primeira radiomensagem *Urbi et Orbi*, em 27 de agosto do mesmo ano, onde combateu qualquer forma de discriminação.

O humilde Vigário de Cristo, que, de ânimo tímido, mas cheio de confiança, inicia a sua missão, está inteiramente pronto a servir a Igreja e a sociedade civil, sem qualquer discriminação de raças ou de ideologias, com o objetivo de que para o mundo nasça um dia mais claro e mais suave (PAPA JOÃO PAULO I, 1978).⁷⁶

A postura ecumênica do papa incomodava os setores conservadores do Vaticano. O motivo da morte divulgado: parada cardíaca. Porém muitas especulações: o papa foi envenenado. Antes de dormir pela noite, tomou um chá, servido em seu quarto, na residência papal. Ele teria sido vítima de conspiração dentro do Vaticano. Outro elemento questionado é a não-realização da autópsia a pedido da família. O corpo do papa foi encontrado por uma freira que trabalhava na residência. Só em 1988, foi revelado que

⁷⁵ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/speeches/documents/hf_jp-i_spe_01091978_press.html Acesso em: 1º de mai. de 2019

⁷⁶ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/messages/documents/hf_jp-i_mes_urbi-et-orbi_27081978.html Acesso em: 1º de mai. de 2019

João Paulo I não faleceu em sua cama, mas em seu escritório. Essas versões contraditórias ainda deixam dúvidas e especulações – um mistério.

No livro ‘Em nome de Deus’ (*In God's Name*), publicado em 1984, o jornalista britânico David Yallop, traz pistas sobre a morte do papa Luciani. Ao iniciar o pontificado, João Paulo I teria iniciada uma série de investigação sobre supostos esquemas de corrupção no IOR (*Istituto per le Opere di Religione*), considerada a mais poderosa instituição financeira do Vaticano, conhecido como Banco do Vaticano). Outra constatação é o fato de o papa estar em conflitos de ideias com a *Opus Dei* (Obra de Deus). Vale recordar que a Opus Dei foi fundada por Josemaría Escrivá de Balaguer, em 1929. O mesmo sacerdote canonizado em 2002. No ano de 1982, o papa João Paulo, II através da Constituição Apostólica *Ut Sit*, constituiu a Opus Dei como prelazia pessoal. Ou seja, reconhece a entidade como dimensão evangelizadora vinculada à Igreja.

Se fala de uma Teoria da Conspiração após a eleição de Luciani. A posição de João Paulo I, por seu perfil humilde e simples, não aceitaria imposições da Opus Deis, ou compactuaria com um tipo de apostolado ‘agressivo’, com dimensões de secretismo. O papa era contra a influência da Opus Dei na Igreja, política e sociedade, além de pregarem a mortificação corporal (Cristianofobia); com base no conservadorismo na teologia.

Alguns motivos levam a pensar sobre o possível assassinato do papa João Paulo I. Basta olhar bem a foto, acima. O sorriso do papa incomodava. Ele era filho de socialista militante, fez amizades com muitos não católicos e, ainda, citava em seus sermões os pensamentos de Hans Küng, um teólogo suíço e filósofo, que é um crítico da Igreja. Ao falar de Deus, referia-se como sendo um pai e uma mãe. Teve ideias favoráveis ao controle artificial da natalidade e não fez nenhuma referência à *Humanae Vitae*, seu antecessor, Paulo VI, totalmente contra aos métodos contraceptivos. Manteve aproximação com o patriarca cismático de Moscovo, Nikodem, que rejeitava a infalibilidade papal e os últimos 13 concílios dogmáticos.

A postura acolhedora do papa João Paulo I sobre o divórcio surpreendia aqueles que, na visão da Igreja, viviam em situação de pecado. David Yallop relatava que ouvia o papa dizer aos casais: “Fizemos do sexo o único pecado, quando de facto ele está ligado à fraqueza e à fragilidade humana e é portanto, talvez, o menor de todos os pecados” (YALLOP, 1984, p. 82). Foi um papa efêmero, porém intenso em fazer o bem. Mesmo assim foi considerado um antipapa não católico. A postura de João Paulo I levaria a Igreja para uma profunda mudança institucional, com a intenção de dar mais transparência a vida interna da Santa Sé, e isso incomodava os que queriam uma Igreja conservadora,

contaminada pelo dogmatismo e presa aos ideais capitalistas. A morte desse papa revela muitos silêncios sobre a Igreja. É preciso refletir e investigar mais.

Portanto é possível perceber que desde Pio X (1903), as sucessões de papas seguem uma mesma linha de pensamento e posicionamento discursivo/ideológico. Até mesmo a escolha do mesmo nome do antecessor representa a opção de continuidade – Pio X (1903) – que voltaria na eleição do cardeal Ratti (Pio XI); Bento XV (1914) – que daria nome a Bento XVI (2005); Pio XI (1922) sucedido por Pio XII (1939), depois vem João XXII (1958) que permanece poucos anos no cargo, inicia grande reforma na Igreja com o Concílio Vaticano II, rompendo com algumas ideias de seus antecessores, pois deseja dar mais transparência a vida da Igreja, novos ares.

Com a eleição do papa Paulo VI (1963), inicia um tempo marcado por discursos e encíclicas ‘reformadoras’ e ‘doutriniais’. Parece ter que o Vaticano II tinha sido esquecido. A postura de Paulo VI foi de renovação, porém matinha um discurso ‘teológico-condenatório’, como por exemplo ao tratar do divórcio, da sexualidade humana, da homossexualidade, do celibato sacerdotal, da participação das mulheres na Igreja, entre outros. Entre Pio X até Paulo VI, temos a figura de João XXIII como um divisor de águas na Igreja. Ele trouxe ideias renovadoras para a vida da instituição católica, simplicidade, aproximação com o povo e o desejo de uma Igreja reformada, nova.

O papa João Paulo I (1963) retoma os ideais de João XIII, esquecidos por Paulo VI. Por permanecer apenas 33 dias no cargo, não pode fazer o que desejava, mas deixou a provação de uma Igreja mais transparente e misericordiosa, e menos condenatória.

Os papados de João XXIII e João Paulo I podem ser considerados uma ruptura no que diz respeito a linha ideológica dos últimos papas conservadores. São papas mais pastoralistas, preocupados em promover uma Igreja em saída, mais próxima ao povo. De Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II e Bento VI, a chegada de Francisco ao papado também é sinal de ruptura das últimas gerações de papas, principalmente com as ideias do antecessor, Bento XVI – que seguiu a lógica de Bento XV (1914). Até o nome escolhido pelo cardeal Bergoglio (Francisco) marca essa desvinculação com seus sucessores. Talvez, Francisco seja a continuidade de João XIII e João Paulo I, pois seus discursos estão bem alinhados e, por isso, é motivo de perseguição dentro do próprio Vaticano, pelos grupos conservadores de cardeais e bispos.

No perfil de Francisco serão apresentados motivos pelos quais sacerdotes e teólogos acusam o papa por ‘delito canônico da heresia’. Desde 2015, os discursos de

Francisco sobre abertura do Vaticano a homossexuais, mulheres que abortaram e acolhida aos casais divorciados, têm incomodado grupos de conversadores.

Em 2016, o papa sofreu uma tentativa de ‘golpe’ da extrema-direita. Quatro cardeais, os alemães Walter Brandmüller e Joachim Meisner, o italiano Carlo Caffarra, e norte-americano Raymond Burke, enviaram uma carta privada⁷⁷ a Francisco, conhecida como ‘dúbia’ (dúvida). Eles questionavam e atacavam à Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* – sobre amor na família, e pelo acolhimento e abertura da Igreja para que os casais de segunda união pudessem comungar.

Recentemente, no mês de fevereiro (2019), em Adu Dhabi, o papa Francisco e o Grande Imã de Al Azhar, assinaram um documento sobre a *Fraternidade em prol da paz mundial e a convivência comum*⁷⁸. No texto, a declaração cita ‘um só Deus’. Para os radicais, o papa teria negado a Santíssima Trindade, seguido a lógica do Alcorão: ‘Ele é Deus, o Único’, causando um terrível Cisma. O motivo da ‘heresia pelo qual o papa é acusado está na centralidade de seu discurso: o acolhimento. As falas do papa têm revisto posições da Igreja, até mesmo de outros papas.

O discurso de Francisco é acolhedor, misericordioso e inclusivo – principalmente em dialogar com outras religiões, na luta contra o extremismo religioso. Tem quebrado essa ideia de imperialismo católico, em vista de uma sociedade do bem comum, tendo como principal mandamento, o amor. Os tradicionalistas (ou ultraconservadores) ainda sonham com uma Igreja do século passado, enrijecida por normas, regras, doutrinas e frieza na relação com o povo. Eles desejam um catolicismo que prega mais o pecado do que o amor de Deus. Já Francisco tem pregado a misericórdia, novos tempos, de luz. Assim como João Paulo I, traz no sorriso, a satisfação de ver o outro feliz, e ousa não subordinar o Evangelho à lei, simplesmente para agradar os tiranos de solidéu.

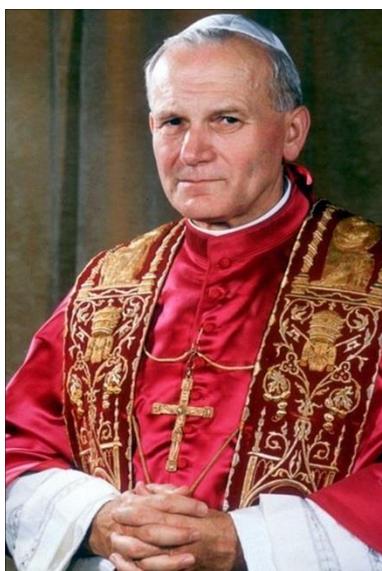
⁷⁷ A íntegra da carta ‘Criar clareza’: Disponível em: http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351410.html?refresh_ce Acesso em: 7 de mai. de 2019

⁷⁸ Outros detalhes desse encontro: Disponível em: <http://twixar.me/brHK> Acesso em: 7 de mai. de 2019

5.1.6. João Paulo II e a internet

A Internet oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores; e quando estes são ignorados, a nossa própria humanidade é diminuída e o homem facilmente perde de vista a sua dignidade transcendente. Apesar do seu enorme potencial para o bem, alguns dos modos degradantes e prejudiciais em que a Internet pode ser usada já são óbvios para todos, e as autoridades públicas têm certamente a responsabilidade de garantir que este instrumento maravilhoso sirva o bem comum e não se torne uma fonte de prejuízo (PAPA JOÃO PAULO II, 2002, grifos nossos)⁷⁹

FIGURA 26 – Papa João Paulo II (1978-2005)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

‘Papa peregrino’, essa fama de João Paulo II (Karol Jozef Wojtyła) é consequência das mais de 133 viagens que fez pelo mundo. Ainda no contexto da precoce e misteriosa morte de João Paulo I, no dia 18 de outubro de 1978, o conclave elegeu o primeiro papa não italiano desde Adriano VI (século XVI), o 264º. Sob lema *Totus tuus* (Todo teu), o cardeal polonês, Wojtyła iniciou o papado com 58 anos, o terceiro maior pontificado da história do Vaticano, com 26 anos de duração. João Paulo II assumiu uma linha conservadora, e era criticado por praticar a centralização do poder de forma autoritária, diferente das propostas do Vaticano II, de relações colegiadas, iniciada por João XXIII.

⁷⁹ Mensagem ao 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais – 2002, Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html Acesso em: 3 de mai. de 2019

Karol era um jovem praticante de esportes, gostava de nadar, esquiar, andar de caiaque e, no futebol, jogava na posição de goleiro. Muitas vezes, esquiava nas montanhas da região de Abruzzo, nos momentos de descanso do Vaticano. Foi ordenado padre em 1 de novembro de 1946. Estudou Teologia na Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma, onde também defendeu o doutorado, com a tese ‘A Doutrina da Fé segundo São João da Cruz’. Em 4 de julho de 1958, o papa Pio XII o elevou à posição de bispo-auxiliar de Cracóvia. Após seis anos, é nomeado arcebispo da mesma arquidiocese, em 13 de janeiro de 1964, onde permanece até 1978, quando é eleito papa. Nesse período como arcebispo é elevado ao cardinalato (1967), pelo papa Paulo VI.

Ainda como arcebispo, e por seu interesse pelos estudos científicos, foi convidado a participar das discussões do Concílio Vaticano II (1962-1965), contribuindo na redação de dois significativos e históricos documentos como o ‘Decreto sobre a Liberdade Religiosa’ (*Dignitatis Humanae*) e a ‘Constituição Pastoral da Igreja no Mundo Moderno’ (*Gaudium et Spes*). Ali nascia seu diálogo e disposição pelo ecumenismo. Por isso, também, foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX, como líder político-religioso importante nas relações da Igreja Católica com o judaísmo, budismo, anglicanismo, judaísmo, luteranismo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. Sua atuação e negociações políticas foram fundamentais para o fim do comunismo na Polônia e Europa, e conquista da liberdade religiosa nesses países.

Durante mais de duas décadas de pontificado (1978-2005), João Paulo II realizou 104 visitas pastorais, canonizou 483 santos, beatificou 1340 pessoas, e escreveu 14 encíclicas – o maior número depois de Leão XIII. Sua facilidade de comunicação, deu a ele possibilidades de dialogar com diversas nações, além do mais, sabia de expressar em italiano, francês, alemão, inglês, espanhol, português, ucraniano, russo, servo-croata, esperanto, grego clássico e latim.

João Paulo II é considerado o ‘papa da comunicação’. Escreveu 27 mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais, sendo o primeiro papa a entrar no mundo digital com o uso do e-mail, na década de 1990 e, a falar sobre a internet como sendo ‘um novo foro para a proclamação do Evangelho’. A visão do papa sobre a nova tecnologia é para fins de evangelização, o que justamente está em debate nesse estudo. Seria internet um espaço apropriado para difundir mensagens doutrinárias/cristãs? Ou seria a internet um espaço de diálogo e encontro, para intercâmbio de ideias e conhecimentos? Para João Paulo II, o mundo cibernético é um meio para evangelizar.

A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades. Sobretudo, oferecendo informações e suscitando o interesse, ela torna possível um encontro inicial com a mensagem cristã, de maneira especial entre os jovens que, cada vez mais, consideram o espaço cibernético como uma janela para o mundo (PAPA JOÃO PAULO II, 2002, grifos nossos)⁸⁰

Na mensagem o papa abre caminhos para pensar o uso das tecnologias de comunicação para o bem comum e espaço para potencializar a participação pública da sociedade. Essas indicações de João Paulo II trouxeram para esse estudo a possibilidade de refletir sobre uma ‘tecnologia do comum’, que será abordada nos próximos capítulos.

A ideia é pensar a internet – o mundo cibernético, como local de encontro, diálogo, respeito e diversidade de opiniões, mas não de doutrinação ou propagação de uma infinidade de conteúdos bíblicos. O cenário atual revela que a internet tem se tornado uma ‘praça de guerra, com milhares de mortes online e offline. Ai a necessidade de combater esse *dogmatismo tecnológico* e promover uma tecnologia do comum, que “sirva o bem comum” (PAPA JOÃO PAULO II, 2002, item 4).

O pontificado de João Paulo II foi marcado por um contexto de mundo que presenciou grandes invenções tecnológicas, e avanços na informática (computadores, notebooks, celular) e as tecnologias virtuais, como acesso à internet, conexão wiffi. O papa continuou a mesma linha de pensamento de Paulo VI, ao aproximar a religião do *mass media*, aproximando a religião dos estudos de mídia, como a Teoria da Aldeia Global de McLuhan.

Em seus discursos buscava enfatizar o uso correto das tecnologias de comunicação para comunicar o evangelho e mensagem cristã, entre os povos. Escreveu sobre a cultura da informática, videocassete e audiocassete, televisão, cinema, *mass media*, comunicação global, etc. As mensagens e discursos de João Paulo II tinham como núcleo de sentido, a comunicação como meio e processo para o desenvolvimento da pessoa humana e como instrumento de encontro da fé, promoção da cultura e da paz, na formação da opinião pública, além da fraternidade entre os povos.

Contudo, Karol Wojtyla foi além das comunicações sociais. Com a morte de João Paulo I, o mundo aguardava um papa que pudesse levar a Igreja para a virada do século,

⁸⁰ Mensagem ao 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais – 2002. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html Acesso em: 3 de mai. de 2019

o ano 2000. Seus discursos também foram marcados pelas tentativas de diálogo Inter-Religioso, de proximidade com os jovens – criou a Jornada Mundial da Juventude, em 1984; defesa da liberdade e dos direitos humanos, de promoção os valores da família – o ‘papa das famílias’, e discursos de misericórdia e humanização da figura de Deus.

Os discursos de João Paulo II traziam posicionamento firme de suas ideologias, e não tinha medo de se expressar. Em 1988, durante pronunciamento no Parlamento Europeu, o papa foi atacado por grupos de Igrejas Protestantes: ‘eu o denuncio como o anticristo!’, gritavam. Mas isso não abalava o papa. Em seu primeiro discurso aos cardeais e ao povo, após o conclave, em 22 de outubro de 1978, ele repetiu por várias vezes, na Praça de São Pedro, em alto e bom som: ‘Não tenhais medo! Não tenhais medo!’, como é possível ver no vídeo - Papa João Paulo II - Discurso inaugural⁸¹.

Os discursos de Wojtyła foram polêmicos, ao tratar de alguns assuntos. Reafirmava e defendia doutrinas tradicionais contra a ordenação de mulheres, a contracepção, a Teologia da Libertação, a homossexualidade e casamento homossexual, e a prática do aborto em todos os casos – sempre um fiel seguidor da encíclica *Humanae Vitae*. Criado cardeal em 26 de junho de 1967, por Paulo VI, foi importante colaborador na formulação e redação final da encíclica *Humanae Vitae*, que impede o aborto e controle de natalidade por meios não naturais. Karol já tinha publicado mais de 300 ensaios em revistas científicas e livros sobre o assunto. Já como papa, em 1995, escreve a Encíclica *Evangelium Vitae*, onde reforça a posição de um dos antecessores (Paulo VI) e condena veemente o aborto e a contracepção, denunciando o que chamava de ‘cultura pró-aborto’:

De facto, a cultura pro-aborto aparece sobretudo desenvolvida nos mesmos ambientes que recusam o ensinamento da Igreja sobre a contracepção. Certo é que a contracepção e o aborto são *males especificamente diversos* do ponto de vista moral: uma contradiz a verdade integral do acto sexual enquanto expressão própria do amor conjugal, o outro destrói a vida de um ser humano; a primeira opõe-se à virtude da castidade matrimonial, o segundo opõe-se à virtude da justiça e viola directamente o preceito divino (*EVANGELIUM VITAE*, 1995, item 13, *com trechos do texto original*)⁸².

Os trechos destacados identificam o posicionamento discursivo do papa a tratar da contracepção, aborto, ato sexual apenas no casamento, castidade matrimonial,

⁸¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html#_ftn5Acesso em: 4 de mai. de 2019

⁸² Primeiro discurso do papa João Paulo II, 22 de outubro de 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVfEC9OXPH8>Acesso em: 4 de mai. de 2019

eutanásia, prostituição, comércio de mulheres, homicídio, genocídio e suicídio voluntário. Também, por várias vezes, condenou o uso de preservativos, mesmo para prevenção de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), como a AIDS, e contracepção em famílias pobres e já numerosas, para controle da natalidade. Em discurso, no mês de novembro de 1989, na IV Conferência Internacional sobre Aids, no Vaticano, condenou o uso da camisinha. A fala do papa⁸³ não foi encontrada no site oficial do Vaticano, mas em outro portal de notícias – Acidigital.

Os posicionamentos de João Paulo II tiveram influência direta do cardeal Ratzinger, que depois seria seu sucessor – Bento XVI, então líder da Congregação para a Doutrina da Fé. O papa condenou vários aspectos da Teologia da libertação que no período de 1984 a 1986 ganhava força na América do Sul – Ratzinger seu braço executor. No Brasil, o teólogo frei Leonardo Boff (pseudônimo de Genézio Darci Boff) sofreu perseguições da Igreja por defender essa Teologia, deixando de exercer suas funções de padre. Não foi confirmada excomunhão, apenas afastamento do ‘uso de ordem’, ou seja, das funções eclesiais. O que causa estranheza é o fato de que a ‘opção preferencial pelos pobres’ da TL foi inspirada pelo Vaticano II (1962) e a Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (1968). Há um claro paradoxo na posição de Roma.

Outra decisão de João Paulo II contou com a participação do cardeal Ratzinger: a posição da Igreja em relação aos transexuais, e que essas pessoas não poderiam servir em posições/cargos na Igreja. Wojtyla ingressou no papado com uma postura mais humana e dialoga, porém, aos poucos foi assumindo um discurso mais agressivo. Por de trás de suas falas, havia grupos de teólogos conservadores responsáveis por redigir os textos que o papa publicava. Grande parte das encíclicas de João Paulo II tem as mãos do cardeal Ratzinger. Isso fica claro quando Bento XVI é eleito, pois segue o mesmo estilo de discursos e redação dos documentos pontifícios.

Muitos momentos da vida da Igreja foram conturbados, sob o papado Wojtyla. O papa foi acusado várias vezes de encobrir situações envolvendo a Santa Sé, como em escândalos financeiros que ligavam o Banco do Vaticano a grupos de crime - Máfia e a Cosa mostra. Também mantinha um posicionamento ambíguo nos escândalos sexuais envolvendo clérigos do México, Estados Unidos e Europa, e teria favorecido secretamente políticas de acobertamento e intimidação das vítimas. Um exemplo foi o caso do fundador dos Legionários de Cristo, o mexicano, padre Marcial Maciel (falecido

⁸³ Disponível em: <https://www.acidigital.com/aids/igreja.htm> Acesso em: 4 de mai. de 2019

em 2008), acusado de pedofilia e por abusar de seminaristas. Maciel era amigo de vários papas, inclusive de João Paulo II. Em seu pontificado, outros casos de sacerdotes que abusavam sexualmente de crianças, foram acobertados pelo Vaticano. Essa situação viria à tona, somente anos depois, no fim do pontificado de Bento XVI – que não prosseguiu com as investigações. Quem de fato teve que assumir essa ‘bomba’ foi Francisco.

As posições políticas e sociais de João Paulo II foram motivos de outras insatisfações. Sua postura diplomática teria sido um caminho encontrado para interferir na política de vários países, direta ou indiretamente. Não colaborou nas investigações sobre criminosos de guerra envolvidos em genocídios durante a Segunda Guerra Mundial, como Ante Pavelić, Klaus Barbie, Adolf Eichmann, protegidos pelo Vaticano, durante o papado de Paulo VI.

Após três anos no comando da Igreja, João Paulo II, sofre uma tentativa de assassinato⁸⁴. No dia 13 de maio de 1981, ao entrar no papamóvel, para discursar na Praça de São Pedro, foi baleado por Mehmet Ali Ağca, um terrorista turco, que feriu outras duas pessoas. Passou por várias horas de cirurgia. Em 2010, o atirador foi solto da cadeia. Antes disso, o papa visitou o atirador na cadeia e o perdoou. Anos depois, o papa desenvolveu a doença de Parkinson. Morreu em consequência a um choque séptico com colapso cardiocirculatório, devido a uma infecção urinária.

Após seis anos de sua morte (1º de maio de 2011), João Paulo II é beatificado por Bento XVI, sendo a beatificação mais rápida da história da Igreja. Já em 2014, em 27 de abril, é canonizado – vira santo, por decisão do papa Francisco. Seu ‘martírio’ e dias agonizantes antes de sua morte, renderam ao papa o título de ‘Santo Súbito!’ (“Santo Imediatamente!”). Na época, teólogos e grupos opositores foram contra o processo de sua beatificação – e talvez tenham razão. Aqui se questiona o ‘conceito’ de santidade.

É inquestionável que João Paulo II abriu importantes espaços de diálogo entre a Igreja e a sociedade, como no ecumenismo, na promoção da cultura de paz e aproximações inter-religiosas. Contudo, muitos dos seus discursos e posicionamentos romperam com os ideais de um catolicismo mais humano e menos conservador, motivados pelo Concílio Vaticano II. Seu sucessor, Bento XVI seguiu a mesma lógica, com alguns avanços, rupturas e muitos silêncios. Ratzinger consolidou a ofensiva conservadora que impôs à América Latina

⁸⁴ Vídeo do momento do atentado, em 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TuNMQliamY8>. Acesso em: 4 de mai. de 2019

5.2. Papas do Século XXI

A Igreja entrou no século XXI com novos desafios, encontrando um mundo ocidental em profunda secularização da religião. A Europa presenciou a maior diminuição de sua população católica, considerada por críticos como a decadência do cristianismo. Esse efeito contrário é acompanhado do fortalecimento de movimentos sociais efetivos, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Sociedades Amigos de Bairro – SABs, Movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros), entre outros como ONGs, coletivos, sindicatos, representações e organizações da sociedade civil. O LGBT saiu em luta pelos direitos dos homossexuais, obtendo legalização da união civil em diversos países. É a ascensão da esquerda na América Latina.

No Brasil, outra conquista foram as cotas nas universidades públicas para negros e indígenas, por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI), além do incentivo ao acesso e permanência de jovens pobres ao ensino superior. E, nos Estados Unidos, Barack Obama é eleito presidente da República – primeiro negro da história.

Na América Latina, é eleito Luiz Inácio Lula da Silva⁸⁵, o 35º presidente do Brasil entre 2003 e 2011 – com reeleição em 2006. Um político ex-sindicalista e ex-metalúrgico, membro fundador do Partido dos Trabalhadores (PT). Entre as conquistas do governo Lula, estão os programas sociais, como o Bolsa Família e o Fome Zero, reconhecidos internacionalmente pela ONU (Organização das Nações Unidas), garantindo ao país do mapa mundial da fome. Na continuidade do Governo do PT, é eleita a primeira mulher presidenta do Brasil, Dilma Rousseff⁸⁶, em 2011 e sendo reeleita em 2015. Seu mandato é interrompido por um ‘Impeachment midiático’ – um golpe político, em 2016.

A Igreja e o mundo, assistem o aprofundamento do processo de globalização da economia e da informação, potencializando novas invenções da Revolução Digital. Iniciada no século XX, as descobertas tecnológicas ganham força de consumo no início do século XXI. Sendo uma das principais produtoras de tecnologias, a República Popular da China tem um dos rápidos crescimentos de sua economia, tornando-se a segunda maior depois dos Estados Unidos. A ‘Grande Recessão’ ou crise de 2008 é a pior da história dos EUA desde 1929. O banco Lehman Brothers, o quarto maior banco dos Estados Unidos, declarou a sua falência.

⁸⁵ Vídeo do pronunciamento de posse do presidente Lula, em 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=azjU-Sve1cg>. Acesso em: 4 de mai. de 2019

⁸⁶ Vídeo de posse da presidenta Dilma, em 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPitcEtzoDQ>. Acesso em: 4 de mai. de 2019

Os papas do século XXI encontram um mundo totalmente modificado, com novos valores e costumes, e novas identidades. Já não era possível dizer que o catolicismo dominava, pois aos poucos as religiões neopentecostais e outras manifestações de fé conquistavam novos adeptos. Bento XVI e Francisco assumem uma Igreja fragilizada e contaminada pelos escândalos de seus líderes, ainda, com o desafio de estabelecer a paz mundo. Além dos avanços das tecnologias de comunicação e ascensão das técnicas, o mundo vivia profundas crises e entra em guerras. Um ataque terrorista aconteceu em 11 de setembro de 2001, contra os Estados Unidos, sob o comando da Al-Qaeda e planejado por Osama bin Laden. No total foram 2.996 mortos (incluindo 19 terroristas). Outros ataques sangrentos entraram para o século XXI, como a invasão do Iraque (2003) e as guerras civis na Líbia (2011), na Síria (2011), na Iemenita (2015–até hoje), além da Guerra civil Sul-Sudanesa (2013).

Bento XVI chega ao trono de Pedro, em 24 de abril de 2005 até à sua renúncia em 28 de fevereiro de 2013, sendo escolhido para combater o que a Igreja denomina de ‘secularismo e relativismo’. Francisco assume o papado em 13 de março de 2013. Diante dessa conjuntura político-social e religiosa, quais estratégias adotadas pelos papas? Na sequência serão apresentados os perfis de cada papa do século XXI.

5.2.1. Bento XVI e as mídias digitais

Hoje o apelo que se faz à mídia é que seja responsável, para se tornar protagonista da verdade e promotora da paz que dela deriva, mesmo se isto comporta grandes desafios. Os diversos instrumentos da comunicação social facilitam o intercâmbio de informações e de ideias, contribuindo para a compreensão recíproca entre os diversos grupos, mas ao mesmo tempo podem ser contaminados pela ambiguidade (BENTO XVI, 2006, item 3, grifos nossos) ⁸⁷.

FIGURA 27 – Papa Bento XVI (2005-2013)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

A eleição de Bento XVI (Joseph Aloisius Ratzinger) já era esperada. O único a continuar a linha conservadora instaurada por João Paulo II, com sua ajuda. Seu perfil é marcado por um pensamento católico ortodoxo conservador. Sob o lema papal *Cooperatores veritatis* (Cooperadores da Verdade), é um assumido defensor dos valores absolutos, da doutrina e do dogma da Igreja – chamado de ‘Papa Teólogo’. Sem medo, o conclave elegeu o cardeal Ratzinger, aos 78 anos, como 265º papa da Igreja Católica, em 19 de abril de 2005. As fumaças pretas dos escrutínios indicavam uma indecisão, grande parte dos cardeais estavam decididos pelo cardeal Bergoglio (Francisco), mas por declínio

⁸⁷ Vídeo do momento do atentado, em 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TuNMQliamY8>. Acesso em: 4 de mai. de 2019

e negociações, a situação mudou. Francisco era um forte candidato e muito bem votado. A escolha de seu nome remete a Bento XV, que esteve no cargo de 1914 a 1922.

Joseph Ratzinger nasceu no dia 16 de abril de 1927, em Marktl am Inn (Alemanha), filho de Joseph (Alemão) de um oficial da polícia rural, de religiosidade católica e adversário do regime nacional-socialista, e da cozinheira Maria Peintner (Italiana), que trabalhou em pequenos hotéis na cidade.

O jovem Joseph ingressa no seminário-menor em Traunstein (1939), cidade alemã, aos 12 anos, com seu irmão Georg Ratzinger. Mas, ao completar 14 anos (1941) é convocado para integrar à Juventude Hitlerista⁸⁸. Passados dois anos, por meio do alistamento obrigatório, foi incorporado no Exército Alemão, com dezesseis anos (1943). Em 7 de maio de 1945, com a Rendição Alemã e fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, Ratzinger ficou preso no campo de concentração das forças aliadas em *Bad Aibling*, com mais de quarenta mil prisioneiros. Foi libertado em 19 de junho, quando já havia completado 18 anos.

Joseph e seu irmão Georg Ratzinger foram ordenados padres em 29 de junho de 1951, pelo arcebispo de Munique, cardeal Faulhaber. No ano seguinte (1952), iniciou atividades de professor na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Frisinga, lecionando teologia dogmática e fundamental. Obteve o doutorado em teologia com a tese "Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho" (1953). Vale a pena ressaltar que a linha conservadora de Bento XVI tem forte influência das teorias agostinianas.

O teólogo Ratzinger ficou bastante conhecido por manter uma postura sustentada por seus pensamentos conservadores e dogmáticos. Sua bagagem teológica rendeu-lhe dez Doutor Honoris Causa, sendo concedidos pelas seguintes instituições: University of St. Thomas (Minnesota), Estados Unidos (1984), Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, Alemanha (1985), Pontifícia Universidade Católica do Peru (1986), Faculdade de Teologia Pontifícia e Civil de Lima, Peru (1986), Universidade Católica de Lublin, Polónia (1998), Universidade de Navarra, Espanha (1988), Universidade Livre Maria Santissima Assunta (LUMSA), Itália (1999), Universidade de Breslávia, Polónia (2000), Pontifícia Universidade João Paulo II, Cracóvia (2015), Academia de Música de Cracóvia (2015). Propositamente, essas instituições foram listadas, pois grande parte delas são instituições confessionais ligadas ao Vaticano, e, portanto, apoiam o papa.

⁸⁸ Cf. Wikipédia: A Juventude Hitlerista ou Juventude Hitleriana foi uma instituição obrigatória para jovens da Alemanha nazista, que visava treinar crianças e adolescentes alemães de 6 a 18 anos de ambos os sexos para os interesses nazistas. Acesso em: 4 de mai. de 2019

Durante a Assembleia do Concílio do Vaticano (1962-1965), Ratzinger participou como *peritus* (especialista em teologia), auxiliando o cardeal Joseph Frings. Após doze anos, em 25 de março de 1977, Ratzinger foi nomeado arcebispo de Munique e Frisinga por Paulo VI. O mesmo papa o elevou a condição de cardeal, no consistório de 27 de junho de 1977. A nomeação para o cargo de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, ocorreu em 1981, por decisão do papa João Paulo II, onde permaneceu por vinte e três anos, até a morte de João Paulo II. Também foi o primeiro Decano do Colégio Cardinalício eleito papa desde 1555, o primeiro cardeal-bispo eleito papa desde Pio VIII, (1829), e o primeiro superior da Congregação para a Doutrina da Fé a chegar tão rápido ao papado, desde Paulo V, em 1605.

A crise mundial dos valores assustava a Igreja, levando o conclave a escolher Ratzinger para enfrentar com sua teologia conservadora a questão do secularismo e do relativismo. Ele não teria grandes dificuldades, pois já fazia esse papel no pontificado de João Paulo II, quando enfrentou o movimento da Teologia da Libertação.

Bento XVI estava diante de um mundo em evolução tecnológica. A era da mídia, novas tecnologias, redes sociais e mídias digitais. A identidade do cristão católico havia se modificado e era preciso dialogar com a nova geração de *ciberjovens*. Mas, o papa não manteve a mesmo carisma e postura comunicativa de seu antecessor. Contudo, abriu-se as novas tecnologias e incentivou a Igreja dialogar com um mundo conectado. Em 12 de dezembro de 2012, Bento XVI, estreou sua conta na rede social, Twitter.

FIGURA 28 – Bento XVI estreia conta na rede social Twitter



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

A primeira mensagem foi enviada a mais de 950 mil usuários e reproduzida em sete idiomas: “*Queridos amigos, eu estou muito feliz de entrar em contato com vocês pelo Twitter. Obrigada por sua generosa resposta. Eu vos abençoo de todo o meu coração*”. Na mensagem ao 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS), em 2006, o papa reconhece a importância das novas mídias:

[...] os progressos tecnológicos dos meios de comunicação venceram o tempo e o espaço, permitindo a comunicação imediata e directa também entre pessoas divididas por enormes distâncias. Este desenvolvimento exige uma grande oportunidade para servir o bem comum (BENTO XVI, 2006, item 2, grifos nossos).

Como destacado acima, o papa insistia por uma comunicação que servisse para o bem comum. Seus inscritos servem de inspiração, fugindo do escopo teológico, para pensarmos a Tecnologia Comum – tese apresentada nos próximos capítulos. Grande parte de suas mensagens sobre as tecnologias de comunicação, Bento XVI abordou a necessidade de fomentar, por meio das redes, a comunhão, cooperação, a educação, a amizade, a cultura do respeito, a verdade e a autenticidade de vida. São propostas bem interessantes e inquietadores que abrem novos caminhos para pensar o futuro das tecnologias na vida humana. Contudo, as fundamentações do papa são voltadas ao pensamento dogmático e da moral, necessitando aproximar esses caminhos com o mundo e suas necessidades, não apenas sob o viés cristão, mas ao bem do ‘comum’.

O discurso do papa sobre a cultura de respeito, de diálogo e de amizade é reforços em outros documentos. Bento XVI escreveu três encíclicas *Caritas in veritate* – Caridade na Verdade, (29 de junho de 2009), *Spe salvi* – Esperança Cristã (30 de novembro de 2007) e *Deus caritas est* – Deus é amor (25 de dezembro de 2005). Todos esses escritos foram publicados em 15 idiomas: Alemão, Árabe, Bielo-russo, Chinês (China), Chinês (Taiwan), Espanhol, Francês, Holandês, Húngaro, Inglês, Italiano, Latim, Polonês, Português e Russo. O diálogo político de Bento XVI era via documentos, não presencial.

A concepção de amor e caridade expressada nas encíclicas talvez não seja a mesma de Jesus. Por muitas vezes, a interpretação de Ratzinger era um tanto machista e sexista, com o sexo aposto. Sempre foi contrário à ordenação de mulheres e defendia a necessidade de moralidade sexual. Rechaçava o uso de preservativos para prevenir a AIDS, e dizia que a única forma clinicamente segura era se comportar de acordo com a lei de Deus. Em um século tão pluralista e de novas invenções tecnológicas, o papa

parecia viver em outro mundo – ou viva só no mundo da Igreja, infelizmente. Aqui é preciso dizer: não se educa reprimindo ou proibindo, se educa, ensinando.

Bento XVI era um velho amigo de seu antecessor, João Paulo II, e fiel nas posições ortodoxas do papa, sendo considerado um temido e influente teólogo da Cúria Romana. Ele tinha pela frente apenas sete anos para assegurar as doutrinas e dos dogmas da Igreja, em dilúvio. Em seu magistério reafirmou a doutrina do Catecismo da Igreja Católica, e autorizou a publicação do YouCat – versão ilustrada e temática Catecismo para jovens.

Não há dúvidas de que o pontificado de Bento XVI cumpriu com as expectativas do conclave de difundir a Moral, a Ética e a Doutrina Social da Igreja. Por outro lado, frustrou o mundo, ao ver um papa com pensamentos conservadores e agressivos. Em *Caritas in veritate*, sua última encíclica, deixa claro sua posição pela doutrina social da Igreja, pela prática da verdade e da ação moral. Um discurso interessante, pois visava o “compromisso em prol do desenvolvimento numa sociedade em vias de globalização: *a justiça e o bem comum*” (item 6).

Sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social, e a actividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder, com efeitos desagregadores na sociedade, sobretudo numa sociedade em vias de globalização que atravessa momentos difíceis como os actuais (*CARITAS IN VERITATE*, 2009, item 5, grifos nossos)

Contudo, a verdade tanto insistida por Bento XVI volta-se contra ele, pois não agiu com a verdade dentro do próprio Vaticano. Os escândalos em relação aos crimes sexuais contra menores nos EUA e que vieram à tona no pontificado de Francisco, não foram investigados na gestão de Ratzinger. Sempre foi contra o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, mas lidera o acobertamento de casos de pedofilia. Causa estranheza não proteger as crianças (indefesas) e condenar os homossexuais. Em documento publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé (2007), reafirmou que a Igreja Católica é a "única verdadeira" e a "única que salva". Esse discurso de Bento XVI provocou muitas críticas de igrejas protestantes. Um ano antes já havia insultado tanto o Islã como o profeta Maomé, em discurso (2006).

Em 2007, Bento XVI visitou o Brasil. O motivo principal foi dar início à Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho (CELAM), de 13 a 31 de maio, em Aparecida (SP). Na ocasião, também canonizou o primeiro santo brasileiro, Santo António de Sant'Anna Galvão, o Frei Galvão.

Com maior facilidade de divulgação e denúncia, de 2010 a 2012, foram sendo descobertos casos de pedofilia e abusos sexuais de menores, envolvendo clérigos na Irlanda, Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Índia, Holanda, Filipinas e Suíça, entre outros países. Os casos de pedofilia custaram US\$ 2 bilhões à Igreja Católica. Por decisão de Bento XVI, em 2010, foi ampliado de 10 para 20 anos o tempo para denunciar os abusos e a introdução do delito de aquisição, posse e difusão de pornografia infantil por parte dos clérigos.

O cenário da renúncia de Bento XVI foi marcado por um aprofundamento da crise econômica, aumento do desemprego na Europa e queda recorde de fiéis da Igreja Católica. No Brasil, mais de 1,7 milhão deixaram de praticar a religião no país. São todos fatores que podem ter pesado na decisão do papa, principalmente em não saber como lidar a maior crise de escândalos sexuais na Igreja, que se arrastava desde Paulo VI, João Paulo II e, agora, estourava em seu pontificado.

Ele renunciou. Era dia 11 de fevereiro de 2013, com o seguinte discurso⁸⁹:

Caríssimos Irmãos, convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino [...]

Bento XVI não foi o primeiro papa a renunciar em contextos de crises (vídeo)⁹⁰. O último papa a renunciar foi Gregório XII, em 1415, durante o Grande Cisma do Ocidente, e, antes dele, teve outros dois: Ponciano (ano 235) e Celestino V (1294). Passado o tempo silencioso da renúncia, em 13 de março de 2013, chega Francisco, um latino-americano cheio de alegria, com um discurso acolhedor e misericordioso com as pessoas. A crise estoura em suas mãos, como veremos a seguir.

Mesmo sem funções, o papa emérito, Bento XVI não silencia. No mês de fevereiro (2019), escreveu sobre *'A Igreja e o escândalo dos abusos sexuais'*. Ele culpa a revolução sexual (1958) e a 'cultura da transgressão' como efeitos negativos na formação dos padres, além do colapso da teologia moral católica os 'clubes homossexuais' nos seminários. O texto é considerado lamentável, um tiro nos pés! (<https://bit.ly/2DO9ARf>).

⁸⁹ Declaratio - https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html Disponível em: Acesso em: 5 de mai. de 2019

⁹⁰ Vídeo do discurso de renúncia de Bento XVI - http://player.rv.va/vaticanplayer.asp?language=it&tic=VA_ELQ2GYD9 Disponível em: Acesso em: 5 de mai. de 2019

5.2.2. Francisco e as redes sociais

A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os mass-media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus (FRANCISCO, 2014, grifos nossos)

FIGURA 29 – Francisco (2013-atual)



Fonte: Arquivo Público do Vaticano: <https://goo.gl/5zfe3w>

Francisco (Jorge Mario Bergoglio), 76 anos, chega em um contexto de mundo marcado pela era da convergência midiática e do compartilhamento de vídeos. Um mês antes de ser eleito, era lançada a plataforma YouTube, em 14 de fevereiro de 2005. A posse do 266º papa da Igreja Católica, bispo de Roma e chefe da Cidade Estado do Vaticano, aconteceu diante da multidão de fiéis, com seus celulares⁹¹, na Praça de São Pedro. No dia 13 de março de 2013, as fumaças brancas anunciavam sinais de esperança. Com o lema papal ‘*Miserando atque elegendo*’ (Olhou-o com misericórdia e o escolheu), Francisco é definido como ‘papa populista’, com ideais progressista e renovador.

⁹¹ Vídeo do anúncio da eleição de Francisco, 2013 "habemus papam" - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggIezbaZ7RM> Acesso em: 5 de mai. de 2019

Francisco Nascido em Buenos Aires, no dia 17 de dezembro de 1936), é o primeiro papa jesuíta latino-americano e do hemisfério sul (não europeu em 1200 anos). O último papa foi Gregório III, morto em 741. Foi nomeado arcebispo de Buenos Aires em 28 de fevereiro de 1998, e recebeu o cardinalato em 21 de fevereiro de 2001, por decisão de João Paulo II. Foi eleito papa em 13 de março de 2013, o primeiro a chamar Francisco.

Seu nome faz referência a Francisco de Assis, homem simples que dedicou sua vida aos pobres. Com a decisão do conclave, o papa foi motivado pela frase dita pelo cardeal brasileiro, dom Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, logo após sua eleição, na Capela Sistina: ‘Não esqueça dos pobres’.

O jovem Bergoglio era de família de imigrantes italianos, filho do ferroviário Mario Giuseppe Bergoglio Vasallo e da argentina Regina Maria Sivori Gogna. Coursou graduação e mestrado em química, na Universidade de Buenos Aires. Em março de 1958, ingressou no noviciado da Companhia de Jesus. Fez o juniorado em Santiago, Chile. Possui bacharelado em Teologia, e já lecionou Literatura e Psicologia. Foi ordenado padre em 13 de dezembro de 1969, por dom Ramón José Castellano. Em 1973 foi eleito superior provincial dos jesuítas, na Argentina.

O jesuíta eleito papa entrava em um Vaticano cheios de desafios e problemas latentes. Seu antecessor, Bento XVI havia renunciado ao cargo em meio aos escândalos dos abusos sexuais na Igreja. No dia 23 de março de 2013 o papa Francisco teve o primeiro encontro histórico com seu antecessor, o papa emérito Bento XVI. Dois papas na história da Igreja, aconteceu há pelo menos 600 anos, no Grande Cisma do Ocidente (1417), quando havia os papas e antipapas do cisma. Como hoje, a visão que se tem é uma ‘guerra entre os papas’ – com diferentes posições teológicas.

Mas além de ter que conduzir uma Igreja sob os olhos de um papa emérito conservador e crítico, Francisco tem outro desafio no contexto da era tecnológica das mídias virtuais: dialogar com o mundo em mutações de identidades e, ainda, conectado pela internet. São diversos temas latentes que circulam na vida da sociedade. Agora, nem tudo cabe a Igreja resolver, ou quase nada.

Portanto, é preciso também aqui questionar o papel de uma instituição religiosa, como a Igreja Católica. Muitas vezes espera-se que do Vaticano saia grandes orientações para nortear a vida do mundo. Isso é um perigo e grande erro. Essa dependência de ‘conselhos’ e balizamento pelas religiões coloca sempre a pessoa humana em estado de inércia, passividade; e não de protagonismo social como deveria ser.

O que se percebe nos discursos de Francisco – e isso é bastante curioso, que mais do que dar respostas aos problemas atuais, ele devolve a pergunta com novos questionamentos, possibilitando assim, uma reflexão conjunta, ao invés de impor um pensamento dogmático moralista e conservador. Suas mensagens sempre começam com ‘será’, ‘mas’, ‘porém’, ‘todavia’, ‘infelizmente’, além de sempre se colocar nas reflexões, ao usar verbos do plural: ‘precisamos’, ‘devemos’, ‘podemos’, ‘estamos’, ‘iremos’.

O pontificado de Francisco tem sido marcado por diálogos com a juventude, aproximação com as lideranças mundiais para novos acordos de paz, luta pela justiça social e proteção do meio ambiente, questões climáticas, desigualdade de rendas. Em relação ao aborto tem priorizado orientações de misericórdia ao invés da moral; defende a oposição da Igreja à contracepção artificial, por outro lado, diz que os casais não precisam ‘procriar como coelhos’; abriu a possibilidade de comunhão aos casais divorciados, luta pela não excomunhão e sim pela acolhida. No que tange a questão da homossexualidade, Francisco tem mostrado uma grande abertura, e pede tratamento com dignidade e respeito. O papa abriu a possibilidade de reflexão, mas ainda é preciso novos enfrentamentos sobre esses temas, ainda que a ‘ala conservadora’ se enfureça. Geralmente, aqueles que mais atacam, são os que não tem coragem de assumir o que vivem no ‘silêncio da sacristia’. No fundo esse conservadorismo é sinal de desespero.

Como forma de tratar os escândalos de abusos sexuais de menores ‘estourados’ em seu pontificado (que vinham sendo acobertados desde os pontificados de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI), aprovou a criação de um tribunal do Vaticano para processar bispos que protegem padres que praticam esse tipo de crime. Outra atitude bem diferente de seus antecessores é sua insistência pela maior participação das mulheres na governança da Igreja, e por fim, vem combatendo veementemente, o capitalismo, e aos sistemas econômicos que idolatram o dinheiro, em detrimento da vida humana e o do bem comum.

Este ano (2019), convocou o Sínodo sobre os Jovens e em 2020, ocorrerá o Sínodo sobre a Amazônia. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*⁹² (Cristo vive) – aos jovens e a todo o povo de Deus, publicada em 25 de março, o papa abre espaço para reflexão da participação da juventude no ambiente digital:

A internet e as redes sociais geraram uma nova maneira de comunicar e criar vínculos, sendo ‘uma “praça” onde os jovens passam muito tempo e se encontram facilmente, embora nem todos tenham acesso igual, particularmente nalgumas regiões do mundo. Em todo o caso,

⁹² Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html#_ftn40 Acesso em: 5 de mai. de 2019

constituem uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber. Além disso, o mundo digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa [...]

Na Exortação o papa insiste que as tecnologias de comunicação sejam usadas para impulsionar o diálogo, o encontro e o intercâmbio de ideias; estimulando os jovens a participação sociopolítica e cidadã. E também alerta sobre risco de dependência, isolamento, além da “perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas e [...] novas formas de violência através das redes sociais, como o *cyberbullying*” (*CHRISTUS VIVIT*, 2019, item 88).

Outro marco do pontificado de Francisco tem sido o debate sobre a vida do meio ambiente, questão da água e da biodiversidade, qualidade da vida humana e degradação social. Na produção do texto da encíclica, *Laudato Si'* (2015) – sobre o cuidado com a casa comum, tratou sobre a ecologia integral, proteção do meio ambiente e combate à fome no mundo. Francisco acolheu colaborações do teólogo Frei Leonardo Boff, enviando carta pessoal em agradecimento. Sinal, este, de novas relações entre a Igreja e o teólogo da TL, perseguido nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI.

O próprio papa Francisco afirma que só a comunicação dialógica é capaz de restabelecer laços de confiança, respeito e fraternidade:

Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito (FRANCISCO, 2014, grifos nossos).

O pensamento de Francisco acerca das tecnologias de comunicação é bem diferente de seus antecessores. O papa trouxe um olhar humano sobre o papel das tecnologias. Ele está preocupado em estimular o uso consciente dos mass media, para promoção da cultura do encontro e do respeito. Ou seja, Francisco extrapola a visão teológica e dogmática das tecnologias, até então referidas pela Igreja somente para fins de ‘evangelização’ ou ‘doutrinação’. Para ele, evangelizar é promover o bem comum.

O papa vislumbra uma ‘tecnologia do comum’, e reconhece o potencial as novas técnicas, não apenas como ‘coisas de Deus’, mas a “comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica”, devolvendo a pessoa humano seu protagonismo enquanto ser criativo e inovador, como são as redes sociais (FRANCISCO, 2014, grifos nossos).

Sabendo a importância das redes sociais, que no mundo somam mais de 3.196 bilhões de usuários, um total de 42% da população mundial, o papa estreou um canal do YouTube ‘Vídeos do Papa’. Na mensagem em julho de 2018, falou das redes sociais, afirmando que a ‘internet é um dom de Deus’, conforme trechos abaixo do vídeo⁹³:

Peçamos juntos para que as redes sociais não anulem a própria personalidade, mas que favoreçam a solidariedade e o respeito pelo outro na sua diferença [...] A Internet é um dom de Deus e também uma grande responsabilidade [...] Aproveitemos as possibilidades de encontro e de solidariedade que as redes sociais oferecem. [...] Vamos construir uma verdadeira cidadania na rede e que a rede digital não seja um lugar de alienação (FRANCISCO, 2018)

Desde quando assumiu o pontificado, o papa tem insistido pela comunicação solidária e respeitosa, para superação das diferenças. Em suas mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS), tem tratado de temas atuais como: ‘*Das comunidades de redes sociais à comunidade humana*’ (2019), ‘*Fake news e jornalismo de paz*’ (2019), ‘*Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo*’ (2017), ‘*Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo*’ (2016), ‘*Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor*’ (2015), ‘*Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*’ (2014).

Entretanto, mesmo buscando novos diálogos com o mundo, com postura simples, humilde e dialógica, desde o início de seu pontificado, Francisco é acusado de heresia por grupos conservadores e sofre perseguições dentro do Vaticano. Seu discurso humanista, menos radical e mais acolhedor, tem incomodado. O maior desafio de Francisco tem sido agir com transparência dentro da Igreja, também com o desejo de abrir as portas do Vaticano. Tem investigado com coragem o abuso sexual na Igreja Católica, e admitindo a existência de um histórico de vítimas.

No mês de fevereiro (2019), o papa Francisco convocou reunião extraordinária sobre o tema "A proteção de menores na Igreja". Considerado histórico, o encontro reuniu os 114 presidentes de conferências episcopais, 15 chefes de igrejas orientais, 15 bispos, 14 membros da cúria romana, 12 chefes de ordens religiosas e cinco cardeais. Pela primeira vez que um papa tem a coragem de enfrentar essa problemática no seio da instituição. Ele continua ousado, sem medo. No dia 9 de maio, o papa emitiu o *Motu*

⁹³ Vídeo sobre as Redes Sociais - Francisco, 2018 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r5jwhnvjI8g&feature=youtu.be> Acesso em: 5 de mai. de 2019

próprio ‘*Vos estis lux mundis* (Vós sois a luz do mundo), decreto que obriga membros da Igreja a denunciar os abusos sexuais.

Os crimes de abuso sexual ofendem Nosso Senhor, causam danos físicos, psicológicos e espirituais às vítimas e lesam a comunidade dos fiéis. Para que tais fenômenos, em todas as suas formas, não aconteçam mais, é necessária uma conversão contínua e profunda dos corações, atestada por ações concretas e eficazes que envolvam a todos na Igreja, de modo que a santidade pessoal e o empenho moral possam concorrer para fomentar a plena credibilidade do anúncio evangélico e a eficácia da missão da Igreja (VOS ESTIS LUX MUNDIS, 2019)⁹⁴

Torna-se competência dos bispos, padres e religiosos denunciar casos de abusos sexuais: “§ 6. O Metropolita é obrigado a agir de forma imparcial e livre de conflito de interesses”, atribuindo aos bispos a primeira obrigação: “Esta responsabilidade recai, em primeiro lugar, sobre os sucessores dos Apóstolos, colocados por Deus no governo pastoral do seu povo” (VOS ESTIS LUX MUNDIS, 2019).

Em 26 de março (2019), o papa Francisco já havia emitido outra *Carta Apostólica* sob forma de *Motu Proprio* sobre a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis, como também a Lei n. CCXCVII e *Diretrizes para a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis*⁹⁵ para o Vicariato da Cidade do Estado do Vaticano. Nessas comunicações, o próprio pontífice tem a iniciativa de falar com a comunidade de fiéis católicos e com o mundo, pois são temas latentes da vida da sociedade.

Desejo, pois, reforçar ainda mais o ordenamento institucional e normativo para prevenir e contrastar os abusos contra os menores e as pessoas vulneráveis a fim de que na Cúria Romana e no Estado da Cidade do Vaticano: [...] se persiga eficazmente, nos termos da lei, qualquer abuso ou maus-tratos contra menores ou contra pessoas vulneráveis [...] (Idem, 2019).

As medidas que vem sendo tomadas pelo papa revela seu compromisso de promover uma Igreja mais transparente e fiel os princípios evangélicos, os quais prega. Os perseguidos de Francisco, dentro e fora do Vaticano, estão, na verdade com medo, pois é ‘chegada a hora’ – pois não há nada que esteja nas trevas e oculto, que um dia não venha a luz (descoberto) – parafraseando as palavras do próprio Evangelho.

⁹⁴ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507_vos-estis-lux-mundi.html Acesso em: 9 de mai. de 2019

⁹⁵ Disponível em: http://www.vatican.va/resources/resources_protezioneminori-legge297_20190326_po.html Acesso em: 9 de mai. de 2019

III PARTE
DISCURSO, TEOLOGIA E ESPÍRITO DA TÉCNICA

CAPÍTULO 6. MOVIMENTO *TÉCNIO-COMUNICACIONAL* NA IGREJA

Os documentos pontifícios revelam importantes movimentos comunicacionais na Igreja Católica. Cada papa possui suas especificidades discursivas e, por meio delas, relava as opções de narrativas, a marca do discurso e núcleo sentido do que expressam. Para um melhor entendimento do movimento tecnológico, em cada pontificado, organizou-se oito fases. As três primeiras fases correspondem ao período chamado de Pré-Concílio Vaticano II, antes de 1963, a saber: 1ª fase) “Ensino sobre o audiovisual” (1922-1939), com as reflexões de Pio XI sobre o cinema; 2ª fase) “Pioneirismo nos meios técnicos” (1939-1958), onde Pio XII estreia e incentiva o uso do rádio; 3ª fase) “Deslumbramento pelas técnicas” (1958-1963) e João XXIII utilizando a televisão como meio para se comunicar com os fiéis.

As quatro fases posteriores, correspondem aos pontificados dos papas Pós-Concílio Vaticano II, exceto Paulo VI, eleito durante a realização desta Assembleia Conciliar. Os demais papas integram o movimento tecnológico impulsionado pela Revolução Industrial do século XX e XXI. São as fases: 4ª fase) “Encantamento pelos meios tecnológicos” (1963-1978), com o incentivo de Paulo VI ao uso das técnicas para evangelização; 5ª fase) “Diálogo com a imprensa internacional” (1978), motivado pela aproximação de João Paulo I com o trabalho dos jornalistas; 6ª fase) “Protagonismo nos meios de comunicação” (1978-2005), com a eleição do ‘papa da comunicação’ – João Paulo II, que torna-se grande incentivador do uso dos *mass media* na Igreja; 7ª fase) “Dogmatização das tecnologias e das técnicas” (2005-2013), com a postura doutrinal e teológica de Bento XVI, que insiste pela conversão das tecnologias e busca pela ‘verdade’; e por fim, 8ª fase) “Promoção da cultura do encontro no *mass media*” (2013-2017), com a chegada de Francisco ao papado, trazendo reflexões sobre o ambiente digital, sob a ótica da humanização das técnicas e tecnologias, em vista do bem comum e cultura do encontro e do diálogo.

Para cada fase, foi selecionado um documento pontifício, no conjunto de três categorias (encíclicas, discursos e mensagens), a partir do critério de abordagem das tecnologias de comunicação. O discurso do papa está voltado a reflexão de uma mídia específica, sendo elas: cinema, rádio, televisão, imprensa, mass media, internet, mídias digitais e redes sociais. Com base na Análise textual – Mapa de Terminologias e Ocorrências (metodologia deste estudo), foram organizadas as observações e inferências de cada documento, para compreender o pensamento dos papas sobre as tecnologias.

6.1. O pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação

O escopo deste estudo está em analisar o discurso dos papas da Igreja Católica Apostólica Romana sobre as tecnologias de comunicação. Ao longo desta pesquisa, foram sendo apresentados contextos históricos em que estão fundamentados os pensamentos dos pontífices acerca das tecnologias. A opção teológica de cada papa é balizamento de seus discursos. No corpus composto de oito pontificados, foram três grandes grupos dos papas: ‘os conservadores’, ‘os progressistas’, ‘os radicais’ e o ‘populista’. A origem de cada papa, sua trajetória eclesial, sua formação acadêmica e vivência de mundo, são fatores que estão imbricados em seus discursos.

As palavras dos papas falam mais deles, do que de qualquer outra coisa. Ainda que os textos não sejam totalmente ‘de próprio cunho’, representam a identidade do papa em questão. Muitas vezes as problemáticas discursivas não dizem respeito somente a um ‘conservadorismo teológico-doutrinal’, mas, principalmente, ao distanciamento da Igreja da realidade de mundo. Torna-se impossível falar sobre as ‘dores’ da sociedade, sem viver e sentir esses sofrimentos. Como dizia o teólogo e doutor da Igreja, Santo Afonso de Ligório, fundador da Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas), ter compaixão é ‘comer do mesmo pão’. Não bastam palavras e discursos bonitos sobre a fé, é preciso estar com quem sofre. Imaginar a dor do outro, não é o mesmo que conhecer.

Sendo assim, o estudo das encíclicas, exortações apostólicas, discursos, mensagens e *motu proprio* de Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, vão além de uma investigação interpretativa e analítica. Buscou-se, portanto, identificar o lugar de fala de cada papa, o ‘núcleo de sentido’ de cada discurso, e entendimento teórico dos papas sobre as tecnologias de comunicação. Este último, foi denominado nesta pesquisa, de ‘núcleo teórico’, situando o discurso de cada papa, dentro da fase dos estudos científicos (teoria/teóricos), o ‘contexto do discurso’ (acontecimentos paralelos) a fase tecnológica e as terminologias.

O quadro a seguir, apresenta o resultado dessa decodificação e organização dos dados coletados na Pesquisa Histórica – observação em perspectiva (contextualização), Análise Documental (mapeamento, avaliação e verificação das matrizes comunicacionais), Tratamento dos Documentos (período histórico em que foram escritos, contexto da produção dos textos, contexto de entendimento dos documentos). E, por fim, a última etapa, no item 6.2: Análise de conteúdo (análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências, interpretação e delineamentos paralelos).

QUADRO 4 – As fases tecnológicas em cada pontificado e nos documentos dos papas

Pré-Vaticano II			Pós-Vaticano II				
1ª Fase (1922-939)	2ª Fase (1939-1958)	3ª Fase (1958-963)	4ª Fase (1963-978)	5ª Fase (1978)	6ª Fase (1978-2005)	7ª Fase (2005-2013)	8ª Fase 2013-actual
Pio XI	Pio XII	João XXIII	Paulo VI	João Paulo I	João Paulo II	Bento XVI	Francisco
FASE TECNOLÓGICA							
Cinema	Rádio	Televisão	Mass Media	Imprensa	Internet	Mídias Digitais	Redes Sociais
Encíclica	Encíclica	Encíclica	Mensagem	Discurso	Mensagem	Mensagem	Mensagem
<i>Vigilanti Cura</i>	<i>Miranda Prorsus</i>	<i>Mater Magistra</i>	9º DMCS	Encontro Inter.	36º DMCS	47º DMCS	48º DMCS
1936	1957	1961	1975	1978	2002	2006	2014
TERMINOLOGIAS							
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios ▪ <u>Representações</u> ▪ Meios de divulgação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Meios técnicos</u> ▪ Meios de difusão ▪ Meios de comunicação ▪ Meios audiovisuais ▪ Radiovinte 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Técnicas modernas de <u>difusão</u> ▪ Meios modernos da comunicação ▪ Meios modernos de <u>difusão</u> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comunicações sociais ▪ Publicidade ▪ Receptor ▪ <u>Mass media</u> ▪ Tecnologias de comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios de Comunicação Massificação ▪ Mundo das comunicações ▪ Instrumentos da comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Internet ▪ <u>Comunicação global</u> ▪ Cultura da informática ▪ Espaço cibernético ▪ Mundo virtual 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mídia ▪ Novas tecnologias ▪ Mundo digital ▪ Novos media ▪ <u>Era digital</u> ▪ Redes sociais ▪ Tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cultura do Encontro ▪ <u>Mass media</u> ▪ Estradas digitais ▪ <u>Conexão</u> ▪ Ambiente da comunicação ▪ Redes sociais
NÚCLEO TEÓRICO							
Sociologia Contemporânea	Estudos Culturais	Processo Físico (<i>Lei de Fick</i>)	Meio/mensagem (<i>McLuhan</i>)	Sociologia do Cinema	Aldeia Global (<i>McLuhan</i>)	Vida Integrada (<i>Johnson Steven</i>)	Teoria da Conexão (Henry Jenkins)
NÚCLEO DE SENTIDO							
meios para a educação	meios de difusão das ideias	meios para doutrina social da Igreja	comunicação para a liberdade/expressão	comunicação para comunhão	comunicação para evangelizar	rede de comunhão e cooperação	comunicação como proximidade/diálogo
CONTEXTO DO DISCURSO							
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Primeiro voo do caça inglês Spitfire ▪ Luís Carlos Prestes e sua esposa Olga Benário são presos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Construção de Brasília ▪ Dwight Eisenhower, presidente ▪ Independência do Gana ▪ Entrada da Itália na União Europeia ▪ Inauguração da Radiotelevisão Portuguesa (RTP) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assassinato de Patrice Lumumba ▪ John Kennedy, presidente ▪ Gagarin na lua ▪ Muro de Berlim ▪ Tsar, bomba atômica ▪ João Goulart presidente 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Bill Gates e Paul Allen fundam a Microsoft ▪ Independência de Angola ▪ Fim das Guerras portuguesas ▪ Monarquia na Espanha ▪ Playboy no Brasil ▪ Assassinato de Vladimir Herzog 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copa do Mundo ▪ Morre o Papa Paulo VI ▪ Morre o Papa João Paulo I ▪ Karol Wojtyła é eleito papa ▪ Independência de Tuvalu ▪ Independência da Dominica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entram em circulação as notas e moedas de euro ▪ Publicação do atual Código Civil brasileiro ▪ Madre Paulina é 1ª santa brasileira ▪ Independência Timor-Leste ▪ Copa do Mundo (Coreia) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Evo Morales assume a Bolívia ▪ Dalai Lama visita o Brasil ▪ Lula é reeleito presidente ▪ Tufão Dorian deixa mil mortos (Filipinas) ▪ Muçulmanos protestam as declarações de Bento XVI sobre Maomé 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Letónia entra na zona do Euro ▪ Avião da Malaysia Airlines desaparece com 239 passageiros ▪ Terremoto de Magnitude 8,2 (Chile) ▪ Nokia integra a Microsoft ▪ Canonização de João 23 e João Paulo II ▪ Copa no Brasil

6.2. O lugar conceitual e interpretativo nos documentos

A interpretação do *corpus textual*, por meio das técnicas da Análise de Conteúdo e do Mapa de Terminologias e Ocorrências, revela indícios que demarcam o lugar conceitual nos documentos pontifícios sobre abordagens das tecnologias de comunicação. O quadro, anterior, ‘**As fases tecnológicas em cada pontificado e nos documentos dos papas**’, sintetiza as inferências dos dados coletados e análises. O pensamento dos papas, desde Pio XI (século XX) a Francisco (século XXI), pode ser entendido sobre dois aspectos: visão de mundo ou determinismo teológico. A linha sucessória de papas se divide em dois grupos: os conservadores (Pio XI, Pio XII, João Paulo II e Bento XVI) e os progressistas, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, Francisco.

O tecido discursivo desses grupos contém semelhanças, principalmente, no emprego e repetições de terminologias, que demarcam o posicionamento do papa sobre determinados temas, como as rupturas e avanços no pensar as tecnologias. Por meio das ocorrências, os textos analisados, com citações das tecnologias, apresentam indicativos de como cada papa compreende as novas técnicas de comunicação. Esse discurso, também, sofre influências da opção teológica do papa, sua vivência de mundo, além do contexto em que o texto é escrito e dos pensamentos teóricos em circulação – como em livros, pesquisas e estudos científicos.

No quadro, foi possível identificar, ainda, o Núcleo Teórico em que está situado cada documento. Fica claro que o discurso do papa segue uma lógica de conteúdo própria da ‘agenda teórica’ em debate. Contudo, não é possível afirmar que o papa (e seus assessores) utilizou-se das teorias científicas para produzir os textos. Mas, a leitura do documento permite identificar marcas teóricas que inspiraram ou mesmo pautaram as reflexões da Igreja, pela própria força do contexto e, ainda, da necessidade da instituição se mostrar ‘atualizada’ com os debates atuais. Ao longo da análise de *corpus textual* – *Tratamento dos documentos* (CHAUMIER, 1982) foram considerados o período histórico de cada documento, o contexto da produção (redação), contexto de entendimento, e acrescentado a fase teórica correlacionada aos estudos das tecnologias de comunicação. Ou seja, no momento da produção do documento, uma determinada teoria circulava.

Foram oito as fases identificadas, em cada pontificado – que inclui a teoria, o papa e o ano do documento e a tecnologia, a saber:

- 1^a) **Sociologia Contemporânea** – Pio XI (1936) – cinema
- 2^a) **Estudos Culturais** – Pio XII (1957) – rádio
- 3^a) **Processo Físico** (Lei de Fick) – João XXIII (1961) – televisão
- 4^a) **Teoria do Meio**/mensagem (McLuhan) – Paulo VI (1975) – mass media
- 5^a) **Sociologia do Cinema** – João Paulo I (1978) – imprensa
- 6^a) **Aldeia Global** (McLuhan) – João Paulo II (2002) – internet
- 7^a) **Vida Integrada** (Johnson Steven) – Bento XVI (2006) – mídias digitais
- 8^a) **Teoria da Conexão** (Henry Jenkins) – Francisco (2014) – redes sociais

Essas fases, acima, organizadas possibilitam localizar o contexto dos documentos, para entender em qual momento o texto é produzido e sob quais aspectos/influências de mundo, da vida da Igreja, do pontificado e do ambiente tecnológico em desenvolvimento. A opção por estabelecer as categorias das teorias/teórico, o papa, o tipo de documento, o ano e a tecnologia de comunicação, favorece essa localização do contexto, e ainda, recorta e delimita a análise. Por isso, ao identificar o cenário em que o texto é produzido, as conjunturas e fatos paralelos, daquele momento (época), abrem-se janelas para olhar e tentar compreender, com a cabeça de hoje, aspectos e pensamentos daquela realidade.

Portanto, as análises de conteúdo de *corpus textual*, não se limitaram aos métodos e técnicas já explicitados nos procedimentos metodológicos. A leitura dos textos foi experimentada de diferentes formas como, deitar e ouvir o texto pelo software Balabolka, sentar, ouvir e anotar trechos que chamaram a atenção, e ainda, caminhar ouvindo a narração automática. Algo que trouxe outras percepções e prospecções. É como se estive em um lugar, sentado/deitado escutando as palavras do papa. Até mesmo fechar os olhos ajudou nessa experiência sensorial de imersão. Foi um dos caminhos optados – uma metodologia aplicada nas análises.

A última fase deste caminho, consistiu na leitura e fichamento (com o *Iramuteq*), para selecionar os conceitos-chaves dos discursos dos papas, além de identificar as falas que corroboram para localizar o pensamento do pontífice sobre as tecnologias de comunicação. Desta forma, buscou-se permitir novos olhares sobre os documentos, para além do texto e contexto, e de sua intencionalidade.

Na análise foi possível pensar as vozes que aparecem ou são caladas nesses discursos (pessoas, Deus, papa), os sujeitos ali presentes (ou ocultados), a estrutura interpretativa que o documento oferece aos destinatários, o lugar de fala dos papas e seu posicionamento/interpretações teológicas, a intencionalidade explícita ou não explícita dos discursos, seus avanços e rupturas na linha sucessória e opção discursiva dos papas, e por fim, apontar indícios de protagonismo e intervenções, em que os documentos

apontam novos caminhos para pensar as tecnologias de comunicação, como também os ‘silêncios’ e ‘retrocessos’, ‘avanços e rupturas’, nos processos comunicativos eclesiais.

6.2.1 Encíclicas: dos meios de divulgação às técnicas de difusão

As encíclicas de Pio XI, Pio XII e João XXIII tratam especificamente de três tecnologias de comunicação: cinema, rádio e televisão. São discursos que estão localizados entre os anos 30 e 60 (1936-1961), e acompanhados de acontecimentos históricos como o primeiro voo do caça inglês *Spitfire*, a inauguração da Radiotelevisão Portuguesa (RTP), e a criação da ‘Tsar’, primeira bomba atômica, a ida do homem à lua – Yuri Gagarin e a construção do muro de Berlim. Análise de cada documento é voltada, principalmente, as marcas discursivas do entendimento do papa sobre a tecnologia.

Assim como os contextos (e seus acontecimentos) são importantes para ler os documentos, os conceitos-chave também se tornam marcar textuais e discursivas. O tipo de documento – Encíclica, Discurso e Mensagem, representa períodos dos pontificados. As encíclicas, de autoria dos papas Pio XI, Pio XII e João XXIII, são discursos sobre as tecnologias, com uma abordagem voltadas a dimensão da vida social e de orientações de cunho moral e técnico. A preocupação dos papas era orientar as pessoas dos perigos e riscos que estavam submetidos com o advento dos novos recursos. A tabela abaixo, apresenta os 10 conceitos mais repetidos nos textos.

TABELA 8 – Frequência dos conceitos-chave nos discursos (1930-1960)

Tipos de Documento

Conceito	Encíclica	Discurso	Mensagem
Ser	454	6	120
Poder	190	1	54
Social	131	4	33
Homem	104	2	19
Vida	101	1	15
Humano	89	5	25
Meio	81	2	16
Técnica	69	0	0
Igreja	63	5	25
Moral	62	0	2

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

Na *Nuvem de palavras*, evidenciam palavras como ‘dever’, ‘vida’, ‘social’, ‘igreja’, ‘Deus’, ‘bem’, ‘moral’, direito. No discurso de Pio XII (1957) é observada uma preocupação com a moral social diante das produções cinematográficas da época. O papa determina que seja feita uma classificação e indicação (censura) de certos filmes:

Indicando claramente quais os filmes lícitos para todos, quais os reservados a adultos, e quais os prejudiciais ou positivamente maus, os juízos morais permitirão a cada um escolher os espetáculos de que há-de sair "mais alegre, mais livre e, no íntimo, melhor do que ao entrar". E permitirão ainda evitar aqueles filmes que poderiam danificar a alma, dano agravado ainda pela responsabilidade tanto de favorecer as produções más como de dar escândalo com a própria assistência (MIRANDA PRORSUS, 1957, grifos nossos)

Nesse trecho, acima do, discurso de Pio XII é possível perceber os conceitos-chaves que estruturam a narrativa, como as palavras ‘juízos morais’, ‘livre’, ‘alma’, ‘responsabilidade’, ‘escândalo’. O perfil conservador do papa fica explícito ao eleger os conceitos para sua fala, e há uma imbricação entre o discurso moral-social e teológico. Ao mesmo tempo que existe uma preocupação com uma vida ‘feliz e alegre’ dos espectadores do cinema, a Igreja diz que certos ‘filmes poderiam danificar a alma’ – um apelo dogmático, na esfera da fé.

Nas análises a seguir, de cada documento, será possível perceber que com o passar dos anos e com a chegada de novos perfis de papas progressistas e populistas, o discurso do papa vai ganhando um novo caráter. A partir dos documentos ‘Discursos’ e ‘Mensagens’ (1970 a 2014), as palavras adotadas nos textos dos séculos 30 a 60, quase desaparecem. São substituídas por conceitos como ‘verdade’, ‘dever’, ‘pessoa’, ‘cultura’, ‘mensagem’, ‘informação’, ‘comunicação’, ‘próximo’, ‘internet’, ‘reconciliação’, ‘encontro’. É interessante perceber que o conceito ‘sacrifício’ muito usado pelos papas conservadores, desaparece nos pontificados dos papas progressistas.

Na próxima tabela, olhando a partir das mensagens e discursos, ou seja, uma observação invertida, contata-se que os avanços das tecnologias de comunicação influência nos discursos dos papas. Outras palavras são adotadas e algumas desaparecem. Não apenas conceitos-chave de tecnologias, mas palavras que antes representavam o posicionamento ideológico dos papas, não são mais utilizadas. Os conceitos ‘apostolado’, ‘ciência’ e ‘técnica’, não aparecem, a partir dos pontificados de João Paulo I (papa progressista). A impressão é que a ‘ciência’ deixa de ser valorizada no discurso papal.

TABELA 9 – Frequência dos conceitos-chave nos discursos (1970-2000)

Conceito	Tipos de Documento		
	Mensagem	Discurso	Encíclica
Comunicação	58	5	6
Internet	21	0	0
Evangelho	12	0	6
Encontro	11	2	0
Estrada	9	0	1
Rede	9	0	3
Humanidade	8	0	9
Paz	7	2	10
Solidariedade	6	1	6
Imagem	4	1	6
Presença	2	0	8
Espectador	2	0	11
Apostolado	0	0	10
Técnica	0	0	69
Ciência	0	0	11
Científico	0	0	22

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

Contudo, outros conceitos ganham força nas falas dos pontífices, e o uso de expressões como ‘internet’, ‘comunicação’, ‘evangelho’ e ‘encontro’, transformando os discursos em manifestações de pluralidade e inclusão do receptor na mensagem (BAKHTIN, 1992). E ainda, palavras como ‘humanidade’, ‘paz’ e ‘solidariedade’ são marcas atemporais nos discursos dos papas. Sinal continuidade do pensamento discursivo eclesial, que assinalam nos documentos a relação entre a Igreja e a sociedade. Termos como ‘sociedade civil’, ‘sociedade moderna’, ‘sociedade contemporânea’, ‘sociedade política’, ‘sociedade de hoje’, sempre aparecem nos discursos nos papas.

Na verdade, o catolicismo se posiciona como uma instituição corresponsável pelo bem comum e com a vida da sociedade. Em *Mater et Magistra* (1961), o papa João XXIII, no contexto da sociedade em lutas políticas, se posiciona contra o comunismo, e ainda não aceita que os católicos aderissem ao socialismo moderado. No início da era do mass media, o regime comunista inicia ocupação de emissores de rádio e televisão.

Entre comunismo e cristianismo, o pontífice declara novamente que a oposição é radical, e acrescenta não se pode admitir de maneira alguma que os católicos adiram ao socialismo moderado: quer porque ele foi

construído sobre uma concepção da vida fechada no temporal, com o bem-estar como objetivo supremo da sociedade; quer porque fomenta uma organização social da vida comum tendo a produção como fim único, não sem grave prejuízo da liberdade humana; quer ainda porque lhe falta todo o princípio de verdadeira autoridade social (*MATER ET MAGISTRA*, 1961, item 34)

Assim como visto no trecho acima, os conceitos-chave ‘bem-estar’, ‘vida-comum’ e ‘liberdade humana’, são repetidos em quase todo o documento - Encíclica, que contém 262 itens com reflexões sobre a vida dos indivíduos e dos povos, cuja a Igreja afirma respeitar e defender, desveladamente. Essa preocupação com a vida social aparece em todos os documentos com abordagens sobre as tecnologias. Com o advento do cinema e produções de filmes, o foco é a integridade dos jovens, como exposto no próximo item.

6.2.1.1 Cinema: a Igreja e seu posicionamento de censura e repressão

A Encíclica *Vigilanti Cura*, de Pio XI (1936) nasce em um momento de expansão da técnica cinematográfica. A estreia do ‘Cinema falado’ (1928-1938) e dos estúdios de Hollywood, determinaram um novo caminho para essa indústria chamada de ‘fábricas de sonhos’ (BERGAN, 2010). Um sucesso de época foi o filme como ‘Grande Hotel’ (de Edmund Goulding), ao mostrar a paixão de uma bailarina russa, por um falido barão vivido por John Barrymore, com apelo ao surrealismo, escapismo e exotismo.

Essa fase do cinema falado, é antecedida pelo ‘Cinema mudo’ (1895-1927), com obras produzidas, a partir das inspirações nos movimentos como o ilusionismo, a comédia pastelão (Charlie Chaplin), o monumentalismo – como o filme dos ‘Ben Hur’ (1925), o caligarismo – ‘A noiva de Frankenstein’ (1935), o expressionismo – ‘Segredos de uma alma’ (1926). Os filmes dessa época exploraram conceitos estéticos do terror, do utopismo, naturalismo, do realismo e do romantismo épico.

O curto ‘Um cão andaluz’ (1928), baseado na obra de Salvador Dalí, traz chocante sequência de abertura – o olho de uma menina é cortado com uma navalha, com imagens surrealista e episódios desconexos, seguindo a lógica de um sonho. É nesse contexto de ascensão do cinema, e por meio de suas produções, novas formas de ver o mundo, de pensar e compreender a realidade, que Pio XI cria a ‘Ação Católica’, em 1929. Preocupado com a formação dos jovens distante da fé católica, além das crises vocacionais de sacerdotes, o papa estabelece um conjunto de movimentos, visando

ampliar sua influência na sociedade, com a inclusão de setores específicos do laicato e apoiado na Doutrina Social da Igreja.

Já na Encíclica *Divini Illius Magistri* (1929) – sobre a educação cristã da juventude, a Igreja se mostrava preocupada com os novos comportamentos dos jovens. Os anos 20 trouxeram um tom de prosperidade e liberdade, embalados pelo som das bandas de jazz – a ‘Era do jazz’. Os jovens se inspiram nos atores e atrizes de Hollywood para cabelo e na forma de se vestirem, pois estava na moda ir aos cinematógrafos (sala de cinema), além de concertos e ópera ou do teatro.

As mulheres seguiam as tendências das telas, que potencializavam o corpo sexual sem curvas, seios e quadris pequenos, como nos filmes. As roupas permitam mostrar as pernas, o colo, e a maquiagem era um requisito. Os homens, se inspiravam no ator de cinema Rodolfo Valentino, com jeito elegante, roupas modernas e corte de cabelo no estilo social. No Brasil, em 1922, acontece a Semana de Arte Moderna, realizada por artistas como Mário de Andrade e Tarsila do Amaral, sendo um movimento de defesa e valorização da cultura no país.

Essa revolução e mudanças na vida juvenil, acompanhada do progresso da indústria cinematográfica e da literatura, causam preocupações. O papa considera perigosa essa promiscuidade presente na juventude – que pode significar crescimento se vista não sob a ótica teológica e da moral. O acesso ao conhecimento, à literatura e a arte é na visão da Igreja, algo do diabo e, ainda,

[...] ocasiões de naufrágio moral e religioso para a juventude inexperiente, especialmente nos livros ímpios e licenciosos, muitos dos quais diabolicamente espalhados, a preço ridículo e desprezível, nos espetáculos do cinematógrafo, e agora também nas audições radiofônicas, que multiplicam e facilitam toda a espécie de leituras, como o cinematógrafo toda a sorte de espetáculos (DIVINI ILLIUS MAGISTRI, 1929, item d.)

Para assegurar que seu discurso seja bem aceito, a estratégia do papa consiste de demonizar a leituras dos livros, as produções de cinema e as audições radiofônicas comuns na época, onde reuniam pessoas para concertos musicais, discursos e divulgação de notícias. Há de concordar com o papa, que o fato de separar o bem e o mal, sempre foi uma estratégia do *medo sagrado*. O pensamento dualista de Santo Agostinho prevalece, colocando a pessoa a fazer escolha entre o céu e o inferno. Nesse caso, o inferno são os livros ímpios e licenciosos, o cinema e as leituras. Mas, no trecho acima, esse medo é da Igreja, por temer um ‘naufrágio religioso’, não o da barca de Pedro, mas da instituição.

Naquele momento, o acesso dos jovens a novas formas de saber preocupa o papa. Talvez, com toda razão. O conhecimento liberta, principalmente das *mentiras teológicas*, que se materializaram em *discursos da fé*. Na *Vigilanti Cura*, o discurso do papa voltado as produções de cinema, tem uma preocupação explícita: a deturpação da sexualidade dos jovens por parte dos filmes. No Brasil, o ano de 1935 é marcado por profundas crises de vocações sacerdotais. O papa Pio XI envia carta '*Quamvis Nostra*'⁹⁶ ao cardeal presbítero, dom Sebastião Leme de Silveira Cintra, arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, recomentando especial cuidado com as crianças, encaminhando-as para a prática das virtudes cristãs. E sobre a formação dos jovens, orienta:

[...] recomendamos que se ponha o máximo esforço na formação daqueles que pretendem a ação militar nas fileiras da Ação Católica: formação religiosa, moral e social indispensável para aqueles que desejam exercer um trabalho apostólico eficazmente neste momento histórico.

O pontífice reconhece o potencial das novas tecnologias de comunicação, como o cinema, mas com uma ideia de *dogmatismo tecnológico*. A técnica só é boa se for revestida de uma sacralidade ou se tornam perigosos (do mal):

Estes potentísimos meios de vulgarização que podem ser, se bem dirigidos pelos sãos princípios, duma grande utilidade para a instrução e educação, aparecem infelizmente, na maior parte das vezes, como incentivos das más paixões e da avidez do lucro. Santo Agostinho lamentava-se da paixão pela qual eram arrastados até os cristãos do seu tempo para os espetáculos do circo, e narra-nos com vivacidade dramática a perversão, felizmente temporânea, do seu amigo e aluno Alípio (DIVINI ILLIUS MAGISTRI, 1929, item d.)

A tradução fala de meios de vulgarização, como já visto em outros capítulos deste estudo. Mas a versão do italiano se refere a *potentissimi mezzi di divulgazione* (pontífissimos meios e divulgação). Essa carta de Pio XI é publicada, exatamente, no dia 31 de dezembro de 1929, final dos 'felizes anos 20', após meses da crise econômica dos Estados Unidos (Grande depressão), que atingiu o mundo, com ondas de desempregos e falências de empresas. A Igreja sustenta em seu discurso uma preocupação com a vida da juventude, alertando sobre a necessidade de uma educação cristã.

Já a *Vigilanti Cura* é publicada no auge do cinema falado, com as produções independentes voltadas aos filmes de terror e medo (*O vampira*, 1932; *Drácula*, 1931),

⁹⁶ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/letters/documents/hf_p-xi_lett_19351027_quamvis-nostra.html Acesso em: 9 de mai. de 2019

além das obras de romance, do realismo e erotismo (*Diabo a quatro, 1933; O demônio da Algéria, 1936; A besta humana, 1938; Paixão perigosa, 1939*). Para Pio XII, o cinema precisava exercer uma única função: colocar-se a serviço do aperfeiçoamento do homem, ‘para promover o bem’, não ‘para insinuar o mal’ (VIGILANTI CURA, 1936, item 4).

TABELA 10 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 1

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>Vigilanti Cura</i> , Pio XI (1936), Encíclica			
2	Artes da indústria técnica	“verdadeiros dons de Deus, sejam dirigidos de tal modo à glória de Deus, à salvação das almas, à extensão do reino de Jesus Cristo sobre a terra” (item 6)	- A tecnologia como divina, - Deus (exaltação, o centro), - Técnica como extensão do reino de Jesus Cristo. - Tecnologia para salvação.
	Progressos da ciência e da arte	"aproveitemos os bens temporais de modo a não perder os bens eternos" (item 6)	- Nós e as técnicas, - Ciência não salva, - Arte como bem temporal.
	Progressos do cinema	“quanto mais maravilhosos se tornam, mais perniciosos foram para a moralidade e para a religião, e mesmo para a honestidade do Estado civil” (item 6)	- Cinema ‘maravilhoso’, - Progressos ‘perniciosos’, - Cinema, ataque a moralidade e a religião. - Pacto: Igreja e Estado.
	Frequentadores do cinema	“nunca exibir um filme que rebaixasse o senso moral dos espectadores, que ferisse a lei natural e humana” (item 7)	- Espectadores: alienados, - Lei Natural e humana, - Frequentadores não sabem discernir o que querem.
	Indústria do cinema	“Nesta gravíssima situação, Veneráveis Irmãos, fostes vós os primeiros a estudar o meio de defender contra o perigo iminente as almas [...] uma cruzada santa” (item 9)	- Bispos: censuradores. - Cruzada santa (sacralizar a Guerra) - Indústria: perigoso - Cinema: ataque as almas - Foco: sexualidade, prazer.
	Técnica cinematográfica	“[...] pessoas dirigidas por um padre escolhido pelo bispo [...] tornar mais eficaz e harmoniosa a obra de revisão dos filmes” (item 41)	- Fiéis escolhidos, - Revisão dos filmes (censura das obras). - Método: sentir, julgar e agir.
	Meio mais poderoso	“influência sobre as massas, quer devido às figuras projetadas nas telas, quer pelo preço do espetáculo cinematográfico, ao alcance do povo comum” (item 18)	- Meio: influencia as massas, - Figuras projetadas, - Povo comum: o pobre não pode ir ao cinema, ter acesso a cultura: é um perigo.
	Espetáculo cinematográfico	“a música ajunta um novo encanto à ação dramática. Se nos entreatos se acrescentam danças e variedades, as paixões recebem excitações das mais perigosas”	- Força do som e imagem, - Cinema falado: encanto, - Ação dramática, danças, - Imagem: excitar paixões perigosas. - Foco: sexualidade, desejos.
	Cinematografia	“instrui mais eficazmente no bem e no mal, do que o raciocínio abstrato. [...] ao nível da consciência cristã, [...] deixe de ser	- O dualismo: bem e mal, - Pessoa: raciocínio abstrato, - Consciência cristã - Cinema como meio de depravação/ desmoralização.

		um meio de depravação e de desmoralização” (item 20)	
	Meios de divulgação	“[...] de grande utilidade para a instrução e educação, são muitas vezes desgraçadamente subordinados ao fomento dos instintos maus, à avidez do lucro”	- Meios de divulgação, de instrução e educação, - Visão do papa: meio de fomento dos instintos maus, - Foco: sexualidade e lucro.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

Ocorre no discurso do papa um procedimento de controle do discurso cinematográfico, das expressões artísticas no audiovisual, além do cerceamento do discurso dos autores dos filmes. Pio XI diz ‘ser necessário tornar o cinema conforme às normas retas’, ou seja, o que mesmo que uma ‘conversão do cinema’ nos padrões doutrinários, diante do seu poder de influência na vida daquela sociedade:

Não há hoje um meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas, quer devido às figuras projetadas nas telas, quer pelo preço do espetáculo cinematográfico, ao alcance do povo comum, e pelas circunstâncias que o acompanham (Idem, item 18).

Diante dos tais perigos representados pelo cinema, o papa, em *Divini Illius Magistri*, já orientava que o cuidado das crianças e jovens deveria ser direcionado com a prática de virtudes cristãs, limitando a formação deles, a uma dimensão teológica e pastoral. Para a Igreja, a educação é obra social, que inclui as três sociedades, duas de ordem natural, sendo a família e a sociedade civil, e a terceira, a Igreja, da ordem sobrenatural. Será que cabe a Igreja interferir na educação dos filhos? Essa necessidade de ampliar sua função fora da instituição deve ser questionada. Se o compromisso da Igreja é com a evangelização de seus seguidores, que concentre suas forças internamente.

A voz de Deus é assumida pelo papa, quando reafirma no texto que a Igreja, ao fazer ecos do Divino Mestre, deve em tempos oportunos ou não, repreender, exortar, admoestar, com grande paciência e doutrina. Porém, a preocupação a vida externa, acaba por descuidar do que é, de fato, seu maior compromisso: a vida da organização Igreja. Caberia a orientação cristã/doutrinária as famílias que praticam a religião, mas não a todos. Há pais que desejam criar seus filhos com outros valores, costumes, hábitos e em outras práticas fé. Cada família deve optar por esse caminho consciente e responsável.

A Igreja aposta em um *discurso de poder pastoral* convencionalizado, dotado de normas e regras. A mensagem do papa reforça a ideia de que estar vinculados aos valores de uma religião, parece ser *condição sine qua non* para uma formação integral de uma criança ou adolescente. “O poder pastoral é uma forma de poder que não cuida apenas

da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida”⁹⁷. Cria um ‘ciclo vicioso’, deixando de estimular a autonomia do sujeito.

Esse poder pastoral, por exemplo, reflete na vida dos jovens que deixam de buscar orientações em casa – muitas vezes por falta de diálogo com a família, para ir aconselhar-se com o padre. Não há nada de errado nisso. Porém, as relações em família deveriam ocupar a centralidade na formação as crianças e jovens. Quando na verdade a fé deveria se incentivar *a prática da religiosidade*, e não a dependência de uma religião, ao credo. Nem tudo, ou quase nada, no que tange a vida humana, depende da aprovação da Igreja ou de qualquer outra religião. O resultado: uma sociedade sempre doente, em pecados.

Aqui se faz necessário esclarecer uma confusão típica: o sentimento de pertença (a uma comunidade de fé) é diferente do sentimento de dependência ou necessidade. As igrejas/religiões estão apostando na *submissão e controle da subjetividade* das pessoas. Ser um fiel de uma religião virou sinônimo de ‘obrigação’. Nem mesmo o discurso da liberdade de fé, convence o contrário. Não praticar o que diz os dogmas e as doutrinas é sinal de desobediência. Sim, para quem assumiu aquele tipo de credo. Mas, essa obrigatoriedade não pode ser extensionada a todos.

Esse pacto é antigo, desde os reinados. E para isso deixar de acontecer, a Igreja deve voltar a ocupar o seu lugar, como instituição de fé, deixando que outras *entidades de competência* do Estado assumam seus papéis e obrigações. Não é saudável esse pacto Igreja e Estado, responsável por uma “combinação astuciosa das técnicas de individualização e dos procedimentos de totalização” (FOUCAULT, 1995, p.236). Em tempo, isso não impede de relações de cooperação em muitas frentes, porém cada um exerce suas tarefas de competência.

Na encíclica, a preocupação da Igreja se volta às crianças e jovens, na tentativa de repetir o comportamento de Jesus – “deixai vir a mim as criancinhas”, reafirmando, portanto, seu papel como instituição oficial que representa o Cristo na Terra. Na introdução da carta, isso fica bem explícito. A Igreja busca sustentar seu *discurso de poder* com base em passagens bíblicas, explorando elementos da fé e do sagrado. Isso dá a ela mais segurança e controle. “Finalmente, esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la” (FOUCAULT, 1995, p.237).

⁹⁷ Texto: **Tela, fé e poder: A ordem do discurso da crítica católica de cinema**. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21550/21550_4.PDF Acesso em: 9 de mai. de 2019

6.2.1.1. Rádio: a vigilância eclesial sobre a moralidade dos programas

O discurso de Pio XII, na Encíclica *Miranda Prorsus* (1957), está embasado em pressupostos teóricos como a Educomunicação no rádio, regulação de mídia e, ainda, traz para reflexão conceitos-chaves, com uma visão atual, naquela época. Ele já falava em ‘influxo da informação’, ‘espiritualidade das máquinas’, ‘políticas de comunicação’, ‘transmissão’ e ‘ondas sonoras’. O principal foco de Pio XII está em considerar a vigilância sobre a moralidade das produções radiofônicas e audiovisuais, e o compromisso dessas novas tecnologias com a formação da opinião pública.

TABELA 11 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 2

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>Miranda Prorsus</i> , Pio XII (1957), Encíclica			
9	Maravilhosos progressos técnicos	“[...] sem dúvida são fruto do engenho e do trabalho humano, mas são primeiro que tudo dons de Deus, Criador do homem e inspirador de todas as obras”	- Dons de Deus, - Deus é o inspirador, - Engenho humano, - Trabalho humano,
	Progresso das técnicas de difusão	“Tal solicitude deriva directamente da missão que lhe confiou o Redentor Divino, porque essas técnicas – na geração presente – têm poderoso influxo no modo de pensar e agir dos indivíduos [...]”	- Missão confiada por Deus, - A tecnologia parece ter um poder sobrenatural, - A técnica pode dominar o homem, na visão da Igreja. - Conceito: influxo
	Técnicas industriais	“[...] não souberam evitar sempre a escravização do homem à máquina, que era destinada a servi-lo [...]”	- Concepção teológica de escravidão do homem à máquina, - A utilidades das máquinas.
	Técnicas de difusão	[...] se subtrair ao "jugo suave" da lei de Cristo, corre o risco de ser causa de infinitos males, e tanto mais graves quanto não se trata já de escravizar forças materiais, mas forças espirituais [...]	- Outra ideia de escravidão tecnológica, - Aponta para os males das técnicas, - As máquinas e suas forças espirituais.
	Meios de difusão	“[...] devem regular a difusão, entendida no sentido de um meio de comunicar, em grande escala, os bens destinados à comunidade toda e a cada indivíduo”	- Uma abordagem interessante do que seria hoje as Políticas de comunicação, - Conceito: regular as mídias
	Difusão na doutrina cristã	“Antes de se comunicar a Si mesmo na visão beatífica, comunica-se na fé e na caridade”	- A preocupação na Difusão do bem, - A doutrina enquanto algo benéfico para todos.
	Técnicas audiovisivas de difusão	“o cinema, a rádio e a televisão – não são pois simples meio de recreio e distração [...] mas constituem verdadeira e própria transmissão de valores humanos sobretudo espirituais, promover a	- Ouvintes, - Espectadores, - O rádio como meio de entretenimento e distração,

		cultura no seio da sociedade moderna”	- A Igreja orienta para transmissão de valores humanos e espirituais. - Conceito: transmissão
	Técnicas audisivas	“possibilidade de colaboração e de permuta espiritual, e promovem certa uniformidade de civilização entre todos os povos do globo; [...] o cinema, a rádio e a televisão devem servir a verdade e o bem”	- Fala de permuta espiritual por meio do rádio, - A Igreja acredita em uniformidade dos povos, - Comunicar para servir a verdade e o bem.
	Vocação das técnicas de difusão	“A missão de servir a verdade deve unir-se o esforço de contribuir para o aperfeiçoamento moral do homem [...] podem dar tal contribuição em três sectores importantes: informação, ensino e espectáculo”	- Televisão escolar, - Já previa a Educomunicação, - Servir a verdade, - Verdade revelado por Deus,
	Grande meio de difusão	“a rádio tem o privilégio de se apresentar desligada e liberta daquelas condições de espaço e tempo [...] Com asa infinitamente mais veloz que as ondas sonoras, rápida como a luz, transporta, num instante, ultrapassando todas as fronteiras, as mensagens que lhe são confiadas”	- Espaço e tempo, - Ondas sonoras, - Velocidade, - Mensagens, - Fronteiras
	Os radiouvintes	“colaborar na formação duma opinião pública [...], e contribuir para que a rádio, conformemente à sua missão educativa, se ponha "ao serviço da verdade, da moralidade, da justiça e do amor”	- O papa expressa compromisso do rádio com a opinião pública, - Ressalta a função educativa, - Conceito: Educomunicação
	Boas transmissões	“as que levam Deus até aos corações humanos. Hoje, quando, através das ondas da rádio, se agitam violentamente doutrinas erróneas, [...] se cria no éter uma sonora "cortina de ferro”	- A finalidade do meio está condicionada a levar Deus, - O sujeito precisa ter Deus no coração, - Proíbe outras doutrinas, - Conceitos: Sonora e ondas
	Aparelho receptor	“Os Pastores de almas lembrarão por isso aos fiéis que a Lei de Deus proíbe ouvir transmissões prejudiciais para a sua fé ou para a sua vida moral [...]”	- Os bispos como censuradores dos programas, - Falam de transmissões prejudiciais, - Proibir o que não for da fé.
	Aparelhos radiofónicos	“permitem abrir misteriosa janela sobre o vasto mundo, do qual chegam dia e noite ecos da vida trepidante das várias culturas, línguas e nações, sob forma de inumeráveis programas, ricos de notícias, de entrevistas, [...] de actualidade e de arte, de transmissões de canto e música”	- A compreensão de promover a diversidade na programação da rádio, - O rádio como difusor de notícias e informação, - A transmissão no rádio, - Conceito: actualidade e Programas de entrevistas.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.1.1. Televisão: meio de participação dos cidadãos na vida da sociedade

Os pensamentos de João XXIII sobre a televisão transitam entre o encantamento com a nova técnica e valorização do saber científica. O ‘papa bom’ chegou ao pontificado com grandes propostas de reforma a Igreja. Em seus discursos contata-se o olhar otimista que lança sobre os progressos dos conhecimentos científicos e das técnicas de produção.

Para João XXIII, as novas descobertas resultam do talento e da capacidade humana. Por isso, faz questão de incentivar o acesso dos jovens à pesquisa, considerando que a formação integral das novas gerações passa pela ciência. As pesquisas e investigações “proporcionam a milhares de jovens ocasião de irem estudar nas universidades das nações mais adiantadas e adquirir uma formação científica, técnica e profissional atualizada” (*MATER MAGISTRA*, 1961, item 164).

Diferente de outros papas de sua época, ele propõe uma nova interpretação da relação em fé e razão (ciência e teologia), entendendo que o Deus deu ao homem o potencial de inventar as tecnologias que são bens para servir à vida. Ao se referir às tecnologias, cita a televisão, considerando como parte do conjunto de ‘meios modernos da comunicação’. O papa reconhece, que o audiovisual (rádio e televisão) permite a todos “todos de participar nos acontecimentos de caráter mundial” (Idem, item 61).

A contribuição de João XXIII está em abrir caminhos para valorização do conhecimento científico, tão necessário para ‘pensar’ novas tecnologias, e ainda identificar das ciências como caminhos para melhor a vida, empreendendo novos esforços e métodos para avançar nas investigações, “no sentido de aperfeiçoar e estender cada vez mais o seu domínio sobre a natureza. Os progressos já realizados pelas ciências e técnicas abrem, nesta direção, horizontes ilimitados” (Idem, item 188).

O papa rompe com algumas ideias de Pio XI e Pio XII (de vigilância, aceitação duvidosa, censura), ao dar novo sentido as técnicas, como frutos do potencial humano e, também, atribuindo as pessoas a responsabilidade dos progressos da ciência. Como lembra Han (2016), para que haja processo de troca, intercâmbio e novos saberes, é preciso transpor as barreiras, passagens e soleira, cercas, trincheiras e muras, como também doses de promiscuidade. João XXIII pode ser considerado ‘a contrariedade’, ‘a provocação’, o ‘pensar além’. Não seria diferente para um papa que teve a coragem de convocar o mais reformador concílio da Igreja, o Vaticano II. Em seu discurso, ele já trazia conceitos como ‘Difusão da automatização’, isso na década de 60, o que hoje é conhecido como ‘automação da informação tecnológica’, como mostra a tabela:

TABELA 12 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 3

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>Mater Magistra, João XXIII (1961), Encíclica</i>			
13	Progressos dos conhecimentos científicos e das técnicas de produção	“oferecem aos poderes públicos maiores possibilidades concretas de reduzir os desequilíbrios entre os diferentes fatores produtivos, entre as várias zonas no interior dos países e entre as diversas nações [...]” (item 54)	- O papa tem uma visão otimista das técnicas, - Valoriza em suas palavras os conhecimentos científicos, - Relaciona as técnicas de produção como meios para reduzir os desequilíbrios.
	Progressos das ciências e das técnicas	“moderar o teor de vida já melhorado da geração presente, tendo a intenção de preparar um porvir melhor as gerações futuras” (item 79)	- A ciência como caminho para melhor a vida, - Os progressos da ciência e técnicas são vistos pelo papa para capacitar os jovens.
	Possibilidades técnicas	“Devem-se conservar e promover, de harmonia com o bem comum” (item 85)	- O papa considera a técnica como meio de promover o bem comum.
	Competências científicas e técnicas	“fornecer os capitais indispensáveis para iniciar e acelerar o progresso econômico segundo critérios e métodos modernos” (item 162)	- O papa valoriza as competências científicas e técnicas para o progresso, com métodos.
	Cooperação científica, técnica e financeira	“proporcionam a milhares de jovens ocasião de irem estudar nas universidades das nações mais adiantadas e adquirir uma formação científica, técnica e profissional atualizada” (item 164)	- A formação dos jovens passa pelos estudos científicos. - O papa destaca o papel das universidades. Previa os ataques à Educação, hoje.
	Instrumentos aptos	“Deus, na sua bondade e sabedoria, espalhou pela natureza recursos inesgotáveis e deu aos homens inteligência e gênio capazes de inventar os instrumentos aptos para com eles se poderem encontrar os bens necessários à vida” (item	- Aqui o papa define ‘as tecnologias’, ao se referir aos instrumentos aptos. - Deus deu ao homem potencial inventar. - As tecnologias são bens para servir à vida. - Conceito: instrumentos
	Esforço científico e técnico	“por parte do homem, no sentido de aperfeiçoar e estender cada vez mais o seu domínio sobre a natureza. Os progressos já realizados pelas ciências e técnicas abrem, nesta direção, horizontes ilimitados” (item 188)	- A ciência oferece a possibilidade de pensar, - O papa reconhece que os progressos são infinitos, - A técnica pode evoluir cada vez mais, com a ciência e novas pesquisas.
	Meios modernos da comunicação	“Além disso, através da organização cada vez mais perfeita dos meios modernos da comunicação – imprensa, cinema, rádio e televisão – permite-se a todos de participar nos acontecimentos de caráter mundial” (item 61)	- É possível entender que o entendimento do papa está em valorizar as novas tecnologias. - São meios de participação dos cidadãos na vida da sociedade. - Conceito: meios modernos
	Difusão da automatização	“quase desaparecimento das distâncias nas comunicações, sobretudo por causa do rádio e da televisão” (item 47)	- Automatização para encurtar distâncias e permite contatos entre as pessoas. - Conceito: difusão

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.2. Discursos: dos instrumentos aos meios de comunicação social

Como já visto nas categorias, os discursos são documentos convencionais. O papa utiliza deles como instrumento de comunicação interna, para audiências no Vaticano e, comumente, usados em suas visitas apostólicas a outros países. Geralmente, ao chegar a um país é costume o papa proferir seu discurso, sendo um momento esperado pela população local. No caso deste estudo, o discurso selecionado é o único proferido pelo papa João Paulo I, após sua eleição como papa, no conclave de 1978.

O pontífice se reuniu com profissionais e representantes da imprensa internacional que estava há dias, em Roma, para cobrir o velório de Paulo VI, e aguardar os desdobramentos da eleição do novo papa. Assim que eleito, João Paulo I proferiu discurso aos jornalistas que faziam as coberturas desses eventos da Igreja.

Centenas de profissionais, chamados pelo papa de “representação tão qualificada e numerosa do ‘mundo’ das comunicações sociais”, ouviram as palavras do novo pontífice. Em seu discurso, o papa valorizou atividade jornalística de cunho eclesial, e buscou estabelecer novos laços com esses organismos internacionais.

Esse discurso de João Paulo I, marca, principalmente, a transição terminológica de ‘instrumentos’ para ‘meios de comunicação social’. O texto revela essa mudança conceitual e, também, demarca uma nova fase tecnológica chamada de ‘*mass media*’ – o conglomerado de mídias (cinema, rádio, televisão e imprensa). Por ter morrido precocemente, não produziu outros textos específicos sobre as tecnologias de comunicação. Desta forma, a análise que segue abaixo, da imprensa, tem como base esse único discurso, no que tange a comunicação social.

6.2.2.1. Imprensa: aproximação rápida da Igreja com o jornalismo internacional

No discurso de João Paulo I foram localizados diferentes conceitos-chave, até então não empregados em outros textos dos papas anteriores. O papa fala de ‘mundo das comunicações sociais’, para referir ao conglomerado de mídias e as atividades dos meios de comunicação. Aparecem, no texto, outros conceitos teóricos como ‘opinião pública mundial’, ‘instrumentos da comunicação social’ e ‘riscos de massificação’. A narrativa do discurso aborda os ‘vínculos de participação’, quando o papa fala sobre o papel dos meios de comunicação possibilitar a interação do público receptor, entendido por ele

como ‘homem moderno’ - no caso dos leitores e espectadores da informação. No que tange a ‘massificação’, conceito pouco explorado na década de 70, o papa entende que as novas tecnologias, além da interioridade do indivíduo (isolamento social), oportunidades de reflexão pessoal (intimidade).

A respeito da atividade de imprensa, o papa considera fundamental a presença dos meios de comunicação na vida da sociedade, para a formação da opinião pública. “O vosso é serviço e importantíssimo — oferecendo aos vossos leitores, ouvintes e telespectadores, com a rapidez e imediatismo que requerem a vossa responsável e delicada profissão” (JOÃO PAULO I, 1978, n.p).

Em outro momento do discurso, o papa diz que os meios de comunicação, podem gerar nos receptores vínculos “de entendimento e de solidariedade, com vista num mundo mais justo e mais humano [...] graças à "comunicação", chegar a mais verdadeira e satisfatória "comunhão" (Idem, n.p). No final do pronunciamento, João Paulo I aborda o compromisso de ‘todas as comunicações sociais’, estimulando os profissionais da imprensa a trabalhar “com amor da verdade e com respeito da dignidade humana, porque tal é a finalidade de todas as comunicações sociais” e, também, assegurar a relação do homem com Deus. (Idem, n.p). Portanto, não ficando claro qual seria essa relação. Abaixo, a tabela com o mapeamento completo:

TABELA 13 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 4

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>Aos representantes da Imprensa internacional, João Paulo I (1978), Discurso</i>			
41	“Mundo” das comunicações sociais	“Temos a felicidade de receber, logo na primeira semana do Nosso Pontificado, uma representação tão qualificada e numerosa do "mundo" das comunicações sociais”	- Os jornalistas estavam em Roma para cobrir o conclave, após a morte de Paulo VI, - O papa reconhece o trabalho da imprensa, sendo de ‘sacrifícios e canseiras’.
	Opinião pública mundial	“o vosso é serviço e importantíssimo — oferecendo aos vossos leitores, ouvintes e telespectadores, com a rapidez e imediatismo que requerem a vossa responsável e delicada profissão”	- João Paulo I é o primeiro papa a dialogar com a imprensa mundial, - Ressalta o dever da imprensa com a formação da opinião pública.
	Instrumentos da comunicação social	“consciente como estamos da função cada vez mais importante que os meios de comunicação social foram assumindo na vida do homem moderno”	- A presença dos meios de comunicação na vida da sociedade é destacada pelo papa. - Conceito: homem moderno
	Riscos de massificação	“que tais meios trazem consigo, juntamente com as ameaças que daí resultam para a interioridade do indivíduo, sua capacidade de	- A partir de João Paulo I que o termo ‘massa’ é usado nos discursos dos papas.

		reflexão pessoal e objectividade do seu juízo”	- O ‘social’ dá lugar a ‘meios de comunicação de massa’ Conceito: massificação
	Vínculos de participação	“[...] de entendimento e de solidariedade, com vista num mundo mais justo e mais humano [...] graças à "comunicação", chegar a mais verdadeira e satisfatória "comunhão" [...]	- O papa reforça o ‘anseio de justiça, de paz e de fraternidade’, - Promover a comunhão, Conceito: participação (ideia de interação).
	Finalidade de todas as comunicações sociais	[...] fareis com amor da verdade e com respeito da dignidade humana, porque tal é a finalidade de todas as comunicações sociais [...] contribuir, vós também, para salvaguardar na sociedade hodierna aquela profunda consideração <u>pelas coisas</u> de Deus e pela misteriosa relação entre Deus e cada um de nós”	- O papa também retoma o dever com a ‘verdade’, porém não apenas teológica, - Verdade na dimensão de respeito à vida e dignidade, - O pontífice fala que as comunicações podem assegurar a relação do homem com Deus, e pelas coisas sagradas.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.3. Mensagens: das tecnologias de comunicação às estradas digitais

Ao longo dos últimos pontificados foram criados, pelo Vaticano e seus Conselhos Pontifícios, eventos específicos, agregados ao calendário litúrgico da Igreja. Por ocasião dessas datas, celebradas mundialmente pelas comunidades católicas, é costume o papa divulgar uma mensagem. Especificamente da *Urbi et Orbi* (‘à cidade de Roma e ao mundo’) é a benção do papa na Páscoa e Natal, com mensagem dirigida ao público em geral, na Praça de São Pedro e transmitida por uma rede de rádios e TV’s mundiais.

As datas fixas, são como uma *Agenda Setting Ecclesial*, com eventos específicos e anuais, como: Dia Mundial da Alimentação, Dia Mundial das Comunicações Sociais, Dia Mundial do Doente, Jornada Mundial da Juventude, Dia Mundial do Migrante, Dia Mundial das Missões, Dia Mundial da Paz, Dia Mundial dos Pobres, Dia Mundial da Vida Consagrada e Dia Mundial de Oração. Os textos analisados a seguir, são mensagens dos papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, publicadas em 24 de janeiro, Festa de São Francisco de Sales, patrono dos jornalistas.

O DMCS (Dia Mundial das Comunicações Sociais) foi estabelecido pelo Decreto *Inter Mirifica* (1966), por decisão dos bispos do conclave e aprovação do papa Paulo VI. No decreto, não consta a definição do nome do evento, apenas refere-se a ‘Dia mundial’. O item 18, do texto conciliar, explica a finalidade de fixar no calendário da Igreja uma data específica às comunicações:

Para que se revigore o apostolado da Igreja em relação com os meios de comunicação social, deve celebrar-se em cada ano em todas as dioceses do mundo, a juízo do Bispo, um dia em que os fiéis sejam doutrinados a respeito das suas obrigações nesta matéria, convidados a orar por esta causa e a dar uma esmola para este fim, a qual ser destinada a sustentar e a fomentar, segundo as necessidades do orbe católico, as instituições e as iniciativas promovidas pela Igreja nesta matéria (INTER MIRIFICA, 1966, item 8)

A mensagem do papa aborda sempre uma temática atual, referente as reflexões que perpassam por conceitos teóricos e práticos da comunicação, fundidos com uma pitada de teologia e visão pastoral. O discurso sobre o ‘tecnológico’ vem agregado ao teológico. A mensagem está atrelada a uma passagem bíblica, a *Agenda Setting* da Igreja e as discussões sobre a comunicação. Ao trazer a reflexão para o âmbito teológico-pastoral, o entendimento dos conceitos-chaves, ali empregados, ganha outras interpretações, muitas vezes até distorcidas, se avaliadas na ótica das Ciências da Comunicação. Nos *Mapas de Terminologias, conceitos e ocorrências*, das análises a seguir, será possível visualizar essa aproximação entre comunicação e teologia, as implicações que resultam dessa generalização e descaracterização dos conceitos, e pressupostos para novas ‘teorizações’.

A produção do texto (as mensagens) é acompanhada pelo Pontifício Conselho para as Comunicação da Santa Sé, que conta com membros especialistas e pesquisadores da área. Contudo, o papa aprova o tema e a redação final da mensagem, por se tratar de um texto assinado por ele. É interessante perceber que em sua trajetória, o catolicismo mantém a tradição da escrita (desde os textos sagrados - Bíblia), como meio mais usado em seus processos interno e externo de comunicação. Com a digitalização, esses textos tornaram-se ainda mais conhecidos, com circulação em sites e disponíveis na íntegra, no próprio portal da Santa Sé (w2.vatican.va).

Esse estudo, aos resgatar e mapear documentos pontifícios históricos sobre as tecnologias de comunicação entre outros - muitos deles poucos conhecidos, mostra, justamente, que a ambiência digital está possibilitando acesso a conteúdos oficiais, até então, restritos às bibliotecas locais ou arquivos do Vaticano. Parece algo simples e comum, mas isso muda significamente a relação de comunicação entre o papa (líder), a Igreja (organização) e os fiéis (público receptor).

Hoje, além de ouvir o pronunciamento do papa, é possível minutos depois, ter acesso a íntegra desse mesmo discurso, no site do Vaticano. Essa convergência do impresso e digital oferecem novas relações de comunicação com Igreja. Por isso, todo

esse estudo pode ser considerado convergente, oferecendo ao leitor a oportunidade de acessar, por meio dos links, vídeos, áudios, documentos e discursos, aqui mapeados, como a mensagem de Paulo VI, de 1975, analisada no próximo item.

6.2.3.1. *Mass media*: encantamento e valorização dos meios técnicos por Paulo VI

Paulo VI publicou a primeira mensagem ao DMCS, em 1967, com o tema ‘Os meios de comunicação social’. A estrutura da *narrativa discursiva* utilizada por ele, acabou sendo convencionada pelos papas posteriores, tornando-se um modelo. O texto final publicado resulta de compilações de conceitos da comunicação, recortes bíblicos e citações (cf.) de outros documentos oficiais da Igreja e mensagens anteriores. Esse retalho *têxtil-teológico* pressupõe a ideia de continuidade do pensamento papal sobre as tecnologias de comunicação, indicando uma efetividade discursiva, mas o que existem são rupturas – não havendo continuidade da narrativa.

Desde o início das publicações, Paulo VI, em suas mensagens, tenta estabelecer essa relação de aproximação entre a teologia e a comunicação. Os temas das mensagens, além de seguirem a agenda do momento, estão transpassados por outros conceitos-chave, sempre atrelados a compreensão de comunicação sob a ótica pastoral. As reflexões deste papa permearam temáticas como comunicação e: ‘evangelização no mundo contemporâneo’, ‘afirmação e promoção dos valores espirituais’, ‘serviço da unidade dos homens’, ‘direitos e deveres fundamentais do homem’, ‘reconciliação’, como outros temas transversais: ‘comunicação e família’, ‘comunicação e juventude’, ‘*A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos* (2ª Mensagem ao DMCS, 1968)

O Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 5 é referente as inferências da mensagem ao 9º Dia das Comunicações Sociais, cujo tema foi ‘Comunicação social e reconciliação’. A escolha desse texto pontifício para análise, seguiu o critério da Terminologia/Conceito-chave, a partir da sistematização do *corpus* inicial. O discurso de Paulo VI traz de forma inédita, naquele contexto, a reflexão sobre conceito de *mass media*, como também explora outras abordagens teóricas como o campo dos *mass media*, direito à informação, pluralismo de fontes de informação, liberdade de expressão e crítica a monopólios (de comunicação).

Um exemplo dessa aproximação entre teologia e comunicação está no entendimento do papa sobre a ‘liberdade de expressão’, que no Brasil está prevista na Constituição Federal de 1988, como também em acordos mundiais da ONU. O pontífice

é categórico ao afirmar: “[...] entendemos a liberdade fundamentada sobre a verdade, sobre o amor dos irmãos e de Deus”. Por outro lado, o papa provoca discussões pertinentes para a época, como o direito à informação e violação desse direito das minorias, suscitando caminhos para pensar políticas de comunicação.

O marco teórico-conceitual presente no pensamento de Paulo VI sobre as tecnologias, é a abordagem dos ‘receptores da comunicação’ e o papel dos meios de comunicação, que na visão do pontífice, devem contribuir para “libertar o homem e orientá-lo para a realização de suas mais elevadas aspirações” ou ainda contrários a essa missão se ficarem “submissos à moda e à curiosidade superficial, e até apoiar finalidades de exploração e de discriminação” (PAULO VI, 1975, n.p). A tabela traz outros elementos discursivos que identificam a compreensão do papa a respeito dos *mass media*:

TABELA 14 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 5

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>9º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Paulo VI (1975), Mensagem</i>			
40	Imprensa, rádio, televisão e cinema	“devem estar a serviço da reconciliação entre os cristãos numa unidade sempre mais visível e mais sólida, da reconciliação e da elevação para Deus”	- O papa considera que os <i>mass media</i> estão a serviço da reconciliação do homem com Deus e de sua elevação. - E as outras religiões?
	Influência positiva dos <i>mass media</i>	“sobre a vida individual ou social, e ao mesmo tempo sua ambivalência e o perigo de manipulações a que estão sujeitos”	- Uma ambiguidade: o papa ressalta a importância dos meios, mas fala dos perigos. Um dualismo (bom e mal).
	Meios de comunicação	“contribuem verdadeiramente para libertar o homem e orientá-lo para a realização de suas mais elevadas aspirações; mas, podem, ao mesmo tempo, estar submissos à moda e à curiosidade superficial, e até apoiar finalidades de exploração e de discriminação”	- Na visão do papa, os meios de comunicação podem provocar ‘modas e curiosidade’ superficial. - A crítica é feita a técnica, mas não a quem usa dela. - Equívoco: a tecnologia não é boa ou má.
	Campo dos <i>mass media</i>	“fazer conhecer a verdade e reservar ao bem o lugar que lhe é devido. Mas não podemos deixar de expressar nossa preocupação sobre algumas situações ou alguns perigos”	- O compromisso com a verdade, pede o papa. - Promoção do bem, mas uma ideia de bem apenas ‘cristã’, - Evoca o conceito de ‘campo’ de Bourdieu.
	Direito à informação	“o calar, selecionar ou apresentar de modo deformado os mais importantes acontecimentos conforme ideologias que não respeitam a liberdade do homem e violam o direito à informação”	- O papa provoca uma discussão interessante e atual: direito à informação, - Debate a violação desse direito, das minorias. - Políticas de Comunicação.
	Pluralismo de fontes de informação	“[...] estes órgãos diversos devem permitir um diálogo aberto e um confronto leal, que permita	- Esse discurso da década de 70 já profetizava o pluralismo, a liberdade de

		aos indivíduos expressar livremente suas legítimas ideias”	expressão, diálogo e intercâmbio de ideias”
	Liberdade de expressão	“[...] entendemos a liberdade fundamentada sobre a verdade, sobre o amor dos irmãos e de Deus”	- O conceito de verdade se sustenta ‘na teologia’. Verdade ‘em Aristóteles’ é negar o que não é.
	Monopólios (de comunicação)	“A Igreja, neste campo, como em outros, não reivindica privilégios e, menos ainda, monopólios. Reafirma simplesmente o direito e o dever de todos os homens [...] ter acesso ao uso destes meios de comunicação”	- Evoca o conceito de ‘campo’ de Bourdieu, - O papa questiona o direito de acesso e os monopólios dos grupos de comunicação. Uma realidade no Brasil. Também, a Igreja Católica detém esse monopólio.
	Meios de comunicação social	“esforcem-se para promover a compreensão, o respeito e a aceitação dos outros no amor e no perdão, a edificação do único Corpo de Cristo na verdade e na caridade”	- Ao final do discurso, papa ‘sacraliza’ a função dos meios de comunicação social (esquece o social), e pensa mais no ‘eclesial’. Conceito: receptores da comunicação

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.3.2. Internet: moralismo e protagonismo do papa nas técnicas de comunicação

O início dos anos 2000 é acompanhado de novidades no mundo da internet, com a criação das plataformas instantâneas de conversação, como MSN, ICQ, e a rede social Orkut, em auge no mundo. Era, também, a estreia das webcelebridades nos blogs, um tipo de diário pessoal-compartilhado na rede. Surgem as comunidades no Orkut, uso do SMS para mensagens de texto, o e-mail ganha força nas atividades do dia a dia e empresarias, até mesmo como meio para compartilhar vídeos e apresentações ou ‘correntes de fé’, com mensagens no PPT (Power Point).

João Paulo II estava em seu 23º ano de pontificado, ele que foi eleito no final da década de 70 e início de 80, e tramitou em dois séculos, XX e XXI. O papa acompanhou diversas fases tecnológicas como dos *mass media*, da cultura da informática, do audiovisual (cinema, rádio e televisão), e ainda pode ver as novidades do mundo da internet. Uma de suas últimas mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais (2002), tratou do tema específico daquele contexto marcado pela era da informática e comunicação global: *‘Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho’*.

Em seus discursos, o entendimento central sobre a nova tecnologia estava voltado ao fato de a internet poder oferecer, o que ele chamava de ‘magníficas oportunidades de evangelização’. Para o papa, o espaço cibernético era uma nova fronteira do novo milênio

e janela para o mundo. Ele afirmava que “para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica” (JOÃO PAULO II, 2002, n.p).

No mapa de terminologias, foram inferidas matrizes teóricas empregadas pelo papa, ao trazer para o debate, conceitos como ‘mundo virtual’, ‘fluxo de informação’, ‘tempo e o espaço’ e ‘galáxia de imagens e sons’. O espírito de ‘entusiasta midiático’, também define a linha de pensamento do papa sobre as tecnologias de comunicação, a tratar com euforia as novas técnicas.

No texto, alguns conceitos revelam que João Paulo II era mais um papa motivado, do que um conhecedor das tecnologias. Por isso, o primeiro papa a protagonizar com presença nos *mass media* e ingressar no ciberespaço, com conta de e-mail. Contudo, João Paulo II, para além de entender as técnicas, soube fazer uso delas para os interesses da instituição católica, marcando presença efetiva e massiva na vida da sociedade. A facilidade de lidar com as palavras e postura comunicativa (já que o papa fez teatro, na juventude), davam a ele confiança para estar diante dos meios de comunicação.

Conceitos-chave que marcam o pensamento de João Paulo II sobre as técnicas, transitam entre o *euforismo teológico* e a matriz teórica: ‘revolução das comunicações e da informática’, ‘novo mundo do espaço cibernético’, ‘oportunidades de evangelização’, ‘revolução da informação’ e ‘maravilhoso instrumento’ – ao se referir a internet. Naquele momento era comum pensar que o ciberespaço era um novo mundo (não real), mas virtual. Então, o papa alertava em suas mensagens sobre a necessidade de as comunidades cristãs descobrirem “formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contacto com a Internet, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã” (Ibidem).

Portanto, o foco do pensamento de João Paulo II está embasado na sedução do Inter Mirifica, ao reconhecer os meios tecnológicos como ‘maravilhosos’, e na preocupação de fazer ecoar pela galáxia de imagens e sons, o rosto e a voz de Cristo. Para o papa, “[...] somente quando vir o seu rosto e ouvir a sua voz, é que o mundo conhecerá a boa nova da nossa redenção. Esta é a finalidade da evangelização” (Ibidem).

A pergunta é: seria a voz de Deus ou a voz da instituição católica que se diz representante oficial de Deus? Aí então, volta-se a hipótese desta tese: a Igreja está traçando um caminho comunicacional balizado pelo *dogmatismo tecnológico*. Mas, ainda com esperanças de uma visão mais ampla, quando o papa questiona se o ‘maravilhoso

instrumento' (a internet) "pode agora servir a causa da paz? Pode ele favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação[...]" (Ibidem).

O mapa traz outros elementos, identificados no discurso do papa, que corroboram ao pensamento do papa sobre as tecnologias de comunicação, sob a ótica eclesial-pastoral.

TABELA 15 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 6

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, João Paulo II (2002), Mensagem</i>			
94	Revolução das comunicações e da informática	“Atualmente, com a revolução das comunicações e da informática em pleno desenvolvimento, sem dúvida a Igreja encontra-se diante de outra porta de entrada”	- Considera como revolução o avanço das tecnologias, contudo dizer ser uma nova porta para a Igreja, um novo meio para 'doutrinar'.
	Internet	“Constitui um novo «foro», entendido no antigo sentido romano do lugar público em que se decidia sobre a política e o comércio, onde se cumpriam os deveres, se desenrolava uma boa parte da vida social da cidade e se expunham os melhores e os piores aspectos da natureza humana”	- O papa usa o termo 'foro' para expressar a dimensão da internet – como lugar público, para debate sobre a vida política do mundo. Um sentido bastante interessante para pensar o papel social das novas tecnologias.
	Novo mundo do espaço cibernético	“[...] grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica”	Conceitos: espaço cibernético. - Propagar, mensagem cristã.
	Oportunidades de evangelização	“se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades. Sobretudo, oferecendo informações e suscitando o interesse, ela torna possível um encontro inicial com a mensagem cristã”	- A internet para o papa pode ser um local de encontro inicial com a mensagem cristã (e as outras?) - Usar da competência do meio para oferecer informações.
	Mundo virtual	“[...] é importante que a comunidade cristã descubra formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contacto com a Internet, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã”	- O conceito de 'mundo virtual' é pela primeira vez usado no discurso do papa. - Contudo, naquele momento havia entendimento que o real e virtual eram coisas apostas. A Igreja ainda aposta nesta teoria.
	Fluxo de informação	“Numa sociedade que se alimenta do que é efêmero, corre-se facilmente o risco de acreditar que o que importa são os factos e não os valores”	- A visão teológica de 'efêmero' é evocada pelo papa para justificar os riscos da internet. A uma ideia do meio como 'algo fora'.
	Tempo e o espaço	“[...] a Internet volta a definir a relação psicológica da pessoa com o tempo e o espaço. Presta-se atenção àquilo que é tangível, útil e alcançável instantaneamente; pode vir a faltar o estímulo para o pensamento e a reflexão mais profundos”	- É interessante essa reflexão do papa sobre 'tempo e espaço', apoio teórico. - A internet é um novo simulacro dessa simbiose, - O papa diz que essa experiência é limitada na internet, não profunda. Será?

	Galáxia de imagens e sons	“Desta galáxia de imagens e sons, emergirá o rosto de Cristo e ouvir-se-á a sua voz? Porque somente quando vir o seu rosto e ouvir a sua voz, é que o mundo conhecerá a boa nova da nossa redenção. Esta é a finalidade da evangelização”	- Aqui o conceito de ‘Voz de Cristo’ ou ‘Voz de Deus’ é trazido pelo papa, - O conceito de galáxia de imagens e sons, algo inédito na fala do papa. - A visão continua de uso dos meios para evangelização.
	Revolução da informação	“tem na Internet o seu primeiro motor, actuará em benefício da globalização do desenvolvimento e da solidariedade humana, objectivos que estão estreitamente ligados à missão evangelizadora da Igreja?”	- Aqui percebe que o pensamento do papa ganha uma dimensão mais global, - Vê a internet como potencial para desenvolvimento humano. Foco: evangelização.
	Maravilhoso instrumento	“pode agora servir a causa da paz? Pode ele favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação”	- Aqui o papa foi muito feliz, ao compreender os novos meios para ‘cultura do diálogo e da paz’. Profecia.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.3.3. Mídias digitais: rede de cooperação com as tecnologias por Bento XVI

Bento XVI viveu um papado das ‘mídias digitais’. Em 12 de dezembro de 2012, estreou como primeiro papa na rede social Twitter @Pontifex, hoje com mais de 48 milhões de seguidores, em 9 línguas. A conta não é pessoal, mas do papa em exercício. A iniciativa teve colaboração do publicitário Gustavo Entrala, que demorou 18 meses para convencer o Vaticano. O primeiro twett teve 140 caracteres.

FIGURA 31 – Rede Social do Papa - Twitter @Pontifex



Fonte: Arquivo da internet: <http://twixar.me/w1dn>

O site vaticannews, informou em 2018, que o @Pontifex possui seguidores de diversas nacionalidades, sendo “a conta com o maior número de seguidores é em língua inglesa, com quase 17 milhões, seguem espanhol com 16 milhões, italiano quase 5 milhões e português com 4 milhões”. A conta em latim já conta com 900 mil seguidores que recebem acompanham o papa, atualmente, Francisco.

A estreia de Bento XVI nas redes sociais veio acompanhada de uma das maiores crises na Igreja e ondas de contestação interna do seu pontificado, como os escândalos de pedofilia envolvendo membros do clero católico. Estar em uma rede social, abria meios para se comunicar com o mundo, por meio de suas mensagens diárias, mas também espaço aos críticos, que o acusaram de fundamentalista-tradicionalista, com ideias anteriores ao Concílio Vaticano II.

Foram dois meses no Twitter, e logo em 11 de fevereiro, Bento XVI renunciava ao pontificado. Em 24 de fevereiro, depois do seu último Angelus, na Praça de São Pedro, publicou o tweet: “Neste momento particular, peço a vocês que rezem por mim e pela Igreja, confiando como sempre na Providência de Deus”. A rede social registrou a eufórica entrada do papa no mundo virtual, e testemunhou sua renúncia.

FIGURA 32 – Último Twett de Bento XVI - Twitter @Pontifex



Fonte: Arquivo da internet: <http://twixar.me/w1dn>

Aqui não se trata de o simples fato de um papa estar em uma rede social, mas a abertura de comunicação o público externo. Um meio no qual o pontífice envia mensagens aos seguidores, mas, também, está sujeito a receber críticas (comentários). Bento XVI foi considerado ‘um papa digital’, ao dar os primeiros passos nas redes. Em suas mensagens ao Dia Mundial das Comunicações Sociais, ele sempre insistiu pela busca da verdade e transparência nas mídias digitais.

Em 2006, no 40º DMCS, escreveu a primeira mensagem com abordagens as tecnologias de comunicação, a partir do tema ‘A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação’. A data marcava a celebração de quarenta anos da conclusão do Concílio Vaticano II e do Decreto *Inter Mirifica*. O Mapa de Terminologias apresenta os principais conceitos que aparecem nas reflexões de Bento XVI. Em seu discurso, ousa na tentativa de definir o que é ‘mídia’, fazendo paralelo, entre teologia e tecnologia, com a mesma

abordagem de seu antecessor, João Paulo II, ‘de que a mídia se pode configurar como uma rede capaz de facilitar a comunicação, a comunhão e a cooperação’.

O pensamento de Bento XVI também explora outras vertentes das comunicações, como conceitos da ‘Análise de mídia’ e ‘Leitura crítica de mídia’, e destaca a importância do que seria hoje, a ‘Educomunicação’. O papa diz ser preciso fomentar e formar para o uso responsável e crítico da mídia, “servir-se dela de modo inteligente e apropriado”, diante do “impacto incisivo de um novo vocabulário e de novas imagens”. Outro conceito indicado nos discursos do papa é o da ‘rede de cooperação’, que segundo ele:

nasce da sua própria natureza, como bem destinado a todos os povos. Como serviço público, a comunicação social exige um espírito de cooperação e co-responsabilidade [...] papéis de responsabilidade pública [...] redes de comunicação, de comunhão e de cooperação [...] construir uma civilização de amor, que é o desejo de todos os povos (Bento XVI, 2006, n.p)

Além de falar sobre a natureza da mídia como ‘bem destinado a todos’, o papa chama atenção para o que define como ‘*comunicação autêntica*’, devendo os usuários das mídias digitais “basear-se na coragem e na decisão [...]” e ainda “podem contribuir construtivamente para a difusão de tudo o que é bom e verdadeiro” (Ibidem).

Como um teólogo conservador – Ratzinger, traz em seu discurso sua visão teológica ao considerar a ‘voz de Deus’ dentro de cada pessoa e, a partir disso, essa mesma voz possibilita a comunicação com os outros – sendo, portanto, a ‘comunicação de Deus em Cristo’. Parece algo simples, mas não é, pois que voz seria essa? A mesma pergunta se repete: é a voz de Deus ou a voz da instituição católica (papa, bispos, padres, etc)? Essa voz tem autonomia em falar, ou sofre uma manipulação do meio eclesial?

Contudo, ao definir a voz de Deus, como uma ‘força’, traz uma outra ideia de relações de comunicação direta entre o divino e a pessoa, sem mediações: “[...] reconhecer a Sua força dinâmica dentro de nós, que depois se alarga aos outros, para que este amor se torne realmente a medida dominante do mundo”. Na mensagem, Bento XVI faz apelo aos responsáveis pela mídia: “que seja responsável, para se tornar protagonista da verdade e promotora da paz que dela deriva, [...] o intercâmbio de informações e de ideias” (Ibidem). Os discursos do pontífice sempre insistiriam pela busca a verdade. Talvez, ele já temia os escândalos que estourariam em seu papado, o levando a renunciar.

Um detalhe interessante, é a referência feita pelo papa à cultura popular como mecanismo de comunicação e de resistência. No Brasil, o legado professor Luiz Beltrão

(com tese na UnB) foram os dos estudos sobre a folkcomunicação. Na visão de Bento XVI, a “mídia contemporânea forma a cultura popular, portanto deve vencer qualquer tentação de manipulação”, buscando “educar e servir, para garantir a realização de uma sociedade civil digna da pessoa humana, e não a sua desagregação” (Ibidem).

As inferências indicadas no mapa de terminologias, abaixo, revelam um pensamento teórico de Bento XVI sobre as tecnologias de comunicação, sem deixar de explorar o *dogmatismo tecnológico*, próprio de suas concepções. O papa abre caminhos para pensar o papel da mídia como meio para ‘servir o bem comum’, ‘difusão do verdadeiro’, ‘promotora da paz’ e local para ‘o intercâmbio de informações e de ideias’.

TABELA 16 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 7

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>XL Dia Mundial das Comunicações Sociais, Bento XVI (2006), Mensagem</i>			
100	Mídia	“conceito de que a mídia se pode configurar como uma rede capaz de facilitar a comunicação, a comunhão e a cooperação”	- O papa explora a definição da mídia: rede para facilitar a comunicação entre as pessoas, entre todos.
	Comunicação de Deus em Cristo	“reconhecer a Sua força dinâmica dentro de nós, que depois se alarga aos outros, para que este amor se torne realmente a medida dominante do mundo”	- A visão teológica do papa leva a considerar a ‘voz de Deus’ dentro de cada pessoa. A partir disso, a comunicação com os outros.
	Progressos tecnológicos dos meios de comunicação	“venceram o tempo e o espaço, permitindo a comunicação imediata e directa também entre pessoas divididas por enormes distâncias. Este desenvolvimento exige uma grande oportunidade para servir o bem comum”	- Bento XVI retoma o conceito de ‘tempo e espaço’, refletido por João Paulo II. - O contexto do virtual traz essa dinâmica de velocidade, - Servir ‘bem comum’
	Comunicação autêntica	“basear-se na coragem e na decisão [...] podem contribuir construtivamente para a difusão de tudo o que é bom e verdadeiro”	- O conceito de comunicação autêntica é debatido pelo papa, como ato de coragem. - Difusão do ‘verdadeiro’.
	Apelo à mídia	“que seja responsável, para se tornar protagonista da verdade e promotora da paz que dela deriva, [...] o intercâmbio de informações e de ideias”	- O texto continua sobre a verdade, pois o contexto do ano de 2006, estava em auge o apelo pela verdade e paz.
	Grande mesa redonda	“para o diálogo da humanidade, mas algumas atitudes no seu interior podem gerar uma monocultura que ofusca o génio criativo, reduz a subtilidade de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso”	- O papa evoca a teoria do ‘Pensamento Complexo’, - As mídias como uma grande mesa, uma interessante conceitualização. - Mas quem é convidado a sentar à mesa? - A preocupação do papa está na individualidade do credo.
		“A formação para um uso responsável e crítico da mídia	- O uso responsável da mídia, como princípio de servir-se

	Uso responsável e crítico da mídia	ajuda a pessoa a servir-se dela de modo inteligente e apropriado. O impacto incisivo de um novo vocabulário e de novas imagens”	das novas tecnologias, para um bem pessoal e comum. - Conceito: Análise de mídia e Leitura crítica de mídia.
	Mídia contemporânea	“Forma a cultura popular, portanto deve vencer qualquer tentação de manipulação, sobretudo em relação aos jovens, procurando ao contrário educar e servir, para garantir a realização de uma sociedade civil digna da pessoa humana, e não a sua desagregação”	- Aqui vemos traços da Folkcomunicação, - O uso da mídia para o intercâmbio de culturas, - A mídia como suporte à Educação dos jovens, - O papa fala da realização de uma sociedade digna. - Conceito: Educomunicação
	Participação na mídia	“nasce da sua própria natureza, como bem destinado a todos os povos. Como serviço público, a comunicação social exige um espírito de cooperação e co-responsabilidade [...] papéis de responsabilidade pública [...] redes de comunicação, de comunhão e de cooperação [...] construir uma civilização de amor, que é o desejo de todos os povos”	- A natureza da mídia: um bem destinado a todos, - A mídia como serviço público, responsabilidade pública. - O tripé proposto por Bento XVI é inédito: redes de comunhão, comunhão e cooperação. - Conceito: Rede de cooperação (traços teóricos)

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.2.3.4. Redes sociais: humanização das tecnologias de comunicação em Francisco

Francisco pode ser considerado um ‘convertido midiático’. A vida simples do então cardeal Jorge Mario Bergoglio, em Buenos Aires, foi sempre nos bastidores. Aqui no Brasil, ficou conhecido após ser um dos redatores do Documento de Aparecida (DA), produzido durante a 5ª Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM), em 2007.

No DA os bispos de todo o mundo, reconheceram as capacidades das novas tecnologias. Por outro lado, demonstravam-se preocupados com a nova cultura digital proporcionada pelas técnicas, introduzindo um novo sentido de felicidade e percepção da realidade e da linguagem, “que se querem impor como uma autêntica cultura. Deste modo, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo” (DA, 2007, n. 45).

Por outro lado, é interessante perceber que o próprio CELAM atribui ao homem o mérito pelos avanços da ciência e das tecnologias, sem estabelecer qualquer relação entre ‘divino e humano’. A centralidade do discurso dos bispos está na natureza das mídias como meios para promover o bem e a verdade: “Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia voltam-se contra o homem que as

criou” (Idem, 489, grifos nossos). Esses recortes de trechos do DA expressam também os pensamentos de Francisco, pois na época diziam que ele foi ‘a alma do documento’.

De fato, essa transformação cultural e estética vem acontecendo naturalmente, própria de um contexto de Cultura da Convergência (JENKINS, 2009), pois não se trata da inversão de valores, como compreende os líderes do catolicismo, mas uma nova mentalidade, diante de uma sociedade em mutações. Francisco, na mensagem ao 48º DMCS (sua primeira do pontificado), retoma o mesmo pensamento do CELAM, em compreender a natureza da comunicação como meio para o que ele define com ‘cultura do encontro’.

A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os *mass-media* podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes (FRANCISCO, 2014, item 2).

Esses mesmos progressos são observados pelo papa como meios de fomentar ‘múltiplas formas de exclusão’, tanto social como digital, aumentando no mundo a “marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas económicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas” (Id., item 1). O papa está vivendo a ‘era das redes sociais’ e das interfaces cérebro-computador, e de outros progressos tecnológicos teste, como a energia de fusão, matéria programável, construção robótica, realidade aumentada, biologia sintética, medicina de precisão, bioimpressão (WEINERSMITH; WEINERSMITH, 2018).

A compreensão de Francisco sobre os progressos tecnológicos é mais aprofundada e humanizada. Diferente de seus sucessores, principalmente dos papas conservadores-tradicionalistas, ele compreende que a responsabilidade não está na técnica, mas em quem faz uso dela. Atribui aos usuários o dever de saber utilizar-se dos progressos das técnicas para o bem comum e em favor da vida: “Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes” (FRANCISCO, 2014, item 2, grifos nossos).

A ideia da cultura do encontro proposta pelo papa Francisco tira a Igreja a zona de conforto, em pensar superficialmente o papel das tecnologias. O papa deixa de lado as possíveis estratégias discursivas dualistas – de convencimento ou dogmatização para trazer o receptor para o centro do debate. O discurso do papa não é instrucional, mas

convidativo a reflexão. O receptor sai da condição de ‘ouvinte’ para ‘protagonista’ de um processo comunicacional, convidado a ser um ‘agente ativo’, um sujeito presente.

A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos mass-media é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais (FRANCISCO, 2014, item 7).

O papa ressignifica a visão teológica sobre as tecnologias, ao dizer a rede de fios também é uma rede de pessoas, ou seja, não há separação entre virtual e real – cada bit e pixels é parte de um todo. Essa é a motivação para pensar a Tecnologia do Comum e a própria natureza da tecnologia. No mapa de terminologias, os conceitos-chave que marcam o pensamento de Francisco sobre as técnicas, transitam entre o *técnico-humano* e a matriz teórica: Cultura do Encontro, Redes da comunicação humana, ambiente da comunicação e estradas digitais.

TABELA 17 – Mapa de Terminologias, conceitos e ocorrências, nº 8

Nº	Terminologia/Conceito-chave	Tipo de Ocorrência	Contexto/Considerações das tecnologias
<i>XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, Francisco (2014), Mensagem</i>			
121			
	Progressos das tecnologias de comunicação	“Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes”	- O papa usa a expressão ‘interligados’, para falar da globalização. - Outro fator interessante: a globalização como potencial de ‘independência’.
	Múltiplas formas de exclusão	“O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas económicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas”	- Para o papa, esses tais progressos também geram formas de exclusão - Na verdade, esse maior contato entre as pessoas, vai gerar novas crises e conflitos. São aprendizados.
	Mass-media	“[...] os <i>mass-media</i> podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna”	- Essa é a primeira mensagem de Francisco para o DMCS. Ele traz o conceito de proximidade e unidade, por meio dos mass media. - Insiste pela solidariedade e compromisso com a vida.
	Cultura do encontro	“A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os <i>mass-media</i> podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da	- A presença nas redes sociais pode contribuir para o encontro, dar e receber. - O papa reconhece que esse tempo é do progresso da comunicação.

		comunicação humana atingiram progressos sem precedentes”	Conceitos: Cultura do Encontro e Redes da comunicação humana.
	Internet	“pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”	- Aqui é interessante, pois Francisco chega ao papado trazendo uma nova versão de Deus. Um Deus mais humano e próximo de todos.
	Ambiente de comunicação	“[...] pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos”	Conceito: Ambiente da comunicação (pertença)
	Conexão digital	O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós.	- O papa demonstra preocupação: a conexão digital pode causar isolamentos sociais?
	Poder da comunicação como “proximidade”	“Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus”	- Fazer semelhante ao outro, ter a empatia de se colocar no lugar de outra pessoa. - O poder da comunicação é definido pelo papa, com o conceito de ‘proximidade’, estar juntos, perto.
	Estradas digitais	“[...] isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura”	- A conexão deve ser acompanhada de outros verdadeiros. Aqui é preciso questionar: o virtual não é verdadeiro? Não gera ‘sentidos’ ou ‘afetos’? O papa vê como dualismo. Conceito: Estradas digitais
	Ambiente digital	“Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. [...] Igreja que seja casa de todos”	- As redes sociais estariam criando uma nova ambiência digital, lugar de encontros, de conversas, de informações. - Internet: espaço comum, de todos, para todos. - Para o papa, o digital pode ser uma forma de expandir o Evangelho Conceito: Igreja digital
	Revolução nos meios de comunicação e de informação	“um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus”.	- O que seria a beleza de Deus? Seria a vida? - Essa revolução pode ser um caminho para encontros.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, com dados coletados no corpus, 2019.

6.3. Além dos discursos: o receptor e as estratégias discursivas do papas

Após apresentar esse mapeamento analítico dos documentos, se faz necessário discutir, não apenas o pensamento do papa sobre as tecnologias (o emissor), mas principalmente, angular o debate sobre a figura do receptor desses discursos eclesiais.

A exemplo disso, são as mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais bastante difundidas por agentes da Pastoral da Comunicação, nas igrejas e comunidades.

O tema da mensagem torna-se o assunto do ano nesses espaços de comunicação da Igreja. A proposta deste tipo de discurso pontifício, deveria ser, para além da recepção, proposta de estudo e reflexão do texto (leitura crítica). Contudo, na maioria das vezes, a mensagem é absorvida, integralmente, virando uma espécie de ‘modismo’. São organizados, pelas paróquias e pastorais, encontros em torno da mensagem do papa ao DMCS. Todos passam a reproduzir o discurso do papa, sem uma postura de questionamento e debate, limitando o entendimento das tecnologias de comunicação, dos meios e processos comunicacionais, sob a ótica exclusiva do catolicismo, ou melhor, do pensamento do papa. Não se abre o debate para a esfera teórica, mas, limitadamente pastoral, e forçadamente teológica-doutrinal. As vezes, ou quase sempre, alguns conceitos importantes aos estudos científicos da área da Comunicação, são interpretados com passagens bíblicas, apenas. A rede ‘digital’, também é a rede de Cristo, para pescar ‘almas’. Há sempre uma associação entre o comunicacional e o teológico. Garantindo, assim, a ‘parábola do discurso’ papal e a condição simbólica – divina. O receptor acolhe o discurso como ‘verdade de fé’.

A função desse tipo de mensagem seria, justamente, colocar o receptor em ‘crise’, problematizando temas e contextos, possibilitando ao instância de recepção (público), ampliar o debate. Já que a interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor, e que não foram necessariamente postulados pelo sujeito informador. Ou seja, quando a mensagem do papa é entendida ‘perfeitamente’ pelo público, é justamente aí que nasce o problema. Cria-se um ‘ciclo discursivo vicioso’ e ‘não evolutivo’. O problema se torna maior, quando a fonte receptora não interpreta e apenas reproduz o que viu, ouviu ou leu. O que está em debate não o mensagem dita, mas o conteúdo não explícito, portanto, passível de leituras e interpretações.

O Sistema da Ação Comunicativa na Religião - SACRE (PIRES, 2014) identifica essa lacuna entre a instância de produção da informação (emissor) e a instância de recepção (receptor): a ausência do processo de interpretação entre o que foi divulgado e o que foi recebido, decodificado e interpretado (CHARAUDEAU, 2015). O mesmo autor explica que essa decodificação passa pela inteligibilidade ampla (vulgarização) ou restrita (especialização), podendo acrescentar a condicionada (crença). A construção de um saber, a partir do que se consome de informação, é fruto de um pensamento completo (MORIN, 1990), do olhar e da relação com o mundo.

Constatou-se que esses documentos pontifícios estão mais acessíveis e circulam em diferentes plataformas digitais, otimizando o tempo-espço. Porém, surgem outros desafios impostos ao receptor dessa mensagem, como a decodificação dos discursos.

Como recorda Charaudeau (2015, p. 35), “o receptor é considerado implicitamente capaz de registrar e decodificar ‘naturalmente’ a informação que lhe é transmitida, sem que seja levantado o problema da interpretação”.

Essa relação entre fonte de informação (papa), instância de transmissão (documento) e receptor (os católicos), estrutura possíveis *estratégias discursivas*, mas que dependem principalmente da mecânica de construção do sentido, assumida pelo receptor, que passa pela avaliação e apreciação da mensagem recebida.

Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. E isso também é verdade para o discurso de informação. O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca (Ibidem, 43, grifos nossos).

Ao ter acesso a informação, o sujeito, que recebe o conteúdo, participa de um contexto que deveria envolver a instância de produção e informação, o mundo descrito e comentado, a instância de recepção-interpretação e, por fim, ter autonomia de construir sua visão como sujeito, de um mundo interpretado (Ibidem, 42). As religiões cristãs, em sua grande maioria, ao longo da história, vem garantindo ao crente o acesso aos conteúdos doutrinários e as tradições – por meio dos textos sagrados. Em detrimento a isso, não se preocupou em capacitar seus seguidores a uma leitura crítica de mundo, ou mesmo desenvolver postura analítica da prática religiosa. Assim, a movimentação deste ciclo religioso não traz novidades e outras narrativas, pois está condicionado a poucas mentes.

6.3.1. Avanços e rupturas: o pensar as tecnologias na perspectiva teológica

As inferências dos documentos pontifícios analisados revelaram cinco indícios, que constituem a matriz discursiva dos papas sobre as tecnologias, são eles: 1) a ideia de cultura, 2) a teologia nomatológica, 3) a compreensão de autonomia e liberdade dos sujeitos, 4) a comunicação (voz) de Deus, 5) o conceito de comunicação para evangelização. Essas marcas discursivas estruturam os textos dos papas. De Pio XI a Francisco existe uma coerência e similaridade da narrativa. Os papas recorrem as mesmas estratégias de discurso, ao hierarquizar a relação entre Deus e os homens, apropriar da comunicação de Deus, determinar a cultura como local da manifestação divina, em seus hábitos, costumes e valores e, ainda, reduzir a liberdade e autonomia humana à condição de obediência e vigilância divina. Por fim, os pontífices reproduzem a mesma ideia da

evangelização como doutrinação e ensinamento cristão, onde a finalidade é a aceitação e prática dessa fé universal instrumentalizada e dogmática.

A perspectiva teológica, de certa forma, é um caminho utilizado pelos papas para o entendimento das tecnologias. O magistério da Igreja, assegura que os progressos técnicos são frutos do engenho e do trabalho humano, mas primeiramente são dons de Deus. Os discursos dos pontífices estão norteados por linhas de conceitualizações teológica-dogmática, aproximando os campos doutrinal e comunicacional, em uma mesma esfera de sentido.

Na visão da Igreja, a comunicação enquanto meios e processos, deve ser entendida a partir da matriz teológica. Por isso, as recorrências bíblicas, citações doutrinárias e dogmáticas presentes em todos os textos dos papas revelam essa dependência discursiva de uma esfera maior – o sagrado. O papa não fala sozinho, utiliza-se de outras vozes, e de sua autoridade e infalibilidade, para discursar (falar) em nome de Deus. Sendo assim, as reflexões tangentes as técnicas e tecnologias buscam respaldo do suposto discurso ‘divino’ revelado, para justificar uma prática ‘humana’.

Esse olhar teológico dos papas lançado sobre as técnicas, traz um sentido positivo, ao justificarem a criação desses inventos como algo sagrado. A técnica é revestida de uma simbologia sacra, de uma espiritualidade. Mas esse comportamento oscila entre atitudes de otimismo tecnológico até a demonização da técnica. Esse tipo de pensamento reduz a dimensão humana – o antropológico (humanocentrismo), e centraliza o teológico – ‘teocentrismo’ (Deus). Uma percepção constante durante as análises e inferências dos documentos sobre as tecnologias é a forma como os papas entendem a dimensão equivocada de ‘cultura’, no contexto dos processos comunicacionais. A palavra cultura aparece nos discursos, encíclicas e mensagens, com uma frequência (0.3721), num total de 40 vezes (cf. Iramuteq). A aproximação entre Evangelho e cultura está bem incisiva nos discursos. Os papas compreendem que os meios modernos de comunicação são indispensáveis para promover a ‘cultura católica’ no seio da sociedade.

Porém, essa ideia de cultura é restrita ao âmbito dos valores e costumes religiosos. O papa João Paulo II, em suas mensagens, buscou teorizar o que chamava de ‘cultura do diálogo’, apostando na aproximação entre a Igreja e vida social. Ao chegar ao pontificado em 2013, Francisco propõe uma outra ideia de cultura, na ambiência da comunicação midiática, das redes sociais e mídias digitais. Ele tem falado da ‘cultura do encontro’. Ambos os papas apoiam seus conceitos na vertente teológica-cristã, uma vez que o objetivo central dessas ‘novas culturas’ é evangelizar os indivíduos.

Em seus discursos sobre a internet, João Paulo II afirma que essa tecnologia pode favorecer a evangelização, em diferentes contextos culturais. O papa usa o conceito de ‘cultura desprovida’ para referir-se aos povos que não vivem os fundamentos da vida cristã e, que, portanto, estão fora do eixo da graça divina. Ele, ainda, recorda ser preciso a Igreja ultrapassar os ‘confins culturais’ para proclamação ‘do único Evangelho de Jesus Cristo’. O papa suscita um tipo de ‘cruzada tecnológica’, nos moldes das antigas cruzadas, protagonizadas por cavaleiros religiosos do século XI. A única diferença é que, hoje, os cavaleiros não veem em cavalos, mas em aparatos digitais e tecnológicos. A intenção é a mesma: estabelecer agora um *dogmatismo tecnológico*, tornando a presença da Igreja nas ambiências digitais. Para João Paulo II, trata-se de pensar ‘novas formas de evangelização’, no contexto dos adventos tecnológicos. Na ótica do catolicismo, a cultura tecnológica passa pela catequese teológica.

A ideia de cultura sempre esteve associada a crenças e identidades, como uma forte vinculação e emaranhamento em sistemas doutrinários. Os povos e raças, há séculos, sofrem uma espécie de ‘doutrinal cultural’, por parte das religiões. Torna-se um problema reduzir a cultura, sob a ótica doutrinal, arriscando perder totalmente seu significado. Pois, “a cultura não é unicamente aquilo que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual [...] (EAGLETON, 2011, p. 184)”.

A própria raiz latina da palavra cultura é *colere*, podendo significar ações como cultivar, habitar, adorar, proteger. Mas *colere* refere-se, ainda, do latim ‘*cultus*’ – no termo religioso (culto). A cultura é assumida na ótica teológica como lugar da manifestação da divindade, por meio das tradições de um povo. Exemplo disso, são as festas populares que acabaram se transformando em festas religiosas, por essa hibridização forçada entre o sagrado e o profano. A cultura ou as diferentes manifestações culturais são apropriadas pela Igreja, e herdaram “o manto imponente da autoridade religiosa” (EAGLETON, 2011, p. 11). Contudo, o empoderamento virtual dos sujeitos, tem possibilitado a ascensão da contracultura, uma espécie de êxodo tecnológico. Essa saída, permite compreender o uso das tecnologias para além da percepção negativa (temporal) dos papas de que essa seja uma ‘cultura consumista’. Mas, o consumo, como recorda Canclini (1995), é uma forma de participação e vínculo social, reflexos de novas culturas híbridas. Essa hibridização pode ser, também, entre as diferentes formas de fé.

O pensamento dos papas sobre as tecnologias está fundamentado em uma teologia nomatológica (do catolicismo), onde compreende Deus como gerador de todas as coisas,

“entendido como ‘por el Imperio hacia Dios’ del catolicismo (nomatológico o emic), y los que al contrario entienden que discurre a través del ortograma ‘por Dios hacia el Imperio’ (técnico o etic)” (JIMÉNEZ, 2016, p. 74). A teologia fica restritamente limitada a uma compreensão religiosa das coisas, não ampliando a reflexão para outras vertentes. Ao invés de a teologia ser um caminho para questionamentos, provocações e perguntas, torna-se um meio para afirmações, como discursava Pio XII sobre as ‘perspectivas apostólicas de tais técnicas’, na defesa da moralidade do povo cristão.

Cada vez que um ato comunicativo conquista expressões de amor está mais próximo da realidade divina, independente de quem seja o emissor ou quem realiza essa comunicação. A Igreja é uma mediação e outras tantas mediações que Deus se utiliza para falar com os homens? Os textos de Pio XI e Pio XII apontam mais para uma compreensão panteísta e teocêntrica. A tecnologia não é Deus, mas os papas afirmam que as tecnologias têm expressões de Deus, do amor de Deus. Eles reconhecem esse caráter sublime da capacidade humana de inovar, com a ajuda divina.

Os pensamentos de João XXIII e Paulo VI estão sintonizados no que tange o critério teológico do ser humano, em ‘ser imagem e semelhança’, onde Deus abre condições de cada pessoa ser, também, criadora. Ser criador é próprio da humanidade de cada um, por meio do desenvolvimento cognitivo. A tecnologia nasce como esse caminho para exercer a liberdade em diferentes horizontes e possibilidades. A vida se fez na liberdade. “Somos testigos de una mutación decisiva em nuestro vínculo com lá técnica” (SADIN, 2018, n.p). A capacidade cognitiva da tecnologia confere a ela o inquietante desafio de governar os seres e as coisas.

Essa relação de criador e criaturas-criadoras está na categoria de condescendência divina, auto-comunicação de Deus, que segue se comunicando, por meio das criações. Como sinaliza Blumenberg (2013), no entendimento do cristianismo primitivo sempre a técnica e a arte foram imitações da criação divina, não existindo a possibilidade do homem em criar, mas sempre dependentes da natureza e inerentes a ela.

Y ahí estaba – como um *efectivo* inalienable de la historia de los Orígenes del cristianismo y su compañero constante – el milagro, em el que se atestiguaba como el próprio Dios manipulaba lo vinculante de su creación, como lo extraordinario se alzaba, como algo reservado a Él, por encima del orden de la naturaliza y pudiendo ocurrir em ella en todo momento. No es casual que el cristianismo primitivo apareciera, a los ojos do mundo circundante, como una conjuntura contra las leyes de la naturaliza [...] (BLUMENBERG, 2013, p. 20)

Hans Blumenberg (2013), ao construir a *Historia del espíritu de la técnica*, abriu caminhos para pensar como Deus tem se comunicado com os homens? A resposta mais simples: suscitando novas criações, estimulando a criatividade e a inteligência humana, potencializando o protagonismo, a autonomia e liberdade de cada pessoa. A técnica tem seu espírito e vida própria. Parafraseando a passagem bíblica ‘Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado’ – seria o mesmo que dizer ‘Comunicai-vos uns com os outros, como eu vos tenho comunicado’. Sendo assim, a comunicação mais plena está em si mesmo (somos a comunicação plena). Dar-se a si mesmo.

Paulo VI interpreta o ato de evangelizar como comunicar a boa notícia. Porém, a propagação do evangelho precisa fazer sentido a outros grupos, além dos muros da Igreja. Se o Evangelho não traz esse sentido, não está ‘comunicando’, causando mal-estar. Essa ideia de Deus impositivo, vingativo e que reduz a pessoa ao nada, precisa ser morta, como argumentou Nietzsche, pois impede a existência do ser humano. O cristianismo castrador elimina essa liberdade, e por conseguinte, não aceita a autonomia criativa do homem.

Desta forma, fica mais evidente entender que o pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação está restrito a teologia nomatológica – numa vertente horizontal, e por uma limitada compreensão de autonomia e liberdade. Essa visão torna-se mais evidente nos discursos de João Paulo II e Bento XVI, sustentada pelo posicionamento tradicionalista e conservador de ambos os papas. Esse medo da instituição católica de promover essas duas condicionantes, talvez resultaria em crentes com uma fé mais autêntica e livre, do que condicionada e aterrorizante de uma cultura da crueldade e dualista de Santo Agostinho, e continuada ao longo dos pontificados.

Não se trata, portanto, de uma dependência de Deus, mas uma dependência da instituição ‘Igreja’, das hierarquias eclesiásticas. Isso limita a vida das pessoas que participam das comunidades de fé. João XXIII deixou rastros de um Deus mais humano. O papa indica em seus textos, que o olhar teológico sobre as tecnologias está em saber como Deus se comunica com o homem. O pontífice entende que a tecnologia seria uma forma dos homens também se comunicarem com Deus, sendo uma relação sem hierarquias ou mediações institucionais.

No contexto das revoluções tecnológicas, a forma de comunicação entre o crente e o divino são modificadas. O êxodo tecnológico dá aos homens a libertação do Jardim do Éden (da natureza opressora), que por meio do conhecimento descobrem um novo mundo e a nova face de Deus, bem mais humana do que relatam os escritos bíblicos. Adão e Eva (aqui pode ser qualquer pessoa), usaram de suas liberdades. A autonomia e

liberdade na visão teológica são supositivas, sendo condicionada a obediência do crente ao divino. Contudo, essa mesma comunicação de Deus com o homem deveria ser uma comunicação de liberdade.

Os papas modernistas, como João Paulo I, João XXIII e Francisco abrem outras discussões. Para eles, a compreensão teológica sobre a comunicação deve permitir um olhar de Deus sobre as tecnologias de comunicação. Não há uma única forma de comunicação do divino. Ele se comunica de diferentes formas, como relato o Antigo Testamento. Pode ser por meio da natureza, dos profetas, dos mestres, das criações e das coisas; como também podemos pensar que a tecnologia (as técnicas), são formas de comunicação entre Deus e as pessoas, e por conseguinte, entre pessoas e pessoas.

Os discursos do papa Francisco indicam que comunicação divina pode ser compreendida por meio da maior categoria teológica: o amor. E, a partir disso, o entendimento e atitude de amar ao próximo. Portanto, a finalidade teológica de qualquer comunicação é a capacidade de dar vida a todos. Esse amor acontece em distintas expressões, como de justiça, verdade, bem-estar, alegria. Isso implica pensar na comunicação inter-religiosa, inter-cultural, inter-racial, no diálogo com outras religiões e espiritualidades. A plenitude da tecnologia está em potencializar o amor pelo próximo.

7. 'TECNOLOGIA DO COMUM' – UMA POSSIBILIDADE

O que é comum nos discursos dos papas? Conceitos-chave marcam o pensamento dos pontífices sobre as tecnologias de comunicação. Esse caminho definido pelos avanços, silêncio e rupturas possuem elementos significativos, que apontam para um novo olhar da tecnologia. O recorte analisado de 152 documentos pontifícios relevou indícios de uma possível 'tecnologia do comum', que assim chamamos neste estudo.

Os discursos dos papas, além de apontarem para uma reflexão mais teológica da tecnologia, também abrem janelas para pensar elementos comuns sobre a função e o papel social das tecnologias no mundo contemporâneo, como visto nos discursos do papa Francisco. É fato que as técnicas e suas potencialidades vêm mudando consideravelmente a vida da humanidade. 'Já não somos o que éramos, já não seremos o que fomos'.

Mas, além das teorias que permitem compreender a episteme das tecnologias e suas funções enquanto fenômeno e dispositivo – meio e processos, qual seria o papel social das tecnologias e como podem convergir para uma proposta comum? Ou seja, seria possível extrair das tecnologias de comunicação, sua função primeira, e tentar compreender, em sua origem, para que foram criadas? Uma resposta lógica está sustentada na utilidade das técnicas no desenvolvimento processual das coisas. Mas, qual a vocação de uma técnica antes de ser uma ferramenta? O questionamento parece um tanto quanto maluco, contudo é por meio dele que se torna possível iniciar um caminho reflexivo sobre a vida das tecnologias e as tecnologias na vida.

Sim, a tecnologia tem vida própria, vive sua *autopoiese*, e diferente do que se pensa, não é uma coisa manipulável. A técnica é o que é – em sua dimensão orgânica e material-espiritual, sobrevive ao tempo, sempre se reinventando. Ao homem é atribuída a criatividade da inovação tecnológica, mas se esquece do fato da 'mutação tecnológica'. Basta olhar para o aparelho celular. Já se passaram quase vinte gerações de aparelhos celulares, cada uma com suas especificidades.

Esse é um exemplo claro da *autopoiese* da tecnologia. Uma vez criada ela se desenvolve, sem limites, e se reproduz como qualquer outra espécie presente em toda a criação. Isso faz pensar uma outra vertente acerca das atribuições equivocadas sobre a tecnologia. São muitas as funções dadas as tecnologias, como se cada nova técnica recebesse uma nova competência de ser. Ao pensar a 'tecnologia do comum' volta-se ao núcleo da origem da técnica – 'favorecer a vida'. Qualquer que seja a tecnologia, em suas

diferentes possibilidades de ser – assim como é a vida, não tem outra vocação se não for ‘servir’ a própria vida.

O telefone – denominado uma tecnologia, não tem a função de operacionalizar ligações, conectar vozes, minimizar distância ou ainda, por em contato pessoas. Indiferente do tipo de aparelho de telefone, sua estética, forma ou funcionalidades, ele sempre será uma ‘tecnologia’. Podem se passar os anos, o telefone, além de definição ‘fone’, ‘call’, ‘Iphone’, continuará um *técno*. Não importa quantos nomes irá receber ao longo da história. O fator determinante do que é o telefone é, não está em sua função técnica, mas em sua essência em ‘ser’ tecnologia.

O fim de qualquer *técno* é ‘servir a vida’. O relógio não é apenas uma tecnologia que registra e computa as horas. Mas, é *tecnologia que serve a vida* (essência), para além de suas definições e funções técnicas (funcionalidade). Aqui não está em discussão as matrizes de qualidade, potencialidade ou utilidade. Independente dos diferentes tipos de ‘pentes’ ou ‘escovas’ de cabelo - marcas, modelos ou funcionalidades, sempre serão uma técnica com sua ‘logia’ (lógica), até mesmo as escovas mais modernas, as chamadas ‘escovas elétricas’ ou ‘chapinhas de cabelo’.

Não diferente dos computadores, que a cada dia se transformam em novos modelos e novas versões, indicadas por números compostos – 10.1, 10.6, 10.9. Contudo, ainda que esses avanços da técnica aconteçam – e é natural que sejam assim, já que a tecnologia tem vida própria; a essência da tecnologia continua sendo a de ‘ser tecnologia’, com a vocação de ‘servir a vida’.

Esse resgate da episteme da tecnologia perpassa o pensamento de diferentes papas, materializados nos discursos analisados. Então percebe-se uma demarcação significativa para o estudo das tecnologias de comunicação, como meios e processos. Os papas apontam diretrizes importantes para pensar a episteme tecnológica – sua origem e vocação. Tendo por base os discursos analisados, observou não ser interessante limitar a compreensão das tecnologias, apenas no que tange as suas funcionalidades, mas voltar ao núcleo central que a faz ser o que é – sua essência, e sua própria capacidade de gerar vida. Se a função da técnica é servir para a alguma coisa, a tecnologia não seria diferente.

Porém, para além do servir, deve ser considerada parte integral da vida, a continuidade e mutação da vida, que se renova em diferentes formas, estéticas, potencialidades e possibilidades. Portanto, feita essa explicação, a próxima etapa é pensar o ‘comum’ presente na tecnologia. Nos documentos analisados, a palavra ‘comum’ e ‘bem’ são as que aparecem com mais frequência no quadro de conceitos-chave. Assim, o

pensamento dos papas, indicam um caminho ‘complexo’ (Morin, 1990) para explorar outras nuances do *técno* e suas imbricações na vida humana, como tentativa de servir ao comum e a vida em comum.

Ao longo das análises, foi possível constatar a presença de uma Teologia da Comunicação ou ainda Doutrina da Comunicação. Mas, no contexto amplo, os textos carecem de Teorias da Comunicação, e quando são identificadas nos discursos dos papas, são fragmentos de ideias ou recortes teóricos, com interpretações com interesses mais teológicos do que comunicacionais. Os papas, no decorrer de oito pontificados analisados, vêm se esforçando para estabelecer diálogo entre a Igreja e as ciências – em suas mais diversas áreas do conhecimento. No que tange, as tecnologias de comunicação, essa relação ainda é marcada por uma visão conservadora e duvidosa. O entendimento sobre o uso das técnicas de comunicação está atrelado a uma condição divina. Fica proibido, portanto, usar de técnicas modernas para promover valores que não sejam cristãos. A técnica foi doutrinada, tem uma religião – ‘a igreja das tecnologias católicas’.

O pensamento dos papas está imbricado por afirmações bíblicas, onde o discurso para ter validade, precisa depender da (in)vocação da ‘voz de Deus’. Esse auxílio é recorrente em todos os documentos. Além da voz do divino, se invocam outras vozes nos textos: dos santos, de outros papas (antecessores), de Apóstolos do Evangelho. Os textos oficiais dos papas, de fato, também trazem indícios de protagonismo e propõem novos caminhos, como constatados por meio dos Núcleos de Sentido. São seis metodologias que ajudam a estudar o fenômeno comunicacional e tecnológico, abrindo escopos para pensar os 1) meios para a educação, 2) meios de difusão das ideias, 3) comunicação para a liberdade e expressão, 4) comunicação para a comum-união, 5) comunicação como rede de cooperação, 6) comunicação como proximidade, diálogo e encontro.

Agora é inquietante e, mais ainda, frustrante, ter constatado ao longo de tantas leituras (mais de 300 documentos consultados), a ausência de teóricos e teorias da comunicação nos discursos dos papas. A uma espécie de aversão da Igreja pelos estudos científicos. A bíblia parece ser a única fonte e fundamentação teórica (no caso teológico) para todos os escritos oficiais da instituição. Citar ou referenciar uma teoria na narrativa dos documentos, que tratam de tecnologias de comunicação (ou não), seria um problema? O problema é continuar falando a mesma coisa, de forma superficial ou somente na esfera doutrinal e teológica. O discurso se repete, não se renova, só dá a impressão de atualidade, mas no fundo, é a mesma coisa: ‘promover a teologia do teocentrismo’. A tecnologia não é de religiões. É criação de todos os deuses, como revelado durante um sonho, a seguir.

7.1. A criação da ‘tecnologia’ e ‘logia’ – o mito

Enquanto descansava... No oitavo dia, reuniram-se os deuses. Preocupados como a criatura (a pessoa) viveria no mundo, discutiam entre si como ajudá-la. Enquanto ali conversaram na praça do Éden, um entre eles, sugeriu que fosse criado algo comum a todos, e que nesta nova criação colocassem um pouco da sabedoria e promiscuidade de cada um dos deuses. O mundo estava criado, povoado de vida animal e vegetal, luz, calor, noite e dia; sob a responsabilidade do humano. Porém era preciso dar as pessoas que ali viviam condições e meios para o desenvolvimento da vida. Foi então que os deuses e deusas, inspirados, decidiram criar uma extensão da vida humana e a chamaram de ‘técnica’ (*ou técnico*). Assim, a técnica serviria de muitas maneiras, teria diferentes formas e formatos, com diferentes possibilidades de mutação e inovação, para auxiliar no desenvolvimento da vida, por meio estudos, conhecimentos, teorias (logos), da ‘logia’.

A palavra *técnica* é formada da junção das iniciais dos nomes dos deuses: Tix, Éron, Cynór, Naãn, Inn, Cer, Ami. Ficou decidido que, neste oitavo dia da criação, as criaturas com acesso ao conhecimento, poderiam utilizar da técnica para viverem no mundo. Mas fizeram um alerta: cabe a cada pessoa o discernimento de empregar bem o uso da técnica para o bem comum e optaram por não colocar regras.

Então cada deus da criação sugeriu um atributo para a técnica. Tix deu a técnica sua força (*virtus*), Éron concedeu a criatividade e imaginação, Cynór atribuiu simplicidade, Naãn colocou sua resistência, Inn depositou o sentimento e o profano, Cer trouxe a irreverência e, Ami, por sua vez, compartilhou o seu conhecimento (*a sabedoria*). Foi neste oitavo dia, marcado pela simbologia do número 8 – infinito, que nasceu a *técnica + logia*, carinhosamente chamada de ‘tecnologia’. No nono dia, os deuses festejaram a vida. Assim aconteceu a criação do mundo, com suas diferentes manifestações tecnologicamente vivas e mutantes.

Inicia ali, o êxodo tecnológico, a libertação do EU. Ao comer do fruto da árvore do conhecimento a mente humana se expandiu. A partir daquele momento os olhos se abrem, e começam os desafios. A vida não fora criada para ser dominada, mas para dominar todas as coisas. Os deuses, ao criarem a *técnica*, dariam ao ser humano meios para sua evolução, se assim souberem usá-la para o bem comum. O paraíso não era bom, pois limitava o desenvolvimento da vida. Foi então que homens e mulheres, animais de todas as espécies, outras *bios*, decidiram deixar o paraíso, com destino (in)certo; para

desbravar o mundo. Iniciava então, o êxodo. Diante dos deuses se prostraram, em agradecimento, receberam a técnica, e seguiram com tranquilidade, para (o) além...

7.2.1. Além do *dogmatismo tecnológico*

Romper com o *dogmatismo tecnológico*, tirar as tecnologias das tiranias da Igreja. A técnica não precisa ser sagrada e nem profana. Vai além de suas definições. A tecnologia é a libertação humana do ‘pecado original’, aquele que nos persegue até hoje e faz todos se sentirem culpados, de uma culpa já paga. Nos discursos dos papas ficam clara as intenções da Igreja de dogmatizar, quase tudo, para assim ter o domínio das coisas. Ela fala em nome de Deus, atribuindo ao divino muitas funções que Ele não tem.

As igrejas criaram nas pessoas a necessidade de ter uma religião, quando na verdade deveriam ensinar seus fiéis a desenvolverem a espiritualidade. É bem diferente. A dependência em nenhum aspecto pode ser considerada sadia. Todo o esforço malévolamente de promover o sentimento de culpa, é próprio de religiões esquizofrênicas, pois se de fato, vivessem o Evangelho, saberiam que a mensagem central é o ‘amor’ e não o ‘pecado’.

Lembrando o eterno Paulo Freire, pode-se afirmar que o tempo da ‘pedagogia do cristão oprimido’, já passou. Deixar de lado esse *fetichismo teológico* pelo pecado, ou ainda de condenar os prazeres dos outros. Cada um sabe o que vive. Ao invés da religião trazer para si competências e assumir tarefas de outras instituições, deve se comprometer com sua causa principal: a evangelização. Mudar o discurso, virar o disco. Atentar-se as interlocuções perigosas: ‘Deus acima de tudo’. Quando na verdade, Deus está em tudo, com tudo e com todos. Não necessariamente, acima ou abaixo. Simplesmente, está.

O discurso contraditório é outro elemento com maior frequência nos textos dos papas. Ao mesmo tempo que as técnicas são consideradas ‘maravilhosas’, ‘engenho humano’ - se não responderem as metas teológicas, tornam-se um perigo, um mal. Se algo é bom é bom, pois no princípio o ‘criador viu que tudo era bom’. A mãe criadora não disse que tudo era maravilhoso, excelente ou ótimo. Afirmou ser tudo bom. Assim, é o ponto de equilíbrio, algo sempre em constante aperfeiçoamento.

Desde o cinema às redes sociais – e outras tecnologias que virão, a instituição católica busca meios para justificar o uso das técnicas, com base no entendimento teológico. Desta forma, tudo fica subordinado as condições da moral católica, e o que foge disso, é considerado ‘coisas do mal’. Para a Igreja, tudo o que existe é por permissão de um ‘deus’, nada é fruto da liberdade e do potencial humano. O dualismo persiste

século, por meio de cruzadas santas (modernas) ou ainda ‘cruzadas tecnológicas’. A pessoa parece nunca assumir um protagonismo, mas sempre ocupada a condição de coadjuvante – subordinada. É estranho compreender um criador que cria para dominar e ser exaltado por suas criaturas – um deus egocêntrico.

Para que a necessidade de justificar as ações humanas em Deus? Se a tecnologia é fruto da inteligência e criatividade humana – de sua evolução, é mérito da capacidade das pessoas, das ciências, dos conhecimentos, da pesquisa e dos estudos. Não há o porquê atribuir tudo a Deus. Essa ideia traduz que a vida sempre está dependente do divino. É algo chato de pensar. A autonomia é mais interessante que o apego. Ao invés de pensar em dependência é bonito pensar em cooperação, cocriação, colaboração – um processo onde se produz juntos, onde ninguém precisa ocupar o lugar central ou de maior hierarquia. A proposta de Francisco sobre a ‘Cultura do Encontro’, na ambiência das novas tecnologias, pode ser um caminho interessante, onde torna-se possível pensar a ‘tecnologia do encontro’, ou ainda as ‘tecnologias dos encontros’. O encontro virtual-real entre pessoas, provocando movimentos de ideias, de pensamentos, de afetos, de diálogos, de conversas, de respeitos, de solidariedade, de amor, de ciência e conhecimentos.

Ir além do *dogmatismo tecnológico* não é deixar de praticar a sua fé, sua religiosidade/espiritualidade. É ‘dar a César o que é de César, a Deus o que é de Deus’. As coisas não precisam ser abençoadas, para se tornarem divinas. O princípio de tudo é sagrado e profano. Então tudo o que existe nasce dessa mistura bonita, de bem e mal. A técnica é para servir a vida (tudo e todos), assim como decidiram, sabiamente, os deuses na criação. Céu e inferno estão hibridizados com a natureza da vida.

Essa tese é na verdade uma desculpa para dizer: deixa deus ser deus(es). E deixe cada um ser o que quiser. Vamos parar de falar em nome de Deus, atribuir tarefas e dar funções que não são de sua responsabilidade. Parar de se preocupar com as opções do outro. É hora de cada um assumir o protagonismo de sua vida, na cooperação com a vida do próximo, na colaboração pelo bem comum e na cocriação de técnicas e ideias para um mundo mais saudável, uma casa comum para se viver, em paz. Viva e seja o que quiser, mas acima de tudo, ame – “Torna-te o que tu és” (Nietzsche).

CONCLUSÃO: O DOGMATISMO NÃO SALVA

O *dogmatismo tecnológico* é uma criação da Igreja. A religião católica sacraliza a técnica e a reduz a uma dimensão utilitária. No entendimento dos papas, as técnicas só existem por permissão de um ‘deus’ trinitário, que as concebem a partir de sua máxima sabedoria e as compartilham com os homens ‘inferiores’. Uma espécie de ‘escatologia tecnológica’ (SIMONDON, 2017), onde o local do ser humano é abaixo dos céus, na condição de criatura incompleta.

O discurso de cada papa posiciona o sujeito na história, abaixo da supremacia divina. Na criação das criações – origem simbólica do mundo, o homem é o ‘incapaz’, não tem acesso ao conhecimento (Gêneses). Esse conhecimento só é possível por meio da desobediência, do impuro, da vergonha, da transgressão. Sem essas atitudes consideradas ‘pecaminosas’, na ótica teológica, o conhecimento não seria revelado - os olhos não se abririam. Portanto, o pecado gera possibilidades de conhecimentos.

Ao romper com o Éden⁹⁸, a cons-‘ciência’ é compartilhada com os homens. Contudo, o acesso ao saber não está livre de culpa. O pecado original é a grande dívida. E, mesmo que, ainda, paga por alguém, ou por um agiota, a cobrança deste pagamento tornou-se estratégica, para então, garantir a religião a supremacia diante dos humilhados ‘devedores’ (eternos). É por meio da desobediência e da transgressão que nasce o saber.

Ainda, as fases tecnológicas além de posicionarem cada tipo de sujeito falante, também indica como a relação homem-Deus, foi sendo construída. Essa voz de Deus em Pio XI aparece como um ‘Deus-vigia’, o punidor. Ele permite o surgimento das tecnologias, dá aos homens e os punem por não as usar bem. A autonomia não está explícita e, tampouco, existe nessa estrutura monoteísta do catolicismo.

O papa (amparado por seu dogma de infalibilidade) fala em nome de Deus. Mas como essa voz aparece? Trata-se de uma voz fantasiosamente criada, com representação de outros discursos, mas não o de Deus. Não existe garantia de que a voz de Deus, ao ser interpretada, não sofra contaminações ou modificações. Há uma estrutura discursiva (in)pura e (in)fiel. As estruturas dos discursos dos papas sobre as tecnologias de comunicação, estão por: a) garantir a existência do mal, b) exorcizar os demônios do pecado da carne, c) exaltar o poder de Deus, d) reafirmar a condição santa do ‘humano-servidor’, e) perpetuar a sabedoria inatingível do supremo-criador, f) sacralizar o

⁹⁸ Conforme visto no item 4.1. A ‘techgnosis’ em Erik Davis, pág. 107; (GLEISER, 2010) e no tópico: 7.1. A criação da ‘tecno’ e ‘logia’ – o mito

'dessacralizado', g) centralizar tudo em Deus, h) assegurar a presença e a voz de Deus, i) marginalizar o sujeito.

Para que essa estrutura não seja modificada ao longo da história e se perpetue, cria-se uma outra estrutura doutrinária (dogmática) de proteção. Assim, os discursos se perpetuam e enraízam na cultura, como 'erva daninha'. A doutrinação cultural traz para si os valores essenciais de uma cultura e os sacralizam. Passam, portanto, a não ser propriedade daquela cultura originária (do povo e das comunidades), mas uma propriedade da religião – um dogmatismo cultural.

A exemplo das técnicas, é isso que acontece com a dogmatização do saber. Tudo, que a partir do conhecimento é criado, volta-se a sua única origem: o criador supremo. Diante disso, o 'humano-servidor' não tem outra opção, a não ser aquela de aceitar ou então romper com a ideia de ser coadjuvante e ir em busca do seu protagonismo. Por obediência e sentimento imposto de culpa e dívida, prefere se humilhar, e assim garantir sua salvação eterna. Mas, uma briga com o criador (lá no Éden), comprometeria sua continuidade no Reino de Deus – o tal mundo perfeito para os escolhidos e obedientes.

Dessacralizar as coisas, 'as tecnologias', seria ter em mãos a carta de alforria, longe dos olhos e do controle divino. Ou melhor, longe do controle eufórico e temível da religião. Na verdade, o catolicismo apropriou-se de Deus, e Deus está muito além da religião. A instituição é responsável por manipular, julgar e condenar. A grande guerra ideológica tem uma única culpada: a religião. O catolicismo promove o bem na mesma proporção que incita 'sacramento' o desamor, a indiferença e a intolerância, presente no discurso dos papas fundamentalistas-radicalistas, ao promoverem matrizes de pensamentos preconceituosos, em vista de um evangelismo teocrático e patriarcal/machista. Contudo, existem papas profetas, com visões complexas. Sisto I, 7º pontífice da Igreja Católica, 115-124 d.C., já dizia que "Deus não é o nome de Deus, mas uma opinião a respeito de Deus". Portanto, possibilitando imaginar as diferentes faces de Deus amor, não punidor.

O caminho aqui percorrido revelou diferentes nuances, não apenas no que tange ao pensamento dos papas sobre as tecnologias de comunicação, mas sobretudo o movimento comunicacional da Igreja Católica, seus avanços e rupturas. Em um primeiro momento, não era intenção desse estudo fazer recorte nas 'tecnologias', mas estudar de forma geral, a comunicação eclesial católica. No entanto, por abrangência do *corpus* sem delimitação, tornou o trajeto turvo e confuso. Foi, então, que se optou por analisar os documentos pontifícios primários, em um período de 80 anos, que compreende oito pontificados: de Pio XI a Francisco, com um total de 938 documentos no *corpus*, que fazem referência aos

meios tecnológicos. O recorte, a partir dos séculos XX e XXI, também ajudou a entender o movimento comunicacional da Igreja, com foco em dois momentos significativos do catolicismo romano que foram as Assembleias do Concílio Vaticano I e Concílio Vaticano II. São períodos decisivos no que diz respeito a abertura dos papas e da própria Santa Sé para o diálogo com o mundo e, também, para reflexão sobre a comunicação eclesial, enquanto meios, sujeitos e processos – técnicas e tecnologias.

A redação do marco de estudo, com foco nos Concílios Ecumênicos, possibilitou um vasto campo para aventuras empíricas, novos conhecimentos e descobertas instigantes e intrigantes acerca dos fundamentos da fé católica. Ao ler os textos do Concílio Vaticano I, foi possível entender, entre tantas, algumas estratégias do governo da Igreja, como, por exemplo, a criação do dogma da infalibilidade papal, que torna o papa imune a qualquer tipo de erro ou contestação – o que ele diz está dito, e o que isso representa hoje, ao dar ao papa uma posição de governante e autoridade máxima. Posteriormente, décadas depois, é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II, abrindo novas possibilidades de diálogo e aproximação da Igreja com o mundo, e abertura dos papas para as novas técnicas de comunicação como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão.

Os movimentos e ecos do Vaticano II, também, chegam até a América Latina, que está em processo de institucionalização das Ciências da Comunicação, com a criação dos primeiros cursos de Comunicação e Jornalismo, no Brasil, na década de 60. Nasceram aí, as inspirações para a pesquisa em comunicação eclesial, com apoio de entidades da Igreja no país, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e, por iniciativa de docentes pioneiros nesta área, como Frei Romeu Dale e José Marques de Melo.

No Estado da Arte, foi possível mapear os primeiros e mais recentes estudos, como dissertações de mestrados e teses de doutorado defendidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, com foco em pesquisas pelo binômio comunicação eclesial e religiões (1986 a 2017). Por um lado, esse resgate e mapeamento dos estudos trouxeram uma visão dos problemas (perguntas e inquietações) que têm motivado os pesquisadores nos estudos de comunicação, mídias e religião. Mas, também, oportunizou o debate acerca da religião como objeto da Comunicação, sob a ótica do movimento interdisciplinar e, ainda, poder entender a religião como fenômeno comunicacional eclesial.

Ao entrar no universo dos documentos pontifícios, as leituras levaram para outros caminhos, permitindo conhecer papas antigos e seus pensamentos, como Inocêncio III (1215), Gregório X (1274), Pio IX (1870), Leão XIII (1888), que naquele tempo já

falavam sobre as técnicas modernas, ainda sem saber muito bem o que eram aquelas tais revoluções industriais. Os fragmentos da narrativa histórica dos documentos dos papas, com leitura minuciosa, revelam esse caminho híbrido entre a Igreja e a comunicação, seja ela impressa, radiofônica, televisiva e agora digital. Desde os primeiros séculos, os papas vêm assumindo posições, as vezes radicais, outras mais equilibradas, ou dialógicas, no que tange o pensar a comunicação nas suas diferentes formas.

Em 1487, os papas reformistas já travavam luta contra a difusão do saber, restrito aos intelectuais da Igreja, como os monges e religiosos. Houve, por parte de muitos papas, a censura e proibição de livros impressos – *Inter Multiples*, Constituição Apostólica de Inocêncio VIII – 1487; censura prévia e proibição de livros – *Sollicita Ac Provida* – Constituição de Bento XIV – 1753; proibição e censura de livros, *Officiorum Ac Munerum* – Constituição Apostólica de Leão XIII – 1877, além de exame prévio dos livros a imprimir – *Inter Sollicitudines* – Constituição Apostólica de Leão X – 1515; 3), a divulgação de catálogo de livros proibidos – *Dominici Gregis* – Constituição de Pio IV – 1564, e obras impressas condenadas – *Syllabus* – Pio IX – 1864. O mapeamento destes documentos foi revelando muitas outras inquietações neste estudo, pois a cada leitura, abriam-se novas formas de compreender a forma de agir da religião católica no mundo, e como uma instituição milenar consegue manter seu poder e sua penetração no seio da sociedade, muitas vezes com um discurso de bondade, mas que já foi antecipado por derramamento de muito sangue e perseguições condenatórias.

A justificativa é que a Igreja é formada por homens, e estes são falhos, logo a Igreja também erra. Mas, em quase todo os momentos, nos textos e discursos, os papas se colocam como instrumentos da ação do Espírito Santo. Então, quem estaria agindo de forma equivocada? Seriam os papas por desobediência ou a divindade por sua ausência? Esse não é um problema de pesquisa, mas uma inquietação muito pessoal do pesquisador. Na grande maioria dos textos, os papas dizem o ‘já dito’ e reforçam um discurso ‘já discursado’, sem novas matrizes teóricas. Tanto é que, em quase todos os documentos, são citados outros documentos pontifícios (cf.)

Nas leituras dos textos a sensação é de estar em um monólogo, pois os textos não ajudam a pensar caminhos, para uma imersão e projeção do ser, e acabam sendo reflexões fechadas. Outra sensação é que os discursos dos papas não são feitos para pensar, mas que existe alguém pensando por todos. É aquilo e pronto, sem questionamento (única via, não aponta caminhos, mas ‘o um único caminho’). As mensagens dos papas falam mais do objeto (religião/Igreja) e de si (papa), do que do outro (da pessoa). Há uma centralidade

do discurso papal que se volta a todo o momento a divindade ‘Deus’. Ou seja, não existe um documento que tenha sido escrito sem a dependência ou referência a passagens bíblicas, a outros papas, santos ou, ainda, fazendo alusão ao divino.

Essa estratégia de reforçar discursos torna a voz da Igreja um tanto quanto repetitiva e com um discurso estratégico reforçado. Portanto, a Igreja, a partir do entendimento dos discursos dos papas, só existe se estiver na condição de representante oficial de Deus na Terra, como assim ela se apresenta ao mundo. Fora disso, não existiria. Reforça a tese do ‘terrorismo sacral’ de Sloterdijk (2016), ao dizer que a Igreja insiste em fundar um mundo cristianizado pelo evangelho, ou talvez aja, por meio de um *dogmatismo tecnológico*, como constato por esse estudo.

E, portanto, para continuar a propagar sua mensagem, existe toda uma estrutura do governo da Igreja Católica Apostólica Romana, além da Comunicação Organizacional do Vaticano. Os resultados das análises de discurso revelam que os documentos pontifícios são importantes meios e processos de comunicação do catolicismo romano, desde os primeiros manuscritos – areópagos, com ascensão após a criação da prensa de Gutemberg e a impressão seriada. Para cada finalidade, a Igreja utiliza um documento, podendo ser *doutrinários*: Constituição apostólica, Encíclica; *administrativos*: Carta, Mensagem; *normativos*: Motu proprio; *convencionais*: Ângelus, Audiência, Discurso, Homilia, ou documentos *disciplinares*: Carta apostólica, Exortação apostólica.

O discurso de um papa representa sua forma de pensar e de olhar o mundo, mas também, reforça as ideias do catolicismo. Como diria o filósofo Juno, duas caras ao mesmo tempo. Nos textos, foram encontrados elementos característicos de um governo papal, como chefe da Igreja e como liderança política mundial. Os escritos mostram não apenas os avanços e rupturas no pensar as tecnologias de comunicação, mas possibilitam encontrar tensões entre os discursos dos próprios papas (antecessores e sucessores), marcados por posturas divergentes ou as vezes contraditórias – sem uma linearidade.

Os discursos indicam o contexto dos pontificados dos papas e as fases tecnológicas, representando ideais de censura e repressão, de aceitação duvidosa, de encantamento e aproximação, de doutrinação-dogmatização, protagonismo e diálogo. Mas, o momento em que a Igreja vive também é de contradição. Prega uma comunicação dialógica, horizontal e interativa, internamente, porém, continua, externamente, a praticar uma comunicação vertical, com intenção de propagar a mensagem evangélica como forma de monólogo, como fazem os demais meios de comunicação ao divulgarem seus produtos e serviços, com simples utilização dos recursos abrangentes das modernas tecnologias.

Os resultados que essa tese revelou vão além das inferências das análises com fins teóricos e pragmáticos sobre as tecnologias de comunicação: cinema, rádio, televisão, *mass media*, imprensa, internet, redes sociais e mídias digitais. São oportunidades para pensar sobre a vida e abrir novas janelas. É possível dizer que o discurso ‘não dito’ (as entrelinhas), os silêncios e rupturas, também são interessantes. O texto escrito, por vezes, é recheado de manobras para adaptações da fé no contexto e no século, por meio de um evangelismo liberal-tecnocrático, além de articulações intencionais, sob o viés da cultura da crueldade de cunho romano e agostiniano – que suscita o mal para depois oferecer a redenção – uma espécie de terror metafísico e terror psíquico (SLOTERDIJK, 2016).

Entrar e mergulhar nesse universo histórico dos documentos pontifícios, desenhado pelos discursos, foi uma oportunidade de conhecer as belezas da religiosidade cristã – esse novo cristianismo, apresentado por Francisco. Também, uma possibilidade de estar diante de revelações intrigantes e conflituosas dentro do próprio catolicismo romano, como foi a renúncia estratégica de Bento XVI, diante dos escândalos sexuais na Santa Sé, e a nova trilogia de Sodoma, poder e escândalos no Vaticano (MARTEL, 2019).

A comunicação eclesial deve avançar, mas será preciso romper com as mediações hierárquicas, intervenções dogmáticas e, principalmente, com a instrumentação ritualista. Pois, uma “Igreja que se compromete com a fé do povo” precisa avaliar criticamente sua comunicação, buscando novos meios, novas formas, abrigando conteúdos” (MARQUES DE MELO, 2005, p. 29). Essa nova ambiência digital exige de cada cibercidadão e do cibercristão, uma nova espiritualidade para viver conectado: *o sublime tecnológico*. A dimensão de sublime na tecnologia está justamente em compreender que as técnicas e seus fluxos são invisíveis, informes e ilimitados.

Além disso, esse é o momento de defender a comunicação e a evangelização libertadora, por meio de práticas interpessoais, comunitárias, coletivos tecnológicos e eletrônicos, redes de saber, e fomentar os movimentos de cultura de paz, diversidade, respeito e convivência. Essas constatações fomentam o desejo de nunca parar de ler, aprender, ouvir, estudar, observar, questionar. Essa voz de Deus está dentro e não fora.

Portanto, o que interessa é conhecer o, ainda, não explicado e revelado. A curiosidade movimenta a vida. Sendo assim, esse estudo expressa visões e observações a partir do local de fala do pesquisador, porém, vale deixar claro que “[...] a diversidade de nossas opiniões não resulta do fato de alguns serem mais razoáveis do que outros, mas somente do fato de conduzirmos nossos pensamentos para vias diversas, e não considerarmos as mesmas coisas” (DESCARTES, 2018, p. 9).

A era digital é um caminho comum que pode ajudar a libertar-nos dessas garras dogmáticas e deterministas, e iniciar uma verdadeira relação autônoma e transparente com o sagrado, longe das “bases do fanatismo religioso de cunho monoteísta-exclusivo” (SLOTERDIJK, 2016, p. 195). Iniciar uma relação de transcendência, para transpor as cordilheiras – as montanhas. Ir além desse dogmatismo da vida, do pensamento e da dignidade humana, com a ajuda das tecnologias, para sermos mais livres e próximos, autônomos e amantes da vida. Que nossas lutas sejam em defesa da Educação, da vida em transgressão, da alteridade de vozes, das religiões do ser humano – da *Tecnologia do Comum*; espaços de diálogos, sem doutrinas punitivas, mas de encontros (in)finitos.

Referências

ALVARENGA, ALVAREZ; SOMMERMAN; PHILIPPI JR. **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas tramas da complexidade e desafios aos processos investigativos**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; FERNANDES, Valdir (Org.) Práticas da Interdisciplinaridade da Pesquisa e do Ensino, São Paulo, Capes, 2011.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13 ed. (Coleção Primeiros passos, 31) São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARAGLI, Enrico. **Comunicazione e Pastorale: Sociologia Pastorale degli strumenti della comunicazione sociale**. Roma: Mod. Ephem, La Civiltà Cattolica, 1974.

_____. **L'Inter Mirifica**. Roma: Vacaritu Urbis, 1969.

_____. **Comunicazione: Comunione e Chiesa**. Roma: Mod. Ephem, La Civiltà Cattolica, 1973.

_____. **Comunicazione e Pastorale**, Studio Romano, Roma, 1974.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARRALOUGH, Geoffrey. **Os papas na idade média**. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

BONIN, J. **A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica**. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: UFPB, 2008.

BORDENAVE, J. DIAS. **Uma visão sistêmica dos fluxos de comunicação no povo de Deus**. Edições Loyola, 1976.

BORDENAVE, J. DIAS. **Uma visão sistêmica dos fluxos de comunicação no povo de Deus**. Edições Loyola, 1976.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**, Verso e Reverso, XXV(58): 62-77, janeiro-abril 2011, Unisinos.

BLUMENBERG, Hans. **Historia del espíritu de la técnica**. Tradução: Pedro Madrigal. Berlim: Editora Pré-Textos, 2009.

BERGAN, Ronald. **Ismos: para entender o cinema**. São Paulo: Globo, 2010.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHAUMIER, J. **Analyse et langages documentaires: Le traitement linguistique de l'information documentaire**. Paris. Moderne d'Édition, 1982.

CONSTANT, R. Padre. **O papa e a liberdade**. Porto: Livraria Portuense, 1879.

CORNWELL, John. **Quebra da fé: o Papa, o Povo e o Destino do Catolicismo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018 – (Vozes de Bolso).

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DALE, **Igreja e comunicação social**. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

DARIVA, Noemi. **Comunicação Social na Igreja. Documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

DAVIS, Erik. *Techgnosis - Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information*. New York: Harmony Books, 1998.

DÖLLINGER, Johan Joseph Ignaz. **O papa e o concílio**. Trad. Rui Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elos, 1869.

DONSBACH, Wolfgang. *The Identity of Communication Research*. Journal of Communication 56 (2006) 437-448.

DUFFY, Eamon. **Santos e pecadores: história dos papas**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998

DUSEK, Val. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Loyola. 2009.

ECO, Umberto. **Nos limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – 2 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FALCONI, Carlo. *Storia delle encicliche*. Itália: Mondadori, 1965.

FELINTO, Erick. **Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece.** In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. Teorias da Comunicação. Salvador: UFBA, 2007.

_____. **A Religião das Máquinas:** Pressupostos Metodológicos para uma Investigação do Imaginário da cibercultura. In: André Lemos; Juremir Machado da Silva; Simone Pereira de Sá; Ângela Pryston. (Org.). Mídia.BR: Livro da Compós 2003. Porto Alegre: Sulina, 2004, v. , p. 223-240. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1044.PDF Acesso em: 21 de out. de 2018

FESTA, Regina. **Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa.** In: Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLOURNOY, Parke Poindexter. **Revelações do Século III:** o papado e o Novo Testamento à luz das descobertas. Tradutores: J.R. Carvalho Braga; Erasmo Carvalho Braga. São Paulo: Imprensa Methodista, 1904.

FLUSSER, Vilém. **O mundo decodificado:** por uma filosofia do design e da comunicação. (Org.) Rafael Cardoso, Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FOGUEL, Israel. **Uma breve história do livro.** São Paulo: Clube de Autores, 2016

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOX, V. **Análisis documental de contenido:** principios y prácticas. Buenos Aires: Alfagrama, 2005.

FRAILE, Gullermo. **Historia de la filosofia II.** Madrid: Editorial Catolica, 1960.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento.** Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. Tese de doutorado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2009.

GASTAL, Susana. **McLuhan: desdobramentos polêmicos de uma teoria (ainda) polêmica.** Revista FAMECOS: Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIRALDI PIRES, Paulo Vitor. **Igreja Virtual: comunicar para transcender.** São Paulo: Bauru, Editora Joarte, 2014.

GLEISER, Marcelo. **A Criação imperfeita: Cosmos, vida e o código oculto da natureza.** Editora Record: São Paulo, 2010.

GLEISER, Fábio. **A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada: Formação e Competência.** (Tese de Doutorado) Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/25-a-igreja-cat%C3%B3lica-e-a->

[comunica%C3%A7%C3%A3o-na-sociedade-midiatizada.pdf](#) Acesso em: 12 de out. de 2016.

GOBBI, Maria Cristina.; MARQUES DE MELO, José.; MARÇOLA, Rosangela. (Org.) **Do Jornalismo à Comunicação: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

GOMES, Pedro G. **Contribuições do Cristianismo para as ideias comunicacionais da América Latina,** 1992. In. MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C; KUNSCH, W. L. (Orgs.) **Marxismo e Cristianismo: matrizes comunicacionais latino-americanas.** São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002.

_____. **Para uma história da UCBC: memória de uma instituição cristã dedicada à comunicação dialógica e comprometida com a resistência ao autoritarismo brasileiro (1978-1983).** São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP.

HARTMANN, Attilio Ignacio. **Religiosidade e mídia eletrônica: a mediação sócio-cultural-religiosa e a produção de sentido na recepção de tv.** São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP.

HOHLFELDT, Antônio. **Teorias da comunicação: A recepção brasileira das correntes do pensamento hegemônico.** In: FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luis C.; MORAIS, Osvando J. de. **Teorias da Comunicação: Trajetórias Investigativas,** 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/trajetoriasinvestigativas.pdf> Acesso em: 27 julh. de 2018.

JENSEN, Klaus Brühn; JANKOWSKI, Nicholas. **Metodologias cualitativas de investigacion em comunicacion de masas.** Barcelona: Bosch, 1993.

JIMÉNEZ, Luis Carlos Martín. **Hispanoamérica no es un mito.** In: Revista de materialismo filosófico, Nº 47 (2016), páginas 35-83. Disponível em: <http://www.fgbueno.es/bas/pdf3/bas47f.pdf>. Acesso em: 25 de mai. de 2019.

KELLY, Kevin. **Para onde nos leva a tecnologia.** Tradução: Francisco Araújo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2012.

KIRK, Russell. **A Política da Prudência.** Edição Brasileira: Realizações Editora: SP, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Scritta, 1991.

KUNSCH, Waldemar Luiz. **A contribuição da Igreja Católica para o pensamento comunicacional brasileiro.** In: Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 24, n. 38, p. 107-140, 2o. sem. 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/4170/3923> Acesso em: 20 de set. de 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea, Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Vega Editorial, 2006a.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: Comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Nova Teoria da Comunicação III – Tomo I**. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

MARQUES MELO, José. **Comunicação e Libertação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

_____. **Comunicação Eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MARTINO, Luiz C. **Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual**. In: VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (Org.) **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**, 2013. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002798012.pdf> Acesso em: 18 de junho de 2017

_____. **Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação**. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. **Teorias da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARTEL, Frédéric. **Sodoma: poder y escândalo el Vaticano**. Primeira edición en Chile. Penguin Random House Editorial: Santiago, 2019.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida: São Paulo. Ideias e Letras, 2012.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes – O desafio do século XXI**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa -. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja [recurso eletrônico]: doutrinas, práticas, e movimentos que enfraquecem o cristianismo**. 1ª ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

NOBLE, David Franklin. *The Religion of Technology: the Divinity of Man and the Spirit of Invention*. Paperback: 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PINTONELLO, Aquiles. **Os papas: síntese histórica, curiosidade e pequenos fatos**. Trad. Roberto Girola. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

RAYNAUT, Claude. **Dicotomia entre ser humano e natureza: paradigma fundador do pensamento científico**. In: PHILIPPI JR, Arlindo; FERNANDES, Valdir (Org.) *Práticas da Interdisciplinaridade da Pesquisa e do Ensino*, São Paulo, Capes, 2015.

REGIANI, Herivelton; BORELLI, Viviane. **O que há de especificamente comunicacional na religião?** In: *Revista Comun. & Inf.*, Goiânia, GO, v. 19, n. 2, p. 71-85, jul./dez. 2016.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SADIN, Éric. **La humanidade aumentada: la administración digital del mundo**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SHARKEY, Don. **Pio XII e o Vaticano**. Trad. Mário Rangel, 3ª ed. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio & Cia., 1945.

SIMONDON, Gilbert. **Sobre la técnica**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SIGNATES, Luiz. **O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade?** In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J. ; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Editora Cidade Nova, 1996.

SODRÉ M. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. 1ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes; 2014.

SLOTERDIJK, Peter. **A loucura de Deus: do Combate dos Três Monoteísmos**. Tradução Carlos Correia de Oliveira. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

_____. **O zelo de deus:** sobre a luta dos três monoteísmos. Tradução Nélcio Schneider. 1ª Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2016.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **Igreja e comunicação: a imprensa católica, o rádio e o cinema em meados dos anos 50.** Disponível em: encurtador.com.br/jmuC3 Acesso em: 25 de out. de 2018.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede.** Tradução: Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade)

TARDINI, Card. Domenico. **Pio XII.** Roma: Tipografia Poliglota Vaticana, 1960.

TORT, Paulliny Michelly Gualberto Fernandes. **Dois Franciscos: o amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado, de São Francisco de Assis a Jorge Mario Bergoglio,** (2014). Dissertação de Mestrado, FAC/UnB. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15637> Acesso em: 11 de set. de 2018.

VIANA, Antonio. **Organización del gobierno em la Iglesia.** (Tercera edición). Ediciones Universidad de Navarra, S.A. (EUNSA), 2012.

VIEIRO, Danillo. **O Canto e a Música na Liturgia** - Tese de Mestrado. 1980.

VIGANÒ, Dario Edoardo. **Irmãos e irmãs, boa noite!**: o papa Francisco e a nova comunicação da Igreja. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** São Paulo, Martins Fontes, 2003.

ZANON, Darlei. **Para ler o Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 2012.

Glossário

Aeterni Patris – (Pai Eterno): Encíclica emitida pelo Papa Leão XIII em agosto de 1879. Foi legendada "Sobre a Restauração da Filosofia Cristã nas Escolas Católicas no Espírito do Doutor Angélico, São Tomás de Aquino".

Africae terrarum – (Terras africanas): Carta Apostólica emitida por Paulo VI, em 29 de outubro de 1967, realça os aspectos comuns do cristianismo com as tradições e os valores africanos da família.

Christianae reipublicae – (República cristã): Encíclica do papa Clemente XIII sobre os escritos anti-cristãos, emitida em 25 de novembro de 1766.

Communio et progressio – (Comunhão e progresso): Instrução Pastoral sobre as Comunicações Sociais publicada no Vaticano no dia 23 de maio de 1971, pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais.

Dei Filius – (Filho de Deus): Constituição dogmática do 1º Concílio do Vaticano sobre a fé católica, assinada pelo papa Pio IX, em 24 de abril de 1870.

Dominici Gregis – (Doutrinas modernas): Constituição apostólica assinada em 22 de fevereiro de 1996, por decisão do papa João Paulo II, criando, alterando e revogando normas na Igreja Católica.

Dum Diversas – Bula papal emitida a 18 de junho de 1452, pelo papa Nicolau V e dirigida ao rei Afonso V de Portugal.

Ecclesiam Suam – Carta Encíclica do papa Paulo VI sobre a Igreja Católica publicada em 6 de agosto de 1964.

Evangelii Gaudium – (A alegria do Evangelho): Primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal escrita pelo papa Francisco, e publicada em 24 de novembro do ano de 2013.

Gaudete et Exultate – (Alegrai-vos e exultai!): Exortação Apostólica do Papa Francisco, de 19 de março de 2018, sobre o chamado à santidade no mundo de hoje.

Humanae Vitae – (Da vida humana): Encíclica escrita pelo papa Paulo VI, publicada em 25 de julho de 1968, sobre a regulação da natalidade.

In Supremae Praeinentia Dignitatis – Bula do papa Bonifácio VIII, em 20 de abril de 1303, onde nasce a primeira universidade romana.

Inter Mirifica – (Entre Maravilhas): Decreto Conciliar sobre os meios de comunicação social, fruto do Vaticano II, promulgado em 4 de dezembro de 1963 pelo papa Paulo VI.

Inter Multiplices – Motu próprio do papa Pio X, publicado em 21 de fevereiro de 1905.

Inter Sollicitudines – Motu próprio do papa Pio X sobre a música sacra, publicado em 22 de novembro de 1903.

Laudato Si' - (Louvado sejas): Encíclica do papa Francisco, com reflexões sobre a degradação ambiental e as alterações climáticas, em defesa do meio ambiente, publicada em 18 de junho de 2015.

Libertas Praestantissimum – (A liberdade sem autoridade): Encíclica do papa Leão XIII sobre a liberdade humana, publicada em 20 de junho de 1888.

Lumen fidei – (Luz da Fé): Primeira Encíclica do papa Francisco que apresenta a fé como uma luz que dissipa as trevas e ilumina o ser humano, publicada em 05 de julho de 2013.

Miranda prorsus – (Progressos técnicos): Carta Encíclica do papa Pio XII sobre a cinematografia, a rádio e a televisão, publicada em 8 de setembro de 1957.

Mirari-vos – (Atentai-vos): Primeira Encíclica do papa Gregório XVI sobre os principais erros de seu tempo, onde condenava a liberdade religiosa. O texto foi publicado em agosto de 1832.

Mysterium Fidei – (Mistério da fé): Encíclica do papa Paulo VI sobre o culto a Eucaristia, publicada em setembro de 1965. Publicada na sessão de encerramento do Concílio Vaticano II.

Non debet reprehensibile – Bula do papa Leão X, por pedido de pedido de Dom Manuel I, revogou e anulou a separação e desanexação, de 31 de dezembro de 1487.

Officiorum Ac Munerum – Constituição Apostólica escrita pelo papa Leão XIII em 25 janeiro de 1897.

Pacem in Terris – (Paz na Terra): Carta Encíclica do papa João XXIII sobre a paz de todos os povos na verdade, justiça, caridade e liberdade, datada de 11 de abril de 1963.

Pastor aeternus – (Pastor eterno): Constituição Dogmática do papa Pio IX sobre a Igreja de Cristo e a infalibilidade do Romano Pontífice, de 18 de julho de 1870.

Populorum Progressio – (Do progresso dos povos): Encíclica escrita pelo papa Paulo com reflexão sobre a cooperação entre os povos e ao problema dos países em desenvolvimento. Publicada em 26 de março de 1967.

Postquam Dei munere – Bula do papa Pio IX, onde suspendeu o Concílio Ecumênico Vaticano I, que juridicamente só se encerrou com a convocação do Concílio Vaticano II, em 20 de outubro de 1870.

Sacerdotalis Caelibatus – (Celibato Sacerdotal): Encíclica do papa Paulo VI sobre o celibato dos sacerdotes na Igreja Católica, publicada em de 24 de junho de 1967.

Sacrosanctum Concilium – (Santo Concílio): Constituição Conciliar sobre a liturgia católica é uma das quatro constituições apostólicas produzidas no Concílio Vaticano II, com modificações no culto católico e estimulando a participação dos leigos na liturgia da Igreja. Foi publicada em 4 de dezembro de 1963.

Sollicita Ac Provida – Constituição Apostólica promulgada por Bento XIV em 1753, sendo o primeiro conjunto oficial de regras relativas à censura de livros pela Cúria Romana.

Studium Urbis – Bula papa Bonifácio VIII emitida em 20 de abril de 1303, com decreto de criação da primeira universidade romana, a *Studium Urbis*.

Summis desiderantes affectibus – Bula do papa Inocêncio VIII, onde condena as práticas da bruxaria e feitiçaria, emitida em 5 de dezembro de 1484.

Syllabus – (O Sílabo dos Erros de Nossa Época): Encíclica do papa Pio IX, publicada em 1864, contendo oitenta pontos, ou opiniões consideradas erradas pela autoridade da Igreja. Trata-se de apêndice da encíclica *Quanta cura*.

Vigilanti cura – (Vigilantes): Carta Encíclica do papa Pio XI sobre o cinema, publicada em 29 de junho de 1936. Dirigida aos produtores e profissionais da cinematografia dos Estados Unidos da América.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Documentos Pontifícios que constituem o *corpus* bruto

	Documento	Papa	Ano	Classificação
1	Deus scientiarum Dominus	Pio XI	1931	Constituição Apostólica
2	Vigilanti Cura: sobre o cinema	Pio XI	1936	Encíclica
3	Divinis Redemptoris: sobre o Comunismo Ateu	Pio XI	1937	Encíclica
4	Summi Pontificatus	Pio XII	1939	Encíclica
5	Saeculo Exeunte Octavo	Pio XII	1940	Encíclica
6	Orientalis Ecclesiae	Pio XII	1944	Encíclica
7	À Obra das Vocações Sacerdotais no Brasil	Pio XII	1947	Carta Apostólica
8	In Multiplicibus Curis	Pio XII	1948	Encíclica
9	Miranda Prorsus	Pio XII	1957	Encíclica
10	Fidei Donum	Pio XII	1957	Encíclica
11	Princeps Pastorum	João XXIII	1959	Encíclica
12	A los participantes en el primer Congreso internacional	João XXIII	1961	Discurso
13	Mater et Magistra	João XXIII	1961	Encíclica
14	A los representantes de la diócesis de Albano	João XXIII	1962	Discurso
15	Solene encerramento da II Sessão do Concílio Vaticano II	Paulo VI	1963	Discurso
16	Inter mirifica	Paulo VI	1963	Decreto
17	In fructibus multis	Paulo VI	1963	<i>Motu proprio</i>
18	Sacrosanctum concilium	Paulo VI	1963	Constituição Conciliar
19	Al «Centro Automazione Analisi Linguistica»	Paulo VI	1964	Discurso
20	Por ocasião da inauguração da 3ª Sessão do Concílio II	Paulo VI	1964	Discurso
21	Gaudium et spes	Paulo VI	1965	Vaticano II
22	Penúltima Sessão Geral do Concílio Vaticano II	Paulo VI	1965	Discurso
23	Gravissimum educationis	Paulo VI	1965	Declaração
24	Gaudium et spes	Paulo VI	1965	Constituição Pastoral
25	Apostolicam actuositatem	Paulo VI	1965	Decreto
26	Optatam totius	Paulo VI	1965	Decreto
27	Mensaje a la Conferencia Latinoamericana	Paulo VI	1965	Mensagem
28	Ad gentes	Paulo VI	1965	Decreto Conciliar
29	Verbi Dei, Litterae Apostolicae <i>Motu proprio</i>	Paulo VI	1966	<i>Motu proprio</i>
30	Para a juventude rural da Comunidade Européia	Paulo VI	1967	Discurso
31	Humanae Vitae	Paulo VI	1968	Encíclica
32	Audiência Geral de 30 de dezembro de 1970	Paulo VI	1970	Discurso
33	À Plenária da Pontifícia Comissão para as Comunicações	Paulo VI	1970	Discurso
34	Ao Colégio dos Cardeais e à Prelazia romana	Paulo VI	1970	Discurso
35	Communio et Progressio	Paulo VI	1971	Instrução Pastoral
36	Octogesima Adveniens	Paulo VI	1971	Carta Apostólica
37	Audiência Geral de 16 de junho de 1971	Paulo VI	1971	Discurso
38	Octogesima Adveniens	Paulo VI	1971	Carta Apostólica
39	Evangelii Nuntiandi	Paulo VI	1975	Exortação Apostólica

40	IX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1975	Paulo VI	1975	Mensagem
41	Aos representantes da Imprensa internacional	João Paulo I	1978	Discurso
42	Primeira radiomensagem Urbi et Orbi	João Paulo I	1978	Mensagem
43	Mensagem pelos 50 anos da UNDA	João Paulo II	1978	Mensagem
44	À redação da revista austríaca “Hörzu”	João Paulo II	1979	Discurso
45	Sabedoria cristã	João Paulo II	1979	Constituição Apostólica
46	Dives in Misericordia	João Paulo II	1980	Encíclica
47	Aos membros do Colégio dos Cardeais	João Paulo II	1980	Discurso
48	Laborem Exercens	João Paulo II	1981	Encíclica
49	Viagem Apostólica às Filipinas	João Paulo II	1981	Discurso
50	Carta ao Superior-Geral do Lazaristas	João Paulo II	1981	Carta
51	Dia Internacional da Alfabetização 1982	João Paulo II	1982	Mensagem
52	Mensagem aos participantes da Assembléia Mundial	João Paulo II	1982	Mensagem
53	Aos Bispos da Bélgica em visita «ad limina Apostolorum»	João Paulo II	1982	Discurso
54	Aos jornalistas da União Católica da Imprensa Italiana	João Paulo II	1983	Discurso
55	Aos Presidentes dos Parlamentos	João Paulo II	1983	Discurso
56	XVI Dia Mundial da Paz	João Paulo II	1983	Mensagem
57	Aos Bispos da Guatemala em visita "ad Limina"	João Paulo II	1983	Discurso
58	Salvifici Doloris	João Paulo II	1984	Carta Apostólica
59	XVII Dia Mundial da Paz, 1984	João Paulo II	1984	Mensagem
60	XIX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1985	João Paulo II	1985	Mensagem
61	Quaresma 1986	João Paulo II	1986	Mensagem
62	Sollicitudo Rei Socialis	João Paulo II	1987	Encíclica
63	XXII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1988	João Paulo II	1988	Mensagem
64	XXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1989	João Paulo II	1989	Mensagem
65	Redemptoris Missio	João Paulo II	1990	Encíclica
66	Ex Corde Ecclesiae	João Paulo II	1990	Constituição Apostólica
67	Ex Corde Ecclesiae	João Paulo II	1990	Constituição Apostólica
68	Viagem Apostólica ao Brasil	João Paulo II	1991	Discurso
69	Centesimus Annus	João Paulo II	1991	Encíclica
70	XXIV Dia Mundial da Paz	João Paulo II	1991	Mensagem
71	Instrução Pastoral "Aetatis Novae	João Paulo II	1992	Instrução Pastoral
72	Encontro Ecumênico de Oração com os Jovens	João Paulo II	1992	Discurso
73	Viagem Apostólica a Angola: Discurso aos Bispos	João Paulo II	1992	Discurso
74	Veritatis Splendor	João Paulo II	1993	Encíclica
75	Tertio Millennio Adveniente	João Paulo II	1994	Carta Apostólica
76	Evangelium Vitae	João Paulo II	1995	Encíclica
77	Mensagem do 50º aniversário do fim da 2ª Guerra	João Paulo II	1995	Mensagem
78	Ecclesia in Africa	João Paulo II	1995	Exortação Apostólica
79	Universi Dominici Gregis	João Paulo II	1996	Constituição Apostólica
80	XXX Dia Mundial da Paz, 1997, Oferece o perdão	João Paulo II	1996	Mensagem
81	Vita Consecrata	João Paulo II	1996	Constituição Apostólica
82	XXXI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1997	João Paulo II	1997	Mensagem

83	Aos membros do "James Madison Council"	João Paulo II	1997	Discurso
84	Ao Pontifício Conselho para a Família	João Paulo II	1997	Discurso
85	Aos Padres Rogacionistas do Coração de Jesus	João Paulo II	1997	Discurso
86	Aos participantes do Congresso Internacional de Estudos	João Paulo II	1998	Discurso
87	Fides et Ratio	João Paulo II	1998	Encíclica
88	Apostolos Suos	João Paulo II	1998	<i>Motu proprio</i>
89	Carta aos Artistas, (4 de abril de 1999)	João Paulo II	1999	Carta
90	Por ocasião da apresentação do "Evangelarium"	João Paulo II	2000	Discurso
91	XXXIV Dia Mundial da Paz, 2001	João Paulo II	2001	Mensagem
92	Dia Mundial do Migrante, 2001	João Paulo II	2001	Mensagem
93	Aos novos Bispos	João Paulo II	2002	Discurso
94	XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2002	João Paulo II	2002	Mensagem
95	Aos participantes da Assembléia Plenária da Pontifícia	João Paulo II	2003	Discurso
96	Dia Mundial do Migrante, 2004	João Paulo II	2004	Mensagem
97	Mensagem à Iª Conferência de exame da Convenção	João Paulo II	2004	Mensagem
98	O Rápido Desenvolvimento	João Paulo II	2005	Carta Apostólica
99	XX Jornada Mundial da Juventude, 2005	João Paulo II	2005	Mensagem
100	XL Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2006	Bento XVI	2006	Mensagem
101	Dignitas Personae	Bento XVI	2008	Doutrina Fé
102	Aos participantes na Assembleia	Bento XVI	2009	Discurso
103	Audiência Geral de 20 de maio de 2009	Bento XVI	2009	Discurso
104	XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009	Bento XVI	2009	Mensagem
105	Caritas in veritate	Bento XVI	2009	Encíclica
106	À Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana	Bento XVI	2010	Discurso
107	Santo Rosário "Com a África, para a África"	Bento XVI	2010	Discurso
108	Angelus, 14 de novembro de 2010	Bento XVI	2010	Discurso
109	XLIV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2010	Bento XVI	2010	Mensagem
110	XLV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2011	Bento XVI	2011	Mensagem
111	Aos participantes na Assembleia Plenária	Bento XVI	2011	Discurso
112	Aos participantes na Assembleia das Rádios	Bento XVI	2011	Discurso
113	Aos participantes da 81ª Assembleia Geral da INTERPOL	Bento XVI	2012	Discurso
114	Entrevista de Francisco à Rádio da Arquidiocese do Rio	Francisco	2012	Discurso
115	Mensagem ao Centro Televisivo Vaticano	Francisco	2013	Mensagem
116	Mensagem para o 100º Dia Mundial do Migrante	Francisco	2013	Discurso
117	Mensagem aos muçulmanos na conclusão do Ramadã	Francisco	2013	Mensagem
118	Evangelii Gaudium	Francisco	2013	Exortação Apostólica
119	Diretório para o Ministério ea Vida dos Presbíteros	Francisco	2013	Diretório
120	Santa Missa na Praça da Manjedoura em Belém	Francisco	2014	Homilia
121	XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais	Francisco	2014	Mensagem
122	Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação	Francisco	2014	Mensagem
123	Regina Coeli, 1º de junho de 2014 Francisco	Francisco	2014	Discurso
124	À Delegação da Associação Internacional de Direito Penal	Francisco	2014	Discurso
125	A uma Delegação do Departamento Internacional Católico	Francisco	2014	Discurso

126	Encontro com a Família Paulina	Francisco	2014	Discurso
127	Diálogo do Papa Francisco com um grupo de jovens	Francisco	2014	Discurso
128	XLVII Dia Mundial da Paz 2014	Francisco	2014	Mensagem
129	Laudato si'	Francisco	2015	Encíclica
130	Mensagem do Santo Padre ao Presidente executivo	Francisco	2015	Mensagem
131	XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais	Francisco	2015	Mensagem
132	XLVIII Dia Mundial da Paz 2015	Francisco	2015	Mensagem
133	Carta Apostólica "O atual contexto"	Francisco	2015	<i>Motu proprio</i>
134	XLIX Dia Mundial da Paz 2016	Francisco	2015	Discurso
135	Viagem Apostólica - Quênia	Francisco	2015	Discurso
136	Estatuto da Secretaria para a Comunicação	Francisco	2016	<i>Motu proprio</i>
137	Amoris laetitia	Francisco	2016	Exortação Apostólica
138	Visita do Papa à sede do Programa Alimentar Mundial	Francisco	2016	Discurso
139	"Vultum Dei quaerere": sobre a vida contemplativa	Francisco	2016	Constituição Apostólica
140	Aos participantes na Conferência Internacional	Francisco	2016	Discurso
141	Veritatis gaudium	Francisco	2017	Constituição Apostólica
142	Mensagem do Santo Padre por ocasião do "National Day"	Francisco	2017	Mensagem
143	Aos Participantes na Plenária da Secretaria	Francisco	2017	Discurso
144	51º Dia Mundial das Comunicações Sociais	Francisco	2017	Mensagem
145	Aos participantes na Assembleia Geral	Francisco	2017	Discurso
146	50º Dia Mundial da Paz 2017: "A não-violência"	Francisco	2017	Mensagem
147	Santa Missa na Solenidade do Santíssimo Corpo	Francisco	2018	Homilia
148	Mensagem vídeo do Santo Padre para a Vigília Mariana	Francisco	2018	Mensagem
149	Mensagem do Santo Padre ao Presidente-Executivo	Francisco	2018	Mensagem
150	Mensagem do Santo Padre ao Presidente-Executivo	Francisco	2018	Mensagem
151	Viagem Apostólica à Lituânia, Letônia e Estônia	Francisco	2018	Discurso
152	Carta do Santo Padre aos Bispos do Chile	Francisco	2018	Discurso
153	Viagem Apostólica à Irlanda	Francisco	2018	Discurso
154	Aos membros do Grupo Santa Marta	Francisco	2018	Discurso
155	Aos Dirigentes e Funcionários dos Correios Italianos	Francisco	2018	Discurso

Fonte: Quadro elaborado com dados coletados pelo autor, 2018-2019.

Apêndice 2 - Mensagens dos Papas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS)

Ano	Tema da mensagem	Ano
53°	Das comunidades de redes sociais à comunidade humana	2019
52°	Fake news e jornalismo de paz	2018
51°	Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo	2017
50°	Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo	2016
49°	Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor	2015
48°	Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro	2014
47°	Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização	2013
46°	Silêncio e Palavra: caminho de evangelização	2012
45°	Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital	2011
44°	O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra	2010
43°	Novas tecnologias, novas relações. Promover a cultura de respeito, de diálogo, de amizade	2009
42°	Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço	2008
41°	As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para a educação	2007
40°	A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação	2006
39°	Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos	2005
38°	Os mass media na família: um risco e uma riqueza	2004
37°	Os meios de comunicação social ao serviço da paz autêntica, à luz da <i>Pacem in terris</i>	2003
36°	Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho	2002
35°	Anunciai-o do cimo dos telhados: o Evangelho na era da comunicação global	2001
34°	Proclamar Cristo nos meios de comunicação social no alvorecer do Novo Milênio	2000
33°	Mass media: presença amiga ao lado de quem procura o Pai	1999
32°	Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança	1998
31°	Comunicar o Evangelho de Cristo: Caminho, Verdade e Vida	1997
30°	Os mass-media: areópago moderno para a promoção da mulher na sociedade?	1996
29°	Cinema, veículo de cultura e proposta de valores	1995
28°	Televisão e família: critérios para saber ver	1994
27°	Videocassete e audiocassete na formação da cultura e da consciência	1993
26°	A proclamação da mensagem de Cristo nos meios de comunicação	1992

25°	Os meios de comunicação para a unidade e o progresso da família humana	1991
24°	A mensagem cristã na cultura informática atual	1990
23°	A religião nos mass media	1989
22°	Comunicações sociais e promoção da solidariedade e fraternidade entre os povos	1988
21°	Comunicações sociais e promoção da justiça e da paz	1987
20°	Comunicações sociais e formação cristã da opinião pública	1986
19°	As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude	1985
18°	As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura	1984
17°	Comunicações Sociais e promoção da paz	1983
16°	As comunicações sociais e os problemas dos idosos	1982
15°	As comunicações sociais a serviço da liberdade responsável do homem	1981
14°	Comportamento ativo das famílias perante os meios de comunicação social	1980
13°	Comunicações sociais e desenvolvimento da criança	1979
12°	O receptor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres	1978
11°	A publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades	1977
10°	As comunicações sociais diante dos direitos e deveres fundamentais do homem	1976
9°	Comunicação social e reconciliação	1975
8°	As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo	1974
7°	As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais	1973
6°	As comunicações sociais a serviço da vida	1972
5°	Os meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens	1971
4°	As comunicações sociais e a juventude	1970
3°	Comunicações sociais e família	1969
2°	A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos	1968
1°	Os meios de comunicação social	1967

Fonte: Tabela elaborada com seleção das mensagens realizada pelo autor, 2017-2019.

Apêndice 3 - Sistematização das categorias de palavras-chave, por Papa e Documento

*Legenda: Pio XI (P 11), Pio XII (P 12), João XXIII (J 23), Paulo VI (P VI), João Paulo II (PJ II), Bento XVI (B 16) e Francisco (F).

*O número é referente a quantidade de documentos encontrados na categoria de palavra-chave.

DOCUMENTOS/Termos		PONTÍFICES (1922 – 2013)*							
Classificação	Categoria	P 11	P 12	J 23	P VI	JP I	JP II	B 16	F
Angelus	tecnologias						2		
	tecnologias da comunicação								
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos								
	meios de comunicação				1		20	7	11
	técnicas modernas							2	
	meios de divulgação								
Audiência	tecnologias							2	
	tecnologias da comunicação							1	
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos								
	meios de comunicação				1		14	4	7
	técnicas modernas								
	meios de divulgação								
Cartas Apostólicas	tecnologias						2		
	tecnologias da comunicação						2		
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos						1		
	meios de comunicação				1		4		2
	técnicas modernas								
	meios de divulgação								
Constituições Apostólicas	tecnologias								2
	tecnologias da comunicação								
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos								

	meios de comunicação						2		2
	técnicas modernas								
	meios de divulgação								
Discursos	tecnologias						67	26	41
	tecnologias da comunicação						2	2	2
	tecnologias de comunicação						2	2	
	meios técnicos						27	1	
	meios de comunicação				7		339	74	89
	técnicas modernas			2	1		16	1	
	meios de divulgação								
Encíclicas	tecnologias						4	1	2
	tecnologias da comunicação								
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos		1				6		
	meios de comunicação		1		1		12	2	2
	técnicas modernas		1	2					
	meios de divulgação	2							
Exortações Apostólicas	tecnologias						8	1	2
	tecnologias da comunicação								
	tecnologias de comunicação								1
	meios técnicos								
	meios de comunicação				1		22	4	4
	técnicas modernas								
	meios de divulgação								
Homilia	tecnologias						3	2	4
	tecnologias da comunicação								
	tecnologias de comunicação								
	meios técnicos								
	meios de comunicação						29	3	2
	técnicas modernas						1		
	meios de divulgação								
Mensagens	tecnologias						33	11	17
	tecnologias da comunicação						6	1	2

	tecnologias de comunicação							1
	meios técnicos							
	meios de comunicação					103	17	48
	técnicas modernas				4		1	
	meios de divulgação							
<i>Motu proprio</i>	tecnologias							2
	tecnologias da comunicação							
	tecnologias de comunicação							
	meios técnicos							
	meios de comunicação					2	1	4
	técnicas modernas							
	meios de divulgação							
<i>Viagem</i>	tecnologias							
	tecnologias da comunicação							
	tecnologias de comunicação							
	meios técnicos							
	meios de comunicação					14		
	técnicas modernas							
	meios de divulgação							

Apêndice 4 - Conceitos-chave em destaques nos discursos dos papas

Frequência com conceitos-chave nos Documentos (nº vezes)			
Conceito	Discurso	Encíclica	Mensagem
Ser	6	454	120
Comunicação	5	6	58
Poder	1	190	54
Social	4	131	33
Igreja	5	63	25
Humano	5	89	25
Internet	0	0	21
Homem	2	104	19
Meio	2	81	16
Vida	1	101	15
Verdade	1	40	13
Evangelho	0	6	12
Cultura	0	13	12
Encontro	2	0	11
Estrada	0	1	9
Rede	0	3	9
Forma	1	28	9
Responsabilidade	0	36	9
Humanidade	0	9	8
Sociedade	2	21	8
Serviço	3	32	8
Paz	2	10	7
Respeito	1	23	7
Solidariedade	1	6	6
Desenvolvimento	0	45	6
Expressão	0	11	5
Ambiente	0	12	5
Imagem	1	6	4
Instrumento	1	13	4
Família	1	29	4
Campo	0	45	4
Progresso	0	58	4
Presença	0	8	2
Espectador	0	11	2
Política	0	14	2
Divino	0	25	2
Moral	0	62	2

Arte	0	14	1
Educação	0	24	1
Espetáculo	0	30	1
Cinema	0	32	1
Televisão	1	43	1
Rádio	1	44	1
Difusão	0	46	1
Exigência	0	47	1
Justiça	2	50	1
Apostolado	0	10	0
Ciência	0	11	0
Produto	0	11	0
Cinematográfico	0	12	0
Eficaz	1	15	0
Sistema	0	18	0
Moderno	1	21	0
Programa	0	25	0
Produção	0	25	0
Técnico	0	25	0
Filme	0	26	0
Transmissão	0	26	0
Técnica	0	69	0

Fonte: Tabela elaborada com seleção automatizada e manual, 2019.

Apêndice 5 – Levantamento Quantitativo dos Documentos Pontifícios por meio das categorias

DOCUMENTOS	SISTEMATIZAÇÃO DOS TERMOS E DERIVAÇÕES (<i>Qtde. de citações</i>)							
	tecnologias	tecnologias	tecnologias da comunicação	tecnologias de comunicação	meios técnicos	meios de comunicação	técnicas modernas	meios divulgação
Ângelus	54	4	-	-	-	-	4	-
Audiência	45	4	2	-	-	-	-	-
Carta	110	8	-	2	2	-	-	-
Carta apostólica	18	3	3	-	2	-	-	-
Concílio Vaticano II	2	-	-	-	1	7	1	-
Constituição apostólica	12	3	-	-	-	-	-	-
Discurso	1665	222	10	7	46	-	32	-
Encíclica	67	14	-	-	11	-	6	2
Exortação apostólica	78	16	-	2	-	-	-	-
Homilia	121	15	-	-	-	-	2	-
Mensagem	395	96	14	3	-	-	13	-
<i>Motu proprio</i>	14	3	-	-	-	-	-	-
Sínodo dos Bispos	-	13	2	-	-	45	-	-
Total de citações	2581	401	31	14	62	52	58	2

Apêndice 6 - Teses sobre a Comunicação Eclesial defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil (1998 a 2017)

Título da Tese	Autor(a)	Ano da Defesa	Orientador (a)	Programa	Palavras-chave	Classificação CNPQ
Fé na mídia: um estudo das imagens técnicas (TV Record) como estratégia de comunicação e sobrevivência da Igreja Universal do Reino de Deus	Fonteles, Heinrich	2012	Baitello Junior, Norval	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Rede Record Jornal da Record Igreja Universal do Reino de Deus Iconofagia Fé na mídia	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Uma luz para o seu caminho: a mídia presbiteriana no Brasil no caso de "Luz para o Caminho" (1976-2001)	Bellotti, Karina Kosicki	2003	Silva, Eliane Moura	Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas	Religião, Igreja presbiteriana - Brasil, Comunicação, Aspectos religiosos	<i>*Não consta.</i>
A Pregação na Idade Mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea	Ramos, Luiz Carlos	2005	Silva, Geoval Jacinto da	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo	Homilética, pregação, retórica, persuasão sedução, comunicação, mídia espetáculo, entretenimento.	Ciências Humanas – Teologia
Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (Anos 1950 a 2000)	Bellotti, Karina Kosicki	2007	Silva, Eliane Moura	Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas	Comunicação de massa em religião, História Brasil, Crianças, Aspectos religiosos, Comunicação – Aspectos religiosos	<i>*Não consta.</i>

A comunicação publicitária como reencantamento: a relação entre publicidade e religião no Brasil e na América Latina	Silva, Deborah Pereira da	2008	Pinheiro, Amálio	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Desencantamento, Reencantamento, Ressignificação, Consumo (Economia), Publicidade, Religião	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento: estudo sobre a recepção da TV Canção Nova	Gasparetto, Paulo Roque	2009	Neto, Antonio Fausto	Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio do Sinos	Complexidade; comunidade de pertencimento; dispositivo; religião; TV canção nova;	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Valdemiro Santiago parte para o abraço: Estratégias midiáticas e interacionais envolvidas na Mundial igreja do poder de Deus	Bandeira, Alexandre Dresch	2017	Gomes, Pedro Gilberto	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Mundial Igreja do Poder de Deus Valdemiro Santiago Mídia Religião Midiatização	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Territorialidade da igreja católica e interfaces com a religiosidade popular no recôncavo da Bahia: a diocese de amargosa e os espaços de crenças na festa de São Roque em Nazaré	ROSA, Wedmo Teixeira	2014	MACIEL, Caio Augusto Amorim	Programa de Pós Graduação em Geografia – Universidade Federal de Pernambuco.	Geografia Territorialidade humana – Nazaré (BA) Comunicação, Igreja católica Religiosidade	<i>*Não consta</i>

Comunicação e cidadania às margens do São Francisco: os correspondentes populares da Diocese de Juazeiro Ba (1988-2008)	Oliveira, Roberto Joaquim de	2008	Peruzzo, Cicília M. Krohling	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo	Comunicação comunitária, Correspondentes populares, Teologia da Libertação, Igreja Católica e comunicação, Educação Popular	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Globo e Universal - tudo a ver: a disputa mercadológica pelo controle do imaginário popular - ofensiva e contra-ofensiva retórica	Bazanini, Roberto	1998	Menezes, Philadelpho	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Comunicação de massa Igreja Universal do Reino de Deus Rede Globo Jornal Nacional Mídia Comunicação e Semiótica	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiática da teleromaria da Medianeira pela Rede Vida	Borelli, Viviane	2007	Neto, Antonio Fausto	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Igreja Católica, Massa, Mídia, Programa, Rede Vida, Religião, Romaria da Medianeira, Televisão, Mídia	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso	Klein, Alberto Carlos Augusto	2004	Baitello Junior, Norval	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Imagens de culto Imagens da mídia Images of cult Images of the media Televisão na religião	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação

"Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil"	Cunha, Magali do Nascimento	2004	Luiz Roberto Alves	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Universidade de São Paulo	Estudos culturais - hibridismo - evangélicos - sociologia da religião - consumo - mídia	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição	Carranza Davila, Brenda Maribel	2005	Ramos, José Mario Ortiz	. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas	Rossi, Marcelo João Paulo II, Papa, 1920-2005 Renovação Carismática Católica Catolicismo Comunicação de massa Modernidade - Igreja Católica Pentecostalismo	<i>*Não consta.</i>
A tele-fé: religião midiática estratégias de reconhecimento de sentidos religiosos de teleféis do canal REDEVIDA de televisão em Porto Alegre, RS	Gutiérrez, Luis Ignacio Sierra	2006	Gomes, Pedro Gilberto	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Igreja Católica Rede Vida Religião Televisão Mídia	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
Um artista da Fé: padre Marcelo Rossi e o catolicismo brasileiro contemporâneo	Morais de Andrade Junior, Pericles	2006	Mauro Cortez Motta, Roberto	Programa de Pós-Graduação Sociologia – Universidade Federal de Pernambuco.	Sociologia da Religião, Catolicismo, Mídia	<i>*Não consta.</i>
A força midiática da Igreja Internacional da Graça de Deus	Moraes, Gerson Leite de	2008	Abumanssur, Edin Sued	Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Religião, Movimento pentecostal, Campo religioso e político, Campo midiático, Comunicação de massa Pentecostalismo	Ciências Humanas – Sociologia – Outras Sociologias Específicas

O show da fé: a religião na sociedade do espetáculo: um estudo sobre a Igreja Internacional da Graça de Deus e o entretenimento religioso brasileiro na esfera midiática	Regina Macena Pereira Patriota, Karla	2008	Mauro Cortez Motta, Roberto	Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco	Sociedade de Espetáculo, Igreja Internacional Da Graça de Deus, Mídia e Religião, Entretenimento Religioso, Neopentecostalismo.	<i>*Não consta.</i>
Saúde, espiritualidade, religiosidade: uma abordagem comunicacional	Leão, Frederico Camelo	2009	Santaella, Lucia	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Transdisciplinaridade, Religião, Espiritualidade, Religiosidade, Saúde, Semiótica	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião	Miklos, Jorge	2010	Baitello Junior, Norval	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Teoria da mídia Mídia e religião Cibercultura Ciber-religião	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação
As (in)certezas da ciência: uma análise das representações da ciência médica no programa Fantástico	Rubbo R. Rondelli, Daniella	2014	Coracini, Maria José Rodrigues Faria	Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem	Comunicação de massa e linguagem Ciência Religião Relações de poder Desconstrução	<i>*Não consta.</i>
“E o verbo se fez rede” uma análise da circulação do “católico” em redes comunicacionais online	Sbardelotto, Moisés	2016	Ferreira, Jairo Getulio	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Midiatização Internet Religião	Ciências Sociais Aplicadas - Comunicação

